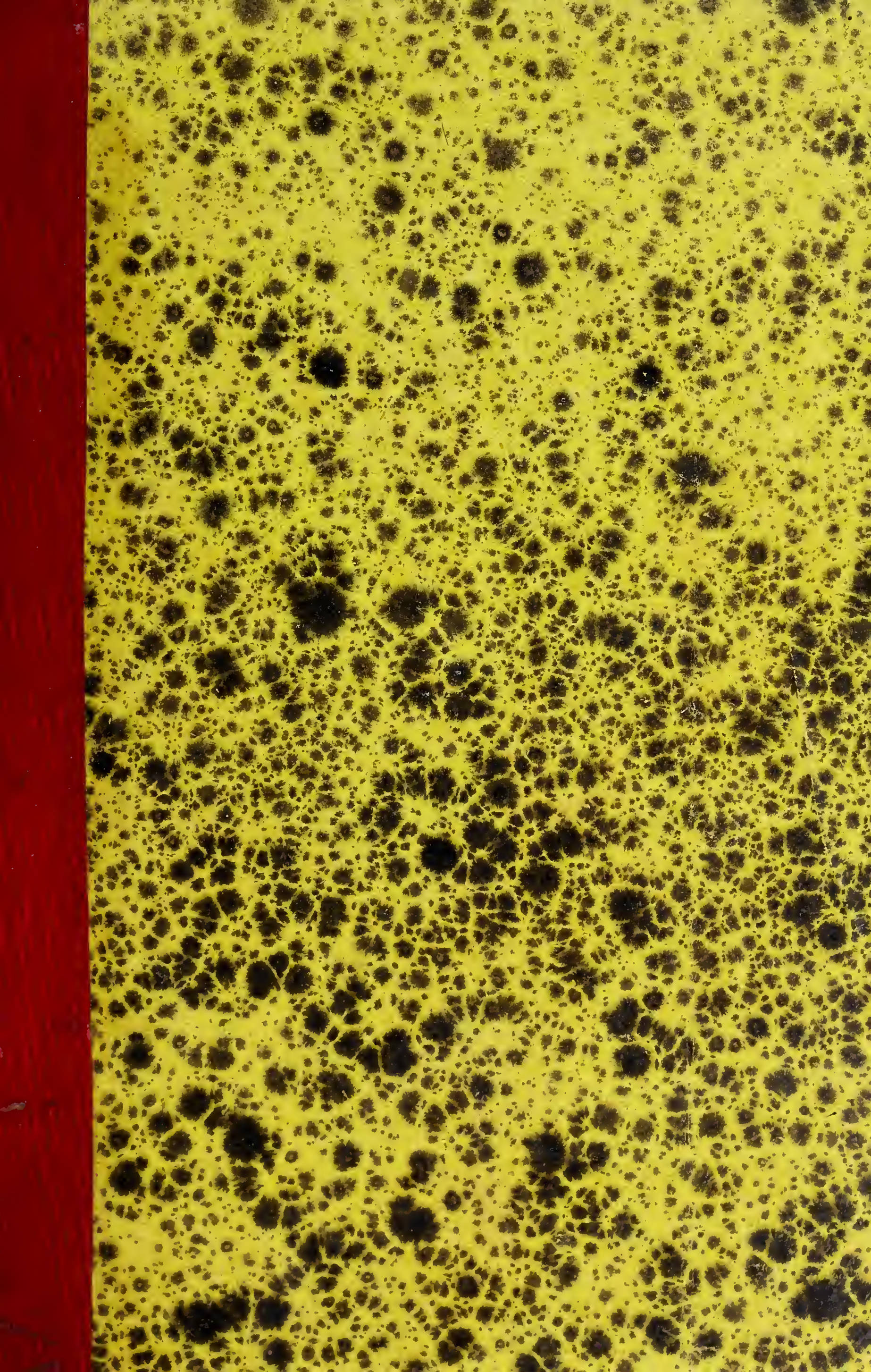


GUIA HISTORICO

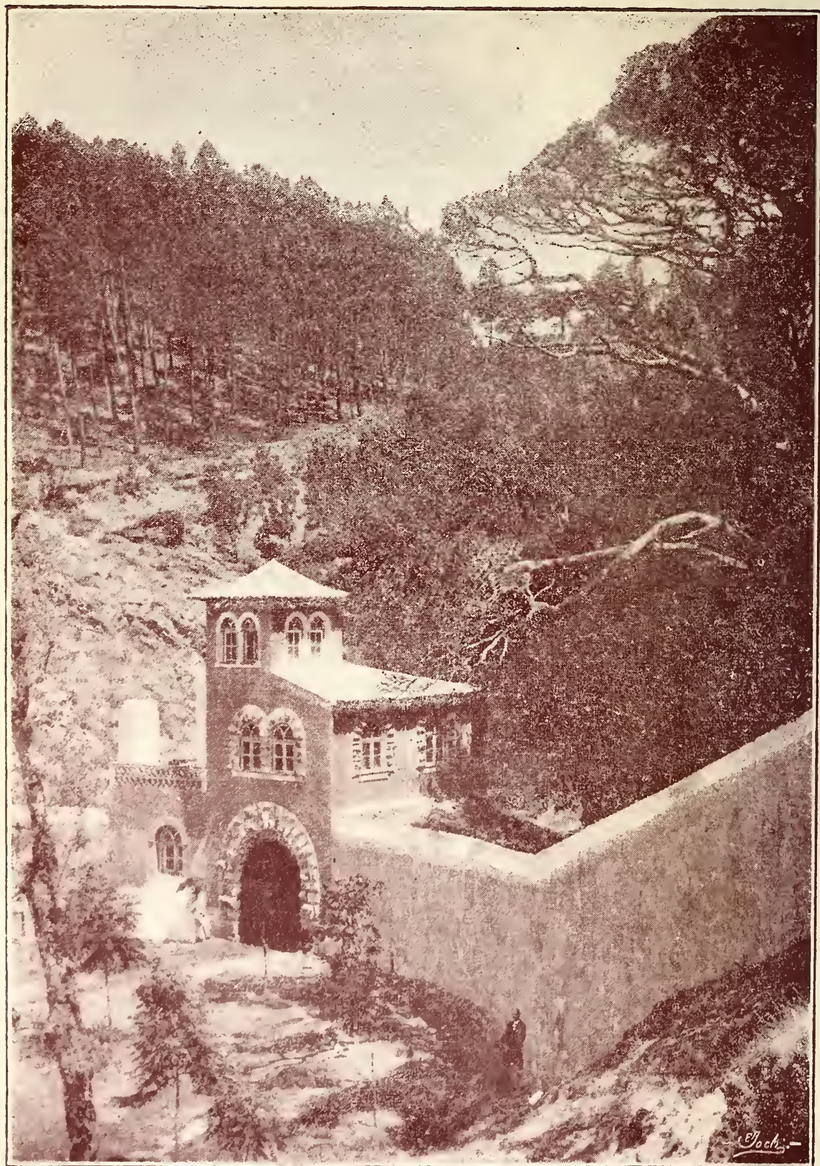
DO VIAJANTE

NO

BUSSACO

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/guiahistoricodov00mend



BUSSACO — Porta das Lapas

GUIA HISTORICO
DO VIAJANTE
NO
BUSSACO

(COM ESTAMPAS E UM MAPPA)

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TERCEIRA EDIÇÃO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
MDCCCXCVI

Á MEMORIA

DO

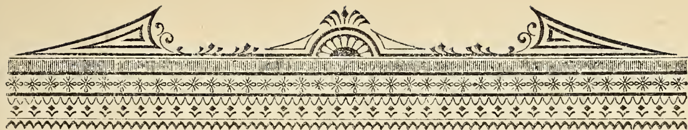
Dr. Augusto Filippe Simões

Declara-se que as paginas 1 a 160 não foram impressas na Imprensa da Universidade.

A primeira edição d'este livro foi publicada no anno de 1875.

A segunda no anno de 1883.

Esta terceira no anno de 1896.



INTRODUCÇÃO

COM sua matta frondosa, com seu mosteiro singelo e com suas tradições gloriosas o Bussaco é um monumento triplicadamente celebre perante a natureza, a religião e a historia.

A situação encantadora d'aquella floresta secular; a riqueza, variedade e pompa de seus arvoredos admiraveis; suas aguas abundantes e purissimas; um ar fino e saudavel, e sempre puro e fresco ainda nos mais intensos ardores do estio; o mosteiro humilde; recordações historicas e lendas curiosas e cheias de interesse: tudo concorre para fazer do Bussaco um logar delicioso e justamente celebrado.

Quem haverá que, ante as scenas magnificas e galas esplendidas que a natureza alli ostenta, não sinta as mais doces e gratas emoções?

Quem deixará de possuir-se de poetico enthusiasmo ao percorrer aquellas deleitosas avenidas tapetadas de musgo e toldadas por densissima ramagem, encontrando aqui um pinaculo escarpado e de belleza alpestre, alli uma fonte de aguas crystallinas e frigidissimas, além um regato serpeando por sobre seixinhos e aspergindo com aljofradas gottas as formosas plantas que o acobertam; mais longe, uma devota ermidinha abraçada de heras e meio sumida na espessura do arvoredo?...

Quem não sentirá enlevar-se-lhe o coração ao contemplar, da *Portaria de Coimbra*, da *Capella de Santo Antão*, do *Calvario* e da *Cruz Alta*, os quadros variadissimos, as magnificas paizagens que dalli se descortinam em dilatados horizontes?

Bem poderamos applicar ao Bussaco, e talvez com mais propriedade ainda, as formosas estancias em que o immortal Garrett celebrou as bellezas da serra de Cintra:

.... saudosissimo retiro,
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento que embala adormecido

O susurro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha 'hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, labor da vida?...

E assim parece que é realmente dentro dos muros do Bussaco: «o mundo perde-se-nos lá em baixo num crepusculo de paixões que lhe encobrem o movimento e a vida. As azas da viração trazem apenas até nós um brando murmurio do seu tremendo bulicio. Sabemos que existe, porque a memoria nos diz que já assistimos áquelle labutar constante, que já fomos parte nessa lucta porfiada, em que os affectos e os interesses se degladiam, atropelam, e esmagam alternadamente. Mais nada. Quasi que se aniquila aqui o sentimento da actualidade. Vive-se pelo passado e pelo futuro. Ha só recordações e esperanças. Sentem-se saudades e aspirações. O presente encobre-se nas dobras do manto de quem lhe deu vida, e dorme no regaço do pas-

sado afagado pelos sonhos que lhe doiram a imagem [1].»

Temos verdadeira predilecção pelo Bussaco: prende-nos áquellas formosas paragens um encanto irresistivel. Quando a natureza entra a reanimar-se, quando chega a estação calmosa, como que sentimos viva necessidade de nos embrenhar pela solidão d'aquellas sombras; e raro ha sido o anno em que não tenhamos visitado o Bussaco uma ou duas vezes, com mais ou menos demora, mas sempre com o mesmo interesse, e sempre experimentando as mais deliciosas emoções.

Suas naturaes bellezas, sua historia, suas tradições prendiam-nos fortemente a attenção: sentiamos o maior prazer em estudar, em averiguar as cousas do Bussaco; e durante alguns annos não cessámos de apontar quanto por lá se nos deparava digno de notar-se. Copiámos inscripções curiosas, quasi escondidas pelos musgos e pelas heras; indagámos a historia dos edificios e as memorias dos varões que os erigiram ou d'outros que por alguma circumstancia especial têm seus nomes ligados áquelle saudosissimo retiro.

Em alguns periodicos tinhamos publicado sobre

(1) *Carta do Bussaco,* datada de 25 de agosto de 1867, com a assignatura *R,* publicada no *Campeão das Provincias,* n.º 1577, de 28 de agosto do mesmo anno. Attribue-se ao engenheiro F. A. Resende Junior.

este objecto diversos artigos, fructo de nossas averiguações. Pareceu-nos que da reunião d'esses escriptos dispersos, com outros que conservavamos ineditos, poderia formar-se um livrinho de alguma utilidade: e assim emprehendemos o modesto trabalho que hoje offerecemos ao publico.

Não se julgue, porém, que tivemos a vaidosa pretensão de escrever um livro que exponha satisfactoriamente as bellezas do Bussaco: bem sabemos quanto o assumpto é grande, e assás conhecemos a exiguidade de nossas forças. N'este humilde trabalho tivemos sómente em vista reunir algumas noticias, que muitos por ventura folgarão de saber, e outros de recordar.



I

FUNDAÇÃO DO DESERTO DO BUSSACO

Deliberada a provincia dos carmelitas descalços de Portugal a fundar um deserto, onde os seus religiosos podessem observar alternadamente a vida cenobitica e a eremitica, começou no anno de 1626 a intender na escolha de um logar para este fim adequado. Foram-lhe offerecidas a serra de Miranda do Corvo e uma grande matta no logar do Pereiro, pouco distante de Coimbra; mas nenhum d'estes sitios correspondia ao intento: o primeiro pela aridez e seccura do terreno; o segundo porque, se bem povoado de arvoredos e provido de aguas, era destituido da solidão indispensavel.

Vendo o padre, incumbido da escolha do logar, que tanto estes como outros que examinara careciam de idoneidade, partiu para Lisboa com os olhos postos na formosa serra de Cintra. Foi examinal-a; e com quanto lhe agradasse pelo deleitoso e aprazivel de seus horizontes, estendidos ao largo sobre o Oceano, pela pureza dos ares, temperamento do clima, qualidade da terra e abundancia de aguas saborosas e leves, notou-lhe todavia outras circumstancias desfavoraveis, sendo uma das mais ponderosas a proximidade de Lisboa, que fazia de Cintra

«côrte na aldêa, povoado de quintas, conventos, paços reaes: o que tudo servia mais para casa de recreação e regalo, qual em seu retiro buscavam os reis e grandes de Portugal, que para casa de compuncção, penitencia e soledade», como devia ser a que pretendiam erigir os carmelitas. Comtudo, á falta de outro logar, tinham assentado os religiosos em fundar alli o seu deserto.

Quando com maior calor se tractava da fundação, aconteceu que, indo fr. Angelo de S. Domingos, reitor do collegio dos carmelitas descalços de Coimbra, visitar o bispo d'esta cidade, D. João Manuel, no decurso da practica veiu a fallar-lhe no proposito, em que estava a sua provincia, de fundar uma casa de deserto; referiu-lhe que se haviam buscado varios logares, e que finalmente se approvara o de Cintra por mais apto para a fundação, apezar dos inconvenientes já apontados. Disse então o illustre prelado ao padre reitor: *Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras, a que chamam Bussaco: se ao padre provincial lhe parecera mandal-as ver, e foram de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á Religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande ver, que poderá ser lhe sirvam, e se evitem com maiores conveniencias os reboliços da serra de Cintra.*

Agradeceu o padre reitor tão generoso offerecimento; e ao padre provincial, que andava na visita das casas do Minho, informou logo do que havia passado com o bispo conde.

Vindo o provincial de volta para Coimbra, passou por Aveiro e trouxe d'ahi em sua companhia o padre fr. Thomaz de S. Cyrillo, vigario que estava eleito para a fundação de Cintra, e com elle entrou no collegio de Coimbra no dia 28 de agosto de 1626.

No mesmo tempo em que o padre reitor passara com o bispo o que deixamos referido, andando dois religiosos carmelitas pelos termos das villas da Mealhada e Vaca-

riça, chegaram de noite á quinta de um João de Figueiredo, que os hospedou com a melhor vontade. Quando ceavam, cahiu a conversa sobre a fundação do deserto; e, inteirado o bom hospedeiro do que se passava, mostrou grande sentimento de não ter anteriormente essa noticia, porque, disse, inculcaria a serra de Luso, que achava muito accommodada para o designio.

No dia seguinte, incitados pelo que lhes dissera o aldeão, deliberaram-se os dois religiosos a visitar o logar indicado, «e, subindo á serra, viram em Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles e eminencia de montes, que, alem de summamente pagos do que viam, se admiraram por extremo de que benigna a soberana Providencia houvesse reservado para ermo de sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.»

Volvendo ao collegio, ahi encontraram já o padre provincial, a quem referiram a satisfação e admiração que da aprazibilidade e conveniencias do Bussaco levavam. Ordenou então o provincial que no dia immediato fosse ao Bussaco o padre reitor, acompanhado de fr. Thomaz de S. Cyrillo e do irmão Alberto da Virgem, a fim de averiguar se eram veridicas as informações que do logar lhe haviam dado os dois religiosos. Foram, e encontrando gostosos quanto podiam querer e desejar, persuadiram ao provincial que sem hyperbole era maior a realidade que a fama d'aquelle sitio. Resolveu depois visital-o elle proprio, para certificar-se do que lhe diziam; e, indo ao Bussaco, taes conveniencias lhe achou, que aos mensageiros os arguiu de acanhados e diminutos na informação que lhe haviam dado, dizendo: *Isto sim, que é proprio deserto! Pouco me disseram, e não acho palavras que declarem todo o bem que o Auctor da natureza depositou neste monte.*

Foi depois o padre geral com outros companheiros visitar tambem o Bussaco. «Entraram pelas densas mattas povoadas de bastas arvores, discorreram as de-

vezas vestidas de verdes plantas, passearam as campinas ornadas de cheirosas flores, desceram aos valles retalhados de claras aguas, subiram aos montes coroados de aprazíveis e dilatadas vistas; e tal graça achou o padre geral em quanto havia registado, que disse para os companheiros com devota alegria: *Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que tem nelle o melhor deserto da Ordem. Porque, se agora, inculto, rude e tosco, é o que admiramos, cultivado, será um paraiso terreal.*»

Dados os agradecimentos ao bispo conde, tractou este logo de fazer lavrar em publica fórma o titulo de doação do Bussaco. Como, porém, não podia alhear esta propriedade sem que incorporasse nos bens da mitra mais util compensação, teve para isso de mandar proceder á louvação do Bussaco, o qual, observadas as solemnidades de direito, foi avaliado em *cento e oitenta mil réis* (!) *por ser infructifero e de pouco rendimento.*

Vencidas algumas contrariedades e embaraços que ainda se oppozeram á fundação, tractaram logo os frades de edificar no centro da matta o seu mosteiro, sendo escolhidos para este effeito fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto. Partiram estes religiosos de Aveiro a 29 de junho de 1628, trazendo apenas comsigo um cobertor cada um para a cama, uma canastra de sardinhas para a mesa, e dez cruzados para o começo da obra. Hospedaram-se em Luso; e a 25 de julho lhes sobrevieram mais tres companheiros: fr. Antonio do Espirito Sancto, fr. Bento dos Martyres e o irmão Antonio das Chagas, official de alvenaria.

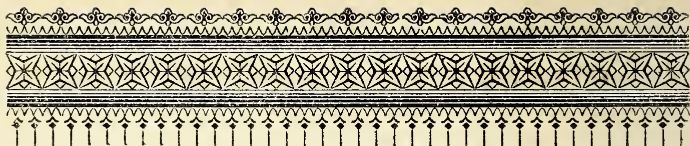
Lançaram a primeira pedra do mosteiro no dia 7 de agosto de 1628. Proseguiram incançaveis na obra do edificio, por fórma que em 28 de fevereiro de 1629 poderam adorar o SS. Sacramento na casa da livraria, de que fizeram egreja provisoria, e no dia 19 de março

de 1630 se deu começo á vida regular da communidade. ([1])

Desde então os espessos arvoredos, que já a esse tempo povoavam a cêrca, foram acrescentados pela curiosidade dos frades, que se dedicavam á sua cultura com solicito empenho. O prior do convento por obrigação e costume antigo mandava todos os annos semear e plantar grande porção de arvores, que hoje nos causam tanta admiração por sua corpulencia e formosura; e era tal o desvelo dos religiosos pela conservação e augmento da sua querida floresta, que, para obviar aos córtes e estragos que furtivamente se lhe faziam, alcançaram de Urbano VIII uma sentença de excommunhão maior, *ipso facto incurrenda,* contra quem violasse a clausura a fim de destroçar seus arvoredos. Esta sentença foi assignada pelo pontifice em 28 de março de 1643; mas os religiosos, pacientes e soffridos, só fizeram uso d'ella no anno de 1690, em que o bispo conde D. João de Mello a mandou publicar nas parochias circumvisinhas, e gravar em uma lapida na entrada principal da matta.

Ajudados grandemente por piedosos bemfeitores, tiveram os religiosos os meios necessarios para outras obras de importancia, com que, passados poucos annos, se viu ennobrecido o seu deserto. A matta foi murada na circumferencia de quasi quatro kilometros, abriram-se extensas ruas, edificaram-se devotas ermidas e capellinhas, construiram-se vistosas fontes.

([1]) O que deixamos dicto da historia da fundação d'este deserto é recopilado do vol. 2.º da *Chronica dos Carmelitas Descalços* de fr. João do Sacramento.



II

VARIAS PORTAS DA MATTA

Porta de Luso

Há poucos annos se juntou á matta do Bussaco um grande tracto de terreno, confinante com a sua parte septemtrional, para isso comprado a diversos proprietarios. Para se effeituar esta annexação, foi demolido o lanço do muro onde se abria a denominada porta de Luso, e o terreno então adquirido foi vedado com outros lanços de muro, que em grande parte seguem parallelos e contiguos á nova estrada de Penacova. Aquella porta foi mudada para junto da povoação de Luso, ficando fronteira á quinta do sr. conselheiro Emygdio Navarro.

Conserva-se como antes da mudança, com o mesmo portão de ferro que fôra fundido na fabrica da Companhia Perseverança, em Lisboa, e que se assentára no seu primitivo local no dia 10 de maio de 1866.

Relativamente a esta porta repetiremos ainda o que della dissemos na segunda edição deste livro:

É de justiça louvar as boas intenções d'aquelles cavalheiros que se têm proposto reformar e aformosear o Bussaco; mas a verdade pede que digamos ter sido infelicissima a execução de algumas obras, que desagradam

aos que desejariam ver antes conservado o gosto de construcção usado pelos frades, que consistia principalmente em harmonisar quanto possivel com as da natureza as obras da arte. A nova porta de Luso sobre tudo não segue esse caracteristico estylo, que faz d'aquella floresta monumento singular em todo o paiz, estylo que o chronista da ordem descreveu com muita propriedade nestas palavras:

«Contém Bussaco na dilatada circumferencia do seu recinto grandeza sem fausto, sumptuosidade sem opulencia, magnificencia sem luxo, perspectiva sem invenção, e composição sem adorno. Porque nús de toda a gala, enfeite ou brinco, estudaram seus fundadores nesta, que porventura acredita a fama por obra grande, occultar no tosco das cortiças o lavor das madeiras, no rude dos embrexados o polido das pedras e paredes, para que a symetria material se proporcionasse com a espiritual da profissão eremitica melhor achada no sylvestre das arvores, e inculto das brenhas, que nos primores do artificio, e pundonores da arte.» (1)

Na construcção da porta de Luso desprezou-se essa feição peculiar das obras do Bussaco para se assentar alli, como diz um escriptor de judiciosa critica, *um portico, com a sua gradaria de ferro, com as suas pilastras de cantaria, com os seus vasos moldurados, com as suas armas douradas, pretencioso na sua pequenez, impertinente na sua insignificancia, toleravel numa quinta de burguez enriquecido de improviso* (2).

Porta das Ameias

Poucos passos andados para o sul da Porta de Luso pela nova estrada de Penacova, encontra-se a grande *Porta*

(1) *Chronica dos Carmelitas Descalços* por fr. João do Sacramento, tom. 2.º, liv. 4.º, cap. 17.º

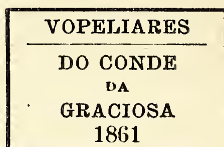
(2) *Carta do Bussaco*, citada na nota de pag. 4.

das Ameias, que assim se denomina em rasão das que lhe servem de remate.

As suas cantarias são toscamente apparelhadas a picão, e o seu aspecto harmonisa-se com o estylo das antigas obras do Bussaco.

A estrada que daqui começa muros a dentro segue em *ziguezague* com suave declive, e, por não ser ainda espesso o arvoredo que a ladeia, gosa-se della formosa e vasta paisagem ao sul e ao poente até o mar.

No planalto de um monte, á direita d'esta nova estrada, existe um cruzeiro que o conde, depois marquez, da Graciosa, quando proprietario deste terreno, ali fez erigir, no qual se lê


VOPELIARES

DO CONDE
DA
GRACIOSA
1861

Conservam-se neste cruzeiro quatro interessantissimos capiteis romanicos do seculo XII, que o referido titular aproveitou da egreja de S. Christovam de Coimbra quando foi em parte derribada para no seu recinto se construir o theatro de D. Luiz. Estas venerandas reliquias do velho templo conimbricense são peças muito dignas do apreço dos que presam as antiguidade e as bellas artes.

Porta das Lapas

Foi aberta ha poucos annos exactamente no ponto mais baixo da matta, ao lado tambem da nova estrada que se dirige para Penacova.

A quem vai por esta estrada, alguns metros antes de chegar á Porta das Lapas, offerece a floresta do Bussaco um espectaculo notavelmente pittoresco. As copas do seu compacto e variado arvoredo, vistas d'alli,

parecem vir em turbilhão pela encosta declivosa, como caudal torrente, arrastando comsigo a penedia de Caifaz; ao encontrarem o muro de vedação, arqueiam-se, como vaga enorme, para o galgar, mas em tal momento aquella empollada onda de verdura suspende repentinamente os impetos e permanece encurvada, mas immovel, como se lhe repugnasse espraiar-se pelo terreno arido e inhospito da montanha.

D'esta porta começa uma rua denominada dos *Fetos,* rompendo pelo meio de copiosa e emmaranhada vegetação e seguindo sempre ao lado de um pittoresco e susurrante corrego, aonde convergem todas as aguas da matta, as quaes em varios pontos formam lindissimas cascatas ataviadas de musgos e outras viçosas plantas.

Percorrida pequena distancia, encontra-se um grande lago irregular, que se prestará á navegação de pequenos barcos.

Nas immediações desta rua são notaveis os fetos indigenas da floresta, e notabilissimos os fetos arboreos ha pouco plantados, mas ostentando-se já garbosos e promettendo de futuro grande desenvolvimento.

Termina a rua dos Fetos no ponto onde se encontra outro lago, ao fundo da Fonte Fria.

Portaria da Matta ou Portas de Coimbra

Encontra-se cerca de meio kilometro acima da Porta das Lapas.

Dedicamos-lhe adeante capitulo especial.

Porta da Cruz Alta

No planalto da montanha, nas proximidades da Cruz Alta, ha na cerca outra porta, ainda sem apparato algum, pois que apenas é um rompimento no muro. Na sua visinhança se fez ha poucos annos, da parte de fora, uma grande plantação de arvoredo.



BUSSACO — Porta da Rainha

Porta da Rainha

É a que fica mais proxima da estrada real de Vizeu, e é tambem, como a de Sulla, voltada a nascente. Por ella passou el-rei D. Pedro II em 1704. Entaipada posteriormente de pedra e cal, foi reaberta em 1852 para a passagem da rainha D. Maria II quando neste anno visitou o Bussaco. Foi completamente reformada no anno de 1872.

Muito proximo d'esta porta, fora dos muros da cerca, ha uma fonte de excellente agua ferrea. Fica-lhe tambem visinha a capella das Almas do Encarnadouro, que por occasião da batalha do Bussaco serviu de hospital de sangue.

Porta do Ayres de Campos

Por estar proxima da quinta deste cavalheiro, denominaremos assim outra porta recentemente construida no ramal que se deriva da estrada real de Vizeu, acima um pouco da rua que em Luso tem o nome de *Costa Simões*. São elegantes as suas pilastras de cantaria lavrada, mas a nosso ver de collossaes proporções e de demasiado apparato para o sitio. Cada uma d'ellas só por si é construcção bem mais importante do que a pyramide monumental da batalha do Bussaco.



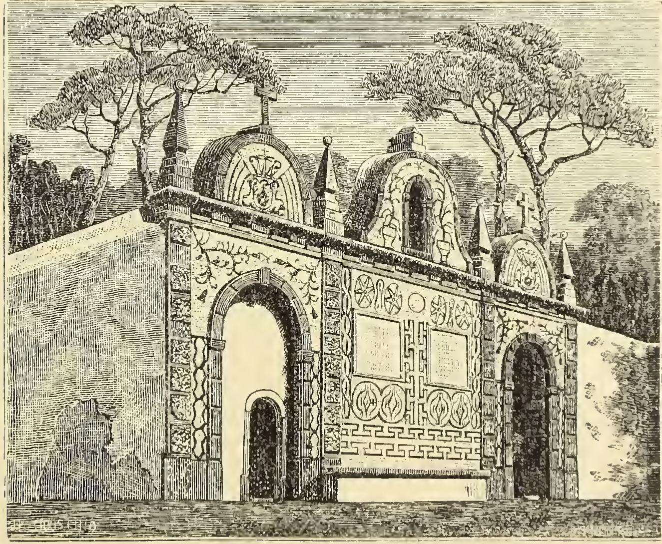
III

A PORTARIA DA MATTA

> Eil-o, que o vejo, esse sitio caro,
> Essa montanha sacra, esse retiro,
> Que busco ha tanto; eil-o, que o conheço
> Pelas pontas vergadas d'altos cedros,
> Pelos prainos do mar que ao longe brilham,
> Pelos ossos mirrados da caveira,
> E o tosco pedestal da cruz ingente.
>
> JOSÉ FREIRE DE SERPA.

A portaria da matta, denominada tambem portas de Coimbra, por ter as que mais se avisinhavam com esta cidade, era antigamente a entrada nobre da cerca, a principal e de maior transito.

Consta de dois grandes portaes, cada um entre duas pilastras de cantaria, almofadada toscamente a picão, lavor peculiar de toda a pedraria das obras antigas do Bussaco. Na parte superior corre uma cimalha sobre a qual assentam quatro pyramides, e intermeiados com estas tres frontões semicirculares, os lateraes rematados por cruzes, e o do meio, um pouco mais elevado, por uma grimpa. Entre um e outro portal medeia um commodo assento, e superiormente a este avultam na parede



BUSSACO. Portaria da matta.

duas grandes lapidas, que têm gravadas duas bullas, uma prohibindo, sob pena de excommunhão, a entrada de mulheres na clausura do Bussaco, outra fulminando egual pena a quem a transpozesse para cortar arvores ou praticar outro damno.

Aqui apresentamos a copia de ambas (1):

GREGORIO PAPA XV

PARA PERPETUA MEMORIA

O Procurador Geral de Carmelitas Descalços da Congregação de Espanha Nos fez saber que a dita Congregação em todas as Provincias tem uma Caza de Ermo na qual os Religiosos se dão á Oração, e Contemplação e para que este pio Instituto mais crescesse e se evitassem perigos, e escandulos se precavia nas Constituições da dita Ordem não podessem entrar mulheres em o sitio assignado por clausura das ditas Cazas. Porém como o dito Procurador dez.e para que isto melhor se guarde que lhe demos opportuna providencia Nós querendo condescender com os dezejos do d.o Procurador, e absolvendo-o pelas presentes letras de qualquer excomunhão Inclinado ás supplicas que em seu nome se nos fez para que as mulheres de qualquer estado, ou condição, que sejão se não atrevão ou prezumão entrar no sitio assignado por clausura das ditas Cazas de Autoridade Apostolica o prohibimos sob pena de excomunhão maior latae sententiae a qual incorrerão assim as ditas mulheres como todos aquelles que de qualquer modo as introduzirem, não obstante quaesquer constituições apostolicas em contrario. Queremos que a copia da prezente se exponha em uma taboa

(1) Na *Chronica dos Carmelitas Descalços,* tom. 2.º, encontram-se estas sentenças com algumas variantes. Nós copiámol-as das proprias lapidas.

á entrada das ditas Cazas onde possa ser vista. Dada em Roma em S. M.ª maior debaixo do anel do Pescador a XXIII de Julho de M.DC.XXII.

Loco ✠ Sigilli. *Hen. de la Plumi.*

URBANO PAPA VIII

PARA PERPETVA MEMORIA

QUERENDO NOS QUANTO NO SENHOR PODEMOS ATTENDER Á CONSERVAÇÃO, E RETENÇÃO DAS ARVORES DO CONVENTO DE S.ta CRUZ DE BUSSACO DE CARMELITAS DESCALÇOS DO BISPADO DE COIMBRA, E FAZER ESPECIAES GRAÇAS E FAVORES AO PRIOR E MAIS RELIGIOSOS DELLE ABSOLVENDO-OS SÓ P.ª O EFFEITO DAS PREZENTES DE QUAESQUER SENTENÇAS DE EXCOMUNHÃO &C.ª PROHIBIMOS SOB PENA DE EXCOMUNHÃO IPSO FACTO INCORRENDA, QUE DAQUI EM DIANTE NENHUMA PESSOA DE QUALQUER AUTHORIDADE QUE SEJA, SE ATTREVA SEM LICENÇA EXPRESSA DO PRIOR, QUE AO TEMPO FOR DO DITO CONVENTO, A ENTRAR NA CLAUZURA DELLE PARA EFFEITO DE CORTAR ARVORES DE QUALQUER CASTA QUE SEJÃO OU FAZER OUTRO DAÑO: NÃO OBSTANTE QUAESQUER CONSTITUIÇÕES APOSTOLICAS OU DO CONVENTO E ORDEM DITA EM CONTRARIO. MAS QUEREMOS QUE A COPIA DESTA PROHIBIÇÃO SE CONSERVE FIXADA NAS PORTAS DO CONVENTO OU EM OUTRO LOGAR PATENTE A TODOS. DADA EM ROMA EM S. PEDRO SOB O ANEL DO PESCADOR EM 28 DE MARÇO DE 1643 ANNO 20 DO NOSSO PONTIFICADO.



LOCO SIGILLI. M* A* MARALDVS.

A fachada da portaria é revestida de mosaico branco e negro disposto com gracioso artificio, representando

gregas, estrellas, vasos, ramos de flores, e o brazão da ordem dos carmelitas descalços.

Toda esta obra foi construida em epocha muito proxima da abolição do convento, e ultimamente reparada no anno de 1866, como indica a seguinte inscripção, gravada numa pedra elliptica:

FUND.
MDC XXX

—

REFORMADA
1831

—

E RESTAURADA
EM
1866

É de notar que a restauração de 1866 quasi se limitou ao simples concerto de alguns, poucos, palmos quadrados do mosaico.

Na frente da portaria ha um espaçoso terrapleno, assombrado por grandes freixos, e tendo a um lado uma cruz tosca de cedro, firmada em peanha de degráus de alvenaria revestidos de embrexados.

D'este ponto para cima empina-se a serra em grande declive, eriçada de massas enormes de rochedos, pittorescamente sobrepostos, parecendo prestes a rolar pela precipitosa encosta, e que só os detem um milagre de equilibrio.

Do terrapleno descortina-se uma paizagem grandiosa e esplendida, por ser já muito consideravel a altura da serra neste ponto em relação ao extenso territorio que se estende até o mar.

No seu interessante livro *O Sentimentalismo* descreve o sr. Andrade Corvo pela seguinte fórma o magico panorama que d'esta paragem se domina:

«É vastissimo o paiz que se descobre d'aquella altura do Bussaco, majestoso o quadro que a vista pode abranger. No primeiro plano, e nos limites do estreito terrado da portaria de Coimbra, algumas arvores antigas de uma vegetação vigorosa, e uma cruz feita de dois troncos, erguendo-se sobre tosco pedestal de pedras mal juntas e a que os lichens e o tempo deram côr cinzenta, com leves toques amarellados: depois a montanha, cortada em rapido pendor, indo-se perder na massa ondulosa, de um verde carregado, formada pelos pinhaes que cobrem o sobpé da serra e as collinas mais proximas. Mais alem das primeiras quebradas e recostos que os pinheiros revestem, a vista perde-se na vasta amplidão de uma paizagem immensa, onde tudo se funde num como mar petrificado: erguem-se e curvam-se alli pequenos montes de um verde sombrio ou de um violete avermelhado, abrem-se valles estreitos e tortuosos, em que brilha na primavera o verde vivo dos prados: e aquellas ondulações irregulares lembram as vagas majestosas do Oceano, ao declinar da tempestade. Aqui e alli destaca-se, por entre as pregas do terreno, a alvura das casas, já grupadas nas aldeias, já isoladas nos campos, coroadas por telhados de um vermelho vivo; acima das cumieiras dos pequenos montes elevam-se como pyramides as torres singelas de rusticas egrejas. Ao longe, quasi nos limites do horizonte, desenha-se uma longa lista branca: são as areias que do Cabo Mondego até Ovar limitam a costa do Oceano. Quando está puro o ar, quando o sol baixa sobre o horizonte, vê-se muitas vezes, alem d'essa linha branca, uma estreita faxa brilhante, luminosa, fulgente; é o mar.— Se a atmosphera está perfeitamente limpida, e a luz cai resplendecente do céo, penetrando por todas as anfractuosidades do terreno e devassando todos os segredos da paizagem, então o vasto territorio que da portaria de Coimbra se observa, assemelha-se a um immenso mappa em relevo: perde o pittoresco, mas ganha o positivo, e os espiritos curiosos, e, por assim dizer,

geometricos ficam satisfeitos, ao poderem reconhecer a posição da Mealhada, de Mira ou de Sangalhos, fixar bem por onde corre a linha ferrea, determinar a orientação da crista dos montes, medir as distancias, avaliar as alturas, emfim *proseficar* o que a natureza fez bello. Se uma nevoa tenuissima quebra a intensidade da luz, e lança um como véu transparente e de um branco azulado sobre a paizagem, tornando vagas, indecisas e fluctuantes as linhas, pallidas e cambiantes as côres, então cresce em magia o quadro. Ha um quê de mysterioso no incerto das formas, que inleva as almas poeticas, que encanta e arrebata os que sabem ver e sentir o bello ideal através das realidades do mundo physico. Só Ruysdael, o melancholico paizagista flamengo, poderia traduzir na tela a idealidade de tão formoso quadro.»

Até ha poucos annos somente o portal da esquerda era o unico de serviço de carro e completamente vasado; em quanto que o da direita estava quasi todo estaipado de alvenaria, tendo apenas uma portinha para serventia da gente de pé.

Passada ella, encontrava-se um pequeno zagão ladeado de assentos, com tecto de cortiça e as paredes forradas de tosco mosaico. Por cima de outra portinha interna, correspondente áquella, via-se uma caveira entre dois ossos. Nas suas *Memorias do Bussaco* refere o sr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio que juncto d'aquelle emblema se lia a seguinte quadra:

Ó TU, MORTAL, QUE ME VÊS,
REFLECTE BEM COMO ESTOU:
EU JÁ FUI O QUE TU ÉS,
E TU SERÁS O QUE EU SOU.

Dois cavalheiros da nossa amizade nos informaram que por baixo da caveira havia gravada numa pedra

não aquella quadra, mas a seguinte quintilha, exprimindo os mesmos pensamentos:

Ó TU QUE ME VÊS AQUI
ASSIM FEIA COM SOBEJO,
VIGIA, ORA, OLHA POR TI:
QUAL TU TE VÊS, EU ME VI;
VER-TE-ÁS QUAL EU ME VEJO. (1)

Á portinha a que nos referimos seguia-se um alpendre revestido de cortiças e rudes embrexados, e havia ahi uma tribuna de grades de sobro que deixava ver um pequeno oratorio dedicado a N.ª S.ª do Carmo, onde o padre porteiro, cuja cella era contigua, costumava dizer missa aos pastores da serra.

Tanto o zagão como o alpendre e as outras edificações immediatas, tudo em 1875 e 1877 foi demolido para deixar campear mais livremente um ridiculo predio, modernamente construido, destinado a alugar-se. Com este e com outros arrazamentos, arrebiques e transformações que uma especie de vandalismo official tem operado no Bussaco, o aspecto e caracter peculiar do venerando deserto carmelitano tem sido lamentavelmente despoetisado com gravissima offensa do bom gosto.

(1) Num livrinho impresso em Coimbra em 1835 com o titulo *As Solidões, poema do Barão de Cronegk, extrahido e traduzido da escolha de poesias allemans de M. Huber: e algumas poesias portuguezas feitas em 1835 ao Bussaco* foi dada pela primeira vez á estampa uma glosa áquelles quatro versos feita por D. Anna Xavier Machado, d'onde a reproduziu em 1838 o sr. Forjaz nas suas *Memorias*. E' possivel que a poetisa, inspirando-se no assumpto da quintilha, composesse tambem a quadra que glosou, e que o sr. Forjaz dissesse por lapso que essa quadra se achava gravada junto da caveira.



IV

A FLORESTA

Ahi está a soberba matta do Bussaco, esse aprazivel tapete de verdura coroando as penedias agrestes e escarpadas da montanha. Um estreito muro separa este magnifico arvoredo dos terrenos visinhos; mas a mão do homem soube crear tão grande e primorosa riqueza vegetal no meio da nudez d'aquelles cerros escalvados.

Dr. J. A. Simões de Carvalho

Não conhecemos em o nosso paiz floresta mais povoada, mais rica de belleza e variedade de arvores do que a majestosa e pittoresca matta do Bussaco.

Quem transpõe os muros da velha cêrca fica verdadeiramente surprehendido e encantado com a formosura, mimo e riquezas vegetaes que ella nos ostenta; e a surpreza é tanto mais agradavel, quanto o resto da serra, pela maior parte, se mosta despida e escalvada.

Compacta multidão de arvores corpulentas e seculares, no seu maior desenvolvimento e vigor, bracejando pittorescamente para todos os lados, entrelaçam e cruzam seus ramos em grande altura, formando esplendentes cupulas de folhagem, que os raios do sol não podem penetrar. Offerecem o mais bello contraste as folhas aciculares dos pinheiros e dos cedros misturadas com a ramagem dos loureiros, dos carvalhos e dos platanos; ao lado de troncos lisos, direitos e esguios — lenhos nodosos, espessos, e irregulares; no meio de grupos de arvores novas, sahindo apenas da infancia, — colossos abatidos e prostrados pelo peso de annos, e que, apodrecendo agora, vão servindo de alimento ás que lhes succedem. Faxas de heras e outras trepadeiras, cingindo os troncos musgosos, sobem á maior altura do arvoredo, e d'ahi ficam pendentes em graciosos festões.

Por baixo das arvores mais corpulentas, e como protegidos por seus ramos colossaes, surgem d'aquelle solo fecundo vasta republica de arbustos e moitas de plantas mais rasteiras, ostentando tambem uma vegetação vigorosa e exuberante. Não ha um palmo de terreno descoberto; as mesmas pedras e rochedos se vêem atapetados de viçosos musgos, de mimosas e variadas relvas.

Os viajantes que têm percorrido os formosos valles e pittorescos montes da celebrada Suissa, ficam surprehendidos e admirados do vigor, variedade e encantos que se encontram nesta extensa floresta. O principe de Lichnowsky sentiu-se por tal modo enthusiasmado quando a visitou em 1842, que se imaginou transportado aos antiquissimos bosques do Oriente, e não duvidou affirmar que a matta do Bussaco não tinha egual na Europa (1).

Grisley, insigne botanico allemão, que no seculo XVII escreveu uma flora do nosso paiz com o titulo *Viridarium Lusitanum,* diz que Portugal justificadamente se

(1) *Portugal. Recordações do Anno de 1842.*

denomina jardim da Europa e exalta particularmente a feracidade do solo do Bussaco:

«...Jardim da Europa é com razão chamado Portugal pelas innumeraveis variedades de plantas... Por espaço de quasi trinta annos peregrinei todo este paiz, percorrendo-o desde o Cabo de S. Vicente, ao sul, até á ultima região do norte, entre Douro e Minho. E tanto diversificam na variedade de plantas estas regiões, que parece estarmos vendo aqui os Alpes da Suissa, alli Creta; nem o intervallo d'esta diversidade se definha esteril, porque nelle sobresai pujante o nobre Bussaco, pouco distante de Coimbra, deserto dos padres descalços da sagrada ordem do Monte do Carmo, que bem pode denominar-se um segundo Libano pela feracidade das especies vegetaes, e pela corpulencia dos cedros» ([1]).

Muito curiosa é a descripção que faz o elegante chonista fr. João do Sacramento das riquezas vegetaes do Bussaco, e por isso a transcrevemos:

«Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores, que o auctor da natureza clausurou no recinto de Bussaco? Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azevinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos e cinamomos; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho, na esterilidade de alguma.

([1]) ...Hujus territorium... merito Hortus Europae nuncupetur... Hunc sex ferme lustra totum peragravi ab austrini sacri promontorii scopulis dimensus, ad Interamnem regionem borealem extimam usque: quae a se mutuo tantum in plantarum varietate divertunt, ut hic Helvetiorum Alpes, ibi Cretam inspicere liceat, nec intercapedo hujus diversitatis effoeta, in qua antecellit nobile *Busac,* parum a Conimbricensibus dissitum, sacri Patrum Discalceatorum montis Carmeli ordinis eremus stirpium feracitate, et cedrorum proceritate alter Libanus.—*Viridarium Lusitanum.*

Discorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronymo de Saldanha, D. abbade geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Sancto; e, notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o teixo, arvore de mais gala, que serventia; e de qualidades tão nocivas, que dizem ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas, chegando á fonte, que chamam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião de que era singularidade de Alcobaça produzir a tal planta; teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo. D'ellas, já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade, que prostrou mil páos dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetavel córte sensivel, apparecendo depois vestido, como se não fôra rosto da tormenta.

«Das hervas cheirosas, como legacão, madresilva, trevo real, betonica, e tantas outras que na penna não cabem, se ornam os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa, ou vaidade do caduco de suas verduras se senta e descança a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pelas qualidades dos tres elementos agua, terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tractado que da materia compoz, affirma que, havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrara na serra do Bussaco quasi todas as hervas que descreve Laguna sobre Dioscorides; com a excellencia de serem vigorosas, sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a Pharmacopolea, sinaladamente do filipodio; e, quando não cante a victoria, póde Bussaco jactar-se de competir inculto

com os celebres parques ou jardins de Pavia e Veneza, cultivados para o mesmo intento e fim.» ([1])

Quando a ordem dos carmelitas descalços alcançou do bispo de Coimbra, D. João Manuel, em 1628, a vertente occidental da serra do Bussaco onde fundou o seu deserto, já então havia alli espessa floresta de arvores corpulentas. A poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, cantando este saudoso ermo no seu poema *Soledades de Buçaco,* impresso em 1634 (seis annos apenas depois de fundado o deserto carmelitano), assim o dá a entender quando diz:

A partes las arboledas
  Muestran bosques tan cerrados
  Que no los traspassa Phebo
  Con sus rutilantes rayos.
Desde la entrada al convento
  Se camina por debaxo
  De pavellones de plantas
  Cuyos ramos forman lazos.
Alli se mezclan las hojas
  De los platanos copados
  Con los enebros, y fresnos,
  Los robles, y alamos altos.
Alli el funesto cypres
  Con el vitorioso lauro
  De las hayas, y saúcos
  Estan recibiendo abraços.
Alli el arbol que galan
  Se vé primeiro adornado
  De la flôr que de las hojas
  Crece dulce, y crece amargo.

([1]) *Chronica dos Carmelitas Descalços* por fr. João do Sacramento, t. 2.º pag. 80.

Noutro logar do poema *Soledades de Buçaco* diz a mesma poetisa:

En sitio mas riguroso,
Y mas escondido al uso
Hondo valle se descubre
De verde yerva desnudo.
Entre mil quiebras de rocas
Yaze triste, y casi obscuro
Con negras sombras de robles
Que alli son grandes, y muchos.
Llenos de barbas por viejos,
Y en las cabeças tan juntos,
Que no sufren los traspasse
El planeta rubicundo.

Estabelecidos alli os carmelitas, foi um dos seus principaes cuidados o augmento da floresta. A isso os obrigava uma disposição das suas *Constituições,* que por curiosa passamos a transcrever:

«Para que o sitio do Deserto seja sempre aprazivel, e apto para a oração, será obrigado o prior a pôr de novo cada anno arvores silvestres: nem poderá cortar, nem arrancar alguma sem approvação do Capitulo Conventual, concorrendo ao menos para isso duas partes das tres dos votos. E para que o fervor do espirito não se entibie com o demasiado cuidado da agricultura; mandamos que tão sómente se cultive aquelle espaço de terra, que possam cultivar um ou dois operarios» (1).

Conserva-nos o *Agiologio Lusitano* a noticia de um carmelita benemerito da sylvicultura do Bussaco, fr. João Baptista, natural de Silves, cuja memoria deve ser

(1) *Primeira Parte das Constituições dos Carmelitas Descalços da Congregação de Portugal*, pag. 288.

abençoada por todos quantos admiramos aquella frondosa matta. Recolhido a este deserto no tempo ou pouco depois de sua fundação, alli viveu por espaço de treze annos plantando por suas proprias mãos grandissima quantidade de arvores (²).

As arvores e arbustos de que principalmente se compõe a matta e que nella vegetam espontaneas, ou quasi espontaneas, são as seguintes:

Acer campestre L. — Bordo commum.
Acer pseudo platanus L. — Platano bastardo.
Alnus glutinosa Gärtn. — Amieiro.
Arbutus unedo L. — Medronheiro.
Betula alba L. — Vidoeiro.
Buxus sempervirens L. — Buxo arboreo.
Calluna vulgaris Salisb. — Urze ou torga ordinaria.
Castanea vulgaris Lam. — Castanheiro.
Cercis siliquastrum L. — Olaia.
Cistus crispus L. — Esteva.
Cistus hirsutus Lam. — Esteva.
Cistus ladaniferus L. — Esteva ou xára.
Cistus salviaefolius L. — Esteva.
Citrus aurantium Riss. — Laranjeira.
Citrus limonum Riss. — Limoeiro.
Corylus avellana L. — Avelleira.
Crataegus oxyacantha L. — Pilriteiro ou espinheiro.
Cupressus glauca Lam. — Cedro do Bussaco.
Cydonia vulgaris Pers. — Marmeleiro.
Cytisus candicans DC.
Erica arborea L. — Urze branca.
Erica australis L. — Urze.
Erica cinerea L. — Urze.

(²) Este virtuoso frade passou no anno de 1642 a Moçambique com animo de prégar de missão nestas regiões, onde falleceu a 25 de fevereiro de 1643. Vide *Agiologio Lusitano* por Jorge Cardoso, t. 1.º pag. 520.

Erica lusitanica Rud. — Urze.
Erica scoparia L. — Urze das vassouras.
Erica umbellata Lois. — Urze.
Fraxinus angustifolia Vahl. — Freixo.
Genista falcata Brot. — Tojo gadanho.
Genista triacanthos Brot. — Tojo mollar.
Halimium umbellatum Spach, α.
Hedera helix L. — Hera.
Hypericum Androsaemum L. — Androsemo.
Ilex aquifolium L. — Azevinheiro.
Juglans regia N. — Nogueira.
Laurus nobilis L. — Loureiro ordinario.
Lavandula Stoechas L. — Rosmaninho.
Lonicera Periclymenum L. — Madresilva das boticas.
Myrica Faya Ait. — Samóco ou faia das Ilhas.
Myrtus communis L. — Murta.
Olea europœa L. — Oliveira.
Persea indica Spreng. — Loureiro real.
Phillyrea angustifolia L. — Lentisco bastardo.
Phillyrea latifolia L. — Aderno.
Phytolacca decandra L. — Phytolacca, planta dos cachos da India.
Pinus pinaster Ait. — Pinheiro bravo.
Pinus Pinea L. — Pinheiro manso.
Platanus occidentalis L. — Platano.
Prunus avium L. — Cerejeira.
Prunus Cerasus L. — Gingeira.
Prunus domestica L. — Ameixieira mansa.
Prunus lusitanica L. — Azereiro.
Prunus Padus L. — Azereiro dos damnados.
Pterospartum cantabricum Spach — Carqueja.
Pterospartum stenopterum Spach — Carqueja.
Pyrus communis L. — Pereira.
Pyrus malus L. — Macieira.
Pyrus pyraster Wllr. — Pereira brava ou catapreiro.
Quercus humilis Lam. — Carvalho anão.
Quercus occidentalis Gay — Carvalho occidental.

Quercus pubescens Brot. — Carvalho pardo da Beira.
Quercus racemosa Lam. — Carvalho commum ou carvalho branco.
Quercus suber L. — Sobreiro.
Rhamnus Alaternus L. — Sanguinho das sebes.
Rhamnus Frangula L. — Sanguinho d'agua.
Robinea pseudo-acacia L. — Acacia bastarda.
Rosmarinus officinalis L. — Alecrim.
Rubus caesius L. — Silva.
Rubus discolor Weihe — Sarça ou silva.
Ruscus aculeatus L. — Gilbarbeira.
Salix atro-cinerea Brot. — Salgueiro preto.
Sambucus nigra L. — Sabugueiro.
Sarothamnus grandiflorus Wbb. — Giesteira das sebes.
Sarothamnus Welwitschii Bss. et Reut.
Smilax mauritanica Desf. — Legacão.
Spartium junceum L. — Giesteira ordinaria.
Taxus baccata L. — Teixo.
Thymus caespititius Hffgg. Lk. — Tormentelo.
Ulex micranthus Lge. — Tojo.
Ulex nanus Forst. — Tojo.
Ulex scaber Kze., β. *glabrescens* Wbb. — Tojo.
Ulmus campestris Sm. — Ulmeiro, negrilho ou mosqueiro.
Viburnum Tinus L. — Folhado.

Eram estas as arvores e arbustos do antigo povoamento da matta do Bussaco.

Quizeramos apresentar tambem aqui o riquissimo inventario das restantes plantas que pompeam na floresta, entre as quaes notavelmente sobrerahem as cryptogamicas; mas para isso seria mister avolumar este livro com algumas dezenas de paginas, o que nos obriga a desistir de tal proposito (1).

(1) Remettemos os leitores para a memoria intitulada *A vegetação espontanea do Bussaco,* publicada no *Boletim da Sociedade Broteriana,* vol. 3.º, pelo sr. dr. Julio A. Henriques.

V

AS MODERNAS PLANTAÇÕES

As arvores e arbustos que enumerámos no capitulo antecedente são só os indigenas, que, segundo dissemos, vegetam no Bussaco espontaneamente ou quasi espontaneos.

De plantas exoticas é tambem riquissimo o Bussaco; mas esta riqueza só lhe proveiu depois que a floresta foi annexada á administração geral das mattas do reino. Desde então têm-se feito alli muitas e variadas plantações, que já se apresentam vigorosas e bastante desenvolvidas.

Do notavel incremento que no Bussaco se começou a dar á sua arboricultura, apenas se incorporou a matta naquella administração, poder-se-á fazer idêa pelas auctorizadas informações do respeitavel agronomo e eximio redactor do *Archivo Rural,* o conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, que, tendo ido passar alli parte do verão de 1859, publicou as seguintes noticias naquelle excellente periodico:

«Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, que é a dama dos nossos pensamentos. Por encarecimento de seus dons alguns lhe chamam Cintra do norte,

mas parece-nos que desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que ver, alem do que alli tem feito um principe de alto entendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No Bussaco não sobresahi, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deus, que revela a sua omnipotencia na magestade da vegetação.

....

E não se attribua a mania esteril a nossa affeição pelo Bussaco. A belleza e amenidade d'este antigo e sancto retiro inspira uma doce e mysteriosa melancholia a quem o contempla; mas não é só por este lado que nos arrebata o pensamento: considerações menos poeticas e mais positivas é que de todo nos prendem ao seio d'aquella deliciosa floresta.

Na matta do Bussaco vegeta a larangeira *(citrus aurantium)* e o vidoeiro *(betula alba)*. Está claro que entre os extremos de uma escala formada por estas duas plantas, podem florescer milhares d'ellas; e por isso acreditamos que alli se podem fazer extensos ensaios de aclimatação de arvores florestaes exoticas com acrescentamento da natural belleza da cerca, e por conveniencia dos interesses economicos do paiz.

E acreditamol-o não só fundados em razões de analogia, mas já em provas directas e factos concludentes.

Vai para quatro annos que o governo incorporou na administração geral das mattas do reino a matta do Bussaco. Então havia perto de vinte especies florestaes indigenas; e hoje muitas exoticas, já alli radicadas, promettem esperançosos resultados. Varias especies de carvalhos e freixos do Mexico, diversos exemplares do genero *acer*, betulas, faias, nogueiras pretas, tilias, catalpas, pawlonias, choupos, e muitas outras especies indigenas completam uma consideravel collecção de plantas folhosas, novamente introduzidas no Bussaco. Dois exemplares da *casuarina equisetifolia*, que apenas têm dois annos, apresentam um vigor de vegetação ad-

miravel. As coniferas exoticas estão tambem alli representadas por curiosos individuos das tribus das cupressineas, das abietineas, das taxineas e das podocarpeas. Os juniperos bermudianos, os da Virginia, e outros medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os cedros deodara, os do Libano e atlanticos. Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma araucaria Cunningami; as brasiliensis, de que ha para cima de 20 exemplares, estão muito viçosas. Das taxineas temos lá varias especies; o *taxodium semper virens* avantaja-se a todas. Encontram o terreno caroavel cinco especies de abetos; do *pectinata,* e do *picea* ha para mais de 40 exemplares. Os pinheiros elevam-se com ufania; o *sylvestris, canariensis, nigra, laricio, insignis,* desenvolvem-se admiravelmente. Dos pinheiros novos do Mexico possue o Bussaco uma collecção de vinte especies; foram alli semeados ha pouco mais de um anno, e estão bem dispostos. Do *pinus pinsapo* ha um exemplar lindissimo de tres annos, e para mais de cem ainda novinhos. De outras arvores menos notaveis tem-se feito uma soffrivel collecção.» [1]

De 1859 até hoje têm-se continuado a fazer novas plantações no Bussaco. As arvores modernamente plantadas apresentam-se muito promettedoras, e grande parte ostentam já admiravel desenvolvimento. Merecem especial menção os formosos grupos ao lado e para baixo do mosteiro, os que ficam superiores á fonte de Sancta Thereza, e as plantações da clareira inferior á rua da Rainha.

[1] *Archivo Rural,* vol. 2.º, pag. 275.



BUSSACO—Avenida do mosteiro



VI

AVENIDA DO MOSTEIRO

PASSADA a portaria da matta, encontra-se um páteo irregular com uma cruz de cedro no meio. Daqui começa logo a avenida do mosteiro, que é a rua mais nobre e mais formosa de todo o bosque. Segue quasi horizontal, em linha quebrada de quatro lanços, sempre através de farto e variado arvoredo, que a assombra inteiramente. De um e outro lado é cingida de pequeno muro revestido de viçosos musgos e orlada continuadamente por longas fileiras de corpulentos e copados cedros, que, na phrase de fr. João do Sacramento, *embraçados uns de outros servem aos passageiros de escudo contra o sol, espelho para a vista.*

O penultimo lanço da rua, representado em uma das nossas gravuras, é uma das estancias mais pittorescas do Bussaco. Faz lembrar um templo grandioso, cujas columnas seriam os troncos regulares e elevados dos cedros que se enfileiram aprumados de um e outro lado; e cuja abobada seriam as ramadas d'estas arvores majestosas, formando elevadas arcarias, onde parece divisarem-se phantasiosos lavores de puro estylo gothico.

Vem a proposito reproduzir aqui as significativas

palavras com que exprimiu o enthusiasmo que lhe causaram os cedros do Bussaco um artista de fino gosto e grande apreciador das bellezas d'estes sitios. Referimo'-nos ao estimavel esculptor e pintor hespanhol, o sr. D. Luiz Vermell, com quem tivemos o prazer de travar relações de intima convivencia e amizade, quando esteve em Coimbra em 1872:

— «Que figuras tan fantasticas tienen algunos troncos de los cedros gigantescos! que foros tan pintorescos presentan tambien iluminados por la entera reina de la noche, claror á intervalos interrumpido por ligera niebla, espectaculo que he visto y que inunda de inocente, dulce, en fin, celeste poesia al escojido ser pensador! Me ha entusiasmado tanto esta selva famosa, que de ella no he podido menos de copiar dos vistas; una que abarca el frente del monasteiro, casas laterales y algunos arboles: la otra es un trozo de avenida de la derecha con los cedros tan bien dispuestos por la natureleza, que forman columnas com arcos ojivales; parece arreglado por artista muy inteligente, como en effecto no puede serlo mas, es Dios: aqui si, que, si no estuviese inventada, podia ser inspirada la arquitectura ojival [1].»

Ha nesta rua quatro oratorios ou capellas de devoção, construidas segundo o gosto de architectura particular do Bussaco, rude e simples, mas ao mesmo tempo muito engraçado.

A primeira é dedicada ao mystico doutor S. João da Cruz, efficaz coadjutor de Sancta Theresa na grande reforma da ordem carmelitana. A imagem d'este sancto, hoje deploravelmente mutilada, era de bastante correcção. São muito apreciaveis por sua finura, desenho e colorido, os azulejos que forram o altar, nos quaes se representam elephantes, aves e plantas exoticas, apparentando estylo ou gosto oriental.

[1] D. Luiz Vermell, *Impresiones de Bussaco,* publicadas no *Tribuno Popular* de 3 de setembro de 1870.

A segunda capella contém a fonte da Samaritana. Ainda ha poucos annos alli se via representada a passagem, referida na Sagrada Escriptura, em que Jesus, tendo-se sentado juncto do poço de Jacob em a cidade de Sichar, pediu de beber á mulher de Samaria. Um poço, forrado de tosco empedramento, figurava o de Jacob, e aos lados d'elle viam-se as imagens do Salvador e da Santa Fotina. Reformada esta fonte em 1878, tirou-se-lhe o seu caracter religioso e apenas ficou conservando duas lapidas, em que se vê insculpida a seguinte parte do dialogo, referido no capitulo 4.º do Evangelho de João, entre Jesus e a Samaritana:

OMNIS QUI BIBIT EX
AQUA HAC SITIET
ITERUM: QUI AUTEM
BIBERIT EX AQUA QU-
AM EGO DABO EI, NON
SITIET IN ÆTERNUM.
Joan. 4.º

DOMINE, DA
MIHI HANC
AQUAM, UT
NON SITIAM

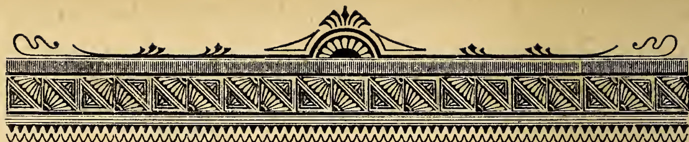
Esta capella foi traçada pelo reitor da Universidade Manuel de Saldanha, insigne bemfeitor do Bussaco, e pôl-a em execução o padre frei Manuel de Sancta Theresa, que o chronista qualifica de esculptor mui primo entre os estatuarios de officio.

A terceira capella é dedicada a S. Pedro.

A quarta, finalmente, a Sancta Maria Magdalena.

No fim da rua, no topo de um muro revestido de mosaico, ainda vimos, mas já ahi se não encontra, uma cruz de pedra tendo junto da base uma caveira natural sobre uma lapide com este letreiro:

PRÆTERIT
ENIM FIGURA
HUJUS MUNDI
Ad Corinth.



VII

O MOSTEIRO

.... A entrada sua
De ordem corinthia porticos não ornam,
Nem avultam estatuas de Canóva
Entre columnas de polido jaspe.

Costa e Silva — *O Passeio.*

O mosteiro está situado quasi no centro da matta. Offerecem surprehendente contraste a pobreza e acanhamento que presidiram á sua construcção, e as galas e riqueza de vegetação luxuriante que a natureza ostenta majestosa e prodigalisa fecunda por toda aquella admiravel floresta.

No fim da avenida de que falámos no capitulo antecedente, encontra-se um atrio quadrilongo, onde no meio se eleva uma grande cruz de cantaria sobre peanha de granito rude. Antigos e corpulentos cedros, formosos buxos e outras arvores de engraçada folhagem o assombram em parte. Para este atrio é que lança o frontispicio do convento, de maior devoção que fachada, no dizer do chronista da ordem.



BUSSACO — O Mosteiro

O mosteiro é edificio vasto e espaçoso no seu todo; as officinas, porém, e mais partes de que se compõe, são acanhadas e humildes, e fabricadas de materiaes rudes e toscos. A arte de Vitruvio e de Vignola não ostenta aqui os seus primores. As cantarias são apparelhadas a picão, tendo apenas alguns frisos de escopro, e em muitos sitios as substitue granito bruto. As portas, os moveis, os tectos, tudo é forrado de rugosa cortiça. Suave melancolia se nos insinua no espirito quando percorremos aquelles corredores estreitos e sombrios, aquelles aposentos de tocante singeleza e de extrema humildade.

Dissemos que o mosteiro *é* edificio vasto e espaçoso; melhor diriamos *foi,* porque, depois que se começaram as obras para a monumental hospedaria, grande parte do convento teve de ser arrazada para lhe dar campo, e hoje apenas restam delle a sua humilde fachada, o claustro, a egreja e pouco mais.

Era unico em Portugal este mosteiro de *deserto*. Em quanto que na Hespanha se fundaram semelhantes os de Bolarque, Batuecas, Las Nievas e Cardona; em Portugal se construiu somente o de Bussaco. Mais um motivo para se lhe não tocar.

Lamentamos por isso que para se edificar a monumental hospedaria se sacrificasse o velho cenobio e que não houvesse o maior desvello em conservar este singular edificio como notavel, interessante e valiosa curiosidade.

A frontaria do convento compõe-se de um lanço de parede, não muito alta, forrada de embrexados, na qual se abrem tres arcos estreitos e esguios, o do meio um pouco mais alto que os dos lados. Por cima d'este, numa pedra branca, lê-se a era 1628.

Estes arcos, para os quaes se sobe por alguns degráus, dão entrada para um pequeno zagão quadrado, ladeado de assentos, as paredes forradas de cascalho e o tecto de cortiça. Era dantes calçado de seixos, que impro-

priamente foram substituidos por mosaico. Nos angulos da frente estão dois calvarios com cruzes tambem de cortiça. Na parede do fundo abre-se uma porta, cujas hombreiras e verga são de conglomerados grosseiros e quasi sem talho; por cima está uma taboa com esta legenda tirada do *Genesis,* XXVIII, 16 e 17:

VERE DOMINVS EST IN LOCO ISTO
NON EST HÎC ALIVD NISI DOMVS DEI
ET PORTA CÆLI.

Por esta porta passa-se a uma pequena casa, pouco allumiada, na qual se encontram, á direita de quem entra, umas grades de sobro, que deixam ver uma capellinha onde se venera o *Ecce Homo,* e á esquerda uma grande cruz branca pintada a fresco. Na frente outra porta, mais humilde que a primeira, dá communicação para o claustro, no qual se vê em correspondencia, e encostada á parede, uma cruz com as escadas e varios instrumentos da paixão, e que já teve uma caveira juncto da base.

Antes de penetrar no claustro devem notar-se as pinturas que ficam por cima e aos lados da porta. A superior representa um condemnado, entre chammas e picado de viboras. Tem o seguinte letreiro tirado de Isaias, XXXIII, 14:

QVIS HABITABIT EX VOBIS CVM ARDORIBVS SEMPITERNIS

As pinturas dos lados são em madeira com molduras de cortiça. Ha quem as attribua a Grão Vasco, com o que se faz grave injuria ao auctor ou escola assim denominada. Todavia, apezar dos seus defeitos, nem por isso as achamos destituidas de merecimento. Representam dois carmelitas venerandos, já adeantados em annos, involvidos em seus habitos de grosseiro borel, pallidos ambos e abatidos, como quem usa macerar-se

com vigilias e penitencias. Um, com a fronte embuçada no capuz, e os olhos fitos com expressão intimativa nos do observador, tem na mão esquerda um livro, e com dois dedos da direita está cerrando a bocca.

Suppozeras talvez um monge vivo
Ao lado teu em pé mandar calar-te.
Creras a voz ouvir-lhe, e surda e rouca
Sumir-se pelos claustros.

Imagem do silencio, a quantos entram
A figura que vês impõe silencio;
E perpétua mudez nos labios d'ella
— Silencio — brada sempre.

MIGUEL OSORIO CABRAL

O outro, com a cabeça descoberta, calvo, olhos no chão, e abraçado a uma cruz, mostra na sua attitude e physionomia expressiva que está immerso em cogitar profundo e doloroso.

Estas figuras são como que os indicios mysteriosos dos principaes preceitos impostos aos antigos moradores d'aquelle ermo: silencio, oração, meditação e penitencia.

A primeira tem por baixo este letreiro, tirado dos *Threnos* de Jeremias, III, 28:

SEDEBIT SOLITARIVS, ET TACEBIT, QVIA LEVAVIT SE SVPER SE.

A segunda este:

ARCTA EST VIA QVÆ DVCIT AD VITAM.

Math., cap. 7, v. 14.

Passada esta casa, segue-se o claustro, que é um corredor de quatro lanços, achanhado e sombrio como todo o edificio. A luz penetra alli debilmente, em razão

de não ser livre o terreno interior comprehendido por elle. Esse espaço é tomado quasi todo pela egreja, que tem a fórma de cruz; e apenas para os vãos que esta deixa, occupados ainda por hydrangeas e outros arbustos, se abrem algumas estreitas portas e janellas, que só podem communicar escassa claridade.

O aspecto do claustro torna-se ainda muito mais grave e tetrico pelas pinturas, molduradas em cortiça, que pendem das paredes, representando varios sanctos, bemfeitores da casa e religiosos carmelitas, com instrumentos de penitencia e acompanhados de dictames asceticos ou mysticas legendas.

Nas paredes exteriores do claustro abrem-se alguns corredores estreitos, que por uma porta no topo communicam com pequenos jardins murados, e por outra, á direita ou á esquerda, com as pobres cellas dos religiosos, nas quaes havia sómente um grosseiro leito e uma tosca banca. A luz tambem alli penetra escassa por um pequeno postigo que abre para o quintal, onde o antigo cenobita, nas horas vagas, se entretinha na cultura das flores com que adornava os altares.

Já não existe o refeitorio. Era uma casa espaçosa, mais comprida que larga, e muito mais alta que as outras officinas do convento, mas tambem, como ellas, forrado de cortiça e fracamente alluminado. A poucos passos da porta havia uma grande cruz e lateralmente um pulpito, com anteparo de cortiça, onde um dos religiosos lia obras espirituaes durante o tempo em que a communidade tomava a sua refeição [1].

[1] «...O que é mais para admirar, é o refeitorio, porque, sendo esta casa feita para allivio do corpo, na verdade é para estes padres domicilio de mortificação; este é todo forrado por cima de cortiça, cujo forro tem tambem o pulpito, portas e janellas; no meio d'elle está uma grande cruz, forrada toda de cortiça, em a qual os religiosos, que primeiro acabam de comer, se vão pôr em cruz encostados nella para mortificarem sua carne do allivio, que tomaram em a pobre e desabrida comida. Os mais dos dias

A antiga hospedaria occupava o angulo norte do convento. O visitante curioso sentirá não poder já encontrar ahi o quarto onde Lord Wellington se hospedou e teve seu quartel general por occasião da batalha do Bussaco em setembro de 1810.

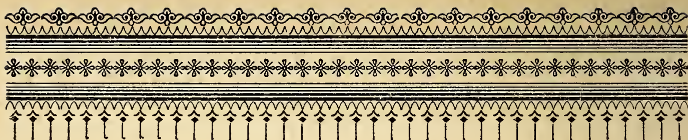
A casa da livraria ficava por cima do refeitorio. Os volumes de que se compunha quasi todos haviam sido doados ao convento pelo bispo conde D. Joanne Mendes de Tavora. Por ordem superior foram removidos em março de 1875 para a bibliotheca da Universidade.

No anno de 1877 a casa da livraria e outras contiguas foram transformadas em commodos aposentos para residencia de S. M. a Rainha Sr.ª D. Maria Pia e de seus dois filhos, que demoraram alli por quinze dias, desde 6 até 20 de agosto do mesmo anno.

Por sua vez foram arrazados esses aposentos em virtude das obras da monumental hospedaria actualmente em construcção.

comem em terra de joelhos tres, ou quatro religiosos com varias insignias sobre si, uns com cruzes ás costas, e corôas de espinhos na cabeça, outros com mordaças nas boccas, vendas, ou cilicios nos olhos, outros (caso raro para confusão dos soberbos!) tendo sobre suas costas uma albarda á maneira de brutos, reconhecendo-se, que o foram pelas culpas, e peccados, que no seculo contra Deus commetteram.»

Chorographia Portugueza, tom. 2.º, pag. 70.



VIII

AS PINTURAS DO CLAUSTRO

Pareceu-nos de algum interesse dar neste livro uma especificada noticia das pinturas do claustro; não que se recommendem por seu merecimento artistico, pois é completamente nullo em quasi todas, mas pela curiosidade dos assumptos e disticos de muitas, e por entendermos que, pelo exame de uns e de outros, poderá o visitante formar ideia aproximada do mysticismo e vida peculiar dos antigos habitadores do mosteiro. Por estas razões quizeramos nós que houvesse mais cuidado na conservação d'aquellas pinturas, que devem considerar-se como parte essencial do Bussaco e da sua historia. Infelizmente a maior parte d'ellas debalde se procurarão hoje alli. A relação que vamos apresentar é feita segundo notas que tomámos em 1869.

1—Retrato do bispo de Coimbra D. João Manuel, doador da matta aos carmelitas. Segura o bispo com uma das mãos um papel em que está escripto o seguinte:

Doação da serra do Bussaco feita aos padres carmelitas descalços. Anno 1628.

O Illmo Sr. D. João Manuel Bispo Conde de Coimbra.

2—Religioso tendo na mão esquerda uma caveira, e na direita um papel com este letreiro:

O V.ᵉ P.ᵉ Fr. Luiz de Jesus Marques de Mancera.

A MORTE ME FAZ DEIXAR O QUE ME PODIA DAMNAR.

3—Religioso com uma cruz nas mãos.

O V. P. Fr. Manuel da Magdalena. Falleceu de 75 annos de edade com 20 de conventual d'esta santa casa.

NÃO PÓDE SER GRANDE O PADECER QUE DURA POUCO.

4—Retrato do bispo de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Sousa. Tem juncto um livro, em cuja capa está escripto: *O Ill.ᵐᵒ Sñr. D. Antonio de Vasconcellos e Souza Bispo Conde de Coimbra.*

5—Retrato do reitor da universidade Manuel de Saldanha, tendo na mão esquerda uma carta com esta indicação: *Ao Reitor da Universid.ᵉ de Coimbra. De El Rey D. João 4.º* Á direita do retrato lê-se: *Manuel de Saldanha, reitor da universidade de Coimbra, bispo eleito de Vizeu.*

6—Religioso tendo numa das mãos um livro aberto, e na outra um rosario pendente.

O V. P.ᵉ Fr. Angelo de Jesus.

ENCAMINHEM-SE AS OBRAS PARA ALCANÇAR UMA BOA MORTE.

7—Religioso com as mãos cruzadas sobre o peito, e olhando para o céu.

O P.ᵉ Prior Fr. Damazo.

O MAU TRATAMENTO DO CORPO É APROVEITAMENTO DO ESPIRITO.

Morreu de 60 annos.

8—Um esqueleto (symbolo da morte) com um manto de purpura, empunhando a foice, e tendo aos pés uma tiara, baculo, mitra, coroa real, sceptro e um livro.

9—Um condemnado, rodeado de fogo e com algemas nos braços.

IHS MISEREMINI MEI, MISEREMINI MEI, SALTEM VOS, AMICI MEI. *Job.*

10—Imagem de S. João da Cruz.

11 — Religioso com uma corda ao pescoço, mãos uma sobre a outra encostadas ao peito, e com um rosario.

O V. P. Fr. Francisco da Cruz. Falleceu neste sancto ermo com 75 annos de edade e 31 d'esta santa casa.

AS PALAVRAS DE GRAÇA SÃO MATERIA DE FOGO.

12 — Religioso com a mão aberta e estendida para um passarinho, que vem voando para ella.

13 — Religioso tendo na mão esquerda um papel, em que está escripto o seguinte:

EM A SOLEDADE, ORAÇÃO E PENITENCIA SE ACERTA O ETERNO.

O veneravel p.e Fr. Thomaz de Jesus fundador dos desertos.

14 — Religioso tendo um crucifixo numa das mãos.

O V. P. Fr. Sebastião da Encarnação fundador d'este sancto deserto. Falleceu nelle com 62 annos de edade e com 31 de perpetuo.

DEUS CASTIGA A MAIS MINIMA OCIOSIDADE.

15 — Imagem de Nossa Senhora.

16 — Imagem de Sancta Theresa de Jesus.

17 — Imagem de S. José com o menino nos braços.

18 — Religioso com as mãos cruzadas.

O V.el P.e Fr. Balthasar dos Anjos.

19 — Imagem do Senhor morto.

20 — Outra imagem de S. José com o menino Jesus nos braços.

21 — Religioso com a cabeça fendida por um alfange, uma espada cravada no hombro direito, as mãos cruzadas, na direita um crucifixo.

MIHI VIVERE CRISTUS EST, ET MORI LUCRUM.

O V. P. F. Dionisio da Natividade que deu a vida por Christo e depois de degollado esteve a prégar 3 dias e 3 noites no logar do martyrio.

22 — Religioso com a mão direita sobre o peito, e a esquerda aberta para o lado.

O V. P. Fr. Fernando da Assumpção. Falleceu com

50 annos de edade e com 12 de perpetuo habitador d'este sancto deserto.

VIDA PENITENTE É VIA PARA A GLORIA.

23 — Religioso segurando uma caveira contra o peito.

O V. P. Fr. Luiz da Cruz.

QUERO VER O QUE ME NÃO PODE EMPECER, E ME POSSA APROVEITAR.

24 — Religioso empunhando na mão direita um bordão, e tendo pendente da esquerda um rosario.

O V. Ir. Fr. Manuel de Sancta Theresa. Falleceu de 73 annos e 50 de perpetuo d'esta sancta casa.

QUEM VIVE ENTRE REGALOS SE DESCUIDA DO ETERNO.

25 — Religioso com a mão esquerda sobre o peito, e tendo na direita um papel com este letreiro:

HEI SIDO PODEROSO EM O MUNDO. VIVO COMO QUEM SE QUER VINGAR DO TEMPO.

O V. P.e Fr. Bartholomeu de S. Francisco.

26 — Religioso. Painêl muito deteriorado.

O V.el P.e Fr. José de Sancta Ignez.

27 — Religioso tendo a mão direita sobre o peito, e na esquerda um livro e disciplinas.

O V. P. Fr. Thomaz de Jesus Maria.

NÃO SE PERCA O TEMPO QUE A MUITOS SE TEM NEGADO.

28 — Religioso com um crucifixo nas mãos.

O V. P. Francisco de Jesus.

QUEM SE ABRAÇA COM JESUS NÃO TEM MAIS QUE DESEJAR.

29 — Religioso com as mãos levantadas.

O V. P. P.or Fr. Lourenço de S. Thomaz. Morreu neste deserto de edade de 48 annos, de perpetuo 12.

UM MOMENTO DURA O DELEITE E UMA ETERNIDADE O TORMENTO.

30 — Religioso com uma das mãos sobre o peito, e a outra aberta.

VENI PETRE, VENI PETRE, VENI, VENI AD NOSTRAS SEDES.

O V. Fr. Pedro de S. Paulo.

31 — Painel muito damnificado, no qual apenas podémos lêr o seguinte:

O V. P. Fr. João do Espirito Santo... de 70 annos e de perpetuo d'esta sancta casa 30, e d'elle se verificava á letra aquella...

32 — Religioso com um rosario e segurando com ambas as mãos uma cruz.

O V. P.e Fr. Antonio de Sancto Alberto.

QUEM AMA A DEUS NADA TEME.

33 — Religioso com um livro aberto.

O V. P. Fr. Ambrosio da Conceição. Falleceu de edade de 55 annos e com 21 de perpetuo neste santo ermo.

O TEMPO É BREVE. ANIMA-TE.

34 — Retrato do bispo conde D. João de Mello.

O V.el D. João de Mello Bispo Conde.

35 — Religioso com a mão esquerda sobre o peito.

O V.el P.e Fr. Miguel de S. Jeronymo.

AJUSTAMENTO EM A VIDA PARA TER ALEGRIA EM A MORTE.

36 — Painel muito deteriorado, no qual podémos ainda ler:

O V. P. Fr. Alexandre da Cruz. Falleceu de 74 annos de edade e 30 de conventual d'este sancto ermo.

37 — Imagem de Christo offerecendo a Sancta Thereza um cravo da cruz.

38 — Imagem de Nossa Senhora.

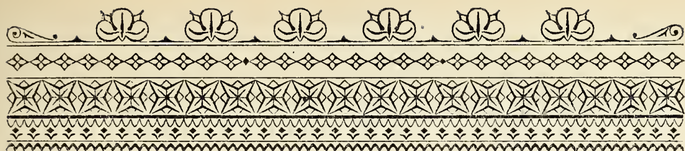
39 — Religioso com um cutello na cabeça.

O V.el Ir. Fr. Redento leigo que deu a vida por Christo.

40 — Religioso com um livro achegado ao peito.

O V.el P.e Fr. Domingos de Jesus Maria Rozala. [1]

[1] Algumas d'estas pinturas e letreiros cremos terem sido copiados ou imitados do livro *Cinco palabras del Apostol San Plabo, comentadas por el Angelico Doctor Santo Thomaz de Aquino,* obra de fr. Francisco de la Cruz, da qual conhecemos a segunda edição, Valencia, 1723.



IX

A EGREJA

Es pequeña aquella Iglesia,
Mas para pobres bastante,
Pobre de todo adereço
Con que el rico suele ornarse.
No ay alli plata, ni oro,
Telas, y sedas no valen
Donde reyna la pobreza
Que no pára en bienes tales.

(D. Ber. Fer. de Lacerda.—*Soled. de Buçaco.*)

A egreja do Bussaco, pobrissima de architectura, não desdiz da extrema humildade que se nota por todo o cenobio.

O seu recinto apresenta a forma de cruz. Carece de porta pincipal, mas tem duas lateraes, que se abrem nos topos dos braços. Como está no meio do claustro, não tem communicação directa para o exterior do convento.

Nenhuns ornamentos luxuosos se vêem nesta egreja; ouro, prata, sedas, alfaias preciosas, nada d'isto era permittido pelo estatuto da ordem [1]; mas, apesar de

[1] Na *Primeira Parte das Constituições dos Carmelitas Descalços,* cap. xvi, § iv, n.º 2 encontram-se estas disposições:

toda a sua parcimonia e singeleza, é extremamente devota e convida á piedade e recolhimento.

Tem a egreja quatro altares: o altar-mór, onde se venera Christo crucificado, dois lateraes com as imagens de S. José e de Sancta Theresa, e outro com a de Nossa Senhora do Carmo, situado na frente do côro e encostado ás grades que o separam do resto do templo. O côro occupa o topo da egreja em correspondencia com o altar-mór, e está apenas levantado do pavimento geral a altura de dois degráus.

No fundo do côro, e fronteiro ao altar de Nossa Senhora do Carmo, ha um curioso presepio.

Os vãos dos altares, resguardados por grandes vidros em vez de frontaes, estão occupados por figuras e imagens de vulto representando: o enterro do Senhor, no altar-mór; a morte de S. José, no do lado do Evangelho; a de Sancta Theresa, no da Epistola; e a de Nossa Senhora, no do côro.

Pelas paredes do templo vêem-se alguns quadros de pinturas a oleo, mas absolutamente destituidas de merecimento artistico.

O que ha mais notavel nesta egreja são os bustos de S. Pedro e de Sancta Maria Magdalena, collocados em frente um do outro, aos lados da capella mór. Suas

«Não se admittam na egreja ou sacristia alfaias de ouro, ou de prata douradas ou prateadas, além dos calices, patenas, pixides e custodia, em que se leva nas procissões o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia; uma pixide em que elle se guarde no sacrario, e outra da qual se ministre aos religiosos, e finalmente o vaso da extrema-uncção para os enfermos. Os retabulos dos altares serão pintados á similhança de marmore, ou de outra côr com frisos dourados. Finalmente as vestes sagradas, e os mais ornamentos pertencentes aos altares e a toda a egreja, excepto o adorno do sacrario, serão de lã, de linho, ou de algodão; mas não sejam bordados com seda, com ouro, ou com prata.»

fórmas são de tanta naturalidade e perfeição, suas feições tão expressivas, que deixam extatico o observador causando-lhe arrebatadora impressão.

S. Pedro é representado no momento solemne em que está immerso em dôr acerbissima por haver negado o Divino Mestre. O *flevit amare* da Escriptura acha-se admiravelmente representado na primorosa imagem. Os olhos embaciados e como que achando difficuldade em soltar as poucas lagrimas que rolam pelas faces enrugadas e contrahidas pela dôr, as mãos apertadas com vehemencia uma na outra, o peito anciado e arquejante, o rosto angustiado, afflictivo e levantado para o céo, tudo exprime vivamente o profundissimo pezar do apostolo quando conheceu que quebrara a sua fidelidade ao Divino Mestre.

O busto de Sancta Maria Magdalena representa uma mulher joven, bella, de cabellos louros, desleixadamente cahidos sobre os hombros, tendo numa das mãos um livro, em cuja leitura emprega toda a attenção, e a outra achegada ao peito, significando compungimento. A expressão do semblante tambem representa a Sancta, como S. Pedro, possuida de dôr intensa, porém já resignada e como que achando allivio nas lagrimas abundantes que lhe manam dos olhos formosissimos. É fascinador aquelle rosto, em que tão bem se exprime não só o arrependimento da mulher que conheceu e quiz reparar seus erros, mas ao mesmo tempo a esperança do perdão pela penitencia.

No seu interessante livro *Digressões e Novellas* descreve Bulhão Pato admiravelmente estas formosas esculpturas. Seja-nos permittido transcrever aqui esse mimoso trecho do eximio poeta. Ao lel-o mais nos parece ter sob os olhos a photographia fiel dos proprios objectos de que a sua descripção:

«Ha tres imagens alli, modeladas em barro, que são tres primores d'arte; vieram de Italia, segundo me disseram, mas não pude saber o nome do author.

As tres imagens são: a Virgem da Soledade, S. Pedro e Sancta Maria Magdalena. Farei menção das duas ultimas em particular, porque me surprehenderam, e me tiveram pasmado tempo infinito.

Balzac diz: «As lagrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as palpebras, humedecem-as, seccam-se, renascem; mas nunca se deslisam pelo rosto faceis e abundantes como as da creatura joven. Ultimos orvalhos do outono humano!»

Como o desconhecido artista italiano realisou na sua obra esta observação do grande escriptor francez! A figura de S. Pedro representa o momento preciso em que o gallo canta pela segunda vez. Contrahida pela dôr, supplicante e arrependida, a sua physionomia ergue-se a implorar perdão ao céu por haver negado Christo.

Oh! como o esculptor foi sublime nos toques magicos que estampou n'aquelle rosto!

A bocca, entre-aberta, pelos transes da agonia intima, parece que vai exhalar o ultimo suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lagrima forceja em vão para rebentar d'elles, e deslisar pelas faces lividas, cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as attribulações por que passava a sua alma. Os raros cabellos, que povoam a cabeça do allucinado apostolo, eriçam-se com o terror: as rugas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura, as mãos, que apparecem lividas como a mão do morto, denunciam que o sangue, abandonando as extremidades, refluiu todo ao coração e alli, por instantes estagnado, tem suspensa num fio a vida.

Ha alem d'isto uma tal expressão derramada pelo semblante, que escapa á analyse.

Quando se desviam os olhos d'este vulto, e se cravam na figura da sancta que fica fronteira, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquella vista. É tambem ella a imagem da dôr e do arrependi-

mento, mas quão diversos estes sentimentos se manifestam alli!

A esperança, o nume consolador dos que soffrem na terra, vem illuminar suavemente o semblante macerado da infeliz Magdalena. As lagrimas, que não podem rebentar dos olhos do velho, correm abundantes e crystalinas pelas faces desbotadas da mulher joven ainda, a quem a mão da Providencia esclareceu com um raio da sua infinita misericordia, para a desviar do caminho enredado e cortado de abysmos, no qual se transviara.

A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da sancta, emmagrecido pelas vigilias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito, as longas madeixas de cabello loiro, basto, e annellado, descaem espargindo-se pelos hombros desalinhadas.

Como é divina a expressão dos olhos azues, que se cravam no livro, procurando com difficuldade ler as orações sanctas através das lagrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancholicos, mas apesar d'isso illuminados pelos doces reflexos da esperança celeste. Quanta suavidade na carnação, onde se não ostentam as côres esplendidas que denunciam a robustez da vida; mas que não é tão pouco livida, embaciada, mortal. Apenas as faces se alegram com a desvanecida côr de rosa; no resto do semblante pallido descobrem-se através da delicadeza da pelle as veias azues. O sopro da vida vai-se extinguindo alli, suave e languidamente, como se extingue a flor que sorri numa alvorada de agosto, que os raios ardentes do sol, no crescer do dia, fizeram pender na haste, e que á tarde, quando chega a hora do crepusculo, quer animar-se com as brisas frescas da noite, mas já não tem seiva que a sustente, e assim descai do tronco, sem esforço, bella, fragrante, mal desabrochada ainda. Quanta uncção no rosto! Quanta magia na bocca entre-aberta por um sorriso de dôr e de esperança ao mesmo tempo.»

No pavimento do côro foi sepultado o bispo conde D. João de Mello, um dos benemeritos bemfeitores do Bussaco. O epitaphio que se vê gravado na sua sepultura é, pelo seu estylo, um monumento epigraphico de muita curiosidade. Diz assim:

D. O. M.
VIVVS, NON MORTVVS
ESTAT, NON IACET
D. IOANNES DE MELLO
CONIMBRICENSIS EPISCOPVS,
ÆGRIS, AFFLICTIS, MISERIS,
SALVS, LEVAMEN, PATROCINIVM:
OMNIBVS OMNIA FACTVS.
VIXIT VIRTVTE CLARVS:
VIVIT GLORIA CLARIOR.
QVONDAM
PATER PAVPERVM:
IAM
DIVITVM BEATORVM SOCIVS.
FELIX
EREMI CVLTOR:
FELICIOR
CÆLI POSSESSOR.
QVOS AMAVIT VIVVS
SOCIOS ELEGIT SEPVLTVS.
HÍC
IN PACE REQVIESCIT.
CVIVS MEMORIA IN BENEDICTIONE EST.
OB. IV. KAL. IVL. ANN. M DCC IV.

A traducção d'este curioso epitaphio é como se segue:

A DEUS DE INFINITA BONDADE E GRANDEZA.
VIVO, NÃO MORTO
AQUI ESTÁ, NÃO JAZ
D. JOÃO DE MELLO,
BISPO DE COIMBRA,
DOS ENFERMOS, AFFLICTOS E MISERAVEIS
SAUDE, ALLIVIO E PROTECÇÃO:
FEZ-SE TUDO PARA TODOS.
VIVEU BRILHANDO EM VIRTUDE,
VIVE BRILHANDO MAIS EM GLORIA:
ANTES, PAE DOS POBRES,
HOJE, SOCIO DOS RICOS BEM-AVENTURADOS:
FELIZ HABITADOR DO ERMO,
MAIS FELIZ POSSUIDOR DO CÉO:
ÁQUELLES QUE AMOU EM VIDA
VEIU ASSOCIAR-SE NA SEPULTURA.
DESCANÇA EM PAZ,
E SUA MEMORIA É ABENÇOADA.
FALLECEU EM 28 DE JUNHO DE 1704.

Numa capella annexa á egreja ha uma notavel pintura em tela representando Nossa Senhora do Leite. A Virgem dá o peito ao Menino, mas elle diverte-se para ir abraçar-se a uma cruz que S. José lhe está offerecendo. É obra de Josepha de Ayala, denominada tambem Josepha de Obidos, pintora apreciada, que floresceu no seculo XVII. Tem a assignatura *Josepha* e conjunctamente a era *1664*. De tal pintura não deram noticia os escriptores que se teem occupado d'esta artista e das suas obras (1).

(1) Ácerca de Josepha de Ayalla vide dois artigos do sr. dr. A. Filippe Simões, publicados no periodico *Artes e Letras*, vol. 1.º, pag. 76 e 113.



X

OS ANNEXOS DO CONVENTO

Assim se denominam officialmente um grupo de edificios que melhor se denominariam *a aniquilação do convento.*

O mais importante, ainda em construcção, é destinado a uma hospedaria.

Com quanto não possamos conformar-nos com a ideia da necessidade de uma hospedaria monumental e extraordinariamente luxuosa no Bussaco, e muito menos ainda com se lhe sacrificar grande parte do venerando cenobio, sendo evidente que ella poderia ficar situada muito mais de vantagem no bellissimo ponto da portaria da matta ou em outro qualquer; não podemos deixar de dizer que taes construcções, já muito adeantadas, apresentam um aspecto notavelmente formoso e pittoresco e que são honroso brasão de gloria para o insigne architecto que as traçou, bem como para os eximios artistas que teem executado as principaes peças da sua ornamentação, pondo em obra verdadeiros primores do escopro e do sinzel.

Não temos duvida em affirmar que, depois de concluidas, estas notaveis edificações deixarão na sombra o celebrado palacio acastellado da Pena, em Cintra, construido por el-rei D. Fernando.

No principal edificio sobresáem formosissimos lavores do estylo gothico e do chamado manoelino. Pertencentes a este ultimo genero, são admiraveis pelo gosto, delicadeza e mimo dos lavores as grandes janellas e a riquissima galeria, nas quaes se ostentam felizes imitações das janellas da egreja do mosteiro de Belem e das opulentas arcarias do seu claustro. De taes lavores podemos dizer sem exageração o que disse Fr. Luiz de Sousa dos da egreja, não acabada, do convento de S. Domingos de Coimbra: *a policia e delicadeza e miudeza que se vê no lavor da pedraria parece traçada mais pera pincel em pintura, que pera escopro em cantaria.* (1)

É tambem peça grandemente formosa o florido coruchéu que se eleva acima da torre, terminado por enorme esphera armillar de ferro com cerca de dois metros de diametro.

É para notar-se que estas obras, tão grandiosas e ao mesmo tempo tão complicadas e delicadas, tenham sido dirigidas (com insignificante interrupção) por um só homem, desacompanhado de apparatosas superintendencias technicas, poupando assim o gasto de importantes sommas. Cabe essa gloria ao actual administrador da matta do Bussaco, o sr. Ernesto de Lacerda.

Empenhando-nos em deixar aqui commemorado o nome do architecto que delineou tão notaveis construcções e os dos artistas que com tanta competencia teem executado a formosissima parte ornamental, e desejando ao mesmo tempo informar os leitores d'este livro relativamente ao orçamento, custo e outras circumstancias d'estas obras, escrevemos ao administrador da matta, sr. Ernesto de Lacerda, pedindo-lhe nos ministrasse os

(1) *Historia de S. Domingos,* parte 1.ª, liv. 3.º, cap. 5.º

esclarecimentos que julgasse interessantes. O nosso prestimoso amigo accolheu benignamente o nosso pedido, respondendo-nos na interessante carta que em seguida publicamos, com a qual a curiosidade dos nossos leitores certamente ficará satisfeita.

«...*Sr. Simões de Castro*

Satisfazendo ao pedido de V..., cumpre-me responder o seguinte:

Depois de varios projectos, postos de parte, foi adoptado o incumbido pelo ex.^{mo} sr. conselheiro Emygdio Navarro, então ministro das obras publicas, ao sr. Luigi Manini, scenographo e architecto italiano.

O plano definitivo foi mandado pôr em execução por despacho ministerial de 18 de julho de 1888.

Tem a data de 19 do mesmo mez e anno o despacho ministerial ordenando ao chefe de serviços, administrador da matta do Bussaco, que superintendesse nos trabalhos preparatorios e na construcção effectiva. Dando-se-lhes principio em novembro seguinte, duraram as obras até 30 de junho de 1891.

Por despacho ministerial de 21 de julho do dito anno foi ordenada a entrega d'estes trabalhos á Direcção das Obras Publicas de Aveiro, que lhes deu pequeno desenvolvimento, e ainda n'esse mesmo anno foram elles inteiramente suspensos.

Em virtude da portaria do Ministerio das Obras Publicas de 28 de julho de 1894, foi auctorisada a continuação das obras e confiada novamente a sua superintendencia ao chefe de serviços, administrador da matta do Bussaco. Começou-se logo a construcção do gigante da torre e ultimamente a da formosissima galeria, em que se prosegue, sob a direcção unica do mesmo funccionario, sem coadjuvação de nenhum outro pessoal technico superior.

As verbas gastas com esta obra são as seguintes:

No anno de 1888 a 1889..........	29:294$146
No anno de 1889 a 1890..........	36:822$741
No anno de 1890 a 1891..........	22:931$234
No anno de 1891 a 1892..........	5:000$000
No anno de 1894 a 1895..........	4:406$505
	98:454$626
Valor de materiaes em deposito	11:599$944
Dispendido...........	86:854$682

Os artistas que nesta obra mais se teem distinguido pela mestria e perfeição com que teem executado delicadissimos lavores em pedra são: José Barata, que foi alumno da Escola Livre de Coimbra, e Anacleto Garcia, que estudou desenho durante algum tempo na mesma Escola e por ultimo na Escola Industrial Brotero. No primeiro periodo da obra tambem trabalhou na ornamentação da pedra como auxiliar o artista Manoel Ferreira Cardoso, que aprendeu nas obras da Bolsa do Porto.

As estatuas sob os baldaquinos da torre são devidas ao sinzel do sr. Antonio Augusto Gonçalves, meritissimo director da Escola Industrial de Coimbra.

O preço do trabalho de ornato em pedra foi de 8$000 réis por metro quadrado; e o aparelho em lisos, torcidos e molduras custou em media 6$000 réis por metro cubico.

O edificio tem tres pavimentos e *cave,* onde fica situada a cosinha.

Ao rez do chão ha o grande vestibulo de entrada, escriptorio, escadas nobre e de serviço, sala para baile, medindo $14^m,0$ por $10^m,0$, á qual se póde juntar o gabinete de leitura formando-se assim um salão com $21^m,5$ por $10^m,0$, a casa de jantar tendo $15^m,0$ por $8^m,5$, a sala de bilhar, a copa, etc.

Os outros pavimentos e a torre serão divididos em cincoenta e tantos quartos.

Toda a construcção foi orçada em.....	130:245$000
Tem-se gasto, incluindo o valor dos materiaes em deposito................	98:454$626
Resta para gastar.......	31:790$374

O orçamento da obra foi feito segundo os alçados do projecto; mas o auctor, na occasião de o detalhar, augmentou extraordinariamente a ornamentação. Apesar d'isso, para a sua conclusão, incluindo os acabamentos interiores, reputo sufficiente a verba orçada, com tanto que se mantenha a rigorosa economia e escrupulo com que até agora teem sido dirigidos os trabalhos.

O edificio principal é destinado a um hotel; os outros, que se fizeram principalmente para aformosear a fachada, serão arrendados aos frequentadores do Bussaco, exceptuando o ultimo pavimento da casa construida no angulo sul, que será applicado a um museu florestal.

De V..., Am.º

Bussaco, 27 de julho de 1895.

Ernesto Lacerda.»



XI

A CASCATA E O VALLE DOS ABETOS

ALIMENTADA com agua que se deriva da Fonte de S. Silvestre, construiu-se no anno de 1887, ao lado da rua da Rainha, no ponto em que ella faz a sua maior curvatura, uma pittoresca e formosa cascata, formada de blocos de pedra de Larçã e de fragmentos de tufo calcareo de Condeixa dispostos de maneira que semelham naturaes aggrupamentos de rochedos.

Tem no alto um lago, d'onde se despenham as aguas com doce murmurio, formando varias quedas até se reunirem noutro lago menor, que parece tambem obra natural.

Aos lados da cascata, em consideravel espaço do terreno declivoso que medeia entre a rua da Rainha e a de S. Silvestre, continuam variados grupos de fragmentos da mesma pedra, nuns pontos afflorando do solo, noutros formando grutas, onde cabem em pé folgadamente algumas pessoas.

Commodos degraus e carreirinhos, traçados com suave inclinação e cruzando-se em varios sitios, permittem andar-se por alli em todas as direcções até o alto da cascata e admirar de perto a grande variedade de formosas plantas que engrinaldam e adornam a penedia,

entre as quaes são de bello effeito as fuchsias, as azalias, os fetos e as begonias.

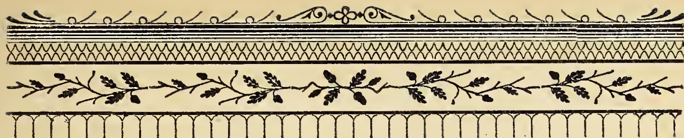
Toda esta construcção, que bem parece obra mimosa da natureza, é abrigada pelas copas verdejantes de alguns cedros do Bussaco ainda novos, mas já de consideravel altura, e ostentando garbosos seus troncos, regulares e aprumados como mastros de navios. Produzem tambem alli sombras deleitosas varios grupos de avelleiras, notaveis pelas suas hastes prateadas e pela sua farta e verdejante folhagem, que dá ao sitio singular amenidade e um ar de viço e frescura muito de encantar.

Certamente esta cascata, que foi construida sob a direcção do actual administrador da matta, o sr. Ernesto de Lacerda, agradará aos que se não pódem conformar com ver deturpadas as bellezas naturaes do Bussaco com obras de uma arte bastarda, rachitica ou deslocada, como muitas que por lá se tem effeituado com gravissima offensa do bom gosto.

Em frente da cascata, do outro lado da rua da Rainha, prolonga-se um terreiro ajardinado, provido de commodos assentos formados de velhos troncos, a que dão sombra magestosos cedros do Bussaco.

Descendo-se alguns degraus, entra-se logo no deleitoso *Valle dos Abetos,* paragem na verdade encantadora e das mais notaveis da matta pela espessa sombra com que a toldam cerradas fileiras de abetos e araucarias, que já attingem admiravel corpulencia apesar de talvez não contarem ainda quarenta annos de plantação.

Poucos passos andados por este valle, tomando-se á esquerda encontra-se perto a *Capella do Horto,* outro sitio tambem de notavel amenidade, onde os musgos pompeiam admiravelmente. Começa ahi a *Via Sacra,* que vai seguindo junto da base da enorme e pittoresca massa de rochedos sobre que assentava a ermida de Santa Thereza.



XII

AS ERMIDAS DE HABITAÇÃO

...Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçaria de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sobre a entrada do lobrego retiro.

GARRETT — *Camões*, c. IX, est. VII.

PERMITTIAM as constituições dos carmelitas descalços que os religiosos, que o quizessem, fossem viver algum tempo fóra do mosteiro, completamente separados da communidade, solitarios e contemplativos, e dando-se a uma vida ainda mais aspera e penitente que a ordinaria do convento. Para este effeito se construiram na matta onze ermidas, umas sobre a crista de alcantilados rochedos, outras na profundidade dos valles, outras encostadas á concavidade das lapas, e todas cercadas de frondente arvoredo, de variada e formosa vegetação.

Humildade ainda maior que a do mosteiro presidiu á construcção d'estas pobres e toscas habitações. Um oratoriosinho para o religioso orar e dizer missa, uma

pequena sacristia para se paramentar, um cubiculo para descanço, e uma casa de fogo para preparar o seu parco sustento e se aquecer durante o maior rigor do frio — eis de que se compõem estas vivendas de penitencia e mortificação.

Tinham todas as ermidas um pequeno campanario com sua sineta, para o solitario dar signal de que, ao mesmo tempo que seus irmãos do convento oravam no coro, tambem elle vigiava no seu oratorio e os acompanhava em suas preces e louvores ao Altissimo. Todas as noites, a altas horas, se despertavam os echos da montanha com o suave tanger do bronze, produzindo em quem o ouvia sentimentos de piedosa devoção e recolhimento mystico. (1)

A edificação das ermidas correu por conta de varias pessoas, que devotamente quizeram encarregar-se d'esse piedoso serviço.

Passamos a dar noticia de cada uma.

Ermida de Sancta Thereza

Foi fundada por Bento Pereira de Mello, deão da sé de Coimbra, prior-mór da ordem de Aviz. O padroado d'esta ermida ficou livre ao convento, que depois o transferiu a D. Antonio Luiz de Sousa, marquez das Minas.

Fr. João do Sacramento descreve com muita elegancia esta ermida na *Chronica dos Carmelitas Descalços*. Tanto pela curiosidade da descripção, como por ser a traça das restantes ermidas quasi a mesma, achamos

(1) Baseado numa narrativa da *Chronica dos Carmelitas Descalços* de Fr. João do Sacramento, a proposito do toque nocturno dos sinos dos ermiterios do Bussaco, escreveu o sr. Eugenio de Castilho um formoso conto intitulado *Sinos ao Luar*, que se acha publicado no *Brinde aos assignantes do Diario de Noticias em 1868*.

conveniente reproduzir aqui as proprias palavras do chronista:

—«São as ermidas de habitação em numero onze, repartidas todas pelos outeiros e valles da montanha da clausura, separadas umas de outras em larga distancia, e muitas assás remotas do mosteiro. Sahindo d'elle pelo pateo dos criados da casa para o oriente, se entra por uma dilatada rua, murada de cedros, e varias plantas, que namoradas do sol se levantam da terra em grande altura, enganadas de poderem alcançar-lhe os raios com as guias de seus ramos. Costeando o terreno onde o convento está sentado, topa aos trezentos e trinta passos para o nordeste com a ermida de N. Madre Sancta Thereza. Fica situada na coroa de um rochedo, que, nascendo do fundo do valle de S. Silvestre, e caminhando de umas em outras penhas, sobe com proporcionada diminuição da primeira grandeza até firmar no cume de todas um taboleiro, do qual o pinaculo do mesmo rochedo parece coroado. Com serem penhas vivas, ou pelas fisgas que medeiam entre umas e outras, ou pela humidade a que os ventos conglutinam algum pó da terra, se admiram todas por arte da natureza vestidas com tal gala, que, olhando do valle para o monte, parece a ermida uma branca flor, levantada na guia de um ramalhete, tecido de floridas verduras e bastas folhagens, em quantidade muitas, em qualidade vistosas. Faz-lhe praça na anteporta um aprazivel terreiro, armado de forte e copado arvoredo, como corpo da guarda de uma copiosa fonte, das melhores aguas do sitio, auctorisada do nome da mesma Sancta, em reverencia da sua virginal pureza, e respeito mais puro que aquelle, pelo qual os fabulosos gentios sonharam que transformara Diana a Castalia em Arethusa.

Inteira-se o todo d'esta fabrica de quatro peças ou casas. Serve a primeira de sacristia, provida em caixões e gavetas de ornamentos limpos e decentes para a celebração da missa. Logo um oratorio de abobada, que

no vão inferior de um arco de pedraria recebe a mesa do altar, rodeado no restante do circulo das molduras de um painel, onde claramente se lê a visão, que a Sancta teve dos Esposos Divinos, Joseph e Maria: a Senhora lançando a Thereza um collar de ouro, o Sancto um precioso manto branco; celeste gala com a qual para o Filho de Deus a deixaram Esposa, ricamente vestida, e sanctamente ornada. Divisa-se ao lado direito da sacristia a cella do ermitão; á qual se segue uma casa de fogo para commoda preparação do sustento e reparo do frio. Gozam os moradores d'esta ermida de alegres vistas, estendidas sobre o viçoso valle de S. Silvestre, continuada primavera de todo o anno»

No anno de 1884 o curioso eremiterio de Santa Theresa (ah! que não sei de nojo como o conte) foi arrazado completamente para ser substituido por um *chalet!*

Ermida de Sancto Elias

Foi fundada por Antonio Pinto Botto. Encontra-se do lado superior e pouco afastada da rua da Rainha, um pouco adeante da cascata.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição

Fundada por D. Rodrigo de Mello, filho da condessa de Tentugal D. Marianna de Castro. O padroado era da casa do Cadaval. Fica esta ermida superior ao valle e fonte do Carregal, ao lado da grande estrada, modernamente construida, que das proximidades do convento segue até á Cruz Alta.

Foi reparada no anno de 1866 pelo sr. conselheiro Ernesto de Faria, como consta do seguinte letreiro, que copiamos de um marmore enxerido por cima da porta do oratorio:

O CONSELHEIRO ERNESTO DE FARIA,
SENDO ADMINISTRADOR GERAL DAS
MATTAS DO REINO, MANDOU REPARAR
ESTA CAPELLA Á SUA CUSTA.
A. D. 1866.

Permitta Deus que em tão boa acção encontre imitadores o sr. conselheiro Ernesto de Faria, porque d'esse modo veremos desapparecer as tristes e vergonhosas ruinas, a que estão quasi completamente reduzidas as ermidas do Bussaco.

Ermida de S. Miguel

Da ermida de Nossa Senhora da Conceição começa uma rua, que sobe em linha recta por entre dois renques de cedros e buxos de muita formosura. Ao cimo d'essa rua encontra-se a ermida de S. Miguel, fundada pelo licenciado Antonio Vaz Preto, prior de Treixedo. N'ella existe a seguinte inscripção, gravada n'uma pedra:

ESTA. CAPELLA. E ERMI
DA. HE. DO L.^{DO} ANT.^{O} VAZ
PRETO. PRIOR. Q̃. FOI. DE
TREIXEDO. TEM. 244.
MISSAS. TODOS. OS ANNOS.
POR. SVA. ALMA. ANNO DE
1651.

Ermida de S. José

Fica situada um pouco acima da fonte da Samaritana, muito proximo da *Casa de Pilatos*. Foi fundada por Manuel de Saldanha, reitor da Universidade, bispo eleito de Vizeu. Elle mesmo começou a abrir-lhe os alicerces

no dia 3 de setembro de 1643. Foi este acto celebrado pelo dr. Antonio Barbosa Bacellar no seguinte soneto, que encontrámos na *Fenix Renascida:*

Luzida em acto humilde a Majestade,
Auctorisada a Mitra em tosco officio,
Se lavrais em Bussaco um edificio,
Fundais um templo á vossa eternidade;

É tão grande e tão alta a dignidade
E tão sublime é vosso exercicio,
Que vós, por evitar-lhe o precipicio,
Fabricais-lhe alicerce na humildade:

Quantas pedras lançais, tantas por certo
Ergueis padrões ao vosso nome agora,
Oh quanto cada pedra vos acclama!

Alterou-se o silencio do deserto,
Se eram as boccas pedras até'gora,
As pedras boccas são da vossa fama.

No oratorio da ermida vê-se uma lapida, que tem gravada a seguinte inscripção:

MANOEL. DE. SALDANHA REITOR. DA
V.^DE DE COIMBRA. BISPO. ELEITO DE VI
ZEV. MANDOV. FAZER. ESTA. ERMIDA. A
HONRRA. DO GLORIOSO. S. IOZEPH COM
OS. PASSOS. DA. PAXAM. Q̃. DELLA COMES-
SÃO. E O CVDADO, E PADROADO. DELLA, EN-
CARREGA, AOS. SUCESSORES. PRIMOGENI
TOS. DE SEV. IRMÃO. LVIZ. DE. SALDANHA.
1644

Entre a penultima linha da inscripção e a da éra medeia na pedra algum espaço com indicios de que a

legenda era mais extensa. Tiveram por ventura os religiosos alguns motivos de conveniencia para apagar o que alli falta. Consultando a *Chronica*, verificámos effectivamente que na lapida, além das palavras que deixamos copiadas, se liam ainda as seguintes: *e tem uma missa quotidiana, pela alma do seu irmão Jeronymo de Saldanha* (1).

Nas proximidades da ermida de S. José, para o lado do sul, levanta-se um penhasco altissimo, de forma conica, sobrepujando os arvoredos, coroado por uma capellinha rotunda dedicada a Sancto Antão, a qual tambem foi edificada por Manuel de Saldanha. Esta eminencia desafogada é um dos melhores pontos de vista do Bussaco.

Ermida do Calvario

Fundada pelo bispo conde D. João de Mello no termo da via sacra.

D'ella diremos em capitulo especial.

Ermida do Sepulchro

Edificada um pouco acima da do Calvario.

Ao reitor da Universidade Manuel de Saldanha, segundo se lê na *Benedictina Lusitana*, é devida esta fundação. Refere a *Chronica dos Carmelitas Descalços* que por cima da janella do oratorio havia a seguinte inscripção: *Edificada em memoria de Ruy Fernandes de Saldanha, que Deos tem, Inquisidor que foy de Coimbra, e Lisboa. Anno de 1646.*

(1) Accrescenta o chronista: «Não existe o encargo d'esta diaria obrigação pela inobservancia das condições recommendadas aos padroeiros nomeados; e, com o cuidado de fabricar a ermida, passou o padroado ao convento.»

No seculo XVIII passou a ermida do Sepulchro a ser propriedade de Ascencio de Paiva Pinto, como se vê da seguinte inscripção, que existe no oratorio:

ESTA ERMIDA HE DASCENCO
DE PAIVA PINTO DE FOS DE ARO
VCE E DE SEUS ERDEIROS OS RE
LIGIOZOS QUE NELLA MO
RAREM TEM OBRIGACAM
DE EMCOMENDAR SVAS AL
MAS A DEVS NOSSO SENH
OR
E PEDEM HVM P.^E NO
SSO E HVMA AUE MARIA
ANNO DE 1722.

No mesmo oratorio se encontra gravada em marmore esta inscripção, commemorativa da recente restauração da ermida:

RESTAURADA POR SEU TERCEIRO NETO,
FRANCISCO AUGUSTO FURTADO
DE MESQUITA PAIVA PINTO,
AUCTORISADO POR PORTARIA
DE 19 DE NOVEMBRO DE 1863

É digno de muitos louvores o sr. dr. Francisco Augusto de Mesquita Paiva Pinto, hoje conde de Foz de Arouce, pela meritoria acção de reparar a ermida do Sepulchro. Os poderes publicos têm deixado no mais deploravel abandono as edificações religiosas da matta. Sómente a iniciativa particular de individuos dedicados ás cousas do Bussaco poderá obstar a que ellas caiam em completa ruina e de todo desappareçam. Por isso nos foi muito grato commemorar os reparos feitos pelo sr. Ernesto de Faria na ermida de Nossa Senhora da

Conceição, e não menos tambem os que o sr. visconde de Foz de Arouce fez na do Sepulchro.

De um pequeno mirante contiguo á ermida goza-se um panorama extremamente bello e majestoso. Em outro tempo havia alli um relogio de sol, aberto em uma pedra, tendo no meio a figura de uma caveira e na circumferencia esta letra: *tempus præterit et mors appropinquat*, o qual, no dizer do chronista fr. João do Sacramento, fôra ahi posto *para que o visivel, estendido em mais de trinta legoas, não divirta os olhos, ou perturbe o coração do morador, que tudo n'aquelle sancto logar são despertadores da eterna vida, e do bem que a temporal se deve empregar mostradores certos.*

Ao lado superior da capella construiu o sr. conde um torreão circular coroado de ameias e com uma cruz no centro, donde se goza um admiravel panorama.

Ermida de S. João

Situada pouco distante da do Sepulchro. Foi tambem edificada pelo reitor da Universidade Manuel de Saldanha, como refere a *Benedictina Lusitana*. Segundo se lê na *Chronica*, tinha na parede, num tarjão de pedra proximo do altar, esta memoria:

Esta Ermida he de Antonio de Saldanha, do Conselho de guerra Del-Rey D. João IV. Capitam Mor que foy da viagem da India, Governador da Torre de Belem, Alcayde Mor de Villa Real Anno de 1650.

Ermida de Nossa Senhora da Expectação

Fundada pelo bispo conde D. Joanne Mendes de Tavora, que governou o bispado de Coimbra desde o anno de 1638 até o de 1646. O proprio fundador inaugurou a sua construcção, sendo o primeiro que começou a cavar a terra para lhe abrir os alicerces. Fundou esta capella para os bispos de Coimbra, e tanto elle como

alguns de seus succersores alli costumavam residir por algum tempo.

Ficava esta ermida muito proxima e um pouco abaixo do mosteiro. Hoje nenhuns vestigios restam d'ella. Foi completamente demolida para no seu local se construir uma casa de exquisita traça, á moderna, que não chegou a concluir-se. Por muito tempo jazeram em completo abandono as paredes começadas; ha annos foram por sua vez demolidas, e no seu recinto se plantou arvoredo, que se acha muito desenvolvido.

Proximamente ha um velho cedro do Bussaco, que é dos mais admiraveis da matta pela enorme grossura do seu tronco.

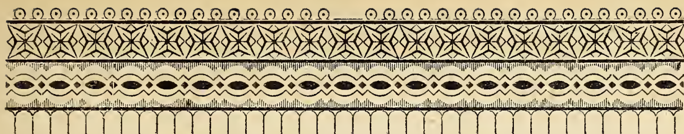
Ermida de Nossa Senhora d'Assumpção

Fundada por Diogo Lopes de Sousa. Encontra-se proximo e um pouco acima da Fonte Fria.

Ermida do Sacramento

Fundada por D. Marianna de Cardenas, duqueza de Torres Novas, andava annexa á casa dos duques de Aveiro.

Em razão do attentado contra a vida d'el-rei D. José por parte do duque D. José de Mascarenhas, em a noite de 3 de setembro de 1758, ordenou-se na terrivel sentença que o condemnou á morte, proferida pela suprema junta da Inconfidencia em 12 de janeiro de 1759, além de outras disposições de rigor, que todos os edificios pertencentes á casa de Aveiro fossem arrazados. E nos edificios que, em cumprimento da sentença, foram derrubados é de crer que entrasse esta ermida, da qual sómente restam alguns lanços das paredes. Encontram-se estas ruinas ao sul da Fonte Fria ao lado da *via sacra,* depois de passada a capellinha onde se figura a casa de Annaz.



XIII

OS CEDROS

No meio da grande variedade de arvores notaveis de que se compõe a majestosa floresta do Bussaco, os cedros são das que mais sobresahem por sua corpulencia e formosura. O visitante que divaga pela matta, absorto na contemplação de tantas maravilhas que alli se ostentam, fica singularmente impressionado quando encontra

> ... o cedro a prumo, topetando
> Co'as estrellas do céo, cingido d'hera,
> Que em lustrosa espiral sobe constante
> A segredar-lhe amores com que esqueça
> Aqui seu patrio Libano...
>
> (João de Lemos).

Esta allusão do poeta á originaria procedencia dos cedros do Bussaco (*Cupressus glauca,* Lamarck; *Cupressus lusitanica,* Miller) é justificavel em razão de serem tão similhantes aos cedros do Libano, que alguns botanicos á primeira vista os têm chegado a confundir com estes. A verdade, porém, é que a estas arvores do Bussaco se dá impropriamente na linguagem vulgar a denominação

de *cedros; cyprestes* se lhes devia chamar, pois são verdadeiros *Cupressus.*

«O famoso *cedro* do Bussaco, descripto e cantado em prosa e verso como irmão e rival do cedro do Libano, é tudo menos cedro. É um cypreste, *Cupressus!*...

E' o *Cupressus glauca,* tambem chamado *lusitanica* por não haver na Europa outro macisso d'aquellas arvores frondosas tão importante como o do Bussaco, e por ser de Portugal que ellas se espalharam por Hespanha, França e outros paizes... Certo é que no Bussaco vive, como em terra que é já muito sua, com uma longa successão de gerações, todas em pé, o *Cupressus lusitanica,* ou cypreste lusitano. Pelos modos a familia do cypreste é muito numerosa e variada............

Dos cedros, segundo me contou o Silvestre de Lima, ha só tres variedades conhecidas: o do Hymalaya, o do Libano, e o do Atlas ou *atlantico.* A ramaria do cedro, do authentico, é formada por um agrupamento de *agulhas,* mais ou menos finas, similhantes ás do pinheiro, essencialmente differentes dos ramusculos que caracterisam o *Cupressus.* Ha no Bussaco alguns exemplares d'aquellas tres variedades de cedros, bem como de muitas outras essencias florestaes dos paizes mais distantes e das latitudes mais diversas, como o *Laurus camphora,* ou arvore da camphora. A matta possue hoje cerca de quinze mil arvores de plantação moderna, na maior parte *coniferas.*

Voltando aos cedros, direi que mesmo á entrada da portada do convento, do lado esquerdo da escada, ha um soberbo cedro do Hymalaya, de agulhas miudas e finas, e que pelas suas dimensões deixa a gente espantada ao saber-se que ainda não tem vinte annos de existencia. Fronteiro a elle está um velho *Cupressus,* pertencente ao grupo dos mais antigos da matta, e muito conhecido de todos os frequentadores do Bussaco. Já pouca ramagem alimenta, e estende os seus braços descarnados, espalmados e alvacentos, como ossada de um grande cetaceo, comido

pelos lobos marinhos e deslavada pelas aguas! No terreiro contiguo tem o agonisante *Cupressus* alguns companheiros, que supportam com inexcedivel galhardia o peso dos annos, e que das alturas enormes da sua ramaria copada parecem dizer desdenhosamente ao cedro do Hymalaia que ainda precisa comer muitas razas de sal, ou sugar muitos litros de resina, para lhes ver o topete...». (1)

Apesar da impropriedade do nome, continuaremos a chamar *cedro* ao *Cupressus glauca* ou *Cupressus lusitanica* contemporisando com o uso de longa data estabelecido.

Quando se plantaram no Bussaco os seus primeiros cedros? Qual a sua originaria procedencia?

Questões são estas que têm suscitado duvidas e embaraços e ácerca das quaes muito têm escripto notaveis competencias da sciencia botanica.

Quanto ao primeiro ponto, parece-nos poder-se assentar em que os cedros foram introduzidos na matta do Bussaco pelo reitor da Universidade Manoel de Saldanha, depois que no anno de 1643 alli fundou a ermida de S. José. Fr. Leão de Santo Thomaz, occupando-se d'esta ermida, diz: (2)

«Entra-se nella por hũ jardimsinho com sua fonte, & tem seus passeyos á roda com outras fontes, *& muitas aruores, & entre ellas os prymeiros cedros que neste Reyno se virão plantados.*»

Fr. João do Sacramento, descrevendo a mesma ermida, diz: (3)

«Defende-lhe as costas outra praça... de relevante fermosura. *Cõtem os prymeiros cedros que por industria do Fundador vieram das Ilhas dos Açores a Portugal; progenitores de quãtos gosa hoje o mesmo Reyno.*»

(1) Sr. Emygdio Navarro — *Quatro Dias na Serra da Estrella* (Porto, 1884).
(2) *Benedictina Lusitana,* tomo 2.º, pag. 283.
(3) *Chron. dos Carmel. Descalços,* tom. 2.º, pag. 110.

O sr. dr. Julio Henriques no artigo *Nota sobre a proveniencia do Cupressus glauca* [1] demonstra com elementos rigorosos que os dois cedros maiores que se encontram junto da ermida de S. José devem ter edade que os approxime do anno em que ella foi fundada (1643).

Pelo mesmo processo se chega a determinar que a altura que deveriam ter os cedros (filhos dos primitivos) da rua que do convento segue para a fonte de Santa Thereza, no tempo em que fallou delles o chronista Fr. João do Sacramento (1721, 78 annos depois da fundação da ermida de S. José), regularia por 18 a 19 metros, altura já bastante consideravel para impressionar o chronista ao contemplal-os.

Por outro lado não deve admirar que individuos do *Cupressus glauca* filhos dos plantados pouco depois de 1643 attingissem grande desenvolvimento em 1721, porque «o cedro do Bussaco fructifica cedo e cresce bastante rapidamente» e alem disto deveriam favorecer-lhe muito o desenvolvimento as condições especiaes em que esta arvore alli se encontra: terreno excessivamente fresco, elevado grau de humidade atmospherica e solo isempto de calcareo. [2]

De uma passagem das *Soledades de Buçaco* em que a poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda menciona, entre as arvores que diz orlarem a avenida do mosteiro, o *funesto cypres*, parece-nos não se poder tirar argumento para se provar a existencia do *Cupressus glauca* no Bussaco em epocha anterior aquella que assignam á sua introducção ali os chronistas citados.

Pretende-se que o *funesto cypres* indicado pela poetisa, que escreveu as suas *Soledades* em 1634, não podia

(1) *Boletim da Sociedade Broteriana* vol. 3.º (1884) pag. 124.

(2) *Le Cupressus glauca en Portugal,* artigo de J. Daveau publicado na *Revue Horticole,* anno de 1884, pag. 184.

ser o *Cupressus semper virens,* porque, se o fôra, Tournefort, que formou uma relação das arvores que encontrou no Bussaco em 1689 ([1]), não deixaria de o mencionar nessa relação ao passo que menciona o *Cupressus lusitanica patula fructu minori,* devendo portanto ser este o *cypres* apontado por D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

O argumento teria valor se D. Bernarda, em vez de um livro de poesia, escrevesse um livro de historia. A poetisa exagerou e phantasiou de modo extraordinario na descripção do Bussaco, usando e abusando (apesar de ella affirmar o contrario) do privilegio, de que falla Horacio, concedido aos pintores e aos poetas:

.........Pictoribus atque Poëtis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

D'isto se convencerá plenamente quem se entregar á leitura das *Soledades de Buçaco.* ([2])

Portanto não ha razão para que os chronistas citados desmereçam os seus creditos de verdadeiros, quanto á epocha da introducção do *Cupressus glauca* no Bussaco.

([1]) Póde ver-se essa relação no *Boletim da Sociedade Broteriana,* vol. 8.º, pag. 245.

([2]) Para se ver qual o credito que merece D. Bernarda quanto á descripção do Bussaco, entre muitissimas passagens do seu poema que poderiamos adduzir, bastam as seguintes:

Los ligeros paxarillos
Son tantos y tan diversos
Que bolando por el ayre
Forman esquadrones densos.
....
Infinitos pecezillos
Nadan por los arroyuellos
Vestiendo el ayre de plata
Con sus saltos, y rodeos.

Os que conhecem a fauna do Bussaco sabem muito bem que, quanto a aves, é notavel, por muito limitado, o numero das que por lá volitam. Peixes então nem um se encontra alli.

Quanto á origem dos cedros do Bussaco, têm-se suscitado duvidas, que ainda não foram resolvidas satisfactoriamente.

Têm dito alguns authores que esta especie é nativa na serra dos Ghates, proximo de Goa; outros que é indigena da região temperada do Hymalaia; finalmente diz-se que o cedro do Bussaco proveiu dos Açores, como affirmára já fr. João do Sacramento. O sr. dr. Costa Simões, tratando deste assumpto (1), diz terem-n-o informado de que nos Açores não ha memoria destes cedros, e que só havia poucos annos eram cultivados como novidade em alguns jardins das ilhas do Pico e S. Miguel; e tem como possivel que primeiramente se acclimatassem nos Açores, e se perdessem nestas ilhas pouco depois de terem passado a Portugal. D'esta maneira se pode justificar a asserção do chronista fr. João do Sacramento.

E, nesta hypothese, donde vieram taes cedros para os Açores?

Em Goa e suas proximidades, segundo averiguações de homens competentes, não têm estas arvores a sua patria. Os nossos navegadores poderiam effectivamente trazel-as em navios que d'alli sahissem, mas provindas de regiões orientaes mais affastadas, talvez do Hymalaia.

Como dissemos, a questão ainda não está resolvida, mas é de crer que os incessantes progressos da geographia e da botanica possam dentro de pouco tempo resolvel-a satisfatoriamente. (2)

(1) *Historia do Mosteiro da Vaccariça e da Cerca do Bussaco*. Coimbra, 1855.

(2) Relativamente aos cedros do Bussaco, alem das fontes que temos citado, vide:

— Um artigo de Bernardino Antonio Gomes no *Jornal de Horticultura Pratica*, vol. 2.º, pag. 64.

— *O Cedro de Goa*, artigo do dr. Maxwel T. Mastero, cuja traducção, additada de algumas notas, o sr. dr. Julio A. Henriques publicou a pag. 46 do vol. XII (1895) do *Boletim da Sociedade Broteriana*.

Voltando aos magestosos cedros que tanto embellezam a frondosa matta, diremos que ainda não vimos outros tão corpulentos como os que alli se admiram. Alguns são verdadeiros collossos vegetaes, e entre estes merecem particulisar-se os que se elevam no terreiro da ermida de S. José, o que se encontra na via sacra pouco acima da mesma ermida, junto do passo da *primeira queda de Jesus,* outro junto do sitio onde existiu a ermida de Nossa Senhora da Expectação, pouco abaixo do convento, e finalmente o que se encontra ao lado da *rua do Horto* muito proximo da *Fonte Fria,* cujo tronco tem 4 metros de circumferencia. Lembra applicar-lhes os versos de Lamartine descrevendo, na *Chute d'un Ange,* os cedros do Libano:

De leur immensité le calcul nous écrase;
Nos pas se fatiguaient à contourner leur base,
Et de nos bras tendus le vain enlacement
N'embrassait pas un pli d'écorce seulement.
Debout, l'homme est à peine à ces plantes divines
Ce qu'est une fourmi sur leurs vastes racines.

Remataremos este capitulo transcrevendo a mimosa poesia com que o nosso amigo sr. Antonio Francisco Barata, visitando em 1885 o Bussaco depois de longa ausencia, saudou os formosos cedros da encantada floresta:

Eis sempre o mesmo divinal Bussaco!
Sempre o silencio, doce paz e amor!
Sempre nas ramas ciciando aragens,
Sempre nas folhas eternal verdor!

Eis sempre, sempre mocidade e vida
Nos lindos cedros que pasmado vejo!
E em mim eis sempre mutações da edade,
Que já me apontam funeral cortejo...

Vós sois o bronze, que resiste aos evos,
Eu, fogo fatuo, que só dura instantes...
Vós sois os mesmos que eu já vi na infancia,
Eu mui diverso do que fôra d'antes!

Ergueis a coma procurando os astros
E mais belleza cada vez mostraes;
Eu, vergo a fronte demandando a terra,
Vou definhando sempre mais e mais...

E os annos passam volumando os seculos,
E eu vou sumir-me na orvalhada relva...
Podesse ao menos minha humilde campa
Jazer no meio da frondosa selva!

Assim, eu crera que meu corpo gelido
Vos dava seiva qual me daes frescor,
Que meu espirito, adejando em auras,
Alem da vida vos mostrava amor!



BUSSACO - Capella de Caiphás



XIV

CAPELLAS DOS PASSOS

O reitor da Universidade Manuel de Saldanha foi quem introduziu no Bussaco a devoção dos Passos do Senhor, mandando abrir a via sacra atravez da fragosidade da serra com grande trabalho e despesa. Em muitos pontos foi necessario desbastar a fogo massas enormes de rochedos, noutros construir socalcos ou fazer grandes desaterros. Devem ter sido feitas estas obras antes do anno de 1644. ([1])

No tempo de Manuel de Saldanha cada estação da via sacra era simplesmente assignalada por uma cruz de madeira do Brazil tendo ao pé um letreiro que indicava o passo que se devia considerar ([2]); depois, anteriormente a 1695 ([3]), o bispo conde D. João de Mello mandou edificar as capellas que hoje existem. São edificios quadrangulares com as esquinas adornadas de cercaduras de mosaico escuro e tosco, cobertos por telhados de quatro vertentes em fórma de cupula ponteaguda, rematados por uma cruzinha de pedra.

([1]) Vide o letreiro copiado a pag. 70.
([2]) *Benedictina Lusitana*, tom. 2.º, pag. 283.
([3]) Vide o letreiro da capella do Horto, copiado a pag. 85.

São vinte as capellas em que se representam as scenas commoventes do martyrio do Salvador desde a oração no Horto até á collocação no Sepulchro.

A principio os passos nas capellas eram representados por pinturas. O bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa substituiu-as por imagens e figuras de vulto; e, como não ficassem com o primor que era para desejar, posteriormente foram substituidas por outras mais bem acabadas.

Estupido vandalismo, depois de secularisado o deserto do Bussaco, as destruiu completamente. Por muitos annos se viram alastrados os pavimentos das capellas com os fragmentos d'essas figuras, apresentando quadros desoladores de extraordinaria barbarie. A proposito de taes destroços, escreveu Pinheiro Chagas estes engraçadissimos trechos:

«A capella de Caiphás! É necessario que nos entendamos: diz-se capella de Caiphás, como se diz ministerio da fazenda, porque a verdade é que o dicto Caiphás... é *deficit*. Para se fallar com propriedade devia-se dizer: a capella de Caiphás... que Deus haja. Se a maldição de Jehovah caiu sobre o povo escolhido, e se os pobres hebreus, perseguidos pelo fulminante anathema, arrastam no mundo uma vida de miseria e de desventura, é certo que o destino d'elles se pode considerar tecido com fios de ouro, logo que o comparemos com a sorte de seus irmãos de barro, os judeus do Bussaco. Os catholicos fieis, que outr'ora visitavam as capellinhas da via da amargura existentes na floresta sagrada, não diziam aos façanhudos judeus que rodeavam o Christo: *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris,* mas diziam lhes: Lembrem se, patifes, que são de barro, e que nós temos pedras nas mãos. Ora d'esta versão liberrima resultou que em todas as capellinhas existe um Christo mais ou menos deteriorado, por alguma pedrada que apanhou por tabella, mas ainda assim campeando triumphalmente no meio de um montão

enorme de cacos israelitas, o que succede á chamada capella de Caiphás, e, se por acaso o velho sacerdote aindo por lá existe, está por certo reduzido a muito menos de cincoenta por cento.» ([1])

Na sessão da camara dos senhores deputados de 16 de janeiro de 1874, o sr. Marianno de Carvalho apresentou um projecto de lei, pela qual, alem da arborisação de varios pontos do littoral e acquisição e orborisação de alguns terrenos em volta da matta do Bussaco, se procederia á reforma das capellas da via sacra. E' para sentir que este projecto não chegasse a ser convertido em lei. Não obstante consta que o distincto artista sr. R. Bordallo Pinheiro foi ha annos incumbido de fazer novos grupos de figuras e imagens para as capellas dos Passos.

Começa a via sacra na rua do Horto, por baixo da penedia onde existiu a ermida de Sancta Theresa, e prolonga-se até o Sepulchro, em distancia talvez superior a tres kilometros.

Iremos indicando as capellas que se encontram na via sacra, e copiaremos os letreiros explicativos do passo que se representava em cada uma, mas deixaremos de seguir sua abstrusa orthographia.

1.ª — Na primeira capella figurava-se o Salvador orando no Horto. Juncto d'ella, ao lado de um arco, havia numa pedra, que ainda lá conhecemos, mas que já desappareceu, esta memoria:

Aqui se considera o Horto aonde Christo S. N. orou e suou sangue com grande agonia e foi confortado pelo anjo.

Todas estas ermidas que se seguem até o Calvario mandou fazer o excellentissimo senhor Dom João de Mello bispo conde, anno de 1695.

2.ª — A poucos passos da primeira encontra-se a segunda capella. Tem sobre a porta este letreiro:

([1]) *No Bussaco,* folhetim publicado no *Diario Popular,* n.º 705, de 5 de setembro de 1868.

Aqui se considera o logar aonde Judas traidor entregou á prisão a Christo S. N. vindo do Horto com seus discipulos, e o levaram preso com grande estrondo e alvoroço á cidade de Jerusalem, tendo-o por malfeitor e amotinador do povo.

A rua do Horto acaba na Fonte Fria. D'ella segue a via sacra atravessando o terceiro patamar da mesma fonte, a contar de cima.

3.ª — A terceira capella tem este letreiro:

Aqui se considera a ponte do rio Cedron, por onde Christo S. N. passou, e os tyrannos o lançaram abaixo sobre as pedras que estavam no rio, e ficaram os signaes impressos como se vêem no dia de hoje.

Encontra-se mais adeante no caminho um arco, por cima do qual ainda vimos o seguinte letreiro, que já ali se não encontra:

Aqui se considera a primeira porta da cidade chamada de Siloé, por onde Christo S. N. entrou preso com grande ruido e alvoroço para casa de Annaz.

4.ª — Segue-se depois a quarta capella, que tem esta legenda:

Aqui se considera a casa de Annaz, aonde o Redemptor do mundo foi apresentado, e perguntado de algumas cousas, o Senhor respondeu a verdade; um dos soldados lhe deu uma cruel bofetada dizendo-lhe: assim respondes ao Pontifice? E foi para casa de Caiphás.

Um pouco adeante d'esta capella é que se encontram, á direita da estrada, os restos da ermida do Sacramento de que fallámos a paginas 74.

5.ª — A quinta capella tem este letreiro:

Aqui se considera a casa de Caiphás onde Christo S. N. foi açoutado e desprezado, e foi por esta rua acima para casa de Pilatos.

Ao lado d'esta capella está uma torre toscamente construida, rematada por uma cruz. Leva ao alto d'ella uma escada de caracol tão estreita, que sómente de ilharga se póde subir. D'este ponto, desafogado e collo-

cado numa eminencia, descortina-se vasto e formoso panorama.

Daqui segue a via sacra por uma rua perfeitamente traçada em linha recta até á avenida do mosteiro, e, atravessando esta juncto da capella da Samaritana, continúa para cima em direcção ao Pretorio.

Antes da reforma da fonte da Samaritana, a via sacra seguia por uns degraus á direita da capella em que está contida a mesma fonte. Ao lado d'elles havia uma pedra com este letreiro:

Por esta escada acima se continuam os passos da prisão por onde passou Christo S.or Nosso vindo da casa de Caiphás preso para casa de Pilatos.

Posteriormente o letreiro foi d'alli removido, foram destruidos os degraus, e deu-se nova direcção á via sacra pelo lado esquerdo da referida capella.

Antes de chegar ao Pretorio, encontra-se levantada ao lado do caminho uma lapida em que se vê gravado o brazão de armas do bispo conde D. João de Mello, e esta legenda:

Estas dez ermidas dos Passos mandou fazer o Ill.mo Sr. D. João de Mello, bispo conde, na era de 1694 [1].

Adeante um pouco, encontra-se uma porta, sobre a qual se vê este letreiro:

Esta é a porta dos paços de Pilatos por onde entrou Christo S. N. preso com grande estrondo e foi apresentado em seu tribunal.

[1] Posterior a esta inscripção é a que se encontrava juncto da capella do Horto com data de 1695. Via-se da inscripção da capella do Horto que *todas* as capellas até o Calvario foram construidas pelo bispo conde D. João de Mello. E não faça duvida o dizer o letreiro do interior da ermida de S. José (copiado a pag. 70) que *Manuel de Saldanha... mandou fazer esta ermida com os Passos da Paixão que d'ella começam,* pois que se não falla aqui em *capellas,* e certamente se faz só referencia á abertura do caminho e ás cruzes com que Saldanha assignalou as estações.

Passada esta porta, entra-se n'um adro circular onde se encontra uma columna de pedra representando aquella a que foi preso o Salvador e juncto da qual foi flagellado.

N'este adro está o Pretorio, de construcção mais nobre que as outras edificações do Bussaco. Contem uma vistosa varanda onde se figura Pilatos apresentando o Salvador á plebe.

D'este ponto a via sacra dirige-se para o lado da portaria da matta, passando encostada á ermida de S. José. Á direita da porta do jardim d'esta ermida havia numa pedra, que ainda lá conhecemos mas que não se encontra já ahi, este letreiro:

Aqui se considera a porta do templo por onde passou Christo S.or Nosso de casa de Pilatos para casa de Herodes.

6.ª—Seguindo pela rua que passa ao lado da ermida de S. José, em vez de se descer para a portaria de Coimbra, tomando á esquerda e subindo um pouco, vai-se ter á sexta capella. Tem o seguinte letreiro:

Aqui se considera a casa de Herodes aonde Christo S. N. foi tido por louco, e por tal o vestiram de purpura e o tornaram a mandar a casa de Pilatos.

Da 6.ª capella, representativa da casa de Herodes, a via sacra, continuando a subir, segue a principio por terreno arido, depois, atravez de copados e corpulentos arvoredos, e, descendo um pouco e atravessando a rua juncto da nona capellinha, volve ao pretorio por outra rua, hoje quasi occulta por arvores e arbustos, no principio da qual havia uma pedra com este letreiro:

Por esta rua abaixo passou Christo S. N. vindo de casa de Herodes para casa de Pilatos e d'ahi não sahiu senão com a cruz ás costas para o Monte Calvario.

Por baixo da varanda do Pretorio, a que já nos referimos, está embebida na frontaria do edificio uma grande lapida com este letreiro:

Neste logar se representa o Pretorio do presidente Poncio Pilatos, ao qual N. S. Jesu Christo foi trazido depois de

ser relaxado pelo consistorio do sacrilego Caiphás, accusado por amotinador do povo chamando-se filho de Deos e rei dos Judeos, e por outros crimes impostos por falsas testemunhas e com intranhavel odio ao Salvador do mundo requereu a impia synagoga que fosse sentenciado á morte perdoando a Barrabaz, homem facinoroso, pelo que depois de o Senhor ser açoutado, vestido de purpura de rei de escarneo, e coroado de espinhos e soffrendo outros muitos opprobrios pela salvação do genero humano, proferiu o injusto ministro a seguinte sentença:

SENTENÇA

Eu Poncio Pilatos governador em Hyerusalem pelo imperador o potentissimo Tiberio Cesar, fazendo no tribunal justiça e audiencia ás partes e synagoga dos Judeos, ouvida e conhecida a causa de Jesu de Nazareth, o qual trouxeram preso os judeos por ser amotinador dos povos, desprezador de Cesar, e se fazer falso messias, como se provou por testemunhos dos principaes da sua gente, julgo seja levado ao commum logar do supplicio e com escarneo da majestade real seja crucificado entre dois ladrões.

Vae, algoz, apparelha as cruzes.

7.ª—D'aqui a via sacra segue por traz do Pretorio e encontra a setima capella, que representa tambem o Pretorio, segundo indica o seguinte letreiro que tem por cima da porta:

Aqui se considera o pretorio de Pilatos aonde sentenciou a Jesus de Nazareth. P. N. A. M.

8.ª—*Aqui se considera o passo onde puzeram a cruz ás costas a Christo S. N. Um P. N. e uma Ave M.ª por quem mandou fazer esta ermida.*

9.ª—*Aqui se considera o passo onde Christo Senhor Nosso cahiu a primeira vez com a cruz ás costas. P. N. Av. Ma.*

10.ª—*Aqui se considera o passo onde Christo S. N. com a cruz ás costas encontrou Maria S. S. N. P. N. Av. Ma.*

11.ª—*Aqui se considera o passo onde mandaram ao Syrineu ajudasse a levar a cruz a Christo S. N. P. N. Av. Ma.*

Passada esta capella, encontra-se a pouca distancia, á esquerda do caminho, a fonte do Carregal.

12.ª—*Aqui se considera o passo onde a Veronica, sahindo de sua casa com uma toalha, alimpou o suor do divino rosto a Christo S. N. e nella ficou retratado o rosto do Senhor. P. N. Av. Ma.*

13.ª—*Aqui se considera o passo onde Christo S. N. cahiu segunda vez com a cruz ás costas. Um P. N. e uma Ave M.ª por quem mandou fazer esta ermida.*

Passada esta capella, encontra-se na estrada um arco com este letreiro: *Porta Judiciaria.*

14.ª—*Aqui se considera o passo onde Christo S. N. com a cruz ás costas se virou ás filhas de Jeruzalem.*

Um P.e N. e uma Ave M.ª por quem mandou fazer esta ermida.

15.ª—*Aqui se considera o passo onde Christo S. N. com a cruz ás costas cahiu terceira vez. P. N. Av. Ma.*

16.ª—*N'este logar se considera como despojaram a N. Senhor Jesus Christo das suas vestiduras. P. N. Av. Ma.*

17.ª—*N'este logar se considera como pregaram a N. S. Jesus Christo na cruz, rasgando-lhe cruelmente mãos e pés. P. N. Av. Ma.*

18.ª—Segue-se a capella da ermida do Calvario. Nos azulejos do altar via-se este letreiro:

Aqui se considera o passo onde encravaram a Christo S. N. em a cruz e o levantaram em alto no monte Calvario, que representa esta ermida. Padre N. e Ave Ma. por quem mandou fazer esta ermida, 1693.

19.ª—*N'este logar se considera como descido o S. dos braços da cruz o pozeram nos de sua sanctissima e magoada Mãe. P. N. Av. Ma.*

20.ª—*N'este logar considera o sepulchro em que depositaram o sanctissimo corpo de J. C. P. N. A. M.*

XV

A ERMIDA DO CALVARIO

Vêde esses dois padrões, venerandos os dois,
O *Calvario* primeiro, o *Sepulchro* depois:
D'um e d'outro saudais a perspectiva immensa,
Onde o monte se empina e a matta se condensa,
Lançando-vos aos pés a alcatifa sem fim
Do arvoredo que imita a relva de um jardim.

MENDES LEAL.

TANTO pela posição bellissima em que está collocada, como por sua construcção, que se afasta da traça geral das outras do Bussaco, distingue-se notavelmente a ermida do Calvario. Encontra-se quasi na summidade do montanha, ao cabo da via sacra, vistosamente assentada sobre a crista de um aggregado enorme de penedos avermelhados, cortados a prumo em grandissima altura,

Surgindo majestoso d'entre as cupulas
D'altos annosos cedros,
Como das crespas ondas se alevanta
Rochedo colossal co'o pé no abysmo
E co'a fronte nas nuvens.

(JOSÉ FREIRE DE SERPA)

Precede a ermida um terreirinho irregular, sobre o qual se debruça o arvoredo, assombrando-o agradavelmente.

O oratorio da ermida é sextavado, e o seu tecto levanta-se em elegante cupula um pouco acima do resto do edificio. Vê-se sobre a porta um escudo de pedra, composto dos instrumentos da Paixão, servindo-lhe de timbre a corôa de espinhos. Por baixo do escudo lê-se a data de 1694. Nas paredes ha exteriormente alguns lavores de embrexado tosco.

Numa pequena pedra, á direita da porta, está uma inscripção latina commemorando a dedicação d'esta ermida e das capellas da via sacra, edificadas pelo bispo conde D. João de Mello. Diz assim, desdobradas as abreviaturas:

ILLUSTRISSIMUS DOMINUS COMESQUE PRAECLARISSIMUS
DOMNUS JOANNES DE MELLO
CONIMBRICENSIS ECCLESIAE ET PIETATE PATER, ET VIGILANTIA PASTOR EGREGIUS, CUI ETSI SUMMI PASTORIS
PRINCIPATUS DESIT, PASTORIS MAXIMI PROMERITUM
ADEST, ÆTERNO PASTORI AC SERVATORI NOSTRO
DOMINO DEO JESU CHRISTO PRO GREGE SUO PASSO
ET CRUCIFIXO PROPRIIS MANIBUS ALLACTO ET COLLOCATO
HAEC SACELLA IN MIRIFICAE PASSIONIS MONIMENTUM ANACHORESIS ISTIS MUNIMENTUM ET SUI AMORIS
PIGNUS, SACRO IN PONTIFICALIBUS PERACTO, GENUFLEXUS
HUMIQUE PROVOLUTUS DICAVIT, VOVIT ET CONSECRAVIT
SOLIS DIE, V NONAS OCTOBRIS IN ANNO MDCLXXXXIV.

A sua traducção é como segue:

O illustrissimo senhor e preclarissimo conde D. João de Mello, na piedade pae, e na vigilancia pastor egregio da egreja conimbricense, a quem, embora falte a dignidade de summo pastor, assiste por certo o merito de pastor maximo: ao Eterno Pastor e Salvador Nosso, o Senhor Deus Jesus Christo, que pela sua grei padeceu e foi crucificado, e cuja imagem por suas proprias mãos aqui foi trazida e collocada, estas capellas em memoria da milagrosa Paixão, abrigo para estes anachoretas e penhor do seu amor; depois de dicta missa de pontifical, de joelhos e prostrado no chão, dedicou, votou e consa-

grou, em um domingo, cinco das nonas de outubro (3 de outubro) *do anno de 1694.*

As paredes do oratorio eram adornadas com pinturas em madeira, representando algumas scenas da paixão do Salvador. Foram dadas estas pinturas pelo fundador da ermida. Hoje estão já muito damnificadas do tempo, e mal se distinguem os seus traços principaes.

No mesmo oratorio havia uma formosa imagem de Christo crucificado, dadiva tambem do bispo conde D. João de Mello. Elle mesmo a levou em procissão desde a egreja do convento, acompanhado de toda a communidade e de alguns dos seus capellães, fazendo primeiro em cada uma das capellinhas dos Passos, que foram encontrando, uma devota estação. Chegados á ermida do Calvario, benzeu o bispo o seu oratorio, e nelle disse missa, a primeira que ahi se celebrou. A imagem era muito bem acabada, e tinha sido offerecida ao bispo por um religioso leigo, que, como elle, fôra morador na serra da Arrabida ([1]).

([1]) De tudo isto nos dão noticia fr. João do Sacramento na *Chron. dos Carm. Desc.* e D. José Barbosa nas *Mem. do Collegio Real de S. Paulo.* O mesmo Barbosa tambem narra estes factos no seu *Archiathenaeum Lusitanum* nestes formosos versos:

Ille senex, cujus caput Infula terna coronat,
Mello erit illustri prognatus gente Joannes,
Barbarici qui celsa colet juga montis, et alto
Culmine perdiscet precibus conscendere cœlum.
Hîc tamen Angelicam dum vitam moribus æquat,
Præscribente Petro, cui Lysia serviet Aula,
Elvia, Viseum, Collimbria Præsule tanto
Gaudebunt, prudensque greges in pascua ducet.
Aspera Teresæ Bussacum nomine dictam,
Sanctius ut vivat, soboles habitabit Eremum.
Picta Redemptoris videas tormenta, cruorem
Quæ sparsere sacrum, cecidit cum victima amoris:
Præsul at egregius meliori effingere formâ
Dulcia curabit Christi monumenta dolorum.

Á direita do oratorio fica um cubiculo com um lavatorio, e em seguida a cella do ermitão e a casa de fogo.

Na cella ainda ha pouco existia uma pedra que tinha gravada esta legenda:

FAC CVM VOCANTE SOMNO
CASTUM PETIS CUBILE
FRONTEM LOCUMQUE CORDIS
CRUCIS FIGURA SIGNET.
CRUX PELLIT OMNE MALUM
FUGIUNT CRUCEM TENEBRAE
TALI DICATA SIGNO
MENS FLUCTUARE NESCIT

Estes versos não estavam assignados; verificámos porém que são de Prudencio (Aurelio Prudencio Clemente), notavel poeta christão que floresceu no seculo 4.º e foi natural da provincia tarraconense (Hespanha), onde nasceu em 348. (1)

Ædes hîc surget, quam dicent Golgotha; sumptu
Pastoris fundata pio; super ostia pendet
Parmula, quam decorant morientis Stigmata Christi,
Pungentesque rubi contracti in serta coronant.
Hic volet ut cultu Christi pendentis imago
A Cruce perpetuo, summoque colatur honore:
Ipse sacrum portabit onus, portabit ad aram,
Quâ velut in solio veneretur thure fideli.
Præsul at assiduo tenuatus membra labore
Immaculata petet diuturnæ præmia vitæ.
Ipsâ, quam vivens puro dilexit amore.
In cineres abiens sacrâ condetur Eremo.
Maior erit post fata; poli super astra sedenti
Plurima vota dabunt plausum suspensa sepulchro.

(1) Fazem parte do seu *Hymnus ante somnum*. O verso 5.º parece ter sido alterado. Nas obras d'este auctor, edição de Antuerpia de 1540 e noutras edições, aquelle verso está assim composto: *Crux pellit omne crimen.*

Interessantes noticias biographicas e criticas ácerca de Prudencio podem ver-se na *España Sagrada* de Risco, vol. 31, pag. 25.

Ao conhecido humanista e nosso saudoso amigo sr. Joaquim Alves de Sousa devemos a seguinte traducção d'estas quadras:

Quando ao casto leito
O somno te induz,
Co'o signal da cruz
Benze a fronte e o peito.

Vence todo o mal,
Trevas não consente,
Asserena a mente
O sancto signal.

Á esquerda da porta externa do oratorio abre-se uma portinha para um mirante, que cinge as costas da ermida, d'onde se goza um panorama esplendido e arrebatador. Espraiando-se dalli a vista pela montanha, arrobam-se os olhos com o espectaculo formosissimo do frondoso e opulento arvoredo que povôa a extensa cêrca. As comas das arvores, a que n'esta eminencia ficamos tão sobranceiros, e que se elevam apenas até á base da penedia, mostram-se entrelaçadas e unidas por tal forma, que figuram uma vasta e formosa alcatifa. No meio d'este macisso de verdura apparece, lá muito abaixo, o mosteiro com as clareiras que o cercam.

Vejo o convento estar na falda assente;
Vejo d'alta lameda a verde cima,
E os verdes pavilhões, que as nuvens tocam
    Vejo dobrar a fronte.

E muda-se o matiz de folha a folha;
E tremúla a ramada; — o sol lampeja;
De varia côr se rasga a olhos avidos
    Extranho, ignoto quadro.

(Miguel Osorio Cabral).

Para além dos muros da matta alonga-se o quadro a enorme distancia, abrangendo, já uma grande extensão de paiz montanhoso em que avultam as serranias da Estrella e Caramulo, já o longo tracto de terrenos, que se nos afiguram planos, da Bairrada até o mar.



XVI

COVA DO NEGRO. ETYMOLOGIAS DO BUSSACO

Pelas cercanias da ermida do Sepulchro é a serra eriçada de penedos enormes, uns dispersos, outros pittorescamente agrupados, aos quaes se pódem applicar as phrases de Duarte Nunes de Leão fallando dos da serra de Cintra (1) — «são grandissimos, e despegados uns dos outros, e empinados muitos d'elles: de maneira que fazem medo a quem os vê, porque parece que estão ameaçando ruina, e que foram chovidos ou feitos á mão, e por industria humana, para ornarem aquelle logar, segundo a crespidão que mostram.»

Quem descer para a parte posterior da ermida do Sepulchro e se embrenhar por aquellas grandes massas de penedia, encontrará a poucos passos um commodo abrigo, formado por immensos rochedos sobrepostos: é a *Cova do Negro*.

Refere uma phantasiosa tradição que, em eras remotas, escolhera este sitio para seu asylo um negro salteador, que dalli costumava fazer suas sortidas nocturnas

(1) *Descripção de Portugal.*

para roubar gados e praticar outros latrocinios e insultos nas aldeias circumvisinhas. Diz-se que ao couto do malfeitor chamavam os povos atemorizados *Cova do Boçal* (nome com que se designam os pretos cerrados para differença dos ladinos ou creoulos); e n'esta palavra *Boçal,* com pequena corrupção, se tem querido achar a origem do nome *Bussaco.* Esta etymologia não passa de um devaneio romantico, pois, como é sabido, a vinda dos primeiros negros para a Europa succedeu no seculo xv ([1]), e o nome Bussaco dado á serra já se encontra em documentos do seculo x.

Como antithese curiosa, dá-se ao nome *Bussaco* esta outra etymologia: Costumava um venerando ancião das cercanias da serra deixar muitas vezes o povoado e embrenhar-se dias e dias nas devezas da montanha, empregando o tempo em actos de piedade e em devota contemplação e silencio. Separado do mundo, e todo entregue ás cousas do céo, ao mesmo tempo que o seu espirito se afinava em tão sanctos exercicios, tambem o seu corpo lucrava com elles, e quando voltava para a aldeia apresentava-se mais agil, com a physionomia mais risonha, como remoçado. Perguntavam-lhe então os vizinhos o que passava na montanha, e a razão por que tanto lhe aproveitavam as visitas que alli fazia. A estas interrogações o bom do velho, levando as mãos á bocca em signal de silencio, respondia apenas: *d'aquelle monte saco bus.* E d'estas palavras, *saco bus,* anagrammaticamente invertidas, dizem se derivou e se compoz o nome *Bussaco.*

O distincto poeta, o sr. Alberto Pimentel, poz em verso esta lenda curiosa. Por intervenção do nosso bom amigo, o sr. Candido de Figueiredo, permittiu-nos o sr. Alberto Pimentel enriquecer este livro com a sua engraçada composição:

([1]) Tem-se por certo que Antão Gonçalves trouxera a Portugal em 1441 os primeiros negros que aqui se viram, depois de ter chegado, na derrota da costa africana, ao Cabo Branco.

Não havia em toda a terra,
Como aquelle, um sancto velho
De mais prudente conselho,
De mais pio coração!
Quando o mundo o enfastiava
No seu doudejar sem tino,
Lá se ia o peregrino
A viver na solidão...

O que elle dizia aos troncos
D'essas arvores gigantes,
Nos muito doces instantes
Do seu meditar alli,
Ninguem o sabe... Mysterios!...
Se não podemos sabel-os,
Não posso eu escrevel-os,
Nem relatal-os aqui...

No meio da espessa matta
Tinha alli a sua ermida
A chamal-o á sancta vida
Dos que vivem para Deus...
E o seu corpo já cançado
De muito padecimento
Ganhava força e alento
Sentindo a benção dos céos!...

Se o corpo ganhava tanto
N'aquella tão doce calma,
Muito mais ganhava a alma
Da solidão no crisol!
Que o velho na sua ermida
Passa uma existencia sancta,
Desde que o sol se levanta
Até que se extingue o sol!...

E quando voltava ao mundo
E descia ao povoado,
Vinha o velho tão mudado!
Tão airoso! tão gentil!
Que a gente pasmava ao vel-o,
E resava o — Padre-nosso —
Vendo o velho feito moço,
O gelo tornado abril!...

— «Remoçaste! Vens mudado!
Tens mais pretos os cabellos!
Os olhos luzem mais bellos!
Que differença! Jesus!
Tem condão a tua matta!...»
Então o velho sorria
A quem fallava, e dizia:
— «Do meu monte — *saco bus.*» —

Crê-se que d'estas palavras,
D'uma sanctidade extranha,
Veiu á sagrada montanha
O nome que hoje lhe dão
De Bussaco! — por memoria
D'aquelle tão sancto velho
De tão prudente conselho,
De tão pio coração...

Mas ainda não findam aqui as etymologias dadas ao nome *Bussaco*. Tambem o querem derivar de *Sublaco*, denominação que se conjectura teriam dado á serra os monges benedictinos do antiquissimo mosteiro da Vacariça (aos quaes primeiro pertencera a matta, já no seu tempo logar de penitencia), por analogia com o deserto de Sublaco em Italia, no qual S. Bento, instituidor da sua ordem, passára tres annos de vida anachoretica e penitente. Inclina-se a esta etymologia Fr. Leão de Santo

Thomaz nas *Constitutiones Monachorum Nigrorum Ordinis S. P. Benedicti,* impressas em 1629. Ahi diz, tractando do mosteiro Bubulense ou da Vacariça:

«*Fuit autem œdificatio prœdicti cœnobii... annis quatuor post prima fundamenta* Lurbani... *quingentesimo scilicet quadragesimo primo in loco qui* Vacariça *dicitur... ad radices montis* Busaco, *nunc vulgo,* Sublaco, *olim forsitan propter Monachos, qui à Sublaco originem ducebant nuncupatum.*»

Esta etymologia é seguida por D. Bernarda Ferreira de Lacerda nas suas *Soledades de Buçaco:*

En aquellos siglos de oro,
Y venturosas edades,
Qual el de Lacio, Sublaco
Solia el monte llamar-se.

O nome *Bussaco* temol-o encontrado, com pequena alteração, em documentos antigos em latim barbaro. Na doação do logar de Gondelim, feita por Gundesindo e outros ao mosteiro de Lorvão em 919, se diz:... *cum suas ualles que discurrunt de monte buzaco* (1).

No anno de 1006 Froila Gundizalviz doou ao mosteiro da Vacariça o seu casal *(villa)* denominado de Villa Nova, nos suburbios de Coimbra, juncto do monte Bussaco — *uillanoua suburbio colimbrie iuxta monte buzzako* (2).

Num testamento de 1016, se diz: *in loco predicto uaccaricia subtus mons buzaco territorio colimbrie* (3).

(1) *Portogaliæ Monomenta Historica. Diplomata et Chartæ,* vol. I, pag. 14.
(2) Ibidem, pag. 120.
(3) Ibidem, pag. 141.

XVII

A CRUZ ALTA

Que assombro! que amplidão! que alteza! que explendor!

MENDES LEAL.

COMO corôa e remate das maravilhas do Bussaco, está a *Cruz Alta* num dos pontos mais elevados e culminantes da montanha, dominando um panorama majestoso e deslumbrante.

D'aquella summidade elevadissima avista-se, lá muito em baixo, tal extensão de terra e mar, descobrem-se tantas serras, montes, varzeas, rios, cidades e outras povoações, que o espectador alli collocado experimenta a sensação de quem vai na barquinha d'um aerostato pairando pela vastidão do espaço em altura desmedida.

A respeito da elevação d'aquelle ponto da serra, diz o chronista dos carmelitas, fr. João do Sacramento, que «de ordinario lhe ficam as nevoas de maneira inferiores, que, vendo-se o céo sereno e claro, se não divisa a terra. Parece documento do Auctor da natureza, para que os moradores de Bussaco entendam que, existindo naquelle sancto logar, superiores ás nevoas do mundo, só devem olhar e ver as luzes do céo.»

O mesmo elegante escriptor descreve assim na sua *Chronica* a majestosa e formosissima paizagem que d'alli se avista:

«O pico, ou cume de Bussaco, é de sorte elevado, que descobre, e é descoberto de grande parte do reino. Descortina para o oriente a serra da Estrella, e a de Castello Rodrigo, posta em distancia de trinta legoas: para o meio dia a de Minde; e não faltou já lynce, que alcançasse, ou o presumisse assim, a de Marvão, desviada dalli alem de quarenta legoas: para o norte a de Grijó em distancia de quinze; e para todas as partes as cidades, villas e logares intermedios, sitos no territorio dos sete bispados: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga. Para a parte do poente carece a vista de termos, mais que nos limites da propria potencia; porque sobre as buliçosas ondas do inquieto elemento, se não descança, se limita. Vêem-se nos dias claros surcar suas aguas varias embarcações para differentes rumos e portos: agradavel objecto aos que de terra o contemplam; e por ventura mais, quando furiosas, ou crespas, ameaçam algum naufragio, pela tyranna condição de crescer o gosto do seguro proprio á vista do perigo alheio.

«Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou sentinella do céo, ao longe. As de perto são taes, que se duvída as possam os olhos encontrar egualmente dilatadas e deliciosas na circumferencia do orbe. Porque do alto de Bussaco se divisam muitas e apraziveis serras: dilatados e viçosos montes: fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e famosos rios. Avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques e valles, retalhados de caudalosas ribeiras; vestidos todos da verde gala, que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o Auctor da natureza. Donde vem a parecer que não ha paiz, quadro, ou perspectiva, onde o mais licencioso pincel, subornado do gosto, ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações ao valente, ou mimoso,

que os horisontes de Bussaco não comprehendam ao natural, em quanto a vista abrange.»

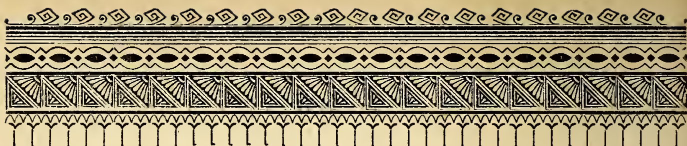
Antes dos carmelitas virem para o Bussaco, já de remotos tempos havia alli uma cruz de páo, mandada collocar por certo mareante, que avistara de mui longe esta parte da terra andando perdido no Oceano. Passados tempos, como se arruinasse a cruz que o navegante erigira, mandou-a substituir por outra, fabricada de alto cypreste, Francisco Ferreira de Miranda, do logar da Graciosa. Conservou-se este lenho até ao anno de 1645, em que um sacrilego raio o lançou por terra. Em 1648 o reitor da universidade, Manuel de Saldanha, construiu naquelle sitio um baluarte circular cercado de ameias, e no dia 14 de setembro alli collocou uma grande cruz de pedra sobre peanha proporcionada de degráus de cantaria, acto que o conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, celebrou nestes versos:

Ecce coronatur Cruce mons hic vertice summo,
Ut sit Heremitis digna Thiara suis.
Emmanuel Præsul, Rector, Saldania proles,
Condit, et æternum pignus amoris erit.

Que querem dizer: *Coroa-se este monte com a cruz de Christo, para que seja corôa e mitra digna dos que nelle vivem recolhidos em suas ermidas. O fundador d'esta obra foi Manuel de Saldanha, bispo eleito de Vizeu. e reitor da universidade, obra que será eterno penhor do amor e devoção que sempre teve a este logar* (1).

Pouco antes de 1834 achava-se muito damnificada a cruz; e, acabada de quebrar, foi reconstruida em 1841 pelo governo civil de Coimbra. No dia 14 de setembro de 1893 um raio lhe quebrou os dois braços, damno que a administração da matta já reparou.

(1) *Benedictina Lusitana,* tomo 2.º, tract. 1.º, pag. 285.



XVIII

A FONTE FRIA E OUTRAS FONTES DA MATTA

Hîc gelidi fontes, hic mollia prata,
Hîc nemus........

VIRGILIO, *Ecl.* x.

Entre os muitos encantos que a natureza prodigalisa no Bussaco, são dos que mais concorrem para a sua amenidade e formosura as copiosas fontes que alli brotam, todas de finissimas e excellentes aguas.

Tanto por sua abundancia, como pelas obras de arte de que está adornada, a *Fonte Fria* é a principal da matta.

No anno de 1866 começou-se n'esta fonte uma reforma completa, mas infelizmente por uma traça inconvenientissima e alheia da architectura peculiar do Bussaco. A estampa que acompanha este capitulo representa a Fonte Fria tal qual ficou depois d'essa obra, contra a qual se levantaram geraes clamores.

No anno de 1881 fizeram-se-lhe algumas modificações acertadas, que muito a melhoraram.



BUSSACO—Fonte Fria

Vamos descrever a Fonto Fria conforme a deixou a obra de 1866, e em seguida indicaremos as alterações posteriormente effectuadas.

Tem patente a sua origem á flor do chão, debaixo de uma abobada, que era revestida de embrechados, situada em logar muito sobranceiro e eminente em relação ao valle que lhe fica vizinho. Desde o ponto da nascente até o fundo da encosta corre uma longa escadaria, acompanhada dos lados por pequeno muro com sua cortina de pedra e revestido de mosaico. É dividida em dez lanços, separados por seus patamares, nos quaes apparecia vistosamente a agua, nuns jorrando de biqueiras, noutros repuxando ou elevando-se em tumidos cachões e cahindo com agradavel ruido em tanques circulares de marmore branco.

Nos dois primeiros lanços superiores e no ultimo era a escadaria interceptada no meio para dar logar ás biqueiras e ás pias que recebiam d'ellas a agua. Nos restantes era interceptada dos lados por taboleiros de relva, que em declive acompanhavam os degraus.

Em virtude d'esta disposição, tinha o visitante de andar pelo escadorio com a maxima cautela. Uma pequena distracção o obrigaria a um banho forçado ou a rolar pelos planos inclinados dos taboleiros.

Um amigo nosso, grande amador do Bussaco, mas do velho Bussaco sem arrebiques, confiou-nos umas notas que escreveu ácerca d'esta estupenda obra, nas quaes achamos muito curiosa a classificação do estylo nella seguido. Diz que na construcção de tudo isto se adoptou — «um estylo de architectura muito pouco usado. Foi o estylo do *precipicio*. Quem não tiver passo firme e olho bem aberto, nestes trocadilhos de escadas, tanques e taboleiros, correrá muito risco ou de descambar pelas rampas da vegetação, ou de cahir de mergulho nas pias dos primeiros e ultimos lanços.»

Ao fundo da escadaria, e um pouco afastado d'ella, ha um lago irregular, alimentado pelas aguas da fonte.

Todos concordarão em que foi infelicissimo o delineamento d'esta obra, por destoar completamente das construcções do Bussaco, em cuja architectura predominava a simplicidade e graciosa rudeza.

Escrevendo d'esta fonte, num artigo que acompanhou a sua photographia em o nosso *Panorama Photographico de Portugal,* vol. IV, diz o sr. dr. Augusto Filippe Simões:

«No Bussaco tinha-se formado, durante seculos, um estylo particular de architectura. Nas construcções simples e elegantes não curavam de imitar os monumentos de Grecia ou Roma, porém as graças e encantos selvaticos da natureza agreste. A ermida ou a capella não eram copias enfezadas e ridiculas das grandes basilicas da Italia. Pareciam antes cabanas, simples abrigos, que preservassem os eremitas das intemperies, sem todavia lhes esconder o grande templo da floresta. Os arcos eram como as portas naturaes das grutas, e não como essas fabricas alterosas que os romanos ergueram á vaidade dos generaes ou dos imperadores.

Os embrechados, feitos de seixos pretos e brancos, suppriam os lavores do marmore ou as pinturas a fresco. Emfim, onde o cidadão opulento empregaria ricas madeiras torneadas ou esculpidas, os monges tinham posto a cortiça rude e tosca, mas conforme ao aspecto dos velhos e carcomidos troncos da floresta.

Um principio geral dominava, por tanto, todas as obras da arte que se faziam no Bussaco: — imitar fielmente a natureza, e não estragar os seus quadros majestosos com o luxo das construcções e com o abuso da regularidade e symetria. Era essa a principal belleza da matta e a causa das impressões graves e austeras que ella produzia no animo d'aquelles que a visitavam.

. . . .

Não o entenderam porém assim as pessoas que tomaram a peito a obra meritoria de aperfeiçoar, corrigir e pôr *á la moda* a antiga floresta. Endireitaram, apla-

naram, alargaram as velhas ruas e abriram outras de novo; ralearam as espessuras, para acabar com sombras e mysterios, que poderiam ainda pôr medo a algum espirito forte; descobriram, caiaram e alindaram os muros que as trepadeiras revestiam; substituiram por escadarias as rampas naturaes ou os degraus talhados na rocha viva; introduziram finalmente por meio dos cedros e pinheiros seculares as maravilhas de conforto e de mau gosto que em Lisboa e noutras cidades do reino hão de attestar aos vindouros a fatuidade e a ignorancia da geração actual.

Entre todas essas obras, com que modernamente têm deturpado o venerando aspecto do Bussaco, prima e sobresai, pela incongruencia e disformidade, o agigantado e descommunal escadorio da Fonte Fria que a nossa estampa representa. A eloquencia da photographia dispensa-nos de commentarios particulares a este ponto.»

Fallando das obras modernas do Bussaco, diz o distincto artista, o sr. D. Luiz Vermell:

«En obsequio de la verdad diré que el gobierno portugués, apesar de sus agóbios, desa conservar, restaurar y hasta mejorar algo de esta grandiosa posecion, pero en la distribucion de los trabajos me parece que no preside el mejor acierto, porque, como queda indicado, la nueva escalinata de la Fuente Fria, si hubiese sido construida mas rústica, estaria mejor en carater con el *descuydo hecho con cuydado, notable en todo lo artificial antiguo de aqui*» (1).

Pelas modificações de 1881 desappareceram as traiçoeiras rampas e foram substituidas por degraus; eliminaram-se tambem as biqueiras, os tanques e os repuxos. Construiu-se com tufo calcareo e com stalactites, trazidos das cercanias de Condeixa, a abobada superior á nascente da fonte, e fez-se de conglomerados o arco da sua frente. A agua, que dalli caminhava por enca-

(1) *Impresiones de Bussaco,* ja citadas.

namentos occultos para as biqueiras e repuxos, corre agora patente até o fundo e pelo meio da escadaria. Nos tres primeiros patamares escôa-se por um calejão aberto no pavimento; nos declives despenha-se por uma serie de cascatas formadas mui ao natural de pedaços de granito e de rochas conglomeradas; nos restantes patamares segue por canaes, alguns com ilhotas de verdura, e um d'elles atravessado por uma pontesinha rustica. Nas cascatas reverdecem musgos e pompeam outras formosas plantas que as aguas estão de continuo borrifando de aljofradas gottas, ao mesmo tempo que na sua queda fazem mil buliçosos movimentos e produzem um ruido mui deleitoso.

Para compensar a impressão desagradavel causada pelo máo gosto dos modernismos da Fonte Fria, encontra o visitante n'esta paragem as mais ricas e engraçadas pompas da vegetação. Arvoredos fartos e variados alli produzem deliciosas sombras, e dão ao sitio grande encanto e belleza.

As outras fontes da matta não correm tão abundantes, nem se distinguem pela arte; todas, porém, são de aguas excellentes, e todos se fazem notar pela graça e frescura das arvores frondosas que as cercam e lhe dão sombra. As principaes são as seguintes.

Fonte de Sancta Thereza

Fica a nordeste e muito proxima do mosteiro. É uma das construcções mais modernas do tempo dos frades, os quaes todavia não chegaram a leval-a a cabo. Só ha poucos annos se completou a obra, revestindo-se de embrechados a frontaria, e construindo-se a escada que a ella conduz. É completamente assombrada por cedros altissimos plantados no plano superior, que formam com seus ramos um formosissimo toldo de verdura.

Fonte de Sancto Elias

Acima um pouco da ermida de Sancto Elias encontrava-se a fonte d'esta denominação. D'esse ponto foi ha annos desviada a sua agua, um tanto ferrea, para uma nova fonte, similhante á da Samaritana, construida ao lado superior da rua da Rainha.

Fonte de S. Silvestre

Encontra-se no topo da linda rua da mesma denominação, superiormente á cascata. Toda a sua frente era revestida de embrechados, hoje substituidos ou cobertos por engraçadas heras e mimosos fetos, que lhes dão um aspecto por extremo pittoresco.

Fonte do Carregal

Fica ao lado da via sacra e quasi contigua á clareira do convento. No anno de 1883 foi completamente reconstruida por nova traça, delineada pelo sr. Francisco Ferreira de Loureiro. Um arco abatido, e de pouco fundo, formado ao rude por conglomerados da propria serra do Bussaco, e estribado em pilastras do mesmo material, abriga uma parede, forrada de stalactites e tufo calcareo de Condeixa, no meio da qual, em uma cavidade similhando pequena gruta, apparece a agua em forma de chuveiro e d'ahi sai jorrando por uma gargula para uma pia de granito. Esta obra deve merecer a approvação dos amadores da architectura primitiva do Bussaco, com a qual se harmonisa bastante.

Fonte da Samaritana

D'esta fonte já demos noticia a pag. 39 d'este livro.



XIX

BEMFEITORES

Entre os bemfeitores do Bussaco, tres se distinguem principalmente, que entendemos dever commemorar neste livro de modo especial: o bispo conde *D. João Manuel,* por haver doado aos carmelitas a parte da serra onde fundaram o seu deserto; o reitor da Universidade *Manuel de Saldanha,* e o bispo conde *D. João de Mello,* pelas muitas e importantes obras que alli realizaram, e com que ennobreceram singularmente aquelle saudoso ermo. A abertura da via-sacra, as ermidas de S. José, do Sepulchro e de S. João, a Cruz Alta, e as capellas de Sancto Antão e da Samaritana, tudo foi construido por Manuel de Saldanha. Foi ainda elle quem mandou plantar no Bussaco os seus primeiros cedros, que formam hoje a parte mais bella da encantadora floresta. Ao bispo conde D. João de Mello se devem as capellinhas de via-sacra, a Fonte Fria e a ermida do Calvario.

É pois de justiça que apresentemos aqui algumas notas biographicas d'estes varões prestantes, cuja memoria intimamente se liga com a historia do Bussaco.

D. João Manuel

D. João Manuel foi natural de Lisboa, e teve por progenitores a D. Nuno Manuel, senhor das villas de Atalaya, Tancos e Sinceira, e alcaide-mór de Marvão, e a D. Joanna d'Atayde, filha dos primeiros condes da Castanheira, D. Antonio d'Atayde e D. Anna de Tavora.

Na Universidade de Coimbra applicou-se D. João Manuel ao estudo da theologia, em cuja faculdade recebeu o gráu de doutor. A 2 de março de 1596 foi admittido a collegial do collegio de S. Pedro da mesma cidade.

No anno de 1602, no dia 1.º de abril, Filipe II de Hespanha lhe passou carta de esmoler-mór. Pelo arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro foi provido no logar de conego da sua cathedral, do qual tomou posse a 28 de junho de 1607.

Por morte de D. João de Bragança, bispo de Vizeu, foi nomeado por Filippe II para succeder nesta dignidade; e, havendo sido sagrado a 21 de março de 1610, entrou na sua diocese a 25 de abril do mesmo anno.

No anno de 1617 fez imprimir as Constituições do seu bispado.

Da prelazia de Vizeu passou para a de Coimbra no anno de 1625, tomando posse a 26 de maio.

Para solemnisar a canonisação da Rainha Sancta Isabel, realizada em 25 de maio de 1625, fez celebrar em Coimbra á sua custa festas pomposas e esplendidas.

Na juncta dos bispos, que se reuniram em Thomar no anno de 1626 por ordem de Filippe II para se tractarem varios negocios ecclesiasticos, occupou o logar de secretario.

No anno de 1632 foi assumpto ao arcebispado de Lisboa. Foi tambem nomeado vice-rei de Portugal, e já o era em 13 de abril de 1633. Ao tempo da sua nomeação de arcebispo, achava-se D. João Manuel em Madrid para concluir os negocios da juncta de Thomar, e

por este motivo tomou posse por procuração em 13 de maio de 1633.

Apenas por alguns dias logrou D. João Manuel a posse dos dois altos cargos a que havia sido elevado, pois que no dia 4 de junho de 1633 falleceu em Lisboa, nos paços da Ribeira, onde residia na qualidade de vice-rei. Foi sepultado na capella-mór do convento de Jesus dos religiosos da Terceira ordem de S. Francisco, no sitio dos Cardaes, em Lisboa, capella que mandára edificar, sendo bispo de Vizeu, para seu jazigo e dos condes de Atalaya ([1]).

Adornara D. João Manuel a capella do seu jazigo com magnificas peças de ouro e prata, e outras custosas alfaias do culto divino, entre as quaes é digno de menção especial, por ser obra de muito merecimento artistico um missal cam illuminuras e bellas estampas, obra de Estevam Gonçalves Neto ([2]).

Manuel de Saldanha

Manuel de Saldanha nasceu em Lisboa. Foram seus paes João de Saldanha, commendador de Alcains e Salvaterra na Ordem de Christo, e D. Leonor de Menezes, dama da Rainha D. Catharina, e filha de D. Rodrigo de Menezes, governador da Casa do Civel.

([1]) Veja *Bibliotheca Lusitana,* por Diogo Barbosa Machado; *Catalogo dos Bispos de Vizeu,* por João Col; *Catalogo dos Bispos de Coimbra,* por F. L. Ferreira; *Agiologio Lusitano,* por George Cardoso, t. I, pag. 87: *Mappa de Portugal,* por João Baptista de Castro; *Retratos e Elogios de Varões e Donas,* por Pedro José de Figueiredo; *Memoria ácerca da Sé de Lisboa,* por Villela da Silva, na *Revista Universal Lisbonense* de 1857, n.º 9, etc.

([2]) Este rico missal pertence hoje á Academia Real das Sciencias. Veja o que dizem d'este bello trabalho Cyrillo Volkmar Machado a pag. 46 da *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores, etc.,* Ignacio de Vilhena Barbosa a pag. 105 do vol. 1.º dos seus *Estudos Historicos e Archeologicos,* e o Abbade de Castro no *Archivo Pittoresco,* vol. 10.º, pag. 72.

Seguiu Manuel de Saldanha os estudos da Universidade de Coimbra, na qual recebeu o gráu de licenciado em canones. Depois foi inquisidor do tribunal do Sancto Officio de Evora.

Por este tempo costumava a Universidade eleger os seus reitores de tres em tres annos em uma lista triplice, e competia ao monarcha confirmar um dos tres individuos escolhidos. Sendo Manuel de Saldanha um dos nomeados pela Universidade, foi provido em tão honroso cargo por Filippe IV, que por provisão de 11 de setembro de 1638 assim o participou á Universidade (1). A 3 de fevereiro de 1639 tomou posse do logar e prestou o respectivo juramento.

Tornou-se assignalada a epocha do seu governo universitario por varios actos e obras importantes que Saldanha realisou, e por varios acontecimentos notaveis succedidos em seu tempo.

Por provisão de 19 de maio de 1640 ordenou-lhe Filippe IV continuasse com a reformação dos estatutos, desonerando d'este encargo a D. André d'Almada (2).

Realizando-se em Lisboa no dia 1.º de dezembro de 1640 a gloriosa acclamação d'el-rei D. João IV, os governadores do reino escreveram ao reitor a carta seguinte:

Os Arcebispos, Governadores d'estes Reinos, acclamados pela nobreza em ausencia do Duque, etc., fazemos saber a Manuel de Saldanha, Reitor da Universidade de Coimbra, que sabbado primeiro d'este mez a nobreza e povo d'esta cidade appelidaram por Rey d'estes Reinos ao duque de Bragança Dom João, que se tem mandado chamar, e nós desejando evitar mortes e escandalos temos dado as ordens necessarias para se quietar a Cidade (como se tem conseguido), e está occupado o Castello,

(1) A provisão original está a fl. 1 do *Livro 3.º das Provisões*, existentes na secretaria da Universidade.

(2) Citado *Livro 3.º das Provisões*.

saindo-se d'elle os soldados castelhanos que o occupavam, e hoje se entregam as fortalezas da barra, pelo que lhe ordenamos e mandamos, que nessa cidade façam o mesmo appellidando ao Duque por Rey, e procedendo com toda a quietação particularmente nos estudantes, e de como se fez assy se avisará por este mesmo correo. Em Lx.ª a 3 de Dezembro de 1640. D. Seb. Arcebp.º Primaz—R. Arcebp.º de Lisboa (1).

Esta carta foi lida em claustro, e immediatamente se acclamou a el-rei D. João IV, levantando o reitor o primeiro *viva* (2).

Em 24 de dezembro escreveu o monarcha uma carta muito honrosa a Saldanha, agradecendo-lhe e á Universidade as demonstrações de alegria com que o acclamaram e confirmando-o no seu cargo (3).

Por provisão de 14 de novembro de 1641 foi Saldanha encarregado por D. João IV de reformar os estatutos da Universidade (4).

No anno seguinte recebeu o reitor nova e honrosa distincção do monarcha, que, por provisão de 17 de março (5), lhe prorogou sem limitação de tempo o governo universitario, até então triennal.

Ateando-se a guerra porfiada da independencia, travada com Castella depois do brilhante feito de 1640, careceu el-rei D. João IV do auxilio e soccorros da Universidade; e a primeira corporação scientifica do paiz, que com tanto jubilo acclamára o monarcha portuguez,

(1) Citado *Liv. 3.º das Provisões* a fl. 44.

(2) Quem desejar noticias do modo como se fez na Universidade e em Coimbra a acclamação de D João IV, e das festas e demonstrações de regosijo havidas por esta occasião, veja o livro *Applausos Academicos*, a *Chronica dos Conegos Regrantes*, etc.

(3) Esta carta está no *Liv. 3.º das Provisões*, fl. 46, e já foi publicada no *Conimbricense*, n.º 2020.

(4) *Liv. 3.º das Provisões*, fl. 80.

(5) *Liv. 3.º das Provisões*, fl. 100.

tambem agora, no momento do perigo, trocando os livros pelas armas e animada dos mais cavalleirosos sentimentos, corre ao Alemtejo, disposta a pugnar valorosamente em prol da independencia nacional. Por cartas de 3, 5 e 6 de dezembro de 1644 ([1]) ordenou el-rei a Manuel de Saldanha que fizesse armar os estudantes, formasse algumas companhias, e passasse com ellas ao Alemtejo, porque tivera aviso de que o inimigo se dispunha para sitiar a cidade de Elvas.

Tractando o reitor de executar estas determinações, recebeu outra carta, de 9 do mesmo mez ([2]), na qual lhe ordenava el-rei que suspendesse a marcha por ter constado que o inimigo levantára vergonhosamente o cerco de Elvas e se recolhêra a Badajoz. Por cartas de 11 e 19 de janeiro de 1645 ([3]) agradeceu D. João IV ao reitor e á Universidade o bom animo em que estavam para o servir.

Em 22 e 25 de outubro de 1645 tornou el-rei a escrever a Manuel de Saldanha ([4]), a fim de marchar com os estudantes ao Alemtejo, e d'esta vez realizou-se a expedição composta de 630 homens. Noticiando este facto, expressa-se da seguinte maneira o chronista dos conegos regrantes, D. Nicolau de Sancta Maria: «E querendo mostrar o illustre reitor que as letras lhe não embotavam a lança, e que era verdadeiro Saldanha, e que seus estudantes não eram menos diligentes em acudir ao tambor da guerra que ao sino das escholas, passou á fronteira de Elvas com seis companhias de estudantes, que eram em numero 630, todos mui lus-

([1]) Encontram-se a fl. 177, 179 e 181 do *Liv. 3.º das Provisões*, e já foram publicadas no *Conimbricense*, n.º 2228.

([2]) Está no *Liv. 3.º das Provisões*, fl. 183, e foi publicada no citado n.º do *Conimbricense*.

([3]) *Liv. 3.º das Provisões*, fl. 191 e 193. A carta de 11 de janeiro publicámol-a no *Instituto*, vol. XVI, pag. 91.

([4]) As cartas de 22 e 25 estão a fl. 228 e 229 do *Liv. 3.º das Prov.* e foram publicadas no citado n.º do *Conimbricense*.

lustrosos e animosos para defender seu rei natural e sua patria ([1])».

Em cumprimento de que lhe ordenara o monarcha por carta de 17 de janeiro de 1646 ([2]), procedeu o reitor com a Universidade, no dia 28 de julho do mesmo anno, ao solemne juramento de defender a Immaculada Conceição de Maria Sanctissima, e para memoria d'este acto mandou gravar uma inscripção latina, que foi collocada na capella da Universidade juncto do altar de Nossa Senhora ([3]).

Por outra carta de 19 de junho de 1649 foi encarregado por el-rei de lançar em seu nome a primeira pedra do novo mosteiro de Sancta Clara de Coimbra ([4]), ceremonia que effectuou com grande pompa no dia 3 de julho do mesmo anno.

No edificio da Universidade fez Manuel de Saldanha algumas obras importantes. Mandou ornar a sala dos *exames privados* com os retratos dos reitores que o precederam desde o tempo em que el-rei D. João III trasladou a Universidade para Coimbra em 1537. Em 1654 e 1655 restaurou na forma em que hoje se vê a *sala grande* ou dos *capellos*, e a adornou com os retratos dos nossos monarchas.

Em 1654 mandou fazer nova edição dos Estatutos da Universidade, que foram confirmados por el-rei D. João IV.

De 13 de fevereiro de 1642 vimos uma carta, em cujo sobrecripto ([5]) encontrámos pela primeira vez o tractamento de bispo eleito de Vizeu dado a Saldanha.

([1]) *Chronica dos Conegos Regrantes,* P. 2.ª, pag. 296. No vol. XVI do *Instituto* publicámos num artigo intitulado *Jornada da Universidade a Elvas em 1645* alguns documentos interessantes, até então ineditos, relativos a esta expedição.

([2]) *Liv. 3.º das Provisões,* fl. 237.

([3]) Vej. *Chron. dos Con. Reg.* P. 2.ª, pag. 422.

([4]) *Liv 3.º das Provisões,* fl. 334.

([5]) É o sobrescripto que forma a fl. 127 do *Liv. 3.º das Prov.* e que pertence á carta que forma a fl. 126.

D'esta dignidade não se chegou a alcançar do papa a confirmação no verdadeiro sentido da palavra, por estarem nesta epocha interrompidas as nossas relações com a Curia Romana. Passados tempos, o pontifice nomeou effectivamente Saldanha bispo de Vizeu, mas indicando que procedia de motu proprio, sem alludir á apresentação do monarcha, como se vê de uma carta por este escripta ao reitor em 8 de julho de 1645, na qual dizia el-rei que se *recebeu aviso de Roma que S. S.de havia confirmado os bispados da Guarda, Vizeu e Miranda nas pessoas por my nomeadas, mas de seu motu proprio sem fazer menção das minhas presentações, nem ainda de meu Real nome, cousa tão prejudicial ao direito d'esta coroa como se deixa considerar* (1).

Saldanha não foi sagrado bispo de Vizeu. No anno de 1655 foi nomeado por el-rei para bispo de Coimbra, mas, continuando Roma na sua teimosia, não chegou a tomar posse d'esta diocese (2).

Falleceu este varão egregio ou no dia 17 de agosto de 1659, conforme o livro dos obitos de S. Salvador de Moreira, citado por F. Leitão Ferreira no seu Catalogo dos bispos de Coimbra; ou a 15 ou a 16, como se lê no Catalogo dos reitores da Universidade por Figueirôa. N'este livro se diz constar que a 16 fôra sepultado na egreja do Bussaco.

(1) *Liv. 3.º das Prov.* fl. 215.

(2) Sómente no reinado de D. Affonso VI se terminou a contestação com Roma ácerca dos bispos, reconhecendo a curia o direito dos reis de Portugal á apresentação e confirmando os sujeitos nomeados pelo monarcha portuguez. A este tempo já Saldanha era fallecido. Vide sobre esta questão um artigo intitulado *Breve historia critica, na qual se mostra quando e como os Senhores Reis de Portugal adquiriram a prerogativa de nomear os bispos dos seus reinos,* composta pelo dr. José Ignacio da Rocha Peniz, e inserta no *Jornal de Coimbra,* vol. 3.º (1813), pag. 9.

D. João de Mello

D. João de Mello, filho de Jorge de Mello, mestre sala d'el-rei D. João IV, vedor da casa da rainha D. Luiza e commendador de Gulfar, e de D. Margarida de Tavora, da casa dos senhores de Murça, nasceu em Evora no anno de 1624. Em 1641 entrou para porcionista no collegio de S. Paulo de Coimbra, e aqui se dedicou ao estudo de direito canonico.

Na sua patria foi deputado do Sancto Officio, logar de que tomou posse em 25 de maio de 1650, e em 2 de abril de 1657 tomou posse do cargo de inquisidor. Foi tambem prior da egreja de S. Thiago de Evora.

Dotado de espirito extremamente devoto, retirou-se D. João de Mello em 1663 para a serra da Arrabida, a fazer vida penitente na ermida do Bom Jesus, e em exercicios piedosos ahi assistiu por cinco annos. Andando el-rei D. Pedro II a caçar por aquellas paragens, acertou de entrar na ermida a tempo em que D. João de Mello celebrava missa. Assistiu a ella o monarcha, e edificando-se muito da pausa, devoção e modestia do celebrante, informou-se de quem era aquelle ermitão, e o nomeou bispo de Elvas.

Escusou-se a principio o humilde religioso de acceitar cargo tão elevado; mas depois, por obediencia ao seu director espiritual, consentiu na nomeação. Em 18 de setembro de 1671 tomou posse do bispado.

Da sé de Elvas foi transferido para a de Vizeu em 1673, e por fim para a de Coimbra. D'esta tomou posse em julho de 1684.

D. João de Mello foi zelosissimo do culto divino, e muito caritativo para com os pobres. Na sé de Coimbra fez obras de muita despeza. Abriu-lhe novas janellas, levantou de novo a torre grande, e ornou o coro e algumas capellas com ricas armações e retabulos. Construiu dos alicerces, no mesmo logar da antiga, a egreja

de S. João de Almedina em Coimbra. Fez o convento das freiras de Sandelgas, grande parte do de Louriçal, e a egreja e muros da cêrca do de Semide. Comprou para recolhimento de convertidas o edificio chamado *Paço do Conde* em Coimbra. Concorreu com importantes donativos para a fabrica da egreja do collegio da Companhia de Jesus da mesma cidade (1).

No anno de 1693, passando por Coimbra a rainha de Gran'Bretanha D. Catharina, filha d'el-rei D. João IV, hospedou-a magnificamente no seu paço episcopal e á maior parte da sua numerosa comitiva (2).

Em 1697 e 1698 procedeu em Lorvão ás competentes inquirições para se beatificarem as infantas D. Thereza e D. Sancha, filhas de D. Sancho I (3).

Falleceu D. João de Mello no dia 28 de junho de 1704 na sua quinta de S. Martinho, perto de Coimbra. Foi sepultado na egreja do Bussaco, e ahi tem o epitaphio que já copiámos a pag. 56 (4).

(1) Dignus est, qui nostris Annalibus inseratur Joannes Mellus, Episcopus Conimbricensis, obivit 28 Junii. In pauperes egregiè liberalis reditus suos nec sibi, nec consanguineis locupletandîs, sed alendis Christi pauperibus impendit. Non parum suis subsidiis juvit opus crucis et aræ principis nostri templi. Concessit ligna cædi in Episcopi silva ad sumptuosum pegma aræ majoris: adjecit pecuniarum mille et quingentos cruciatos... — *Synopsis Annalium Societatis Jesu ab anno 1540 usque ad annum 1725* por Antonio Franco, pag. 416.

(2) A rainha demorou-se tres dias em Coimbra. Cento e cinco pessoas da sua comitiva estiveram com ella hospedadas no paço episcopal. Orçou-se a despeza feita pelo bispo com esta hospedagem em mais de oito mil cruzados.

(3) Veja *Vida de Sancta Thereza* por Joseph Pereira Bayão, annotada por fr. Manuel de Figueiredo, pag. 139 e 140.

(4) Além das obras que temos citado nas notas a este artigo, consultámos as seguintes:

Evora Gloriosa por Fonseca; *Agiol. Lusit.* t. 4.º, dia 4 de Agosto; *Catalogo dos Bispos de Coimbra,* por Francisco Leitão Ferreira; *Catalogo dos Bispos de Vizeu,* por João Col; *Memorias do Collegio Real de S. Paulo,* por D. Joseph Barbosa, etc.



XX

VISITAS REGIAS

N'ESTE capitulo daremos noticia das visitas que ao Bussaco fizeram el-rei D. Pedro II em 1704, o archiduque Carlos, com o titulo de Carlos III de Hespanha, no mesmo anno, a senhora D. Maria II em 1852, e a senhora D. Maria Pia em 1877. Em um livro que tracta da historia do Bussaco cabem estas commemorações, que quasi todas se prendem tambem á historia geral do paiz. Apontaremos as causas que determinaram estas visitas.

Visita de D. Pedro II em 1704

Fallecendo no anno 1700 Carlos II de Hespanha, sem deixar filho que lhe succedesse, originou-se na Europa grave conflagração por causa das varias pretenções ao throno que vagara. Por testamento do rei catholico foi chamado á successão seu sobrinho Filippe, duque de Anjou, neto de Luiz XIV de França, o qual foi realmente acclamado com o nome de Filippe V, e assim se extingiu em Hespanha a linha da casa de Austria, e começou a reinar a de Bourbon.

Filippe era apoiado pela Hespanha e pela França; a Allemanha, porém, Inglaterra, Hollanda, Portugal e Saboia ligaram-se a favor de Carlos, archiduque de Austria. Portugal abraçou este partido em virtude de um tractado que se assignou em Lisboa a 16 de maio de 1703 (1). Ficou esta liga conhecida na historia pelo nome de *grande alliança*.

Em 12 de setembro de 1703 foi em Vienna d'Austria acclamado rei de Castella o archiduque Carlos com o nome de Carlos III.

Dirigiu-se o archiduque a Portugal, e desembarcou em Lisboa no dia 7 de Março de 1704. El-rei D. Pedro II fez-lhe uma recepção pomposissima (2).

Como se tinha resolvido que D. Carlos entrasse em Hespanha pela nossa provincia da Beira, deliberou o nosso monarcha ir á fronteira; e sahiu de Lisboa em 28 de maio de 1704, seguido de uma comitiva de faustoso apparato. Posteriormente sahiu tambem D. Carlos, e veiu junctar-se com D. Pedro em Santarem.

D'esta villa adeantou-se na jornada o nosso monarcha a 3 de agosto de 1704, deixando D. Carlos alguma cousa incommodado de saude.

Entrou D. Pedro em Coimbra no dia 8 d'aquelle mez. Juncto da capella da Senhora da Esperança o foram esperar o reitor da Universidade D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e alguns lentes, todos em carruagens, e dalli o acompanharam até os paços da Universidade, onde se aposentou.

Em Coimbra visitou el-rei o convento de Sancta Cruz, de Sancto Antonio dos Olivaes, o collegio de S. José e o mosteiro de Sancta Clara, e neste viu o corpo da Rainha Sancta Izabel.

(1) As condições d'este tractado podem ver-se na *Historia Genelogica da Casa Real*, tom. 7.

(2) Póde ver-se descripta esta recepção nos *Fastos da Lusitania* por Barbosa Machado, t. 2.º, pag. 97.

Varias corporações de Coimbra offereceram a D. Pedro II, por occasião da sua passagem, magnificos presentes. O cabido (*sede vacante* pela morte do bispo D. João de Mello) offereceu-lhe mil moedas; o reitor da Universidade 15 mil cruzados das rendas da mesma Universidade. Estas quantias agradeceu muito el-rei e as mandou applicar para pagamento dos soldados. A abbadessa de Santa Clara mandou-lhe um magnifico presente de doces, que elle repartiu pelos grandes, fidalgos, officiaes da casa e ministros que o acompanhavam. A camara tambem lhe mandou outro grande presente. ([1])

Sahiu el-rei d'esta cidade aos 23 de agosto, e neste dia foi aposentar-se na villa da Vacariça. No dia immediato, domingo, foi visitar o mosteiro e cêrca do Bussaco. Eis como descreve esta visita o chronista, fr. João do Sacramento:

«Aos 24 de agosto de 1704 entrou naquella casa o Serenissimo e piissimo Rey D. Pedro II de saudosa memoria; e portou-se nella com a ternura e compuncção, de que podiam apprender os que alli leva, não o espirito, senão a curiosidade. Como depondo a Majestade, se humanou com os ermitães com a affabilidade e amor de seu irmão pelo sagrado escapulario, que em Lisboa havia recebido da mão do P. Frey Antonio da Natividade, prior actual do nosso convento dos Remedios. Discorrendo o sitio, não acabava de engrandecer as humildes estancias d'aquelles pobres ermitães, honrando-os como a homens amigos de Deos, e validos do maior Rey. Succedeu que, visitando a ermida da Nossa Madre Sancta Theresa, começou a chover; e fazendo sentar o ermitão, com quem ficou só, em um pequeno banco, fez o mesmo no estrado do altar a seus pés, praticando familiarmente com elle, até que a chuva cessou. Na ermida do Sancto Sepulchro (que repetidas vezes acreditou pela honra d'aquelle ermo) instava o solitario em beijar-lhe a mão;

([1]) Vide *Hist. Genealogica da Casa Real*, t. 7.º, pag. 564.

mas não podendo conseguil-o, se não pôde escusar de dar-lhe a sua para o mesmo effeito. No passo do Horto, e muitos outros logares, não pôde reprimir as lagrimas, que sem licença da Majestade lhe fez derramar a compuncção. Repetiu no dia seguinte a visita já de caminho para Almeida, com o protesto de que, voltando bem succedido, faria alli conduzir os senhores infantes seus filhos, a fim de mostrar-lhes naquelle ermo o que de seus reinos e senhorios sobre tudo estimava. Não foi Nosso Senhor servido que ao designio da jornada respondesse o effeito, mas nem por tanto se esqueceu o devoto monarcha do sancto deserto, que levara impresso mais que na memoria.

«Adeantando-se, na retirada, da sua comitiva, chegou só á portaria, onde de presente servia de official o servo de Deos Frey Dionysio da Ascenção, perpetuo de muitos annos naquella casa; que, desconhecendo-o, lhe perguntou que queria. *Sou um soldado* (lhe respondeu el-rei) *que pela devoção d'este logar o quizera ver*. *Se vossa mercê traz licença* (lhe replicou o ermitão) *com a benção de Deos, que sem ella não me é licito admittil-o á clausura, nem guial-o ao convento*. Nisto se entretinha o bom rei com o bom vassallo, até que chegando um criado de casa, e logo alguns da familia real, cahiu o ermitão no erro, e aos pés do Rey, que da terra o levantou com desusada piedade.»

Visita de D. Carlos III de Hespanha em 1704

D. Carlos entrou em Coimbra no dia 27 de agosto de 1704. O reitor da Universidade, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, com alguns lentes o foram tambem esperar juncto da capella da Senhora da Esperança, indo aquelle em liteira e estes a cavallo. Apeou-se o reitor, e acompanhado dos lentes fez seu comprimento a D. Carlos, que o ouviu e lhe respondeu com o chapéo na mão. Em seguida vieram acompanhando o monarcha até os paços da Universidade, onde se hospedou.

Junto da porta da ponte foi el-rei recebido pelo senado, e alli lhe dirigiu o discurso de recepção o vereador Manuel do Valle, e lhe offereceu as chaves da cidade. D. Carlos, tirando o chapéo, poz a mão nas chaves e ordenou ao vereador as tornasse a recolher.

No dia 29 visitou D. Carlos o convento de Sancta Clara, onde foi recebido com pallio e *Te-Deum*, e ahi ouviu missa e venerou o corpo da Rainha Sancta Izabel, cujo caixão foi aberto na sua presença.

No dia 28 foi ouvir missa á capella da Universidade. Á entrada o capellão mór, acompanhado de outros capellães com capas de esperges e massas, deu a beijar ao monarcha uma reliquia do santo lenho. Cantou-se *Te-Deum*. e foi el rei recebido com pallio, em cujas varas pegavam os quatros lentes maiores das quatro faculdades. Este mesmo ceremonial de reliquia, pallio e *Te-Deum* se observou quando D. Carlos foi visitar a egreja de Sancta Cruz e a dos Jesuitas.

Sahiu D. Carlos de Coimbra no 1.º de setembro de 1704, e o reitor o foi acompanhar com os lentes fóra da cidade. Quando chegaram ao Loreto, mandou el-rei dizer ao reitor que se podia recolher.

Assim como o monarcha portuguez, tambem o rei *catholico* recebeu grandes presentes, quando passou por Coimbra. O cabido offereceu-lhe cincoenta caixas grandes com varios doces, vinte duzias de gallinhas, treze duzias de perús, quatro duzias de carneiros, dezesete vitellas e trinta patos. O geral de Sancta Cruz offereceu-lhe vinte e sete taboleiros com varias fructas, doze caixas de assucar, cento e duas caixas de varios doces, seis duzias de presuntos, quatro barris grandes de manteiga. A camara municipal presenteou-o com doze duzias de gallinhas, quatro duzias de perús, quatro duzias de patos, duas duzias de carneiros, e uma duzia de vitellas (1).

(1) Todos estes pormenores da viagem de D. Carlos até á sua sahida de Coimbra constam de uma noticia manuscripta intitu-

Em seguida passou D. Carlos pelo Bussaco. Da sua visita não sabemos pormenores. O chronista dos carmelitas descalços não os dá, e só diz que o monarcha se edificára muito d'aquelle sancto logar.

Visita da sr.ª D. Maria II em 1852

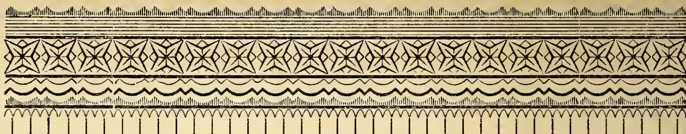
A senhora D. Maria II, por occasião da sua viagem ás provincias do norte em 1852, tambem visitou o Bussaco. Tendo terminado as dissensões e lutas civis que por alguns annos haviam perturbado o socego do reino, e havendo-se inaugurado com a nova situação politica de 1851 uma epocha auspiciosa para a nação, a senhora D. Maria II resolveu no anno seguinte visitar as provincias do norte, como para solemnisar e firmar a tranquillidade publica.

Entrou em Coimbra com o sr. D. Fernando e seus dois filhos, os srs. D. Pedro e D. Luiz, no dia 23 de abril de 1852. É dos nossos dias a festiva e esplendida recepção que lhes foi feita pela cidade e pela Universidade. SS. MM. e AA. sahiram de Coimbra no dia 26 de manhã, e neste mesmo dia visitaram o Bussaco, aonde chegaram pouco antes das duas horas. A camara municipal da Mealhada offereceu-lhes um almoço, que foi servido no refeitorio do convento.

Visita da senhora D. Maria Pia em 1877

Unicamente com o fim de passar alguns dias de recreação, a senhora D. Maria Pia esteve no Bussaco, com seus dois filhos, desde 6 até 20 de agosto de 1877.

lada *Relação da chegada do Archiduque Carlos de Austria a esta côrte de Lisboa em o dia 7 de março de 1704, escripta pelo duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira,* a qual está no volume dos manuscriptos da bibliotheca da Universidade, classificado com o n.º 601. Esta relação tem no fim a assignatura — *O Duque.* Veja tambem a *Hist. Genealogica da Casa Real,* tomo 7.º, pag. 565.



XXI

DESTERRADOS

O Bussaco serviu de logar de prisão e desterro a varios personagens, que quasi todos para alli foram mandados em virtude de successos importantes da nossa historia politica.

Neste capitulo diremos pois dos desterrados do Bussaco.

Meninos de Palhavã (D. José e D. Antonio)

Todos sabem a vida aventurosa d'el-rei D. João V durante a sua mocidade. Rebello da Silva nol-a descreveu de um modo encantador no seu mais bello romance.

Não foram sem fructo os amores do monarcha enamorado e galanteador. Tres filhos illegitimos, que se saiba, lhe resultaram d'elles: D. Gaspar, D. José e D. Antonio, aos quaes o vulgo chamava *Meninos de Palhavã,* por terem sido criados no palacio d'esta localidade, e assim os ficou denominando ainda durante a sua edade avançada.

Os annos da sua mocidade passaram estes bastardos do rei no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sendo aqui educados sob o cuidado e direcção do celebre reformador da ordem dos cruzios e grande valido de D. João V, fr. Gaspar da Encarnação.

Aconselhado por ventura por este seu particular ministro, ou talvez levado da affeição que consagrava a seus filhos, ou ainda por escrupulos de consciencia, quiz o monarcha, achando-se gravemente doente nas Caldas da Rainha, deixal-os reconhecidos como taes, e assim o fez por uma curiosa declaração, datada de 6 de agosto de 1742. (1)

El-rei D. José, sendo-lhe presente esta declaração, passou um decreto em 20 de abril de 1752, pelo qual confirmou o reconhecimento que seu pae fizera; e a 18 de janeiro de 1755 mandou ir para Lisboa seus irmãos, e os reconheceu e fez reconhecer pela côrte; deu-lhes casa, e ordenou que fossem tractados com as distincções, honras e grandezas que convinham á sua hierarchia.

No anno seguinte nomeou a D. Gaspar arcebispo de Braga. D. José foi agraciado com o alto cargo de inquisidor geral, do qual tomou posse em setembro de 1758.

Passados pouco menos de dois annos (21 de julho de 1760), D. José e D. Antonio eram involvidos numa escolta de cavallaria e desterrados para o Bussaco. (2)

(1) Pode ver-se este documento no *Instituto* vol. xv, pag. 232, em um artigo nosso intitulado *Os Meninos de Palhavã.*

(2) No livro *Rerum Lusitanarum Ephemerides* commemora o padre Antonio Pereira de Figueiredo a sahida dos dois irmãos para o seu desterro nestes termos:

Julii die xxi. Valida equitum manu stipati in Bussacensem solitudinem relegantur a Rege Antonius et Josephus ejus fratres, Joannis Quinti Regis nothi filii, ob eamque causam regio plane cultu et honore antea a fratre Rege habiti.

Acerca do motivo que originou o desterro dos dois irmãos para o Bussaco têm corrido varias versões [1].

O sr. Camillo Castello Branco no seu livro *Perfil do Marquez de Pombal* narra a historia deste degredo originando-o na falta de approvação do Santo Officio ao livro *De Potestate Regia*, obra elaborada sob os auspicios do conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, pelo intendente geral da policia João Ignacio Ferreira Souto, na qual se diffundiam os principios do regalismo, ou supremacia do poder real sobre o ecclesiastico, e que era por assim dizer a justificação do systema do governo relativamente ás relações entre a egreja e o estado. Diz o sr. Camillo Castello Branco:

«D. José,» (um dos meninos de Palhavã) «que tinha sido educado em Sancta Cruz de Coimbra com os conegos regrantes, era muito affeiçoado a estes frades, e particularmente a D. João VI de Santa Maria de Jesus, do mosteiro de S. Vicente. Os cruzios não gostavam de Sebastião José de Carvalho ....

Além d'isso, o cruzio, zelador intransigente da auctoridade pontificia e das prerogativas ecclesiasticas, não podia consolar-se da ruptura com Roma e das truculentas publicações que o conde bafejava a favor do poder dos reis... O ministro sabia que D. João era o mentor do *menino* de Palhavã, inquisidor geral, e que um livro intitulado *De Potestate Regia*, por suggestões do conego regrante, não sahia approvado da mesa do Sancto Officio ....

Soube o minstro que o cruzio D. João VI preponderava nas deliberações do inquisidor geral em approva-

(1) Uma d'ellas pode ver-se na obra intitulada *Les Prisons du marquis de Pombal... journal publié par A. Carayon*, pag. 103; outra na *Vita di Sebastiani Giuseppe di Carvalho e Mello*, impressa em 1781 (sem indicação do logar onde o foi); ainda outra no *Summario de Varia Historia* de José Ribeiro Guimarães, tom. 3.º D'estas tres versões apresentámos extractos no *Instituto* de 1872, vol. xv, pag. 232.

ções de livros. Deixou esplosir o abcesso do odio recondito. Em 25 de julho de 1760 foi a Palhavã e disse a D. José de Bragança que sua majestade ordenava que D. João VI fosse preso. O inquisidor respondeu humildemente que o enviava para o seu mosteiro e lá o prendessem. O conde conveiu na proposta sem discussão. O cruzio entrou numa seje com um leigo, depois que o conde sahiu e deu ordens ao corregedor, que o esperava fóra. Apenas a seje do frade sahiu de Palhavã, o corregedor mandou apear o leigo, metteu-se na seje com o cruzio e mandou ao boleeiro que largasse para o forte da Junqueira...................................

O inquisidor, offendido pela prisão do seu amigo, e escrupulisando com a transferencia do Malagrida do forte da Junqueira para os carceres do Rocio, pediu a sua demissão de inquisidor geral em 5 de julho, dez dias depois do successo.

O conde fez sem demora lavrar o decreto da demissão e convenceu facilmente o rei de que seus irmãos impugnavam e tolhiam o regular processo das reaes providencias. Em 19 de julho, durante a noite, foi cercado o paço de Palhavã, e, ao romper do dia 20, os dois Braganças... foram intimados para entrarem na escolta de cavallaria que os esperava...

Os filhos de D. João V seguiram para o Bussaco.»

Esta narrativa da causa do desterro de D. José e D. Antonio para o Bussaco, apesar de baseada no *diario* de um contemporaneo — *um conego regrante insuspeito, que deixa transluzir... certo affecto a Sebastião José de Carvalho*, como diz o eximio escriptor, o sr. Camillo Castello Branco, offerece, não obstante, suas duvidas. Demais devemos advertir que o desterro de D. Antonio se acha ahi mui pouco satisfactoriamente explicado.

Talvez se deva procurar a principal causa do desterro dos dois irmãos numa conjuração jesuitica a que elles se tinham aggregado, conforme se colhe de um importante despacho do secretario de estado D. Luiz

da Cunha, com data de 23 de agosto de 1760, para Martinho de Mello e Castro, enviado na corte de Londres, no qual, entre outras noticias interessantes, se lêem as seguintes:

«Desde o fim do mez de Novembro do anno proximo passado, soubemos com toda a certeza: Que o Cardeal Torriggiani, de accordo com os Jesuitas de Roma, havia machinado huma nova sedição nesta Côrte: Que havia instruido o Nuncio Acciajouli para a promover: e que o mesmo Nuncio desde o mez de Janeiro d'este presente anno segurava ao referido Cardeal que tinha consummado a dita sedição, lisonjeando-se de que ella faria todo o pernicioso progresso que o mesmo Torriggiani desejava.

Não podiamos comtudo comprehender quem eram os novos conjurados, nos quaes o dito Nuncio Acciajouli fundava tão grandes esperanças, athé que (depois de tantas e tão exactas diligencias, como fazia indispensaveis a importancia de tão delicada materia) veio a descobrir-se por provas claras e concludentes que o atrevimento d'aquelles dois indignos Purpurados *tinha chegado a corromper debaixo de promessas e de esperanças temerarias e vans, athé o mesmo Sangue Real nas Pessoas dos Senhores Dom Antonio e Dom José;* aggregando ao mesmo partido as poucas e inconsideradas Pessoas da Nobreza, e alguns Regulares das Ordens dos Conegos Regrantes e do Oratorio, contra as quaes se tiveram os procedimentos que já são publicos, e outros que ainda se não manifestaram.» [1]

Neste despacho, escripto a 23 de agosto de 1760, isto é, pouco mais de um mez depois de terem sido enviados para o Bussaco D. José e D. Antonio, parece

[1] Este importante documento pode ver-se na integra no vol. 3.º do *Supplemento á Collecção de tractados* do visconde Borges de Castro, supplemento colleccionado pelo erudito e patriotico sr. Julio Firmino Judice Biker.

encontrar-se a explicação cabal da causa do desterro dos dois Bragançás.

Quasi 16 annos estiveram os dois irmãos clausurados no Bussaco, até que, por morte d'el-rei D. José e decahimento do seu ministro, a rainha D. Maria I lhes restituiu a liberdade em 1777.

D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, Bispo de Bragança

Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, nascido em Vianna do Castello em 10 de novembro de 1758, foi abbade de Mofreita e bispo de Bragança.

Entrou e tomou posse da sua diocese no 1.º de janeiro de 1794.

Quer quando parocho, quer quando bispo, Antonio Luiz, foi um homem notavelmente singular. Ou dotado de peregrina intelligencia, altas virtudes e ardente zelo em causas da religião, como querem uns, ou nimiamente rigorista, crendeiro, fanatico e até demente, como querem outros; é certo que o seu modo de proceder foi uma sequencia de actos extraordinarios, que alarmaram grandemente aquella freguezia e depois todo o bispado.

Entre varias providencias que poz em pratica na sua abbadia, é muito curiosa esta de que nos dá noticia um seu biographo:

«Oppunha-se com todas as suas forças a que na sua parochia se tocasse instrumento algum dos que nella se costumavam tocar, como era pandeiro, gaita de folle, etc., chegando mesmo a comprar aos donos cinco d'estas gaitas, que logo quebrou e queimou. Não queria se cantassem, ainda no tempo das segadas e malhadas, aquellas canções rusticas em que respiravam a decencia e honestidade dos tempos antigos que as produziram, e que até servem para lhes suavisar o peso do trabalho...»

Informa o mesmo biographo que pouco depois de Antonio Luiz entrar no exercicio parochial, começaram

a apparecer grande numero de mulheres tidas como possessas ou indemoninhadas, que o parocho tractou de exorcismar.

«De Mofreita, diz o referido biographo, passou logo a enfermidade aos povos circumvisinhos: em toda a parte, e principalmente nas egrejas, não se viam senão mulheres convulsas, dando saltos, e quedas, não se ouviam senão demonios a fallar e a gritar pelas suas linguas; e por esta causa as funcções do divino culto eram perturbadas até o ultimo ponto.....................

Os factos d'estas possessões, e perturbações nas familias e nos povos tinham sido tantos e tão estrondosos, que..... chegaram á noticia do corregedor da comarca, que então era Miguel Pereira de Barros, ministro habil, recto e bem intencionado. Elle..... quiz dar..... alguma providencia; e para não proceder sem conhecimento de causa,..... mandou vir a Bragança á sua presença sete moças das que se diziam possessas e que causavam as maiores perturbações.....

Antonio Luiz..... apparece tambem em Bragança, e protesta ao ministro fazer deante d'elle, e das mais pessoas que quizessem assistir, o seu exame publico d'aquellas creaturas, e dar as provas e demonstrações da sua real e verdadeira possessão diabolica. O dia é aprazado; varias pessoas se reunem, e com effeito o exame se principia á vista de todos, e do ministro. Antonio Luiz, cheio de zelo e enthusiasmo, exorcisma os maus espiritos; põe-lhes varios preceitos em nome de Jesus Christo; falla-lhes em linguas extranhas; insta e aperta com elles; porem nada appareceu de extraordinario que tocasse e persuadisse ao ministro e mais pessoas assistentes...............................

Vendo o corregedor que não havia cousa notavel, passou a inquirir as moças em particular, e estas lhe confessaram que, como o seu abbade costumava presentear e repartir com as possessas, ellas, para serem tambem contempladas, fingiam as suas possessões.»

Como bispo de Bragança, Antonio Luiz continuou a ser o mesmo homem extraordinario, e as cousas chegaram a tal ponto, que o governo achou conveniente retiral-o, por duas vezes, da administração do seu bispado, a primeira mandando-o ir para Lisboa, e a segunda relegando-o para o Bussaco.

Parece que esteve em Lisboa desde 1799 até 1807, foi depois para o mosteiro de Alcobaça e voltou para o seu bispado em julho de 1811.

O desterro para o Bussaco realisou-se em 1814 e foi ordenado pela seguinte portaria:

O Principe Regente N. S., tomando em consideração por uma parte o decoro da sagrada pessoa do Reverendo Bispo de Bragança, e o escandalo de não exercitar funcção alguma da Ordem Episcopal, nem reger a sua Diocese, estando dentro della, ainda que meia legua distante do seu palacio, todo entretido em preceitos d'extasis, sermões de mulheres assistidas de ceroferarias, e que se inculcão inspiradas, curas que se dizem milagrosas, ajuntamentos continuados, e assembléas nocturnas nas casas da sua propria residencia: e por outra parte a inquietação em que andão os povos de dentro, e fóra da mesma diocese, que, illudidos pela fama destes e outros similhantes espectaculos, desamparão as suas casas, obrigações, e serviços, indo em romaria para engrossarem os ditos ajuntamentos, e assistirem ás mesmas assembléas nocturnas: Manda ao dito Prelado se recolha interinamente ao convento do Bussaco, para onde partirá dentro de oito dias, depois de lhe ser apresentada esta portaria, podendo ter em sua companhia um capellão, e dous creados. E para que nada lhe falte na sua jornada, Manda outrosim que o Corregedor da comarca de Bragança o acompanhe, fazendo aprомptar o que for necessario para a mesma jornada. O mesmo Corregedor o tenha assim entendido, e execute promptamente, dando conta pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino. Palacio do Governo em

7 de julho de 1814. Com as rubricas dos governadores do reino.

Em cumprimento d'estas ordens, o bispo de Bragança veiu removido para o Bussaco, onde entrou ás 10 horas da manhã de 29 de agosto de 1814.

Outro seu biographo informa que no Busssaco o bispo de Bragança não consentiu já mais que lhe fosse varrida a sala onde habitava; que nella tinha sempre acesa dia e noite uma vela deante de um missal aberto, que nos dias festivos porem acendia vinte e trinta, e, em algumas grandes solemnidades, setenta e duas; que por muito tempo não mudava de camisa nem de outros vestidos, nem tambem fazia a barba pelo espaço de sete e oito mezes e alguma vez passava de um anno.

Quasi quatro annos residiu no Bussaco até que, por ordem d'el-rei D. João VI, a instancias do Summo Pontifice, lhe foi levantada a reclusão em meado de junho de 1818. [1] Dirigiu-se então para o seu bispado, cujo governo reassumiu.

Na noute de 12 para 13 de junho de 1819 (talvez já em 13) falleceu em S. Salvados o bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara.

[1] É este o teor do aviso regio ordenando a liberdade do bispo:

El Rei, Nosso Senhor, annuindo ás repetidas representações, que da parte de S. Santidade lhe dirigiram os Nuncios Apostolicos nesta corte, o fallecido Cardeal Gallepi, e o actual Arcebispo de Damieta, é Servido que os Governadores do Reino levantem a reclusão em que se acha no convento do Bussaco o Bispo de Bragança e Miranda, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral da Camara, e não ponhão embaraço algum a que volte para o seu Bispado, permittindo-lhe expressamente que possa estar onde bem lhe parecer, e dictar a sua consciencia; ainda que seja fora do reino, para qualquer viagem de devoção, mandando-lhe expedir para este effeito os precisos passaportes no caso que elle os requeira: o que V. Ex.ª fará presente nesse Governo para que assim se execute. Deus guarde a V. Ex.ª. Paço do Rio de Janeiro em 25 de Fevereiro de 1818. —Thomaz Antonio Villanova Portugal.

D. Carlos da Cunha, Patriarcha de Lisboa

Havendo a Regencia do reino mandado jurar as bases da constituição, promulgadas por decreto de 9 de março de 1821; o patriarcha, na occasião de se prestar o juramento solemne no dia 29, enviou o principal Estevam Telles da Silva com procuração para jurar em seu nome, mas com restricção dos artigos 10.º e 17.º Com tal condição não foi acceito o juramento, e o procurador foi despedido. Inteirada a Regencia d'este grave successo, deu ordem para que o patriarcha sahisse no dia 2 de abril para o Bussaco, onde devia permanecer em quanto se não tomassem outras providencias que o caso pedia. Effectivamente no dia 8 de abril de 1821 entrou D. Carlos no Bussaco, onde o companhou o desembargador da côrte, Manuel de Macedo Pereira Forjaz Coutinho.

O procedimento do patriarcha moveu grande excitação nas côrtes, compostas na maior parte de tribunos enthusiastas, apostolos decididos das novas idêas liberaes. Depois de longa e interessante discussão, promulgou-se um decreto, com data de 2 de abril, pelo qual se declarou que todo o portuguez que recusasse jurar simplesmente a constituição ou as suas bases, deixava de ser cidadão e devia sahir do territorio de Portugal.

O já referido desembargador Coutinho foi encarregado de voltar ao Bussaco para intimar este decreto ao patriarcha, commissão que executou com as necessarias formalidades no dia 21 de abril de 1821.

Em 21 de maio de 1821 sahiu do Bussaco o patriarcha e dirigiu-se para Bayona de França, donde regressou em 1823 em consequencia da quéda do regimen constitucional pelos acontecimentos de Villa Franca [1].

[1] Veja o *Dic. Bibliog.* do sr. Innocencio Francisco da Silva, o *Diario das Côrtes,* de 1821, n.ºs 47 e 48, o *Diario da Regencia,* n.ºs 79, 80, 91 e 101, as *Revelações do Bussaco* por fr. José de S. Silvestre, no *Conimbricense* n.º 2879, e *Documentos para a historia das cortes geraes da nação portugueza,* t. 1.º pag. 180 a 185.

D. Fr. Miguel da Madre de Deos, Arcebispo de Braga

Por ordem do governo esteve desterrado no Bussaco o arcebispo de Braga, D. Fr. Miguel da Madre de Deos. Foi preso no seu paço a 13 de março de 1822 e immediatamente conduzido por uma escolta de cavallaria ao convento do Bussaco, aonde chegou a 22 do mesmo mez. Esteve ahi até 11 de junho. Diz-se que o motivo do seu desterro foi ter concorrido para o levantamento do general Silveira a fim de se acclamar absoluto el-rei D. João VI; ha, porém, quem affirme que o arcebispo fôra extranho a tal movimento politico (1).

D. Bernardo Bernardino Beltrão, Bispo de Pinhel

O bispo de Pinhel D. Bernardo Bernardino Beltrão esteve recluso no Bussaco desde 5 de abril de 1823 até 22 de junho do mesmo anno. Assigna-se como causa do seu desterro o ter visitado o cardeal patriarcha D. Carlos, quando este, de caminho para França, passou por Pinhel (2).

Joaquim Placido Galvão Palma, Prior de Monsaraz

Joaquim Placido Galvão Palma fôra primeiramente eremita augustiano da ordem dos reformados, denominados vulgarmente *Grillos*. Havendo sahido do claustro para o estado de presbytero secular, foi depois prior de

(1) *Serie Chronologica dos Prelados da Igreja de Braga*, pag. 106, e *Revelações do Bussaco* por fr. José de S. Silvestre, publicadas no *Conimbricense*, n.º 2879.

(2) Veja *Revelações* citadas.

Monsaraz (Alemtejo) e deputado eleito ás cortes de 1822 e 1826. Liberal enthusiasta, foi preso em maio de 1828 e remettido para a torre de S. Julião da Barra, da qual sahiu em 10 de julho seguinte, removido sob custodia para o convento do Bussaco.

Com a quéda do absolutismo foi nomeado em 1834 governador do arcebispado de Evora, e em 1837 foi eleito deputado ás côrtes (1).

(1) Veja a *Istoria do cativeiro dos presos de estado na torre de S. Julião da Barra,* por João Bapt. da Silva Lopes, t. 1.º pag. XLI e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, tom 4.º, pag. 148.



XXII

A BATALHA

Aqui a aguia vencedora
Offuscar seu brilho outr'ora
Por nossas armas já viu;
—Empolgava quasi a Europa,
Mas á forte lusa tropa
O colosso succumbiu.

Delfim Maria d'Oliveira Maya.

Juncto dos muros do Bussaco se feriu no dia 27 de setembro de 1810 uma famosa batalha, em que o exercito anglo-luso, sob o commando de lord Wellington, offuscou pela primeira vez a gloria militar do afortunado e celebre Massena,—o *filho querido da Victoria,* como lhe chamava Napoleão.

Havendo as tropas francezas invadido por duas vezes o nosso paiz, sem que obtivessem vantagem decidida, a primeira em 1807 capitaneadas por Junot, e a segunda em 1809 por Soult; resolveu Napoleão mandar de novo invadir Portugal por um grande exercito sob o commando do marechal Massena, que effectivamente transpoz a nossa fronteira em agosto de 1810, depois de tomar Astorga e Ciudad Rodrigo.

Era Massena precedido pela grande fama de seus esplendidos feitos militares; alcançara victorias assignaladas, e ufanava-se de ter salvado a França com a batalha de Zurich, que havia ganhado contra os russos, e com a memoravel defesa de Genova, com que facilitara a Napoleão a passagem dos Alpes. Trazia comsigo generaes de grande pericia; e suas tropas eram numerosas, aguerridas e valentes. Os nossos soldados eram em menor numero, grande parte recrutas, que nunca se tinham encontrado em campo com o inimigo.

Bem desegual era pois o partido; todavia os brios da nação tudo suppriram, e o *filho querido da Victoria*, que segundo a linguagem soberba de Napoleão, vinha arrojar Wellington para o Oceano, teve de se reconhecer vencido e de evacuar o paiz depois de muitos revezes.

Entradas as tropas francezas em Portugal, o seu primeiro passo foi o cêrco de Almeida. Uma terrivel explosão, succedida nos armazens de polvora d'esta praça no dia 26 do dicto mez de agosto, obrigou a guarnição a capitular.

Tractou Massena immediatamente de dispôr as cousas para realizar o seu plano de invasão, e ordenou aos diversos corpos do seu exercito fizessem colheitas e se provessem de viveres para dezesete dias — tempo que calculára o necessario para a conquista de Portugal.

No dia 20 de setembro acamparam as tropas juncto de Vizeu. Esta cidade fôra abandonada pelos habitantes, e Massena, encontrando-a deserta, ficou surprehendido e viu transtornados seus planos; pois não só esperava que o povo portuguez o receberia bem, mas contava por consequencia encontrar facilmente os necessarios recursos para o exercito proseguir sem embaraço na sua marcha até Lisboa.

Convocou Massena os officiaes de estado maior, e alguns portuguezes que trazia comsigo, para o instruirem da estrada que mais conviria seguir em direcção a Lis-

boa, e deliberou-se que se marchasse pela de Tondella e que em Santo Antonio do Cantaro se atravessasse a serra do Bussaco.

No dia 25 poz-se todo o exercito em movimento, e veiu acampar em Tondella e cercanias. Encontrou esta villa deserta e completamente desprovida de mantimentos.

No dia 26 continuaram as tropas a sua marcha. Na ponte do Criz achou a vanguarda alguma resistencia por parte dos alliados, mas depois de ligeiro combate abandonaram estes a ponte, deixando-a cortada. Repararam-na logo os francezes e por ella pôde passar a artilheria; a cavallaria e infanteria passaram n'um vau pouco acima da ponte.

A vanguarda dos alliados continuou a afastar-se até Sancto Antonio do Cantaro, e n'este ponto oppoz forte resistencia. Viram os francezes que lhes era impossivel vencer esta posição, e ao mesmo tempo descobriram uma força superior sobre a montanha do Galhano. Fizeram então reconhecimentos para todos os lados, mas foram rechassados successivamente.

N'estas circumstancias participaram a Massena (que havia ficado muito para traz) que os alliados se oppunham á passagem da montanha com forças comsideraveis. Veiu Massena reconhecer a posição, e seguidamente perguntou ao general Pamplona se julgava que os alliados offereceriam batalha. Respondeu este que sem duvida, visto como sobre a montanha se descobriam forças tão consideraveis. Disse então Massena, convencidissimo e em tom de oraculo: — «Eu não me persuado que lord Wellington se arrisque a perder a sua reputação; mas se o faz, *je le tiens: demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noyerai le léopard* (1).»

(1) *Relação de alguns acontecimentos notaveis da campanha de Massena em Portugal, escripta por um official, que acompanhou o mesmo exercito,* impressa no *Investigador Portuguez em Inglaterra,* n.º XXII, de março de 1813.

Mal diria Massena que dentro de poucas horas haviam as cousas de succeder tanto pelo contrario do que esperava!

Antes de resolver atacar a posição, Massena convocou em o dia 26 o marechal Ney, o general Regnier e o general Junot para os ouvir e conferenciar com elles ácerca do que conviria fazer. Ney opiniou que se não atacasse a posição no dia seguinte. Bem calculava que durante a noite se reuniria todo o exercito anglo-luso e que no dia immediato teriam os francezes de arcar com todas as forças alliadas. Regnier e Junot seguiram o parecer de Ney.

Disse então Massena:

—*Eh bien, que faut-il faire?*

—*Prendre position à Viseo,* respondeu Ney, *ou bien retourner sur nos pas à Almeida pour contenir l'Espagne et écrire à Paris que nous n'avons pas assez de forces pour faire la conquête du Portugal.*

Por esta resposta, que tão pouco se harmonisava com a intrepidez de Ney, julgou Massena que o fim com que se pretendia desvial-o do combate era prival-o da gloria de conquistar o reino e tornal-o mal visto de Napoleão. Esta desconfiança, que se fundava em desintelligencias que tinha havido entre os dois marechaes depois da tomada de Ciudad Rodrigo, fez com que Massena não sómente deixasse seguir o parecer de Ney, em verdade inadmissivel, mas que até desprezasse os meios de tornear o posição, o que indubitavelmente seria mais acertado. Ordenou então que no dia seguinte se atacasse a serra, dizendo: *Je ne crois là que l'arrière-garde ennemie; si toute l'armée s'y trouve, tant mieux, le bonheur de l'enfant chéri de la victoire ne l'abandonnera pas!* (1)

(1) Constam estes pormenores do curisiossimo livro intitulado *Aperçu Nouveau sur les Campagnes des Français en Portugal, en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811,* obra impressa em Paris em 1818. Não traz este livro o nome do seu author, mas consta ter sido escripto pelo general portuguez, Manuel Ignacio Martins Pamplona, que acompanhou o exercito de Massena.

O general Freirion e o general Eble, convencidos da grande vantagem da posição dos alliados, tambem aconselharam a Massena que, em vez de obrigar Wellington a abandonar-lhe a sua formidavel posição por meio de uma batalha *atacando o boi pelos páus,* tractasse de tornear a montanha. Massena, obstinado no seu proposito, contentou-se com responder: *Vós que sois do exercito do Rheno, vós outros que gostais de manobrar, é a primeira vez que Wellington parece disposto a dar batalha; quero portanto aproveitar-me da occasião......*

Massena animava as suas tropas, dizendo: *Meus amigos, esta montanha é a chave de Lisboa, é preciso ganhal-a com a ponta das bayonetas; esta victoria ainda, e descançaremos depois!*

Como se illudia!

No dia 26 ficou reunido na raiz da serra do Bussaco todo o exercito francez; e no mesmo dia tambem todas as tropas alliadas se postaram na montanha.

É quasi impossivel determinar precisamente as forças de um e outro exercito. Variam muito neste ponto as asserções de varios escriptores; é, porém, certo que os francezes eram em maior numero.

O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, diz que não póde ir muito longe da verdade a estimativa que attribue aos francezes, depois da reunião dos tres corpos, 80 para 90:000 homens, e 50 para 60:000 aos alliados (1).

Thiers avalia em 66:000 homens os tres corpos de Massena.

A força do exercito francez é computada por Wellington em 72:000 homens, computo que o sr. Simão José da Luz Soriano julga exaggerado.

(1) Veja *Summario Historico da Campanha de Portugal, desde agosto de 1810 até abril de 1811* no tomo 1.º das *Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo.

O mesmo Wellington diz que as forças que no Bussaco teve em campo se compunham de 49:275 homens, sendo 24:000 inglezes e 25:175 portuguezes; mas o sr. Simão José da Luz é de opinião de que a força portugueza era de 29:065 homens, sendo 880 de artilheria, 1:450 de cavallaria e 26:735 de infanteria (1).

Um official que acompanhou o exercito de Massena faz o seguinte computo das suas tropas:

«Organisação do exercito de Massena, e sua força antes do sitio d'Almeida, no principio de agosto de 1810, que julgo exacta por ter visto e examinado o mappa, que era dado diariamente a Massena em casa do general Freirion, chefe do estado maior general.

O 2 corpo — 17:000 homens, commandante Regnier.
O 6 corpo — 19:000 — commandante o marechal Ney.
O 8 corpo — 27:000 — commandante Junot.
Divisão Serras — 7:000
Divisão Bosiet — 8:000
Cavallaria — 5:600 — commandante Montbrun.
Total... 83:600.»

O mesmo official faz a seguinte narração da batalha:

«No dia 27 pelas duas horas da noite todo o exercito se poz em movimento, e foi tomar a ordem de batalha que se segue.

O 6 corpo formava a direita sobre a estrada, que conduz ao convento do Bussaco. O 8 corpo formava o centro e a reserva. O 2 corpo a esquerda sobre a estrada de Sancto Antonio do Cantaro, e a cavallaria, que era nulla em razão do terreno, tomou posição na retaguarda

(1) Veja *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, pelo sr. Simão José da Luz Soriano, segunda epocha, guerra peninsular, tomo III, pag. 177, nota.

do centro da linha. Ao romper do dia começou o ataque na direita pelas divisões Loison e Merme, que foi ferido: o terreno foi disputado passo a passo por alguns batalhões portuguezes, vestidos de pardo, e algumas tropas inglezas: porém a força das columnas francezas obrigou estas tropas a retirar-se para o alto da montanha, onde estava a linha de batalha dos alliados. No meio d'esta montanha ha uma pequena aldêa aonde os dictos batalhões alliados se fortificaram *e defenderam heroicamente por mais de tres quartos de hora contra toda a força inimiga, que soffreu uma perda muito consideravel, até que vencidos pelo numero superior largaram esta posição e continuaram (disputando o terreno) a retirar-se até que se reuniram á sua linha. Esta, com um sangue frio e firmeza digna de admiração, esperou o inimigo até á distancia de cincoenta passos para começar um fogo de filas tam bem sustentado, que (juncto com a metralha da sua artilharia) num momento as duas columnas francezas foram desordenadas, e postas em completa derrota, e sem perder um momento fizeram meia volta, e desceram a montanha mais depressa do que a tinham subido, abandonando os seus feridos entre os quaes estava o general Simon.* Chegadas que foram ao fundo da montanha, as columnas francezas se reuniram, e tomaram posição a coberto do fogo dos alliados (que tinham de novo mandado os atiradores em seu seguimento), onde esperaram o resultado do ataque, que o 2 corpo fazia ao mesmo tempo na esquerda. Este ataque foi mais sério, pois que o general Regnier carregou com todas as suas forças. A montanha neste sitio tem um contraforte, o qual depois de uma longa disputa foi tomado, e continuando os francezes o ataque para vencerem de todo a posição, *acharam tal resistencia, que depois de perderem o general Graindorge, e alli sómente mais de 1:500 soldados mortos, e 3:000 feridos, cederam ao valor das tropas alliadas, que com uma pequena perda inutilisaram a violencia do ataque dos francezes.* Vendo então

Massena que não podia realizar a sua profecia, convocou Ney, Regnier, Junot e Freirion para deliberarem o que se devia fazer, e foi decidido que se torneasse a posição. Foram então chamados os officiaes superiores portuguezes, para indicarem o caminho que se devia seguir; e como dissessem que o não sabiam, Massena partiu com elles de uma maneira assás forte e desagradavel, e mandou chamar o general Montbrun para lhe ordenar de ir com um forte destacamento descobrir um caminho, e que mandasse o general St. Croix e o general Lamote, cada um para seu lado, encarregados da mesma commissão, e em quanto não tinha resposta ordenou aos caçadores, que entretivessem os alliados *tiralhando*. Passou-se o dia 27 e o dia 28 até ás tres horas sem haver uma resposta da commissão dada aos tres generaes, até que St. Croix chegou, tendo descoberto o caminho que vai por Boi-alvo.

Deram-se logo as ordens para a execução do movimento, ao qual se deu principio pela uma hora da madrugada do dia 29 (1).»

Wellington, percebendo o movimento do exercito francez, operou logo uma prompta retirada, para evitar que elle lhe tomasse o passo, e dirigiu-se para as formidaveis linhas de Torres Vedras, barreira invencivel deante da qual o inimigo estacou attonito, vendo impotentes todos os seus esforços.

Na batalha do Bussaco comportaram-se os nossos soldados com a maior galhardia e heroismo. Apezar de quasi todos recrutas e imberbes, mostraram-se possuidos de notavel valor, firmeza e disciplina, rivalisando com as tropas inglezas, segundo o testemunho insuspeito do proprio Wellington e do marechal Beresford, que em suas participações officiaes exaltam o seu comportamento e lhes tributam subidos elogios.

(1) *Relação* citada na nota de pag. 140.

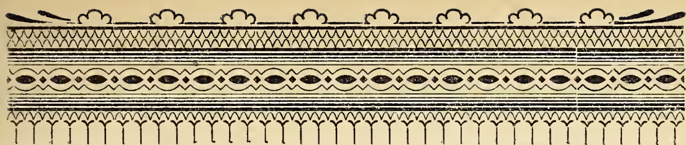
Calcula-se que na batalha do Bussaco as perdas das tropas anglo-lusas foram de 1250 homens, e que as do inimigo se elevaram a perto de 4500.

Os resultados porém que da batalha do Bussaco provieram ás tropas de Napoleão fizeram-se-lhes sentir, mais que no desfalque das suas fileiras, numa perda mais importante e irreparavel: a visivel e profunda quebra da sua força moral. Desde então o astro de gloria, que brilhara fulgurante ao moderno Cesar, começou a declinar até que de todo se eclipsou.

Fallando da batalha do Bussaco, diz o sr. Joaquim da Costa Cascaes que ella fôra a aurora resplendecente dos feitos de armas praticados pelo nosso exercito desde 1811 a 1814; e que foi alli que pela primeira vez, e com tamanha honra, nos desforçámos do immerecido desprezo com que os nossos alliados nos haviam tractado na celebre convenção, vulgarmente chamada de Cintra. Aqui a desconsideração; alli, *nessa outra Cintra, não menos decantada e pittoresca,* a rehabilitação (1).

(1) Vide um artigo do sr. Cascaes intitulado *Monumento Nacional* publicado no *Jornal do Exercito* e transcripto no *Jornal do Commercio* n.º 4177.

Minuciosas e interessantissimas particularidades ácerca da batalha do Bussaco podem ver-se na *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal* pelo sr. Simão José da Luz Soriano, segunda epocha, guerra peninsular, t. III.



XXIII

O MONUMENTO E A CAPELLA DO ENCARNADOURO

Fóra dos muros do Bussaco e a curta distancia da Porta da Rainha existia arruinada uma capella, que se tornára memoravel por ter servido de hospital de sangue na occasião da batalha que se feriu nas suas vizinhanças em 27 de setembro de 1810 (1).

(1) O fundador d'esta capella foi Luiz Rodrigues, natural de Sancta Christina da Serra, termo de Mortagua, assistente no deserto de Sancta Cruz do Bussaco. Assim consta do seu testamento por elle assignado e a seu rogo escripto por Manoel Lopes Lebre Teixeira, da Mealhada, bacharel formado em canones e capitão mór das ordenanças no couto de Aguim, aos 3 de maio de 1783, no dicto deserto do Bussaco, e no mesmo logar e dia approvado por Manoel José de Mello, tabellião do couto da Vacariça. Neste testamento declara Luiz Rodrigues que uns seus sobrinhos lhe deviam 279$690 réis, e d'esta quantia dizia ser sua vontade—«deixar, como pelo presente meu testamento deixo, ás minhas capellas das *Almas do Emcarradouro de que sou fundador* outenta mil réis, e á que fundei no cimo da Infesta, freguezia do Espinho, termo da villa de Mortagua, a quantia de 40$000 rs., as quaes somas lhe doto em seu patrimonio para o fim de se pôrem a juro, e de seu rendimento serem ornadas do que lhes

No anno de 1859 a camara municipal da Mealhada, por iniciativa do seu presidente, o sr. Adriano Baptista Ferreira, adquiriu esta capella, denominada do Encarnadouro, com o intuito de a converter em um monumento commemorativo da celebre batalha, para o que seria convenientemente reparada e se collocaria lá um grande quadro com uma pintura em que ella se representasse, e outros contendo as participações officiaes d'este heroico feito d'armas de tanta gloria para os portuguezes. Alem d'isto promover-se-ia uma romaria popular annualmente á capella no dia anniversario da batalha. Saiu, pouco depois, da presidencia da camara o sr. Baptista Ferreira, sem que tivesse podido levar por deante o seu proposito, e as vereações que se seguiram não chegaram a pôr em pratica aquelle patriotico projecto, talvez por entenderem que tal monumento devia ser erigido pela nação e não por um municipio de poucos recursos.

O sr. Joaquim da Costa Cascaes, a quem o governo incumbira de escrever a historia da guerra dos francezes em Portugal, lembrou em 1862 ao ministro da guerra, Visconde de Sá da Bandeira, a conveniencia de se erigir na serra do Bussaco um singelo padrão, que, commemorando a celebre batalha alli ferida, servisse tambem de monumento dos feitos de armas em que os portuguezes mostraram o seu heroismo e adquiriram maior gloria durante a longa e porfiada campanha peninsular. O al-

fôr necessario, e isto no caso que eu em minha vida chegue a obter as licenças necessarias para na dita capella grande do Emcarradouro se poder celebrar o Santo Sacrificio da Missa, e no caso de eu não obter a referida licença antes do meu fallecimento, he então minha vontade que os cento e vinte mil réis acima adjudicados ás mesmas capellas, se repartam como se segue...»

(Applica aquella quantia a missas e a legados aos sobrinhos.)

Vê-se d'este documento que a primitiva denominação d'esta capella era do *Emcarradouro*.

Devemos estas noticias ao sr. João Correia Ayres de Campos, que viu o testamento original e tirou copia de parte d'elle e d'outra fez transsumpto.

vitre do sr. Cascaes foi muito bem recebido pelo ministro, que logo ordenou se pozesse em execução. Mudanças de ministerios fizeram por vezes parar os trabalhos do monumento, que só se chegou a concluir em 1873.

Foi construido a poucos passos do muro da matta, em distancia quasi egual da porta da Rainha e da de Sulla, numa plataforma donde se descobre um territorio vastissimo, circumstancia que faz com que tambem de muitos e longiquos pontos se possa avistar este padrão das nossas glorias militares.

A pedra empregada na sua construcção é a chamada lioz, proveniente de Pero Pinheiro. Ficou composto de uma pyramide quadrangular, feita de um monolitho de seis metros de altura, firmada sobre pedestal de quatro faces e este sobre base de dois degraus de superficie inclinada. Como remate seguia-se á pyramide um globo de crystal, donde partiam oito raios facetados, que lhe davam a forma de estrella.

Oito peças de artilheria, collocadas com a bocca para o solo e servindo de apoio a correntes de ferro que passam de umas para as outras, ficaram sendo resguardo e ornato apropriado do monumento [1].

No dia 20 de dezembro de 1876 foi este obelisco muito damnificado por uma faisca electrica. Passados tempos procedeu-se á sua restauração, a qual se concluiu em 1879. N'ella se seguiu o mesmo risco do monumento primitivo, porém a pyramide, que na primeira construcção

[1] Ha annos foi cunhada uma medalha commemorativa das campanhas da guerra peninsular, na qual de um lado se vê representado com a maxima fidelidade este monumento tendo juncta a inscripção seguinte: ERIGIDO NO BUSSACO 1873, e do outro, encruzadas, as bandeiras portugueza e ingleza, as datas 1808 A 1814 circumdadas de uma corôa de louro, e juncto da circumferencia as inscripções: AO EXERCITO LUSO-BRITANICO*CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR.

Os cunhos d'esta medalha foram abertos gratuitamente pelo sr. Casimiro José de Lima, então habilissimo segundo gravador e posteriormente fiel do ouro e prata da casa da moeda.

era, como dissemos, um monolitho, ficou constituida de varias peças.

Dois pára-raios, collocados a conveniente distancia, resguardam hoje o monumento dos damnos da electricidade atmospherica.

No pedestal do obelisco lêem-se as seguintes inscripções em caracteres de bronze, a primeira na face do nascente, a segunda na face do occidente:

AO EXERCITO LUSO-BRITANICO CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR 1808 A 1814 6 BLOQUEIOS 12 DEFENSAS 14 CERCOS 18 ASSALTOS 215 COMBATES 15 BATALHAS	ERIGIDO EM 1873 DESTRUIDO POR UM RAIO EM DEZEMBRO — 20 1876 RESTAURADO EM 1879

Ao tempo em que a construcção do primitivo monumento se aproximava do seu termo, conseguiu o sr. Joaquim da Costa Cascaes que o ministro da guerra, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, auctorizasse a restauração da capella do Encarnadouro por conta do governo. Para este fim foi cedida gratuitamente pela camara municipal da Mealhada. Feitas as obras necessarias, que consistiram no rebocamento das paredes, construcção da abobada, tres casas annexas, sendo uma para sacristia, outra para a guarda e outra para o fiel, etc., foi a capella benzida solemnemente no dia 27 de setembro de 1876. Commemora estes factos a seguinte inscripção, gravada

n'uma grande pedra embebida na parede do lado do evangelho:

> Fundou esta capella, no seculo passado, Luiz Ferreira que morreo sem a concluir, e assim se achava no dia da batalha do Bussaco; em que servio d'hospital de sangue: arruinada, e só com as paredes, comprou-a depois a Camara da Mealhada, com idéa de a restaurar, continuando porem abandonada, até que em 9 de 10^{bro} de 1871, o Exmo Min.^{tro} da Guerra A. M. Fontes Pereira de Mello, ordenou ao então ten.^{e} cor.^{el} d'art.^{a} J. da C. Cascaes, que da mesma capella, cedida gratuitam.^{te} pela dita Camara, tomasse posse, e procedesse á reedificação; pelo que foi reconstruida, melhorada, e ampliada com as tres casas — de Sacristia, da Guarda, e do Fiel; restaurando-se o primitivo quadro de S. Miguel e Almas; o qual se achava em Luso; tendo sido guardado por Vicente Duarte.
>
> —*—
>
> Foi benzida sob a invocação de N.^{a} Snr.^{a} da Victoria e Almas, no dia 27 de 7^{bro} de 1876, 66.º anniversario da batalha, pelo Exmo Dr. F. A. Rodrigues d'Azevedo, Do Cons. de S. M. Lente de Pr. Jub. na Un.^{de} de Coimbra.

O pavimento da capella é formado de quadrados de marmore alternadamente pretos e côr de rosa.

O retabulo e o altar são tambem de marmore de formosa esculptura e variado colorido. Nelle sobresai uma pintura em tela representando S. Miguel e as almas do purgatorio, em frente da qual está uma imagem de vulto representando Nossa Senhora da Victoria. A pintura é a propria que existia na capella por occasião da

batalha, e, removida d'alli, foi readquirida por diligencias do sr. Cascaes, que a mandou restaurar pelo distincto artista sr. Joaquim Gregorio Nunes Perietro, professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

A capella possue paramentos de notavel gosto e riqueza, pertencentes outr'ora aos jesuitas, e que pelo estylo dos seus primorosos bordados não temos duvida em acreditar que são trabalho de industria indiana.

Pelas paredes vêem-se alguns quadros com gravuras de desenhos de Henry L'Evêque representando combates e outras scenas da guerra peninsular, offerta do sr. Cascaes. Entre essas estampas ha uma que representa a batalha do Bussaco, a qual tem esta dedicatoria: *To the Portuguese Army, who in that memorable Day, gave a decided proof of their Valour & Discipline: this Plate is respectfully Dedicated by their most obed.t hum.ble Serv.t H. L'Evêque.*

Tambem alli se encontra, e é objecto de muita curiosidade, a *Planta da Batalha do Bussaco, posição geral dos exercitos francez e luzo-britanico em 26 de setembro de 1810 e movimento dos francezes no dia 28.*

Planta coordenada e desenhada na Direcção Geral de Eng.a segundo as indicações do C.el de Art.a J. da Costa Cascaes servindo de base as plantas levantadas pelo Major Sir T. L. Mitchell e publicadas no Atlas das Batalhas da Peninsula por James Wild pelos desenhadores da mesma Direcção D. Martinho de França Pereira Coutinho e Leonel Marques Pereira, 1872.

Está em costume celebrar-se annualmente nesta capella uma festividade dedicada á Senhora da Victoria em commemoração e acção de graças pelos triumphos que as nossas tropas alcançaram na batalha do Bussaco e noutras da guerra peninsular. O dia escolhido para esta festividade é o proprio anniversario da batalha, 27 de setembro, quando cái em domingo, ou quando não cái, o domingo antecedente.

APPENDICE

DOCUMENTOS OFFICIAES DA BATALHA DO BUSSACO

Ordem do dia do ajudante general Manuel de Brito Mosinho, datada do quartel general do Bussaco em 28 de setembro de 1810. (1)

Sua excellencia, o senhor marechal commandante em chefe do exercito portuguez tem que cumprir o agradavel dever para com as tropas de S. A. R. que estiveram na batalha do Bussaco de lhes assegurar a sua plena satisfação pela brilhante maneira com que se houveram, a qual lhes adquiriu a estima, admiração e confiança de seus companheiros de armas do exercito inglez. Sua excellencia viu factos no combate, e uma conducta nas tropas portuguezas, de fazer honra ás tropas mais aguerridas, e não faltará a dar a saber a S. A. R. o merecimento distincto das suas tropas, e em particular o dos corpos e individuos que mais se assignalaram, e não tem que limitar-se senão a respeito daquelles que tiveram a fortuna de combater com o inimigo, todos estes cumpriram como deviam, e o inimigo o póde melhor dizer pelo que experimentou.

Os corpos que tiveram a grande fortuna de estarem em pontos atacados pelo inimigo, e consequentemente de lhes fazerem opposição, foram: a brigada dos regimentos n.os 9 e 21, commandada pelo sr. coronel José Joaquim Champalimaud; o regimento n.º 8, commandado

(1) Encontra-se na *Collecção das Ordens do dia do illustrissimo e excellentissimo senhor Guilherme Carr Beresford, commandante em chefe dos exercitos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor. 1810.* Lisboa, por Antonio Nunes dos Santos, impressor do Quartel General.

pelo tenente-coronel Douglas; a brigada dos regimentos n.os 1 e 16, e batalhão de caçadores n.º 4, commandada pelo sr. brigadeiro Pack; a brigada do regimento n.º 7 e 19, e batalhão de caçadores n.º 2, commandada pelo sr. brigadeiro Colleman; os batalhões de caçadores n.os 1 e 3, que se acham com a divisão ligeira ingleza; o batalhão de caçadores n.º 6, da brigada que commanda o sr. brigadeiro Campbell; as brigadas de artilheria de calibre 9 e 6, commandadas pelo major Arenstchild; a brigada de artilheria de 3, annexa á divisão do sr. general Spencer; e a brigada de artilheria de montanha. Todos estes corpos se distinguiram egualmente, segundo a occasião que se offereceu a cada um.

O sr. general Picton faz os maiores elogios aos regimentos n.os 9 e 21, e o sr. coronel José Joaquim Champalimaud, e o tenente coronel Sutton merecem que delles se faça expressa menção. O tenente coronel José Maria de Araujo Bacellar, tomando o commando do regimento em consequencia de ter sido ferido o dito sr. coronel, satisfez. A conducta do regimento n.º 8 foi extremamente brilhante pelo ataque de baioneta que fez ao inimigo com os regimentos inglezes: o tenente coronel Douglas e o major G. Birmingham receberão os agradecimentos de sua excellencia. A conducta da brigada que commanda o sr. brigadeiro Pack foi excellente; o mesmo sr. brigadeiro, assim como o tenente coronel Hill e o major Armstrong, commandantes dos dous regimentos, merecem todos os elogios. O batalhão de caçadores n.º 4 pela distincta coragem e constancia com que atacou o inimigo, e soffreu o seu fogo durante todo o dia, merece tambem os maiores elogios; e o tenente coronel Luiz do Rego Barreto e seus bravos officiaes e soldados receberão approvação de sua excellencia. O sr. brigadeiro Colleman, e os srs. coroneis Luiz Ignacio Xavier Palmerim e José Cardoso de Menezes Souto-Maior receberão a segurança da satisfação de sua excellencia pela sua conducta. A boa carga que deram cinco companhias do regimento

n.º 19, debaixo das ordens immediatas do tenente coronel Mac-Bean, mereceu ser particularisada, e foi admirada de todo o exercito. O batalhão de caçadores n.º 2, commandado pelo tenente coronel Nixon, merece approvação de sua excellencia. O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge d'Avilez, comportou-se extremamente bem, e contentou perfeitamente a sua excellencia, e o tenente coronel acceitará os seus agradecimentos. O batalhão de caçadores n.º 3 e o tenente coronel Elder têm que accrescentar a brilhante conducta neste dia á sua reputação, já tão justamente adquirida: este batalhão tem sempre sido, e coutinúa a ser admirado pelo exercito e por sua excellencia. O brigadeiro Campbell deu a melhor informação do modo com que se houve o batalhão de caçadores n.º 6, commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto de Araujo Corrêa. A conducta das brigadas de artilheria de 9 e 6, commandadas pelo major Arenstchild, as quaes soffreram todo o dia o fogo de 14 peças do inimigo, é digna de grandes elogios. O sr. general Picton informou a respeito dellas o melhor possivel. As brigadas de artilheria de 3 e de montanha conduziram-se muito bem, e sua excellencia dá os seus agradecimento a todas estas brigadas, e aos respectivos commandantes.

Sua excellencia deseja que todos os srs. brigadeiros e commandantes dos sobreditos corpos dêm aos officiaes e soldados a sua plena approvação e agradecimentos pela sua conducta, da qual elle mesmo foi testimunha, e os srs. commandantes enviarão ao ajudante general os nomes daquelles officiaes, officiaes inferiores e soldados que se distinguiram, a fim de que S. A. R. os recompense como elles merecem. Sua excellencia viu em todas as mais tropas o desejo e boa disposição com que se achavam para atacar o inimigo, e desejou que este lhes desse occasião de igualarem os seus companheiros, e de vingarem as offensas que a sua patria tem recebido; mas esta occasião não está distante, e chegará quando o

inimigo quizer, e será outro dia de gloria para o exercito portuguez, pois que o exercito deve estar seguro que ainda que o inimigo, não se atrevendo a tornar a atacar a frente por novas tentativas, tem influido em sua excellencia o sr. marechal general Lord Wellington para deixar uma posição, da qual todas as forças e esforços do inimigo não podiam desalojal-o, jámais, com um exercito de soldados taes como os inglezes e portuguezes, elle poderá preencher as suas vistas contra a liberdade e felicidade do paiz; e quanto mais avançar, tanto mais caro pagará a sua temeridade, a sua cubiça e sua injusta ambição. Vós sois portuguezes, e está aqui o exercito inglez, e ambos os exercitos conduzidos e dirigidos por aquelle que tem vencido tantas vezes o inimigo na causa de Portugal; e com taes exercitos, e debaixo das ordens de sua excellencia, o sr. marechal general Lord Wellington, está segura a victoria.—Ajudante-general, *Mosinho*.

Officio de Lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz, secretario da guerra, datado de Coimbra, em 30 de setembro de 1810. (1)

Illmo e ex.^{mo} sr.—Em quanto o inimigo estava avançando de Celorico e Trancoso sobre Vizeu, as differentes divisões das milicias e ordenanças se empregavam sobre os flancos e rataguarda do inimigo; e o coronel Trant com a sua divisão atacou a escolta da caixa militar e reserva de artilheria perto do Tojal a 20 do corrente. Tomou 2 officiaes e 100 prisioneiros, porém o inimigo, havendo juntado uma força tirada da sua frente e retaguarda, obrigou-o a retirar-se outra vez para as bandas do rio Douro.

(1) Encontra-se na *Gazeta de Lisboa,* de 1810, n.º 237, de 3 de outubro.

Hei ouvido que a communicação do inimigo com Almeida está completamente cortada, e que elle possue unicamente o terreno sobre o qual está o seu exercito.

O meu officio de 20 do corrente terá deixado a v. ex.ª informado das medidas que eu tinha adoptado, e as quaes estavam em progresso para junctar o exercito nas vizinhanças desta cidade, e, se fosse possivel, impedir que o inimigo obtivesse a sua posse.

A 21 a guarda avançada do inimigo avançou com rapidez para Sancta Comba Dão, logar onde se unem os dois rios Criz e Dão, e o brigadeiro general Pack se retirou para a banda de cá atravez do Criz, e se uniu em Mortagua ao brigadeiro general Crawford, havendo primeiro destruido as pontes que existiam sobre aquelles dois rios.

A guarda avançada do inimigo, tendo concertado a ponte, passou a 23 o rio Criz, e toda a força do sexto corpo se juntou da banda de cá d'aquelle rio; e por conseguinte retirei a cavallaria pela serra do Bussaco, á excepção de 3 esquadrões; e isto em razão do terreno não ser favoravel para as operações d'esta arma.

A 25 toda a força do sexto e segundo corpo passaram o Criz nas vizinhanças de Santa Comba Dão; e o brigadeiro general Crawford com a sua divisão, e o brigadeiro general Pack com a sua brigada se retiraram para a posição, que eu tinha fixado para o exercito no cume da serra do Bussaco. Estas foram seguidas neste movimento por todas as forças dos corpos de Ney e Regnier (sexto e segundo); porém o brigadeiro general Crawford o conduziu com grande regularidade, e as tropas tomaram a posição destinada, sem que soffressem perda de importancia.

O regimento de caçadores portuguezes n.º 4, que se havia retirado para a direita das outras tropas, e os piquetes da terceira divisão de infanteria, que se achavam postados em Santo Antonio do Cantaro, commandados pelo major Smith do regimento 45, se bateram pela

tarde com as avançadas do corpo de Regnier, havendo nesta occasião o regimento de caçadores n.º 4 mostrado aquella bizarra firmeza, que as outras tropas portuguezas hão depois manifestado.

A serra do Bussaco é uma alta cordilheira, que se extende desde o rio Mondego em direcção ao norte como de umas 8 milhas inglezas.

No mais alto ponto d'esta cordilheira, e perto de duas milhas da sua terminação, está situado o convento e matta do Bussaco; esta serra do Bussaco se une por meio de um espaço de paiz montanhoso á serra do Caramulo; a qual se extende em uma direcção para o nordeste, para além de Vizeu; e separa o valle do Mondego do valle do Rio Douro. Na esquerda do Mondego, e quasi em uma linha com a serra do Bussaco, ha outra cordilheira quasi da mesma descripção, e a qual é chamada serra da Murcella, circumdada pelo rio Alva, e unida por terrenos montanhosos á serra da Estrella.

Todas as estradas de Coimbra em direcção para o leste passam por cima de uma ou outra d'estas serras. São mui difficultosas para a passagem de um exercito, sendo a approximação para o cume d'esta cordilheira mentanhosa por ambos os lados.

Como todo o exercito do inimigo estava no lado direito do Mondego, e como egualmente era evidente que elle intentava o forçar a nossa posição, o tenente general Hill passou aquelle rio, fazendo um pequeno movimento para a sua esquerda na manhã de 26, deixando ao coronel Lecór postado com a sua brigada na serra da Murcella, em ordem a cobrir a direita do exercito; e ao brigadeiro general Fane com a sua divisão de cavalleria portugueza, e com o regimento de dragões ligeiros n.º 13, postados na frente do rio Alva, para observar e rebater os mevimentos no Mondego da cavallaria inimiga; á excepção d'estas tropas todo o nosso exercito estava junto sobre a serra do Bussaco, tendo a cavallaria britannica postada na retaguarda do

seu flanco esquerdo, observando a planicie e a estrada que vai de Mortagoa para o Porto através do terreno montanhoso que une a serra do Bussaco com a do Caramulo.

O 8.º corpo se uniu ao inimigo na nossa frente a 26 do corrente; porém n'este dia não fez elle ataque algum serio. As tropas ligeiras de ambas as partes se batiam ao longo de toda a linha. Ás 6 da manhã do dia 27 o inimigo fez dois desesperados ataques sobre a nossa posição, um na direita e outro sobre a esquerda do mais alto ponto da serra. O ataque sobre a direita foi feito por duas divisões do segundo corpo n'aquella parte da serra, occupada pela terceira divisão de infanteria. Uma divisão de infanteria franceza chegou ao cume da cordilheira a tempo que foi atacada com a mais bizarra maneira pelo regimento 88, commandado pelo tenente coronel Wallace, e pelo regimento n.º 45 pelo muito honrado tenente coronel Meade, e regimento portuguez n.º 8, commandado pelo tenente coronel Douglas, dirigidos pelo major general Picton. Estes tres regimentos avançaram com bayoneta calada, e fizeram retroceder a divisão do inimigo do terreno vantajoso que havia obtido. A outra divisão do segundo corpo atacou a maior distancia na direita, pela estrada que vem por Santo Antonio do Cantaro, igualmente em frente da divisão do major general Picton. Esta foi repulsada antes que tivesse chegado ao cume da cordilheira pelo regimento n.º 74 commandado pelo honrado tenente coronel Trench, e pela brigada de infanteria portugueza, commandada pelo coronel Champalimaud, dirigida pelo coronel Makinnon. O major general Leith igualmente se moveu para a sua esquerda, para apoiar o major general Picton, ajudando a destroçar ao inimigo n'esta parte o terceiro batalhão do regimento dos reaes, o primeiro batalhão do regimento 9, e o segundo batalhão do regimento 38.

N'estes ataques os majores generaes Leith e Picton, os coroneis Makinnon e Champalimaud no serviço por-

tuguez (e o qual foi ferido), o tenente coronel Wallace, e o honrado tenente coronel Meade, o tenente coronel Sutton do regimento portuguez n.º 9, o major Smith do regimento 45, o qual infelizmente foi morto, o tenente coronel Douglas, e o major Birmingham do regimento portuguez n.º 8 se hão distinguido.

O major general Picton reporta a boa conducta dos regimentos portuguezes n.º 9 e 21, commandados pelos tenentes coroneis Sutton, e Araujo Bacellar, e da artilheria portugueza, commandada pelo major Arenstchild.

Tenho egualmente a mencionar em uma maneira mui particular a conducta do capitão Danser do regimento 88.

O major general Leith reporta a boa conducta do regimento real, e do primeiro batalhão do regimento 9, e segundo batalhão do regimento 38; e peço permissão para assegurar a v. ex.ª que nunca presenciei um mais bravo e denodado ataque do que aquelle, feito pelos regimentos 88, 45, e pelo regimento portuguez n.º 8 sobre a divisão do inimigo, que havia subido a serra.

Na esquerda o inimigo atacou com tres divisões de infanteria do oitavo corpo aquella parte da serra, occupada pela divisão de tropas ligeiras, commandada pelo brigadeiro general Crawford, e pela brigada portugueza, commandada pelo general Pack.

Uma unica divisão de infanteria inimiga fez algum progresso na subida para o cume da serra; porém foi immediatamente carregada á bayoneta calada pelo brigadeiro general Crawford com os regimentos 43, 52 e 95, e o regimento de caçadores portuguezes n.º 3; e obrigados a retroceder com immensa perda.

A brigada portugueza de infanteria, commandada pelo brigadeiro Colleman, que estava em reserva, foi movida para supportar a direita da divisão do brigadeiro general Crawford; e um batalhão do regimento portuguez n.º 19, commandado pelo tenente coronel Mac-Beam, fizeram um denodado e bem succedido ataque contra um

corpo de outra divisão do inimigo, que estava procurando o penetrar n'aquella mesma paragem.

N'este ataque o brigadeiro general Crawford, o tenente coronel Beckwith do regimento 95, e Barclay do regimento 52, e os officiaes commandantes dos regimentos empregados n'esta parte da acção se hão individualmente distinguido.

Além d'estes ataques as tropas ligeiras de ambos os exercitos se bateram durante todo o dia 27, e o regimento de caçadores portuguezes n.º 4, e os regimentos n.º 1 e 16 dirigidos pelo brigadeiro general Pack, e commandados pelos tenentes coroneis Rego Barreto e Hill, assim como o major Armstrong, mostraram grande firmeza e bravura.

A perda que o inimigo ha soffrido n'este ataque do dia 27 ha sido enorme.

Hei ouvido que o general de divisão Merle, e o general Maucune hão sido feridos; e o general Simon ha sido feito prisioneiro pelo regimento 52, assim como o hão sido 3 coroneis, 33 officiaes e 250 homens.

O inimigo deixou mortos no campo da batalha 2000 homens, e hei ouvido dos desertores e prisioneiros que a sua perda em feridos ha sido immensa.

O inimigo não renovou o seu ataque a 28, excepto o fogo que fizeram as suas tropas ligeiras; porém removeu um grande corpo de infanteria e cavallaria da esquerda ao seu centro, para a retaguarda, d'onde vi a sua cavallaria em marcha na estrada, que sahe de Mortagoa, através das montanhas, com direcção para as bandas do Porto.

Havendo pensado que provavelmente havia o inimigo de procurar envolver o nosso flanco esquerdo por aquella estrada; tinha determinado ao coronel Trant, que com a sua divisão de milicias marchasse para o Sardão, com a intenção de que elle houvesse de occupar estas montanhas; porém infelizmente elle foi mandado á roda pelo Porto, e isto pelo general que commanda nas partes do

norte, em consequencia de um pequeno destacamento do inimigo se achar em possessão de S. Pedro do Sul; e apesar das diligencias que fez para chegar a tempo, não conseguiu chegar ao Sardão senão a 28 pela noite; a tempo que o inimigo se achava de posse do terreno.

Como era provavel que o inimigo no curso da noite de 28 lançaria todo o seu exercito sobre aquella estrada, com o que podia chegar á cidade de Coimbra, evitando a serra do Bussaco, e passando pela estrada real do Porto, e d'esta fórma poria o nosso exercito exposto a ficar cortado d'aquella cidade, ou a uma acção geral em terreno menos favoravel; e como eu tinha na mesma retaguarda reforços; fui induzido por estes motivos a retirar-me da serra do Bussaco. O inimigo desfilando nas montanhas ás 11 horas da noite do dia 28, e fazendo a marcha esperada, a sua guarda avançada estava hontem em Avelãs na estrada do Porto para Coimbra, e todo o exercito foi visto em marcha através das montanhas: porém o exercito do meu commando estava já nos terrenos baixos, entre a serra do Bussaco e o mar; e o todo do mesmo exercito, á excepção da guarda avançada, está n'este dia na margem esquerda do Mondego.

Ainda que a desafortunada circumstancia da demora, que teve o coronel Trant, em chegar ao Sardão, me faz apprehender que não terá effeito ou poderei completar o objecto que tinha em vista passando o Mondego, e occupando a serra do Bussaco, não sinto o haver assim feito. Este movimento me ha fornecido uma opportunidade favoravel de mostrar ao inimigo a descripção das tropas, de que é composto este exercito, tem trazido pela primeira vez as tropas novas portuguezas a uma acção com elle em uma vantajosa situação; e as tropas d'esta nação hão mostrado que o trabalho e disvelos, que se hão tido com ellas, não têm sido baldados, e que se tornam dignas de contenderem nas mesmas fileiras com as tropas britannicas n'esta interessante causa, á qual ellas offerecem as melhores esperanças de salvação.

Durante toda a parte da contenda na serra, e em todas as marchas antecedentes, e n'aquellas que havemos depois feito, todo o exercito se ha comportado na maneira mais regular.

Conseguintemente todas as operações hão sido feitas com muita facilidade; e os soldados não hão soffrido privações, e não têm igualmente sustido fadigas desnecessarias; não se hão perdido petrechos, etc.; e o exercito se acha cheio dos mais altos e bons espiritos.

Tenho recebido durante este serviço a maior ajuda dos generaes e officiaes do estado maior.

O tenente general sir Brent Spencer me ha dado aquella ajuda, que a sua experiencia o habilita a fornecer-me; e sou particularmente devedor por bons serviços ao ajudante e quartel-mestre-general, e aos officiaes dos seus departamentos; ao tenente coronel Bathurst, e aos officiaes do meu pessoal estado maior; ao brigadeiro general Howarth e ao corpo de artilheria, e particularmente ao tenente coronel Fletcher, capitão Chapman e aos officiaes do real corpo de engenheiros.

Devo igualmente mencionar a Mr. Kennedy e aos officiaes do departamento do commissariado, cujo departamento tem sido dirigido com o mais terminante e feliz successo.

Eu não faria justiça ao serviço e aos meus proprios sentimentos, se acaso eu deixasse escapar esta opportunidade sem chamar a attenção de v. ex.ª para com os meritos do marechal Beresford; a elle exclusivamente e debaixo do governo de S. A. R. é devido o merito de haver levantado, formado, disciplinado, e equipado o exercito portuguez, o qual se ha mostrado agora capaz de combater e destroçar ao inimigo.

Tenho, além d'isto, recebido d'elle em todas as occasiões toda a ajuda, que a sua experiencia e talentos, assim como o seu conhecimento d'este paiz o tem qualificado para me fornecer.

. . . .

Tenho a honra de ser, com estima e respeito, de v. ex.ª muito attento e fiel servo.

Illmo e ex.^mo sr. *D. Miguel Pereira Forjaz.*

Wellington.

Quartel general de Coimbra, em 30 de setembro de 1810.

Extracto da relação dos mortos, feridos, etc.

O officio de Wellington, acima transcripto, era acompanhado da relação dos mortos e feridos, prisioneiros e extraviados, da qual passamos a fazer o seguinte resumo relativo á batalha do dia 27:

Exercito inglez — Mortos: 1 major, 1 capitão, 2 tenentes, 1 porta-bandeira, 5 sargentos, 97 officiaes inferiores e soldados. — Feridos: 3 tenentes coroneis, 5 majores, 10 capitães, 16 tenentes, 1 porta-bandeira, 21 sargentos, 3 tambores, 434 officiaes inferiores e soldados. — Extraviados: 1 capitão, 1 sargento, 29 soldados.

Exercito portuguez. — Mortos: 4 capitães, 2 subalternos, 1 sargento, 1 tambor, 82 cabos, anspeçadas e soldados. — Feridos: 1 coronel, 1 major do estado maior, 5 capitães, 18 subalternos, 9 sargentos e furrieis, 478 cabos, anspeçadas e soldados. — Prisioneiros e extraviados: 2 sargentos ou furrieis, 18 cabos, anspeçadas e soldados.

Officio do marechal Beresford ao secretario da guerra D. Miguel Pereira Forjaz, com data de 30 de setembro de 1810 [1]

Illmo e ex.^mo sr. — Tenho a maior satisfação de annunciar a v. ex.ª, para conhecimento de S. A. R., que o

[1] *Gazeta de Lisboa* de 4 de outubro de 1810, n.º 238.

exercito combinado debaixo das ordens de s. ex.ª, o marechal general lord visconde Wellington, bateu o exercito inimigo commandado pelo marechal Massena em a tentativa que elle fez contra a nossa posição sobre as alturas do Bussaco. Como s. ex.ª, o marechal general, dará, para serem submettidos a S. A. R., todos os detalhes sobre o que respeita aos movimentos e disposições que conduziram a esta brilhante victoria, eu me limitarei ao que respeita á conducta particular das tropas de S. A. R., que se cobriram de gloria, e se mostraram dignos emulos dos seus companheiros de armas do exercito inglez, e dignos herdeiros da gloria dos seus antepassados.

Tendo o inimigo em o dia 25 adeantado os seus postos avançados até á parte debaixo da nossa posição sobre a montanha, n'esse mesmo dia alli se estabeleceu, e durante o 26 alli reuniu a força total dos seus tres corpos de exercito. Ás 6 horas da manhã do dia 27 elle atacou por dois pontos differentes a nossa posição com fortes columnas; e o maior vigor do fogo durou, pouco mais ou menos, duas horas e meia; e os corpos portuguezes que se distinguiram, foram todos aquelles que tiveram a felicidade de estar nos pontos atacados, sendo estes os corpos seguintes:

A brigada 9 e 21 debaixo das ordens do coronel Champalimaud, e, depois que este foi ferido, do tenente coronel Sutton; o regimento 8 commandado pelo tenente coronel Douglas; a brigada 1 e 16 de linha, e o 4.º batalhão de caçadores, debaixo das ordens do brigadeiro general Pack; a brigada 7 e 19 e caçadores n.º 2, ás ordens do brigadeiro general Colleman; os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3 com a divisão ligeira ingleza, e o batalhão 6 da brigada do brigadeiro general Campbell; duas brigadas d'artilheria commandadas immediatamente pelo major Arenstchild, e duas de 3 postadas mais á esquerda.

A unica differença que houve em a conducta de todas

estas tropas, consistiu nas occasiões, que se offereceram a cada corpo, de se darem a conhecer, podendo este ser chamado um dia glorioso para o nome portuguez, havendo as suas tropas adquirido pela sua conducta tanto a admiração, como a plena confiança do exercito inglez. A conducta do regimento 8, debaixo das ordens do tenente coronel Douglas, e onde o major Birmingham se distinguiu muito, lhe adquiriu a gloria com dois regimentos inglezes de desalojarem o inimigo com a bayoneta das alturas, que elle havia ganhado, e lhe fizeram pagar caro a sua vantagem momentanea. Os regimentos 9 e 21 mereceram a completa approvação do major general Picton, e merecem muito louvor o coronel Champalimaud, o tenente coronel Sutton, que commandou a brigada depois da ferida do primeiro, e o tenente coronel José Maria de Araujo Bacellar, commandante do regimento 21.

O brigadeiro general Pack merece os meus agradecimentos, assim como os corpos que estiveram debaixo das suas ordens, e os seus commandantes os tenentes coroneis Hill e Luiz do Rego, e o major Armstrong. A conducta do batalhão de caçadores n.º 4 merece ser particularmente mencionada assim pelo seu valor em o ataque, como pela constancia com que sustentou por todo o dia o fogo do inimigo. O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge d'Avilez, se comportou extremamente bem, e este official merece todos os meus elogios. O batalhão n.º 3, debaixo do commando do tenente coronel Elder, se distinguiu muito particularmente, e ajuntando á sua reputação de disciplina a do seu valor, é impossivel que haja nada melhor do que este batalhão. A brigada do brigadeiro general Colleman 7 e 19, e caçadores n.º 2 merece tambem todo o elogio pela sua conducta, e que sejam nomeados os seus commandantes os coroneis Palmeirim e José Cardoso de Menezes Sottomaior, e o tenente coronel Nixon; e particularmente cinco companhias do regi-

mento 19, as quaes debaixo das ordens immediatas do tenente coronel Mac-Bean, fizeram um ataque de bayoneta sobre o inimigo, o qual é particularmente mencionado por todos os officiaes dos dois exercitos, que o viram, como uma coisa perfeita, tanto pela sua disciplina, como pelo valor que mostraram.

O batalhão de caçadores n.º 6, da brigada do brigadeiro general Campbell, e commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto, se comportou igualmente muito bem, e merece os meus agradecimentos.

Duas brigadas de artilheria de 9 e 6 debaixo das ordens pessoaes do major Arenstchild se distinguiram tambem muito, supportando com constancia durante toda a batalha o fogo de quatorze peças de artilheria, e causando debaixo d'este uma grande perda de homens ao inimigo, e desmontando-lhe tres das suas peças, e fazendo-lhe saltar dois carros de munições. Duas outras brigadas d'artilheria 3 merecem tambem a minha approvação. Todos os officiaes e soldados d'estes corpos são dignos de que eu leve á presença de S. A. R. a sua boa e excellente conducta, que teria feito honra aos soldados mais aguerridos, porque pela confissão de todos os officiaes inglezes elles mostraram assim o valor como a disciplina. Em quanto ás tropas que não entraram em acção directa, eu lhes observei o mais ardente desejo de se medirem com o inimigo, e segundo as apparencias ellas terão brevemente a occasião. Mas com uma conducta tal, que as tropas portuguezas mostraram na batalha do Bussaco, auxiliada com o valor conhecido do exercito inglez, não podemos deixar de prever favoravelmente o resultado da nossa lucta actual, e que o inimigo pagará caro a devastação e crueldades que elle tem commettido em Portugal.

Não posso deixar n'esta occasião de reconhecer os importantes serviços, que em toda a occasião recebi dos talentos e zelo do quartel mestre general do exercito, o coronel d'Urban; e eu tenho toda a razão de estar con-

tente do ajudante general Brito Mosinho e do meu secretario militar, o brigadeiro Lemos, que me acompanharam durante a batalha; e tambem de todo o estado maior da minha pessoa.

Ajunto o mappa da perda do exercito de S. A. R. em a batalha do dia 27.

A do inimigo deve ter sido immensa pelos ditos dos prisioneiros e dos feridos, que o inimigo abandonou depois, quando fez o seu movimento sobre a nossa esquerda. Elle deixou sobre o campo de batalha mais de dois mil mortos; e varios generaes foram feridos. O general de brigada Simon foi feito prisioneiro; e os officiaes que tomámos, dizem que os generaes Merle, Maucune e Graindorge estão feridos. — Deus guarde a v. ex.ª — Quartel general de Coimbra, 30 de setembro de 1810. W. C. Beresford, Marechal e commandante em chefe. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Officio do marechal Massena ao marechal Berthier, principe de Wagram, datado de Coimbra em 4 de outubro de 1810 (1)

Coimbra, le 4e d'Octobre, 1810. — Monseigneur. — Nous nous sommes mis en marche le 16e pour entrer en Portugal, ainsi j'en ai prévenu Votre Altesse. Le 5 jour nous sommes arrivés à Vizeu, après avoir traversé de très mauvais chemins. Nous avons dû nous y arrêter cinq jours pour donner au parc d'artillerie et aux équipages le tems d'arriver, et celui de se réparer, comme j'ai eu l'honneur de vous en rendre compte de Vizeu même. Je suis parti le 25e de cette dernière place. Le

(1) Este officio foi apprehendido em Bobadella a um ajudante de campo de Junot, disfarçado em camponez. Vid. *Gazeta de Lisboa* de 11 de dezembro de 1810, n.º 296.

3 jour de marche je me suis trouvé devant la position de Busaco, qui étoit occupée par les deux armées, Anglaise et Portugaise, réunis. J'ai reconnu cette position. Le lendemain à la pointe du jour j'ai fait attaquer à la gauche par le 2e corps, et au centre par le 6e. Le 8e corps restoit en réserve. La position est assurément la plus forte de tout le Portugal. Le Général Régnier est parvenu cependant au haut de la crête, et commençoit à s'y établir, lorsque le Général Hill avec un corps de 20:000 hommes a attaqué en colonne serrée les troupes qui, excédées de fatigues, commençoient à se former sur la crête de la montagne, et les a forcées à en descendre. Le mouvement de retraite, soutenu par une bonne réserve, s'est fait avec ordre, et le 2e corps a repris sa première position. Au centre se trouvoient les divisions Loison et Marchand. La première a attaqué sur la droite du chemin qui conduit au couvent de Busaco, et l'autre vers la gauche. Obligé de gravir une montagne très escarpée pour rejoindre la grande route, le Général Loison parvint après de grands efforts sur cette route, mais il n'eut pas le tems de s'y former en colonne, et de s'y établir. Deux colonnes Anglaises serrées en marche, protégées par une nombreuse artillerie, sont arrivées au pas de charge, et ont forcé cette division à rétrograder. Le Général Marchand, qui devoit soutenir cette attaque, a pris position pour arrêter l'ennemi. Les Anglais n'ont pas osé s'avancer à plus de 300 toises de leur ligne de bataille. Le reste de la journée s'est passé à tirailler. Après avoir reconnu attentivement cette position, que lord Wellington n'auroit pas osé tenir, si, comme moi, il ne l'avoit pas jugée extrêmement forte, je pris tout de suite mon parti, et je cherchois à obtenir par mes manœuvres un avantage qui nous auroit coûté trop de braves.

J'envoyai des reconnoissances de cavalerie sur ma droite et sur ma gauche pour examiner le pays, et pour tenir l'ennemi dans l'incertitude sur la direction de mes

mouvements. D'après les rapports je me décidois à tourner l'armée Anglaise par ma droite. La position de Ponte de Murcella, que l'ennemi avoit retranché, et sur laquelle il pouvoit marcher de flanc par la crête de Penacova, lui facilitoit les moyens d'y porter toutes ses forces en moins de deux heures. Au lieu que le chemin de Sardão traversant le Col de Caramulo me conduisoit sur Boialvo, dans un pays ouvert et fertile. Le mouvement tournoit la gauche de l'ennemi, et me rendoit maître de manœuvrer sur son flanc.

Je quittois donc le 29 à six heures du soir la position de Moura, et je marchois sur Boialvo. Le 8e corps, qui n'avoit pas souffert, fesoit l'avant garde. Le 6e formoit le corps de bataille, et le 2e se trouvoit en arrière garde.

Tous mes blessés me suivoient sur des caissons et bêtes de sommes. L'ennemi s'apercevant après minuit de cette manœuvre sur la gauche, laissa à Busaco une forte arrière garde, et marcha dans un grand désordre vers Coimbra, sur plusieurs colonnes, après avoir fait sauter toutes les munitions, et brûlé tous les magasins.

Je suis arrivé le 1er à Coimbra. L'ennemi avoit laissé toute sa cavalerie, avec quelques regiments d'infanterie, que j'ai fait charger. Il s'en retire sur Condeixa. Le 2e j'ai envoyé l'avant garde sur ce village, et l'ennemi en a encore été chassé. Elle est aujourd'hui à Redinha. Ma cavalerie couvre tous les chemins qui aboutissent sur la route de Lisbonne, et le Général Montbrun s'est porté sur Figueira.

Lord Wellington avec l'armée Anglo-Portugaise est en pleine retraite sur Lisbonne. Il annonce le project de vouloir nous disputer toutes positions. Je marche réuni, et je ferois tout ce que je pourrois pour le décider à livrer bataille, seul moyen de le détruire, ou de le forcer à se rembarquer. On porte le nombre des deux armées Anglaise et Portugaise à 60:000 ou à 70:000 hommes; parmis lesquels 25:000 Anglais. L'ennemi brûle et détruit tout, en évacuant le pays. Il force tous

les habitants à abandoner leurs foyers. Coimbra, ville de 20:000 âmes, est déserte. Nous ne trouvons aucunes subsistances. L'armée vit avec le bled de Turquie et les légumes que nous trouvons encore sur plante. Lord Wellington, n'osant nous attendre en rase campagne, cherche à nous détruire en ruinant tout ce qui pourroit nous alimenter. Les habitants des villes et des villages sont très malheureux. Il les contraint à servir sous peine de la vie; enfin aucune époque de l'histoire n'offre d'exemple d'une aussi grand barbarie.

Notre perte en tués et blessés est d'environ 3:000 hommes; parmis lesquels beaucoup d'officiers. Le Général Simon, de la division Loison, dangereusement blessé, est resté au milieu des rangs de l'ennemi. Le Général Graindorge est mort de ses blessures. Le Général de division Merle est blessé. Les Généraux de brigades Foy et Maucune le sont également. Ils ne pourront de quelque tems reprendre leur service. Les Colonels du 26e de ligne, des 6e et 32e légères, ont été tués, et plusieurs autres blessés. Il manque dans les corps un grand nombre d'officiers, qu'il seroit nécessaire de remplacer. L'armée Anglo-Portugaise a avoué avoir perdu 4:000 hommes, dont la moitié Anglais.

Je laisse les blessés et malades à Coimbra, où je fais retrancher deux couvents. Je ne pourrais y laisser qu'un petit nombre des troupes pour les garder. Battre les Anglais et les forcer à se rembarquer est la meilleure défense que je puisse leur laisser.

Le Général Régnier mérite les plus grandes éloges, et s'est conduit en Général expérimenté. Le Général Loison continue à justifier sa réputation; enfin officiers et soldats tous ont combattu avec bravoure et dévouement. Je vous enverrai l'état des récompenses à accorder à la brave armée de Portugal, animée du plus grand dévouement pour le service de S. M. l'Empereur. — A Son Altesse le Prince de Wagram et de Neufchatel, Vice Connétable, Major Général, à Paris. — *Massena.*

DIARIO MEMORIAL

DOS

Acontecimentos observados em o convento do Bussaco em os mezes de setembro e outubro de 1810, por occasião da guerra franceza, escripto por fr. José de S. Silvestre, religioso do mesmo convento, que foi testemunha de tudo (1).

Depois da grande desgraça da praça de Almeida, que a todo o Portugal foi patente, a 31 de agosto de 1810, o exercito francez, commandado pelo principe de Essling, Massena, continuou a sua marcha em direitura a Vizeu. O exercito anglo-luso, commandado pelo general inglez lord Wellington, que estava acampado em as faldas da serra da Estrella, não podendo impedir a marcha dos francezes, se dirigiu até á Ponte da Murcella, isto tão rapidamente, que não se soube aqui nada senão á mesma hora que a tropa chegou, que foi no dia 19 de setembro do dicto anno de 1810. A grande eminencia d'esta serra deu causa aos successos que agora direi.

Dia 20 de setembro. — Hoje pela 1 hora da tarde chegou aqui um ajudante de campo de lord Wellington: apenas se lhe abriu a porta, disse: — eu quero ver o convento, já, já; amanhã pelas duas horas do dia vem

(1) Ao nosso presado amigo, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, incançavel redactor do *Conimbricense*, folgamos de dar aqui um publico testemunho da nossa gratidão por nos permittir que transcrevessemos do seu interessante periodico este valioso documento.

para aqui o general em chefe; elle dormiu esta noite em Lorvão: os francezes vêm já em Tondella.

Deu-se logo parte ao prelado. Mostrou-se-lhe o convento e a capella do bispo: mandou caiar e lavar o melhor quarto da hospedaria para o general, e depois de beber um pouco de vinho, partiu a toda a pressa dar parte a Lorvão.

Mandou-se logo preparar a hospedaria, e se terminou o dia com bastante susto nosso, por nos vermos obrigados a tolerar cousas nunca vistas n'esta casa.

Dia 21. — Certificados nós já da marcha dos francezes, esta manhã mandou o prelado consumir o Santissimo Sacramento, para que este grande Deus, a quem adoramos todos os dias e todas as noites, não viesse a padecer irreverencia alguma.

Pelas 8 horas do dia chegou aqui o quartel mestre general; entregou uma pauta dos officiaes a que se devia dar quartel — eram 50. Vinha ella assignada pelo general em chefe; e com declaração de não darmos mais quartel a ninguem sem ordem d'elle.

Depois entraram a apparecer aqui soldados inglezes, e se foram augmentando tanto, que pelas 9 horas estava cheia toda esta matta, convento, e ermidas de officiaes inglezes e suas bagagens.

O general entrou ás mesmas horas em o convento: mostrou-se-lhe o seu quarto, não gostou d'elle, a pezar de ser o melhor, por não ter mais que uma porta. Escolheu outro mais escuro, por ter duas.

Mandou-se logo lavar, e se enxugou á força de fogo. Em quanto isto se fez, foi elle ver e observar toda a serra e estradas até Mortagua.

Todas as cellas foram logo occupadas pelos officiaes do estado maior, excepto a do padre fr. Antonio dos Anjos, que ninguem a quiz por estar cheia de quantos cacos, farrapos e ferros velhos achou, e tambem a do prelado, que por politica lhe foi conservada.

Os religiosos em todo o tempo que aqui esteve a tropa dormiam na egreja, sacristia, casa dos frontaes, livraria, e dispensa, e por onde podia ser.

Logo que lord Wellington entrou, rompeu-se a clausura para todo o genero de pessoas, o que nunca havia succedido desde a sua fundação.

O general mandou dizer que não tocassem de noite os sinos. Por este motivo rezámos matinas ás 8 da noite.

Já tarde chegou aqui um religioso hespanhol do Escurial, disfarçado inteiramente, a quem démos a devida pousada. Elle nos disse que se os francezes viessem não ficassemos aqui, porque na Hespanha, onde tem estado o quartel general, é que elles têm feito maior ruina, e mais mortes.

Dia 22. — N'este dia continuou-se a encher a serra de tropa. O general em todo o tempo que aqui esteve levantava-se pelas 5 horas da manhã, pelas 7 sahia a rever o campo e o exercito, e pelas 4 da tarde é que se recolhia, e pelas 5 jantava.

Mandou-nos dizer que estivessemos socegados, que elle nos avisaria de quando haviamos de sahir. Porém o prelado, para mais cautela, mandou sahir os religiosos mais velhos, e o carro carregado das preciosidades do convento para Coimbra, e deu logo parte d'isto ao nosso padre geral.

Dia 23. — Hoje pelo meio dia principiou-se a ouvir muito fogo em Mortagua, o que annunciou a visinhança do inimigo; durou toda a tarde: divisavam-se ao mesmo tempo muitas casas a arder pelos districtos d'aquella villa. Os officiaes inglezes sahiram logo a observar da porta Sulla, mostrando em si uma grande tristeza. Os moradores dos povos vizinhos, opprimidos da tropa, e receiosos do inimigo, largaram immediatamente suas casas e fugiram para esta serra, e muitos acharam entre nós o seu asylo.

Dia 24. — Continuou o fogo nos districtos de Mortagua entre a nossa tropa e a inimiga: teve quasi nenhum effeito, por serem sómente as avançadas entre si; vindo sempre a nossa gente em retirada.

N'este dia lord Wellington mandou abrir a porta da Rainha, que estava tapada com pedra, por estar mais proxima á estrada: e outra no mais alto da matta. D'esta principiaram logo os paizanos a abrir uma grande estrada por todo o cume da serra, em direitura á Murcella; e compozeram outra dentro da cêrca para passar a tropa e a artilheria para o cume da mesma serra. Os soldados abriram tambem outra na esquina do muro, no mesmo alto da matta, para tirarem lenha para queimarem, e para choupanas.

Dia 25. — Esta manhã avançaram os francezes sobre a nossa tropa até ás vizinhanças da Moura, aldeia distante d'aqui meio quarto de legua; pararam ahi e depois foram-se espalhando em columnas por todos os altos de ambos os flancos.

O nosso exercito se poz logo em uma linha por todo o cume da serra, da qual era centro esta matta. Fizeram-se immediatamente baterias por todos os montes.

Junto á porta Sulla, da parte de dentro, se fez tambem uma, a fim de atacar o inimigo se entrasse pela porta. Quasi todo o muro que olha ao nascente de ambos os lados d'esta mesma porta, foi derrubado do meio para cima, e para baixo esboracado. Detraz d'elle se pozeram logo dois regimentos para mais facilmente atacarem os francezes se alli chegassem.

Á roda da mesma porta da parte de fóra se fez tambem uma grande estacada de carvalhos quasi inteiros, para o que podesse succeder. Tudo isto de nada serviu.

Alguns regimentos nossos, que ainda estavam pelos pinhaes da Moura, subiram esta naite para a serra, deixando desoccupadas as duas aldeias, Moura e Sulla, por estarem muito proximas ao inimigo. A vida regular do

convento suspendeu-se de todo por causa das muitas perturbações.

Dia 26. — Logo que se levantou, o general mandou sahir para fóra da matta todas as suas bagagens. Isto causou-nos um grande susto, tanto que alguns se aprompftaram para fugir. Pelo meio dia tornaram a voltar para o convento, e então é que mandou fazer o jantar. Com isto ficámos algum tanto mais consolados.

O nosso exercito augmentou-se muito mais por toda a linha em que já estava disposto.

Os francezes, que já occupavam em grande multidão os montes que estavam defronte, se vieram aproximando cada vez mais a nós.

Uma columna entrou na Moura, e outras muitas vieram metter-se nos pinhaes vizinhos que havia pelos valles.

Pelas 2 horas da tarde começou a nossa artilheria a jogar sobre elles. Os caçadores, descendo pelo monte abaixo, fizeram o mesmo. Durou este fogo com pouco effeito até ás 4 da tarde.

Um general inglez ficou ferido mortalmente; esteve em a capella do bispo. Lord Wellington no dia seguinte mandou pedir um esquife para o dito ferido: não se lhe deu, porque não o havia. Ficámos desconfiando que ou elle tinha morrido, ou estava tão mal, que só assim poderia ir para Coimbra.

Dia 27. — Hoje levantou-se o general muito cedo. Mandou logo sahir as suas bagagens para fóra da matta.

Das 4 para as 5 horas da manhã, valendo-se os francezes de uma espessa nevoa, que de noite se tinha levantado por todo o valle que mediava entre um e outro exercito, avançaram com grande impeto sobre a nossa tropa, principalmente em as duas estradas que vêm de Mortagua para Coimbra.

Como a nevoa não deixasse ver a vizinhança dos fran-

cezes, em a estrada de Santo Antonio do Cantaro chegaram a romper a nossa linha; porém foi com tal infelicidade, que todos os que subiram ao cume da serra não retrocederam um passo; porque, acudindo logo um regimento nosso a fechar a linha, matou a uns, feriu e prisionou os mais.

Na outra estrada não chegaram a tanto: mas sempre entraram em a Sulla, e subiram até pertissimo da nossa artilheria. Esta principiou logo a jogar sobre elles com toda a força, e os caçadores da mesma sorte.

Levantou-se logo a nevoa; então se descobriu a grande multidão de francezes que havia subido até áquelle ponto.

Como o fogo da nossa artilheria fosse muito vivo, e a d'elles não podesse jogar quasi nada, uma grande parte d'esta columna fugiu rapidamente pelo monte abaixo.

Os nossos caçadores lhe deram ao mesmo tempo uma grande apupada, a qual deu bastante alegria a quem a ouviu e observou. Durou o fogo de parte a parte com grande effeito e actividade até ás 4 horas da tarde.

Pelas 8 da manhã, eu depois de me haver confessado e dicto missa, e mais outro padre, sahi do convento a ver o fogo: indo entrando pela porta que está ao pé do tanque, encontrei ahi um paizano a chorar; perguntei-lhe que tinha? Respondeu-me, quasi sem articular palavra: pois não vê aquillo? O quê? disse eu. Accrescentou elle: aquelles francezes feridos que alli estão.

Reparei logo para baixo, vi-os de tão miseravel fórma, que sem querer me principiaram immediatamente a correr as lagrimas.

Um d'elles, que causava mais ternura, tinha o rosto atravessado de um para outro lado com uma balla, a qual lhe passou por entre os queixos: o sangue sahia-lhe pela bocca, e tinha já uma grande porção d'elle coalhado pendente dos beiços. Este nem sequer uma palavra podia dar. Os outros não estavam tão mal, excepto uns 4 ou 5, que estavam cortados pela cintura, e tão esgotados de sangue, que tremiam de frio. Os inglezes fizeram-lhes

logo uma grande fogueira e os deitaram á roda d'ella. Fui-me logo d'aqui por não poder ver tanta lastima.

Subi ao alto da matta: da parte de fóra de porta, que alli se abriu, estavam os cirurgiões ligando as feridas dos nossos caçadores, que eram muitos: mas não tão mal feridos e lastimosos como os francezes.

Continuei pela serra fóra a ver se podia ver o fogo; não me foi possivel: porque as ballas do inimigo atravessavam o cume da serra para a parte de cá; chegavam ao meio da matta. Isto obrigou aos nossos regimentos, que não davam fogo, a assentarem-se algum tanto detraz do alto.

Como não pude ver o fogo, voltei para casa. Quando cheguei, um soldado da guarda do general disse-me que estava prisioneiro um general francez chamado Simon: foi logo mostrar-m'o. Elle estava ferido com tres ballas, todas em a face direita.

Veiu tambem com elle um capitão, que servia de seu secretario, porém este não estava ferido.

Lord Wellington mandou tractal-o com toda a honra e humanidade; e um official inglez lhe deu o seu quarto. Mandou-se-lhe buscar as suas bagagens. Massena remetteu-lh'as promptamente. Veiu tambem a sua mulher: tudo isto no dia seguinte pela manhã.

O prelado mandou benzer um pedaço de terra em o olival para se enterrarem lá os feridos que iam morrendo.

Os nossos caçadores padeceram muito hoje; porque não foram rendidos vez nenhuma: supportaram com grande animo e valor o fogo todo o dia.

Um seu capitão disse-me á noite: que se tinham tres dias como este, não escapava um só caçador. É verdade que os mortos não foram de mais; porém os feridos foram muitos. Só dos que estavam no pateo, para onde eram conduzidos depois de ligadas as suas feridas, foram 80 carros á noite para Botão. A todos elles démos vinho, e o mais que pediam.

Uma cousa extranhámos muito n'elles; estando a morrer uns ao pé dos outros, e todos em perigo grande de vida, nenhum pedia confissão, nem ainda se lhe ouvia fallar em Jesus, o que é tão proprio e tão natural a um christão afflicto.

Beresford, que tinha seu quartel em Sancta Eufemia, veiu esta noite dormir á nossa livraria.

Dia 28. — Logo pela manhã mandou o general retirar as suas bagagens como nos dias antecedentes.

O general prisioneiro foi para Coimbra com sua mulher e secretario. O fogo da nossa artilheria continuou sobre o inimigo; porém os francezes pouco ou nada jogavam sobre nós. Houve pouco sangue n'este dia. Os francezes deitaram o fogo aos mattos dos montes ao escurecer.

Trant veiu hoje fallar com lord Wellington: passou-se logo um boato que alguns regimentos partiam para elle. Este commandante partiu de tarde para lá de Agueda, onde tinha alguma tropa miliciana.

Pelas 11 horas da noite os francezes muito em silencio, virando caras á ponte da Murcella, retrocederam para Mortagua. D'aqui marchando pela estrada de Boialvo, vieram metter-se na do Porto, por estar aquelle ponto sem guarnição alguma.

Um official inglez, que estava de sentinella, o qual bem por acaso advertiu o movimento do inimigo, por causa do escuro da noite, avisou logo ao general. Elle levantou-se logo immediatamente, e pela meia noite partiu para Coimbra com todo o exercito.

Mandou-nos avisar que nos retirassemos tambem: o que todos fizeram, excepto o padre fr. Antonio da Soledade, o irmão fr. Ignacio da Natividade e eu. Não sahimos por estar muito escuro e a chover.

Faziamos tenção de marchar pela manhã, fiados em que havia de ficar na serra alguma guarnição, e que os francezes não entrariam aqui de noite.

Dia 29. — Levantei-me pela manhã cedo com o destino de observar os movimentos da tropa. Encontrei no pateo a muitos regimentos marchando precipitadamente. Perguntei se ficava na serra alguma gente: disseram-me que não ficava lá ninguem. Com esta noticia ficámos assustados.

Deixei-os passar, e fui mais outro á porta Sulla ver o campo dos francezes. Já não appareciam mais que uns piquetes de cavallaria, repartidos por toda a estrada.

Principiaram logo a mover-se os primeiros, e foram retrocedendo uns detrás dos outros, até que desappareceram todos.

Um batalhão de cavallaria ingleza, que ficou de observação, despachou logo um piquete a rever a estrada de Mortagua. Encontrou para lá da Moura 70 feridos francezes, desamparados inteiramente em um cabeço. Compadeceram-se tanto d'elles, que se apearam, e montando-os em seus cavallos, trouxeram-n-os para a capella das Almas, que fica da parte de fóra do muro. Gastaram todo o dia nesta obra de piedade.

Á noite divisámos as fogueiras do inimigo para as partes de Agueda.

Os inglezes queimaram logo uma grandissima porção de polvora juncto ao muro, da parte de baixo da porta da Rainha.

Fez-nos um grande damno. Lançou por terra o muro que estava deante, arrastou algumas arvores, e quebrou uma grande vidraça da egreja com seus caixilhos.

Dia 30. — Hoje pela manhã foram-se os soldados inglezes que estavam de sentinella. Recommendaram-nos que déssemos agua aos feridos que estavam na capella das Almas, que os livrassemos dos paizanos, que não faziam senão roubar e matar, e que mandassemos buscar uns poucos que ainda estavam na serra desamparados.

Pelas 9 horas pedi a dois officiaes portuguezes, que aqui estavam, quizessem acompanhar-me a ver os dictos

feridos, que restavam ainda no monte: foram promptamente; porém, chegando á porta Sulla, me deixaram só, dizendo-me que era muito longe, que não iam lá.

Marchei só até á Moura: encontrei neste povo tres homens; disse-lhes: se me queriam acompanhar? Foram logo.

Seguimos a estrada: logo adeante juncto d'ella achámos doze feridos cheios de tanta miseria, que nem um só se podia levantar: estavam com as pernas quebradas; e tres estavam quasi a expirar, obrigados das dores, do frio, do calor, da fome e sede.

Apenas me viram, levantaram as mãos ao céo, entraram a chorar muito, e a dizer em alta voz: Oh Madre de Dios! Oh Madre de Dios! Agua, agua, por amor de Dios!

Depois de conversar um pouco com elles, disse aos paizanos que tinham ido comigo, quizessem ir-lhes buscar agua: elles me responderam: que isso não faziam elles: que não haviam de fazer bem aos seus inimigos.

Eu, lastimado em ver a deshumanidade d'aquelles corações, fiz todas as diligencias possiveis pelos mover á compaixão. Disse-lhes que aquelles já não eram nossos inimigos: que se antes o tinham sido, estavam já em estado de não poderem fazer mal algum: que se elles estivessem no mesmo estado, e na mesma miseria, desterrados das suas terras, sem o abrigo de seus paes, desamparados dos amigos, dos conhecidos, dos mesmos nacionaes, abandonados de todo o auxilio humano, entregues ao rigor do sol, do frio, da fome, e da sede, sem poderem dar um passo para procurarem alguma subsistencia; se lhes succedesse a mesma desgraça em que viam aquelles miseraveis, que desejariam? que quereriam lhes fizessem? Façamo'-lhes pois o mesmo que então quereriamos nos fizessem a nós. Devemos amar ao nosso proximo, aos mesmos inimigos: assim o manda Jesus Christo, a sancta egreja, a mesma razão. Isto faz o bom

christão, e o deve fazer tambem todo aquelle que deseja ir para o céo.

A pezar de toda esta minha practica elles não se moveram logo. Disse-lhes por fim: que se elles não queriam ir buscar-lhes a agua, eu mesmo lh'a ia buscar.

Tomei logo umas poucas de botelhas, e outras vasilhas, que alli tinham, e parti por um valle abaixo.

Vendo este meu desembaraço, os paizanos moveram-se então á misericordia: um d'elles foi comigo; pediu-me a grandes instancias lhe deixasse levar a agua; porém eu não quiz dar-lhe mais que uma das vasilhas. Cheguei com a agua, reparti-a por todos, e um paizano deu-lhes tambem um boccado de brôa, que trazia no bolso da véstia. Estes feridos não comiam mais que o proprio grão de algumas espigas de milho que tinham juncto a si.

Quiz trazer um, que não tinha feridas nas pernas; disse-lhe que se encostasse a mim: ajudei-o a levantar; porém elle estava tão esgotado de sangue de uma grandissima ferida, que tinha no alto da cabeça, e tão fraco, que depois de estar arrimado a mim não pôde dar uma passada: cahiu logo em terra sem sentidos.

Como não pude trazer nenhum, vim ao convento, trazendo comigo tres botelhas para lhes levar agua. Depois do meio dia levei-lh'as lá, e tambem pão, vinho e peixe.

Trouxe um em uma padiola até juncto da Moura, ao que me ajudou um pobre velho de Lobão. Não o trouxemos mais adeante, porque não podiamos já com tanto trabalho.

Recommendei muito a dois moradores d'este povo, que então chegaram, que lhes dessem agua, e se podessem os fossem buscar para alli; o que fizeram passados quatro dias, obrigados das minhas continuas instancias. Porém já tinham morrido tres á força do frio da noite, do grande calor do dia, e da sua mesma miseria.

Ajudei a pôl-os em uma loja cheia de palha, onde continuámos a tractal-os com toda a humanidade, dando-

lhes todos os dias pão, vinho e peixe, e a gente do povo agua, até que se trouxeram para a capella das Almas, onde estavam os mais, que a todos davamos quotidianamente a necessaria subsistencia.

Juncto á noite veiu-nos aqui a noticia de chegarem já os francezes á Mealhada.

Dia 1 de outubro. — Logo de manhã correu aqui um boato de que estavam os francezes em a Vacariça, povoação que dista d'aqui um quarto de legua ao poente. Causou-nos isto grande susto.

O padre que tinha ficado comigo disse-me que não sabia de que modo havia de pôr fóra os dois officiaes de que acima fiz menção. Eram elles um capitão de ordenanças e um tenente de caçadores, que havia já oito dias que aqui se tinham introduzido com ar de amizade, a quem estavamos sustentando, sem elles serem nossos conhecidos na realidade nem bemfeitores; eu lhe disse: — sabe de que modo ha de ser, sem ficarmos mal? Como os francezes já estão na Vacariça, passamos voz que queremos fechar o convento, e fugir por não cahirmos em suas mãos: depois vamos até á serra, e quando nos parecer voltaremos.

Elle approvou a minha lembrança, porque nós já estavamos acautelados; não faziamos tenção de deixar o convento, pois logo que virassemos as costas vinha logo a gente dos povos vizinhos, a qual estava escondida por toda a matta, roubar-nos tudo, o que era peior do que talvez fariam os francezes.

Fui logo ter com os dictos officiaes: disse-lhes que tirassem tudo o que alli tinham, que queriamos fechar o convento, e que não havia de ficar ninguem das portas para dentro.

Elles, que não queriam sair, começaram a dizer que os francezes não vinham cá, que não estavam na Vacariça, e que o moço que havia trazido similhante nova merecia que lhe dessem com um pau. Respondi-lhes que

sem demora alguma se apromptassem, que infallivelmente haviamos de fechar o convento e abalar.

Quando os nossos moços ouviram isto, disseram que elles não podiam sair; porque tinham o pão amassado, e não podiam deixal-o. Eu lhes disse então em segredo a minha determinação, o que elles applaudiram; porque tambem estavam enfadados dos taes sujeitos, por lhes verem arrecadar quanta polvora e espingardas appareciam pela matta e pelo campo da batalha, e comendo e bebendo á nossa custa. Tomando elles então as véstias pelos hombros, instavam muito a que sahissemos com brevidade.

Os dictos sujeitos disseram-me que haviamos de almoçar primeiro. Respondi-lhes: não ha já vagar para tanto, beba-se uma pinga e nada mais; vamos d'aqui sem mais demora.

Em quanto elles apparelhavam um cavallo velho, que tinha ficado na matta, para levarem o que tinham ajuntado, fui eu á adega beber uma pinga de vinho. N'este tempo senti cá fóra um tropel de cavallaria; fechei a porta depressa, e disse para outros que estavam apromptando-se: que cavallaria é esta que aqui vem? Vim logo á porta do pateo, e vi a uns poucos de soldados de cavallo marchando com muita pausa para baixo. Á primeira vista assentei serem inglezes; mas, reparando logo para as barretinas, conheci serem francezes.

Virando-me então para dentro, disse para os outros: vocemecês diziam que não vinham cá os francezes? Elles alli estão já. E apontei ao mesmo tempo com a mão para elles, tornando a virar-me depois para fóra.

Elles foram continuando a sua marcha vagarosa, sem ainda me terem dicto nada, do que me admirei, e assentei que elles não quereriam fallar; só tinham chamado a um moço que ia fugindo, que parasse, e não fugisse, o que elle fez.

No meio d'elles vinham tres officiaes. Tanto que me viram, acenando-me com a mão, disseram: Venha cá, senhor.

Fui então promptamente. Um d'elles, logo que cheguei, tirando a sua barretina, saudou-me com muita politica á portugueza.

Feito isto, poz a barretina na cabeça, e disse-me: nós vimos tomar conta dos armazens de viveres que aqui ficaram dos inglezes. Respondi: cá não ficou mais dos inglezes que muita polvora, á qual elles mesmos deitaram o fogo quando evacuram de todo.

Accrescentaram: a que horas foi esse fogo? Disse-lhes: foi á noite.

Riram-se então, porque viam que lhes fallava verdade; pois elles tinham ouvido o grande estrondo que fez.

Perguntaram-me mais: se na matta estava alguma tropa? — Não, senhores.

— Quantos monges estavam aqui? Disse-lhes: só tres: os mais fugiram, segundo a ordem que havia do general inglez.

Tornaram a instar que aqui estavam armazens de viveres, que lh'o haviam dicto. Eu respondi que nada d'isso; que os tinham enganado.

Accrescentaram: ámanhã ha de vir aqui outro official francez saber se falla verdade ou não.

Esta palavra causou-me algum temor. Disse-lhes então: sr. official, ponha-se a pé, que eu lhe vou mostrar o convento todo.

Ficou muito contente, e disse-me que não tivesse medo, que estivesse socegado, que não faziam mal algum; que me haviam de dar um papel para ninguem nos fazer mal.

O outro padre foi-se chegando para mim com os dois sujeitos que queriamos pôr fóra. O tenente ficou logo prisioneiro por estar de banda e espada; porque os officiaes, apenas o viram, disseram-lhe: ha de vir comnosco; deixe estar a sua banda e a sua espada. Ao outro não succedeu logo o mesmo, porque andava sem farda, e arrancou, sem elles verem, o galão do chapéu; mas ficou ao depois, como abaixo direi.

Perguntaram se tinhamos algum trigo, algum vinho, e pão cozido? Respondi-lhes: o pão está amassado para se cozer; trigo e vinho algum ha.

Se era muito? Disse-lhes: eu lh'o vou mostrar; e mostrei-lhes tudo isto. O trigo era de Coimbra; porque o nosso não lh'o podia mostrar por estar mettido todo em um grande tonel.

Pediram saccos, e mandaram ir dois paizanos levar cousa de 7 ou 8 alqueires, um grande cantaro de vinho, uma canastra de broas, e 50 bacalhaus aos soldados que haviam ficado ao pé dos feridos em a capella das Almas; porque ao convento não vieram senão os officiaes, e 10 ou 12 soldados, para não haver estrago e insulto algum, segundo elles mesmos nos disseram.

Feito isto, um dos officiaes, vendo um grosso ferrolho na porta do armazem do azeite, pediu que lh'a abrissem a toda a pressa, assentando que estava láe scondida alguma grande cousa.

Tanto que entrou, deu com os olhos em uma canastra de cavallas muito bem salgadas. Perguntou que peixe era aquelle? Deu umas a um soldado que ahi estava e mandou cozer outras a toda a pressa para os officiaes.

Disse-lhe eu que estavam muito salgadas, que sem primeiro se adoçarem não prestavam.

Respondeu que isso não importava, que as mandasse cozer depressa, depressa.

Nisto se lhes foram todas as suas attenções: sem ver mais nada sahiram para fóra, e disse-me que os levasse para a sala: conduzi-os á hospedaria. Logo que lá chegaram, pediram que mandasse ir já de comer.

Disse-lhes que não estava ainda prompto; que esperassem pelo jantar: ao que responderam que não podiam demorar-se, porque haviam de entrar em Coimbra pelo meio dia junctamente com o general: que queriam tudo mal cozido como os inglezes.

Demos-lhes brôa, porque não havia outro pão cozido,

vinho, ovos, fructa e a dicta cavalla salgada. E com isto ficaram contentes.

Estando á mesa, pediram vinho do Porto, queijo e dôce. Disse-lhes que nada d'isto tinhamos. Accommodaram-se.

Neste tempo veiu um soldado dar-lhes parte que os paizanos andavam armados fóra dos muros; mandaram-me que fosse lá accommodal-os, que deixassem as armas, que não lhes faziam mal, que se recolhessem ás suas casas, cultivassem os campos, que a guerra era para os soldados, e não para elles.

Pedi-lhes que mandassem um soldado comigo, o que promptamente fizeram.

Quando cheguei á porta da Rainha, não quiz o soldado que eu passasse adeante: foi elle só fallar com os mais que estavam á capella das Almas. Veiu de repente, e disse-me que já não havia nada: voltemos para o convento.

O caso foi este: vinha um clerigo para fallar comnosco; trazia uma espingarda ás costas; quando vinha chegando á dicta porta, gritaram-lhe os soldados de cima que largasse a arma: elle, assentando que eram inglezes, não fez caso. Um moço que estava á porta lhe disse tambem que deixasse a espingarda, e viesse, que elles não faziam mal. Perguntou-lhe que soldados eram? São francezes. Logo que ouviu isto, marchou em uma carreira aberta pelo monte abaixo.

Tanto que o viram fugir, partiu um soldado sobre elle, e disparou uma pistola, mas não o pilhou.

Perguntado ao depois porque fugira com aquella precipitação, respondeu que temera lhe roubassem o dinheiro; porque não tinha mais que aquelle que trazia comsigo.

Quando chegámos ao convento, mandei o soldado ir dar parte aos officiaes: depois pediu-me que lhe deitasse um pouco de vinho em uma borracha.

Disse ao outro padre que lh'o fosse dar; porém logo

que abriu a porta da adega, todos os mais foram tambem com as suas pedir vinho: elle, agoniado por serem muitos e verter-se muito vinho, disse-me que lh'as enchesse eu.

Mandei-os sair todos para fóra; elles não quizeram sem lhes encher bem as borrachas: como elles não queriam obedecer, disse a um moço com voz arrenegada: vae chamar um senhor official para pôr lá fóra estes soldados.

Tanto que ouviram isto, foram saindo meio tristes: o capitão veiu logo, e fel-os sair em um instante: não falaram mais em vinho. Fechei logo a porta.

Depois d'isto pediram algumas gallinhas; levaram quatro e duas perdizes. Recommendaram-nos muito que dessemos aos feridos pão, vinho e caldo; que os livrassemos dos paizanos, e que fosse lá dormir um.

Foi lá dormir o Ir. leigo e mais um moço duas noites: e não se foi mais vezes, porque os mesmos feridos disseram que bastava que fosse o moço.

Quando os officiaes sahiram ao pateo para marcharem, um soldado disse-lhes que havia alli em um quarto dos moços espingardas e polvora: foi logo um dentro, quebrou seis espingardas, deitou cá fóra uma barrica de polvora, e lançou os cartuchos em uma gamella de agua que ahi estava. Para a tirar debaixo de uma cama foi-lhe preciso largar a clavina que trazia ás costas, a qual lhe esqueceu cá com a pressa de partir: foi em paga das que havia quebrado.

Quando estavam para marchar, ouviram dizer a um moço que o dicto sujeito que andava sem farda era capitão. Apenas ouviram isto, disseram-lhe: é official? ponha a sua espada, e a sua banda. Elle ficou sem côres, não sabia que responder.

Nós dissemos-lhes que elle era capitão sim, mas de ordenança, que não tinha alli nada d'isso, que era de longe. Logo que démos esta desculpa, não instaram mais. Porém disseram-lhe: ha de vir comnosco.

Elle fez todas as diligencias para não ir, chegou a

dizer-lhes que era primo do meu companheiro, chegando-se ao mesmo tempo para elle, e que não o podia deixar; mas o padre respondeu-lhe: vá, vá, ora faça a vontade a estes senhores.

Ouvindo isto, o fizeram marchar comsigo, e mais o outro, que já tinham prisionado quando chegaram.

Pedi-lhes que me dessem o papel que tinham promettido: pediram tinteiro e papel, e deram-m'o escripto do modo seguinte:

Au nom de l'humanité.

Je prie et supplie tous les militaires françois qui viendront au couvent Bussaco de ne rien exiger ni des pères, ni des paysans des villages voisins; 60 blessés françois seroient victimes de la moindre violence. Ces pères se sont obligés à fournir des vivres aux blessés jusqu'au moment de l'évacuation.

Le 1.er d'Octobre 1810.

... Off.r au 3.e regt. d'Hussares.

Em portuguez quer dizer:

Em nome da humanidade.

Eu rogo e supplico a todos os militares francezes, que vierem ao convento do Bussaco, de não exigirem nada, nem dos padres, nem dos paizanos das aldêas vizinhas; 60 feridos francezes seriam victimas da menor violencia. Estes padres se obrigaram a dar viveres aos feridos até o momento da evacuação.

1.º de Outubro de 1810.

Pediram-me tambem uma attestação para mostrarem ao general em como ficavamos entregues dos feridos; passei-lh'a na fórma seguinte:

Fr. José e os mais religiosos do convento do Bussaco certificamos aos srs. officiaes do exercito francez de Por-

tugal, que desde a evacuação da tropa ingleza havemos tractado, e continuamos a tractar de 60 feridos francezes que ficaram no campo, dando-lhes pão, vinho e bacalhau por não termos outra cousa. Bussaco, 1 de outubro de 1810. —F. J. S. S.

Disseram-nos que no dia seguinte vinha outro piquete: despediram-se com a mesma politica portugueza com que entraram, e marcharam pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, levando a seu lado e a pé os dois prisioneiros.

Estes francezes a ninguem pediram dinheiro, nem fizeram o menor insulto, apezar de encontrarem aqui muitos paizanos, armas, polvora e bala.

Dia 2. —Das 8 para as 9 horas da manhã entrou pela portaria de baixo um piquete de 50 francezes, e foi caminhando para o convento.

Eu estava á porta do pateo, quando elles iam chegando muito mansamente. Fui-me chegando ao primeiro para lhe mostrar o papel que os do dia antecedente me tinham dado: elle, vendo-me metter a mão no bolso, disse: dinheiro, dinheiro. Tirei o papel; elle apenas o viu, não quiz mais dinheiro; mandou-me para os officiaes que vinham no centro d'este piquete, e foi andando para deante.

Os officiaes, tanto que me viram com o papel na mão, chamaram-me para o pé de si. Entreguei-lhes o dicto papel.

Um, depois de lel-o, fallou com os outros, e entregou-m'o dizendo junctamente que não tivesse susto, que estivesse tranquillo e socegado, que não faziam mal; que vinham tomar a rol os feridos para serem conduzidos ao hospital.

Apearam-se, pozeram guardas ao fundo do pateo, e á porta que do convento sái para o mesmo, e sem entrarem dentro, disseram-me que fosse mostrar-lhes os feridos.

Foram a pé, conversando comigo, um capitão, um tenente, um alferes e um medico hespanhol.

Depois que os viram, disse-me o medico que mandasse ir agua quente para lavar as feridas dos doentes. Vim mais elle ao convento para este fim. Quando cheguei, o irmão leigo chegou-se a mim muito descorado, e disse-me: os soldados têm feito um grande estrago na egreja, e me rasgaram já o collete com o sentido em dinheiro; para que levava o papel? Foi o caso: em quanto foram os officiaes ver os feridos, uns poucos, arrombando a porta principal do convento, que tinha ficado sem guardas, pela não terem visto os officiaes, foram á capella do Senhor *Ecce Homo,* quebraram a porta de um sacrario que ahi ha, lançaram no chão o nicho do Menino Jesus, esmigalhando a vidraça que tinha deante; entraram na egreja, quebraram a porta do sacrario, arrombaram a vidraça do nicho do Menino Jesus que está na capella da Senhora do Leite, mas não a quebraram, e roubaram um habito de Christo que elle tinha ao pescoço; cortaram alguns cordeis de armar a egreja, e tendo a sacristia a porta para a egreja não entraram lá, e assim escapou lá um calix com que diziamos missa; foram á cella do prior pela janella, e fizeram em cavacos a arca das tres chaves.

O meu companheiro que ouviu esta tormenta acudiu a ver o que era; encontrou a dois soldados aos encontrões á porta da casa dos frontaes, onde dormiamos. Disse-lhes cá do cimo do dormitorio: que é lá isso, ó camaradas?

Responderam-lhe: vinho, vinho. Disse-lhes então: andem cá que eu lhes dou vinho: vieram logo, e elle, em logar de leval-os á adega, foi mettel-os no meio dos mais que estavam no páteo. Disse a um sargento que alli estava: que os srs. officiaes tinham promettido de não fazerem mal ao convento, e que os soldados andavam estragando tudo.

Desembainhou logo a sua espada, e foi com elle dentro

do convento a pol-os fóra: quando iam passando á porta da casa do fogo encontraram ahi dois agarrados ao dicto irmão leigo para o saquearem; mas o dicto sargento os apartou logo.

Mostrei todo este estrago ao medico, e depois quando chegaram os officiaes disse eu ao capitão: senhor, os soldados entraram no convento, rasgaram o collete a um frade, e têm feito muito estrago, e para o que, eu lh'o vou mostrar; pegando-lhe ao mesmo tempo por um braço, fui mostrar-lhe tudo. Ficaram todos muito tristes.

Sahindo ao pateo sem dizerem nada em quanto andaram a ver, perguntaram se conheciamos os soldados? Disse-lhes o meu companheiro que não, mas que alli estava o sr. sargento, que os havia deitado fóra, que bem sabia quem eram.

Chamaram por elle, mandaram-lhe ir buscar os cumplices do crime: foi em um instante, e trouxe tres soldados deante de si sem barretinas, sem armas, e sem correias, e um trazia já uma face a correr sangue.

Os officiaes, sem lhes dizerem nada, foram mostrar-lhes o que tinham feito á porta do sacrario. Um d'elles, entrando logo a negar, agarrando-lhe o tenente pela golla da farda, bateu-lhe com as costas nos degráus do altar mór.

Entrando tambem outro a negar, o alferes pegou em um taboa de castanho, e entrou a dar-lhe tantas e tão grandes pancadas pelas costas, que eu, temendo alli algum sangue, lhe peguei nos braços, e disse-lhe que não désse mais: assim o fez.

O terceiro não disse nada, e assim escapou, mas estava muito bem descorado.

Um official, chegando-se a mim com a barretina na mão, disse-me: roubaram o Sanctissimo Sacramento? Não, senhor, porque já nos tinhamos acautelado: só arrombaram a porta.

Depois d'isto sahiram para o pateo, começaram a darnos muitas satisfações, que não sabiam d'aquella porta,

por isso não tinham posto lá guardas, assim como tinham posto ás outras; mandaram logo para lá quatro soldados, e concluiram que escrevessemos ao general, que elle havia de dar-nos uma satisfação, e que este convento seria sempre respeitado.

Calando-se um pouco todos, mostrando no rosto muito sentimento, o capitão, virando-se para mim, disse-me estas formaes palavras: se por favor póde dar aos officiaes sómente pão e vinho?

Sim, senhor; quantos são? Quatro, respondeu elle. Eu então, pegando de um braço ao capitão, levei-os á hospedaria. Démos-lhes pão, vinho e bacalhau: pediram queijo e doce; mas, tanto que lhes disse que o não tinhamos, calaram-se.

Pediram tambem que déssemos aos seus camaradas e aos que estavam de guarda um pouco de pão e vinho novo: aos outros, por serem máos, não.

Disse-lhes que não tinhamos vinho novo, que não havia senão d'aquelle de que estavam bebendo: elles accrescentaram: mal empregado vinho em soldado.

Mandaram um cabo que nos fosse mostrar e ensinar os soldados que eram, porque nós não os conheciamos: eram doze: a estes démos o que os officiaes tinham dicto.

Depois do castigo dos delinquentes, accommodaram-se tanto, que nem davam uma só palavra; deitaram-se todos a dormir pelo meio do pateo, até as mesmas guardas.

Quando estavam á mesa, um official disse-me que havia já quatro semanas que não comia pão; outro disse que tres.

Perguntei-lhes que comiam? Responderam que comiam grão do mesmo que davam aos cavallos, e o trincavam com o dente.

Um pediu-me que lhe désse algum pão para levar: dava-lhe um, porém elle não quiz acceital-o sem lhe dar mais, e levou quatro. Aos outros officiaes démos a cada um seu; mas estes não se atreveram a pedir nenhum.

Quando sahiram da mesa para se irem embora, acharam um paizano que lhes tinha vindo ensinar o caminho, deitado á porta do pateo e a gemer muito. Perguntei-lhe que tinha?

Chegando a mão ao peito, disse que tinha uma grande afflicção; e que não podia levantar-se.

Disse eu então ao medico que visse o que elle tinha. Tomou-lhe o pulso, e disse-me que lhe mandasse fazer um cozimento de flor de sabugueiro.

Montou depois a cavallo e os mais officiaes, e entraram todos a rir-se, porque o homem cada vez gritava mais. O medico disse então que era malicia nelle para não acompanhal-os mais.

Pediram-me que mandasse outro paizano ensinar-lhes o caminho: foi um que elles haviam trazido com uma cutilada em um braço, promettendo-nos de mandal-o logo que apparecesse outro. Assim o fizeram.

Despediram-se politicamente de nós, e marcharam pelo alto da matta fóra. Apenas se ausentaram, o dicto paizano levantou-se do chão, e sem mais se queixar disse: já lá vão esses diabos? muito escarneo me têm feito: deixal-os ir com Barrabaz.

Nós, e os mais que alli estavam, entrámo-nos a rir muito, e elle melhorando cada vez mais, desappareceu d'alli sem dizer adeus a ninguem.

Dias 3 e 4. — Continuou o exercito francez a sua marcha para Coimbra, e d'alli para Lisboa. Aqui não tornaram mais os francezes.

Dia 5. — Hoje das 8 para as 9 horas veiu dizer-nos um paizano que fossemos á porta Sulla, que estavam lá uns soldados nossos, que queriam falar-nos.

Disse-lhe eu: isso não póde ser. Olhe não sejam elles francezes?

Respondeu que falara com elles, que decerto eram nossos.

Fiquei então muito contente, e disse-lhe: ande cá, venha mostrar-m'os.

Quando ia adeante da capella de Nossa Madre Sancta Theresa, vinham já ahi 5 de cavallo, e o sargento trazia uma pistola na mão, virada para o ar: entrou assim no convento; perguntou pelos francezes: disse-lhe que tinha por noticia que já estavam do Botão para baixo.

Depois de lhe darmos de beber, e tambem aos soldados, mandou-me ir falar com um alferes que tinha ficado e mais os outros soldados em a Moura; que elle ia ver os feridos da capella, e tambem já ia.

Fui lá, e mais um moço: disse ao dicto official a noticia que tinhamos do movimento dos francezes, e com certeza já não estavam do Botão para cima, distante d'aqui uma legua.

Disse-me que havia de ir com elle dar esta parte ao general, que estava em Mortagua. Respondi-lhe que não podia lá ir, que lhe désse elle mesmo esta parte: accrescentou que me dava besta para ir a cavallo: que o general era muito arrenegado, não se fiava nos officiaes, ficava sempre a desconfiar do que lhe diziam.

Mandei o moço ao convento buscar o chapéu, e um pouco de pão e vinho para os soldados que cá não tinham vindo.

Como elle se fosse demorando muito, disse ao official que me escusasse a ida a Mortagua, que vinha já ao convento mandar ir o pão e vinho com toda a brevidade. Custou-lhe muito, porém sempre annuiu á minha supplica: vim para casa, e o moço foi entregar-lhe tudo; depois partiram para Mortagua, para d'alli seguirem a estrada de Boialvo, por onde tinham ido os francezes.

Finalmente em todos os 8 dias que aqui esteve o quartel general (do dia de S. Mattheus até dia de S. Miguel) não se faltou a cousa alguma que nos pedissem.

Démos camas a quasi todos os officiaes; todo a roupa que havia foi repartida por elles. Para um general, que estava na capella do bispo, foi uma toalha de mesa, dois candieiros amarellos, um grande cantaro de cobre, que servia á agua, e alguns guardanapos: tudo isto se perdeu.

Para o Lord démos os melhores guardanapos que havia, quatro duzias de velas, e tudo o mais que continuamente estavam pedindo os mais officiaes: até aos soldados e gente que vinha fugindo davamos sal, e o mais que podiamos.

Gastámos com a tropa muito vinho, muito pão, muito queijo, muito azeite, e o mais á proporção.

O Lord, quando estava a partir, mandou dizer ao prelado, que queria pagar o que tinha gastado, que dissesse quanto queria. Elle respondeu: que não queria mais que a paz do reino.

Este convento perdeu muito com a tropa: desappareceu quasi tudo o que se havia dado para as camas e mesas dos officiaes: do que era bom nada ficou.

Alem do estrago que fizeram os francezes, de que já acima fiz menção, perdemos quasi todo o milho que ainda estava verde; não foi menos de dois para tres moios d'elle; porque o cortaram para as bestas. Ficámos sem feijão: toda a terra da horta que estava semeada d'elles ficou sem nada, porque os soldados, e a mais gente não cessaram de o apanhar, em quanto lá sentiram algum. O general mandou-lhe pôr guardas; mas foi o mesmo que nada. Seriam pelo menos 40 para 50 alqueires d'elle.

As couves que estavam postas foram tambem cortadas. Ficámos desprovidos de tudo.

Muitas arvores ficaram estragadas: uma grande quantidade de cedros que o prelado tinha mandado plantar foram quebrados quasi todos: a tropa e toda a gente que vinha com ella queimaram quanta lenha quizeram por toda esta matta.

O muro, não tendo antes mais que duas portas, uma

ao nascente e outra ao poente, ficou com seis, todas abertas, duas no cimo, duas no fundo juncto á estrada, e as duas do nascente e poente quebradas. Alem d'isto ametade do muro, que olha ao nascente, derrubado do meio para cima, como já referi.

Finalmente a capella da portaria foi arrombada; furtaram um calix que lá estava, um pouco de azeite, todo o adorno mais precioso do altar, e o mais que lá havia e tinha algum prestimo.

Na retirada dos francezes para a Hespanha veiu aqui aquartelar-se com a sua tropa o commandante inglez Wilson: em dois dias que aqui esteve démos-lhe tudo o que elle pediu para a sua mesa e cama. Aos soldados tambem demos muito pão, e o mais que pediam e lhes podiamos dar.

Apezar d'isto furtaram-nos toda a laranja que havia nos dois laranjaes; foram á dispensa, arrombando a porta que sái para o laranjal, e furtaram o pão que quizeram, vinho, um cesto de ovos, e uma panella de mel, e outras muitas mais cousas que lhes agradaram, obrando o mesmo ou peior que os francezes aonde quer que chegavam, enchendo de desesperação os animos dos povos. Estes soldados não eram de linha; eram milicianos. Devendo ser melhores, faziam peior que os outros.

O commandante Trant, depois da tomada de Coimbra, mandou ir para o hospital do Porto os feridos que aqui tinham ficado. Em vinte dias que permaneceram aqui estes feridos ninguem mais que nós lhes dava alguma subsistencia. Como elles eram muitos, davamos-lhes pouco para chegar a todos. Porém, se não fossemos nós, morriam todos á fome e ás mãos dos paizanos.

Dois foram lá um dia, e roubaram-lhes tudo quanto elles tinham: até as mesmas camisas que tinhamvestidas lhes tiraram.

Um padre foi achal-os na maior miseria, sem fardas, sem camisas, sem pantalonas, apenas cobertos com alguns farrapos e garnachos velhos. É até onde póde chegar

a deshumanidade de um portuguez, indigno certamente até d'este nome!

D'estes 60 feridos morreram 12. Eu ajudei a tirar alguns mortos para fóra da capella, e outro padre ajudou a enterral-os. Sustentámos tambem a um sargento inglez, e a um hanoveriano, que vieram ter ao convento muito doentes, mas não feridos.

A estes démos uma cama ao pé do refeitorio, e tratámol-os com mais abundancia, ainda que eu fui reprehendido d'isso; porém Deus deu-me um coração que não póde soffrer deshumanidades.

Passados 8 dias foi um religioso leval-os á Mealhada, onde já estava Trant com a sua tropa.

Antes de vir para aqui lord Wellington não entraram aqui inglezes, apezar de passarem por esta estrada continuamente, para cima e para baixo. Porém depois da batalha, o nome de Bussaco, antes desconhecido de muita gente, voou por toda a parte, fez-se respeitavel, e os officiaes inglezes que vão ou vêm do exercito, vêm aqui pousar encantados d'este logar.

Não se passa semana alguma que aqui não durmam alguns. Nós ministramos-lhes tudo o que elles precisam, tanto a elles como para as suas cavalgaduras. O mesmo fazemos aos portuguezes e aos soldados que por aqui passam.

Dá-nos isto em uma grande despeza; mas, se por fim nos virmos em a paz tão desejada, e tão necessaria como a mesma vida, damos tudo por bem empregado.

O grande Deus dos exercitos se digne conceder-nol-a em breves dias, para a sua gloria e nossa alegria.

VARIA

Debaixo d'este titulo *Varia* reunimos alguns trechos e noticias relativas ao Bussaco, formando uma especie de miscellanea, cuja leitura julgamos offerecerá curiosidade aos que se interessam pela historia do famigerado deserto carmelitano.

O botanico Link e o Bussaco

Alguns annos antes das invasões francezes em o nosso paiz, foi o Bussaco visitado em pacifica exploração scientifica pelos dois insignes botanicos allemães, o conde de Hoffmansegg e Link, os quaes acharam importantissimas estas paragens sob o ponto de vista botanico, como se deixa ver das seguintes paginas, que passamos a transcrever do tom. 3.º da obra *Voyage en Portugal, par M le comte de Hoffmansegg, rédigé par M. Link, 1805:*

On nous avait souvent parlé avec éloge du couvent de Bussaco, situé sur une haute montagne, à trois lieues de Coïmbre, à cause des belles *quintas* qu'il renferme; il était digne de toute notre attention à cause des plantes cryptogamiques que nous espérions y trouver. Les moines qui l'habitent sont des carmes de l'ordre des *Marianos*. Outre la règle générale de l'ordre, ils sont sou-

mis à des règlements particuliers très sévères. Aucun étranger ne peut entrer dans le couvent sans une permission du général de l'ordre. Quoiqu'il soit souvent en voyage, on le trouve ordinairement dans le couvent *dos Remedios,* à Lisbonne. Le chemin jusqu'au village *Pampilhosa,* à deux lieues de Coïmbre, est passablement uni; bientôt il s'élève, et une vallée profonde et entourée de rochers annonce de hautes montagnes; elles sont pelées et on n'aperçoit des forêts de chênes que dans quelques endroits. Plusieurs croix annoncent le voisinage du couvent, et bientôt après on arrive à la porte du mur d'enceinte: elle est ornée des images de la mort; des crânes et des ossements, figurés par des pierres noires et blanches incrustées, l'entourent. Après avoir sonné, on est introduit par un frère lai.

L'étranger, préparé par cet esprit sinistre, est agréablement surpris de se trouver à l'ombre de chênes antiques. Une épaisse forêt environne le couvent; de beaux arbres ombragent les chemins qui serpentent dans toutes les directions, et qui aboutissent tantôt à une chapelle, tantôt à un crucifix, tantôt à un autel caché par des buissons; une mousse épaisse et verdoyante couvre le sol et le tronc des arbres; des ruisseaux sortant des rochers disparaissent sous le touffu des broussailles; des cyprès majestueux, dont les troncs existent depuis deux siècles, groupés pittoresquement; des pins maritimes élevés et d'antiques chênes couronnés de lierre, forment cette forêt sacrée. Un brouillard épais qui régnait dans cette triste journée d'hiver, nous déroba la vue de la cime des arbres; ce séjour solitaire, ce couvent consacré au silence, l'habillement bizarre des moines, remplissent l'âme d'une terreur involontaire. Oubliant le monde, oubliés par lui, les habitants de ces lieux se promènent à l'ombre des cyprès, en gardant un silence religieux. On dirait que la religion a établi ici son trône majestueux et formidable.

Le couvent est situé sur le revers septentrional d'une

montagne qui a environ la hauteur de celle de Cintra; la mer reste à la distance de cinq lieues en ligne directe. Un espace d'une lieue de circonférence est entouré de murs et consiste en une forêt épaisse, à l'exception du jardin potager et de quelques champs cultivés. Le bois taillis est formé par le tinus *(viburnum tinus),* le houx *(ilex áquifolium),* le fraisier-arbre ou arbousier *(arbutus unedo)* et quelques autres espèces; le bois de haute futaie se compose de chênes, de pins maritimes et de pins de Goa. Ce bel arbre, dont j'ai fait mention T. I, pag. 401, a été apporté ici de Goa, il y a plus de deux cents ans. On voit encore les premiers arbres qu'on a plantés, et de cette *quinta* sont sortis originairement tous ceux qu'on voit dans le royaume, et peut-être en Europe. La cime la plus élevée de la montagne est à une demi-lieue du couvent. On y jouit d'une vue trés étendue jusqu'à la mer, et dans les environs on ne voit pas de montagne plus élevée, excepté au nord la *Serra do Caramulo,* et au nord-ouest la *Serra da Estrella.*

. . . .

Le genre de vie des moines est très rigoureux. Plusieurs heures du jour et de la nuit sont consacrées à la prière et à chanter au chœur; ils ne mangent jamais de viande, et il ne leur est permis de parler que tous les quinze jours, le soir, en se promenant. Il n'y a que le prieur ou *padre hospedeiro,* qui est obligé de recevoir les étrangers et de s'entretenir avec eux, qui soit excepté de cette règle. Il se dédommagea amplement du silence qu'il avait été contraint de garder, parce que depuis long-temps il ne voyait plus d'étrangers; il parla continuellement, et il était bien excusable. Les terreurs de la religion disparaissent bientôt dans ces couvens austères, par la conversation animée des moines. Au reste nous fûmes bien accueillis, et traités par le prieur avec politesse et beaucoup d'égards. On nous servit à dîner des légumes, des œufs et de la morue: toutes ces choses étaient fort bien accommodées: le vin était bon. En sor-

tant on laisse une petite offrande qui n'est jamais refusée, car on prétexte qu'elle servira à dire des messes.

As pêgas e o silencio

O silencio, quasi absoluto, era um dos preceitos impostos pelas *Constituições dos Carmelitas Descalços* aos religiosos que habitavam no deserto, e cuja infracção era castigada com graves penas. Os curiosos poderão ler a este respeito o § v do cap. xvi da *Primeira Parte das Constituições,* e o cap. xxiv do liv. iv do tomo 2.º da *Chronica dos Carmelitas Descalços,* que se inscreve *Do inviolavel silencio que em Bussaco se observa.*

D'este capitulo vamos transcrever uma anecdota interessante:

« . . . .

«Varios successos nos têm comprovado a complacencia do Altissimo n'esta custosa e meritoria taciturnidade. Por um deixaremos muitos.

«Sendo prior d'aquella Casa o P. Frey Antonio de Christo, natural de Montemor-o-Velho, varão de costumes irreprehensiveis, creava certo ermitão na sua cella uma pêga: ave, que a natureza dotou de lingua capaz de tomar a humana: de cuja especie abundava o sitio de individuos. Para ensinal-a a fallar, o fazia com ella; bem que com o respeitoso recato, que não era ouvido dos ermitães. Ou Deos lh'o revelasse, ou elle o presentisse, soube emfim o prelado do que passava. Foi-se ao subdito, e achando-o em flagrante delicto, extranhou-lhe a occupação, afeou-lhe a ociosidade, exaggerou-lhe a culpa, punindo-lh'a como grave com uma não leve penitencia, que o deixou, sobre arrependido, emendado.

Voltando-se então á pêga, como cumplice do crime, proseguiu dizendo: *Nunca Deus queira que por ti se que-*

bre n'este sancto logar o que até agora perseverou inteiro. Em virtude do mesmo Senhor te mando, que nem tu, nem individuo algum da tua especie torne mais a entrar n'este sitio. Caso maravilhoso! Abaixou o passaro a cabeça, bateu as azas, voou da clausura; e foi tal o aviso que aos mais levou, que nenhuma de tal casta voltou ao cerco.

O que sobre tudo admira é apparecerem muitas aves rodeando os muros por fóra sem se atreverem a violar o interdicto, segundo contestam os mesmos, a quem o successo do incauto ermitão deixou na inviolabilidade d'esta obrigação acautelados. Cresce a maravilha á vista da facilidade com que outros passarinhos, sobremaneira timidos e covardes, se domesticam de modo, que não receiam comer da mão, e ainda da bocca de qualquer ermitão que os chama, fugindo d'elles as pêgas, por mais que para o mesmo fim as convidem.»

Noticia da batalha do Bussaco enviada por Junot á Duqueza de Abrantes sua esposa

A seguinte curiosa narrativa é extractada das *Mémoires de Mme la Duchesse d'Abrantes,* tomo 13.º, Bruxelles, 1834.

. . . .

A quelque temps de là, le général Cacault me dit avec un air mystérieux:

— Il y a de grandes nouvelles. . . on dit que Masséna a donné une grande bataille, et qu'il a été écrasé. . .

Je ne pus retenir un cri!. . .

— Calmez-vous donc, me dit-il. . . le corps du duc n'a pas donné. C'est ce méchant maréchal Ney. . . C'est bien fait, il a de la jactance. . . eh bien! il a été frotté comme les autres. . .

Malgré l'assurance que me donnait le général Cacault,

je me sentis atteinte d'une de ces inquiétudes terribles qui vous privent de sommeil et de nourriture... Je faisais toutes les démarches possibles pour obtenir une seule nouvelle... un mot qui m'eût tiré de l'inquiétude où j'étais sur Junot; *et rien... rien* ne me parvenait. Enfin, un jour j'étais plongée dans une rêverie plus sombre et plus sinistre encore, lorsqu'on m'avertit qu'un homme mal vêtu demandait à me parler... C'était un paysan portugais... il m'apportait une lettre de Junot... Sentant par lui-même combien je devais souffrir de n'avoir aucune nouvelle, il m'écrivit trois lettres, et en chargea trois paysans auxquels il promit que je donnerais douze cents réaux si la lettre me parvenait... c'était peu encore pour le bonheur d'un tel moment. Je mets ici la lettre de Junot, elle expliquera bien mieux que je ne le puis faire, comment se fit le malheur de la journée de Busaco.

«Le 28 septembre, au soir.

«Combien tu dois être inquiète, ma chère Laure, de n'avoir pas encore reçu de mes lettres! Si celle-ci te parvient, tu verras que ce n'est pas de ma faute. Je prends aujourd'hui le parti de t'envoyer un exprès pour empêcher que tu ne sois trop inquiète des bruits qui ne manqueront pas de se répandre sur la bataille d'hier. Nous avons attaqué l'armée ennemie dans une formidable position appelée la *Sierra d'Alcoba,* au couvent de *Bussaco,* en avant du village de *Moïra.* Nous n'avons pas enlevé cette position, défendue par plus de 60,000 hommes. Deux divisions seulement du 2e corps ont donné, et une du 6e. Moi, je n'ai pas tiré un coup de fusil. Nous avons *quelques blessés* qui nous embarrasseront, et nous prenons une autre route; voilà tout ce que je puis te dire en politique.

«Mais ce que je puis t'exprimer, ma chère Laure, c'est mon inquiétude de te savoir sans lettre de moi,

sans lettres de tes enfans. Je t'en ai renvoyé plusieurs, mais elles n'ont pu te parvenir; si les dernières ne sont pas parties, je vais les faire demander et te les envoyer.

«J'ai promis 1,200 réaux aux deux hommes qui se chargent de cette lettre. Fais-leur compter cette somme bien religieusement; ils m'auront rendu un trop grand service pour y manquer. Les 1,200 réaux sont pour tous deux, et non pour chacun d'eux.

«Nous sommes bien mal pour les subsistances. Nous n'avons *pas de pain* depuis quatre jours... la viande ne manque pas, et l'on a trouvé des légumes... au reste je me porte bien. Il n'y a que Prevost qui ait attrapé une balle dans le bras droit; mais il n'a rien de cassé, et ce sera l'affaire de quinze ou vingt jours.

«Il est neuf heures du soir... Je pars dans deux heures... Il fait noir en diable... Mais, n'importe, il faut marcher... Je vais me jeter sur la paille pendant cet intervalle... Si je peux m'y endormir, ce sera en pensant à toi, à mes enfans, en vous regrettant tous, et en songeant que vous êtes les seuls êtres sur la terre qui occupiez essentiellement mon cœur.

«Adieu, mon amie; adieu, ma chère Laure. Je t'embrasse mille fois, et t'aime de toute mon âme.—*Le duc d'Abrantès.*»

Busaco est une montagne très escarpée..., à six lieues sud de Vizeu. Voici ce que j'ai ensuite recueilli dans une longue conversation avec le maréchal Ney, lorsqu'il passa par Salamanque en revenant en France.

Le maréchal Ney disait que c'était une faute, et une faute capitale, que d'avoir attaqué l'armée anglaise, qui était postée sur des hauteurs presque inaccessibles, et retranchée par les difficultés de cette même position. On pouvait, dit-il, la tourner, et cependant elle fut attaquée de front, en plein jour, et par de petites masses isolées... On prétend que près de cinq mille hommes, tant tués que blessés ou prisonniers, ont été perdus dans cette

attaque maladroite. C'était, par exemple, bien pour celle-là que l'empereur pouvait dire: *qu'il ne fallait pas prendre le taureau par les cornes,* comme il l'observait à Valladolid, dans sa conversation avec le général Thiébault... Une chose remarquable, c'est que le lendemain de la bataille de Busaco, un paysan indiqua un sentier qui tournait la position, et qui, s'il eût été connu la veille, pouvait décider l'affaire sans coup-férir...

....

Noticias e reflexões ácerca da batalha do Bussaco escriptas pela Duqueza de Abrantes

São do mesmo tomo 13.º da já citada obra as interessantes noticias e reflexões que se seguem:

Cette position de Busaco est formée par une montagne fort élevée, au sommet de laquelle est situé le couvent de Busaco, habité par des religieux trappistes. Cette montagne peut avoir quatre lieues de France, environ, d'étendue, depuis les bords du Mondego jusqu'à la route d'Opporto. Elle est sillonnée dans presque toute cette étendue par de profonds précipices et des défilés tellement étroits, que les troupeaux de chèvres n'y peuvent quelquefois passer que sur deux et trois de front. Ce fut cependant par ces défilés que Masséna fit passer ses soldats, au lieu de leur faire prendre la route de Mealhada pour tourner la gauche de l'armée anglaise, au risque de les faire foudroyer par les troupes qui occupaient le haut de la montagne. J'ai eu à cette époque en ma possession, et pendant fort long-temps, un plan et une vue de la montagne de Busaco. Ce plan était fait par un Français; mais j'en avais un autre tout aussi curieux, car il était fait par un Anglais. Un jour, en 1812, quelque temps avant le départ pour la Russie,

Junot me les demanda tous trois, et il ne me les rendit pas. J'ai lieu de croire que c'était pour expliquer à l'empereur l'affaire de Busaco.

Un officier-général anglais de mérite, et dont ses ennemis reconnaissaient eux-mêmes le talent, le marquis de Londonderry, dit dans son ouvrage sur la guerre de la Péninsule:

«Quand bien même Masséna aurait agi d'après les «avis de Wellington, il n'aurait pu préparer sa défaite «par un moyen plus efficace.»

Mais ce qui ne fut pas connu alors en France, parce que le silence de la tombe environna les cadavres des malheureuses victimes de Busaco, ce fut l'admirable intrépidité des régimens et des officiers-généraux qui fournirent la première attaque faite le 27 à six heures du matin. C'étaient le 32e, le 36e et le 70e, qui, sous les ordres du général Merle, un de nos officiers-généraux les plus distingués, entreprirent de forcer la position occupée par les Anglais. Ces héros admirables, sans faire un murmure, sans observer qu'ils marchaient à la mort, furent l'affronter avec le courage qui est un don du ciel dans des âmes françaises. Ils gravirent les rochers de Busaco sous une pluie de mitraille, une grêle de boulets qui les mettaient en morceaux!... Les membres palpitans de ces infortunés tombaient sur le crâne déjà fracassé de leurs frères d'armes qui étaient au-dessous d'eux, et souvent des rangs entiers roulaient ensemble dans les abîmes. Cependant ils parvinrent au sommet du plateau, ces vaillans hommes, et là, à peine échappés à une mort terrible, ils la retrouvèrent sous une forme encore plus certaine. Ils furent reçus par des troupes anglaises et portugaises... Là eut lieu un carnage affreux!... Nos soldats, chassés par des forces supérieures, et d'ailleurs fatigués, essoufflés, n'en pouvant plus, furent culbutés par l'ennemi et roulèrent de rochers en rochers jusqu'au fond des précipices dont les pointes aiguës portèrent dans cette cruelle journée d'af-

freuses et de sanglantes dépouilles, tandis que non-seulement les sabres et les baïonnettes ennemies étaient rouges du sang français, mais les mains des soldats anglais en étaient baignées!... Oh! ce fut une horrible journée!...

Ce furent les troupes du général Reignier qui reçurent d'abord en ce lieu la couronne de martyre... Puis ensuite deux autres divisions de Ney, sous les ordres du général Loison, et l'autre du général Mermet, se portaient vers le corps du général Crawford. Celui de Junot ne donna pas ce jourlà...

. . . .

Retirada do exercito francez depois da batalha do Bussaco

Guingret, militar francez que fazia parte do exercito de Massena, escreveu ácerca da desastrada expedição militar d'este general em o nosso paiz uma obra curiosissima, notavel pela elegancia do estylo, abundancia de noticias escriptas por testemunha ocular, e pela competencia e imparcialidade que revela o seu auctor. Intitula-se *Relation historique et militaire de la campagne de Portugal sous le maréchal Massena, prince d'Essling..., par M. Guingret, chef de bataillon, en demi activité, et officier de l'ordre royal de la Légion d'honneur* — Limoges 1817. O seguinte trecho, em que tão eloquentemente se descreve a retirada do exercito francez depois da batalha do Bussaco, é copiado d'este excellente livro:

Pendant l'hiver, j'avais supporté des nuits bien terribles en Allemagne et dans la Pologne, mais celle où nous quittâmes la position de Boussaco est une des époques de ma vie où je fus le plus péniblement affecté. La marche lente et grave de notre armée, occupée à

transporter ses nombreux blessés sur des brancards, offrait l'aspect d'une longue suite de convois funèbres. Le silence morne de l'obscurité était troublé par le bruit sourd et lugubre des roues de l'artillerie. De malheureux soldats s'efforçaient en vain de contenir l'expression de leurs souffrances; les cris déchirans de la douleur, à moitié comprimés par les efforts du courage, s'échappaient, par intervalles, du fond de leurs entrailles, et faisaient tressaillir de compassion le coeur le moins sensible. Les cadavres de ceux dont la mort terminait les maux au milieu de cette marche affligeante, déposés sur le bord des fossés, servaient à faire reconnaître la route, à travers l'obscurité, aux troupes qui nous suivaient. Les cris aigus des oiseaux de proie qui fuyaient leur refuge et abandonnaient leurs aires à mesure que nous avancions, et dont quelques-uns accompagnaient audacieusement l'armée, en convoitant leur proie, ajoutaient encore quelque chose de sinistre à cette scène.

Violação da clausura do Bussaco por mulheres

Já vimos pela bulla copiada a pag. 19 que a entrada de mulheres nos desertos carmelitanos era prohibida sob pena de excommunhão. A *Primeira Parte das Constituições dos Carmelitas Descalços* cap. XVI, § II, n.º 5 mui terminantemente a prohibia tambem. Apezar d'isto, introduzidas por um medico das vizinhanças e por alguns estudantes da Universidade, entraram na clausura algumas mulheres no anno de 1815, o que foi objecto de grande reboliço no Bussaco.

Das *Revelações* de fr. José de S. Silvestre, publicadas no *Conimbricense* em março de 1875, copiamos a este respeito a seguinte noticia:

«O dr. Theodoro, medico de Barcouço, no anno do

Senhor de 1815 introduziu na matta do Bussaco mulheres com escada de corda, e constou o tinha já feito mais vezes, associado de alguns estudantes. D'esta ultima vez lhe sahiu ao encontro o padre Fr. Bernardo da Encarnação, superior e presidente actual do convento, tambem associado dos moços de casa, e de outros homens: depois de varias razões, que estão claras, conduziu as mulheres para a portaria, ainda que o medico as queria levar primeiro á fonte fria.

O dito superior deu parte d'este attentado a Lisboa ao ministerio, o qual mandou devassar ao juiz de fóra de Coimbra, e provando-se o facto superabundantemente com muitas testemunhas, de andarem de mão armada e lançando foguetes, fazendo gala da brincadeira, como se explicava o medico; foi condemnado este em pagar as custas e esteve 15 dias na cadeia da Portagem em Coimbra.

Dos socios deu-se parte ao reitor da Universidade, e nada surtiu.»

A batalha do Bussaco avaliada pelo historiador francez Bouchot (1)

....

Cependant Masséna s'avançait vers les murs de Lisbonne, sans rencontrer aucun empêchement sérieux. Les paysans s'enfuyaient de toutes parts devant lui; les villes ouvraient leurs portes, et il semblait que le pays fût inhabité, lorsqu'en approchant de Coïmbre, il se trouva devant toute l'armée des Anglo-Portugais (soixante-quatre mille hommes et quatre-vingts canons), à l'entrée des redoutables défilés d'Alcoba. A l'aspect de

(1) *Histoire du Portugal et de ses colonies,* par Auguste Bouchot, professeur d'histoire au lycée Napoleon. — Paris, 1854.

cet obstacle inattendu, Ney et Junot, qui commandaient sous lui, n'osèrent pas assumer la responsabilité de l'attaque: ils perdirent toute la journée en hésitations. Masséna, qui n'arriva que le soir, entendit leur rapport, examina les positions, et malgré les effrayantes difficultés qu'elles présentaient, il commanda l'assaut pour le lendemain au point du jour. Vainqueur, jusqu'alors, en toute occasion et en tout pays, il lui semblait trop pénible de reculer cette fois. Il comptait sur la constance de la fortune, et, séduit par les souvenirs de sa gloire passée, il refusa jusqu'au bout d'écouter les sages conseils du marquis d'Alorna, qui lui garantissait le moyen de tourner la montagne au lieu de l'aborder de front.

Masséna expia bien cruellement cette confiance. Wellington comprenait trop la valeur des positions qu'il occupait, pour se laisser entraîner. Il se borna à les défendre comme une forteresse, et sa prudente ténacité finit par triompher de l'intrépidité des Français. Masséna renonça enfin à le forcer, et, vaincu pour la première fois, il se retira avec quatre mille morts et blessés. De quel orgueil une telle victoire dut-elle remplir le cœur des Anglais et des Portugais! Wellington devint tout d'un coup le héros de l'Europe. L'on vit en lui le seul homme capable de rivaliser avec Napoléon (27 septembre 1810).

....

Avant de nous séparer de ce grand capitaine, rappelons-nous ce que Napoléon a dit de lui à Sainte-Hélène (9 décembre 1817). «Si la réputation de Masséna finit en Portugal, c'est à la maladie seule qu'il faut attribuer cette subite décadence. Ne pouvant alors ni monter à cheval, ni voir par lui-même ce qui se passait, il n'était plus en effet lui-même. S'il eût été encore ce qu'il était autrefois, il n'aurait ni attaqué les lignes inexpugnables d'Alcoba (ou Busaco), ni laissé Wellington s'affermir dans celles de Torres Vedras, et la campagne aurait produit des résultats tout différents.»

Surriada a Massena

Allusivo aos desastres de Massena em Portugal, foi publicado em Lisboa em 1811 um folheto satyrico intitulado *Surriada a Massena,* obra do popular poeta José Daniel Rodrigues da Costa.

São d'elle as duas seguintes decimas. Na segunda allude-se pungentemente á batalha perdida no Bussaco por Massena:

Senhor Massena, má scena
Fez nesta sua invasão;
Que dirá Napoleão?
De certo morre de pena!
Marengo, Austerlitz, e Iena
Não tiveram sorte igual;
Se ficou em General,
Fique assim nessa postura,
Porque era fraca figura
Para Rei de Portugal.

Bem sei que o projecto seu
Era ajunctar cabedaes
Para fazer os canaes,
Que Junot nos prometteu:
Mas d'isso o dispenso eu,
Que para canaes é fraco;
E se do Corso macaco
Quer ao furor esconder-se,
Fique por cá, vá metter-se
Frade leigo no Bussaco.

O ermo

D'um capitulo (XXX) dos *Mil e um mysterios,* romance de Antonio Feliciano de Castilho, selectamos a seguinte

descripção, formosissima phototypia da floresta do Bussaco.

«A espaçosissima, labyrintica e rumorosa matta do Bussaco, poderia ainda hoje apresentar-se ao maior pintor, para o inspirar, engrandecel-o e desesperal-o: profunda e scismadora, como as florestas do novo mundo, serena e aromatisada de mysticidade, como os antigos bosques da Thebaida, faustosa como os parques senhoris de alguns lords soberbos e millionarios, concilia realidades e illusões para todos os gostos: o discipulo de Brotero alli se acha em plena vegetação. Hervas e arbustos das mais raras especies crescem, em silvestre familiaridade, com as mais vulgares e desprezadas.

O matto é ao mesmo tempo horto medicinal, eschola para estudo, e jardim de recreação. Com as silvas, os medronheiros, as urzes, as giestas, os alecrins, as violetas, a figueira brava e os rosmaninhos se intertecem as madresilvas, os trevos reaes, os legacãos, as roseiras silvestres, as betonicas, as murtas; além de duzentas outras hervas e arbustos que um naturalista, perlustrado o paiz todo, se maravilha de avistar aqui pela primeira vez.

O arvoredo, que ensombra cerrado este desmedido jardim, sem lhe tolher o florejar, parece que de todos os pontos do globo affluiu para sobre esta eminencia, altar sublime da terra, celebrar a festa de uma universal homenagem ao Creador. Os cedros, colonia do Libano, são os principaes senhoreadores do Bussaco... Por entre as saudosas arvores da Biblia, encontrareis as palmeiras do Ganges, o carvalho das Gallias e o do Apennino, o cypreste de Creta, o pinheiro de Flandres, a faia preta da Lybia, o alamo branco da Suecia, o páo ferro e o vinhatico da America, os lentiscos, o freixo, os adernos, os azereiros, a acacia, a olaia, o platano, o cinanomo, o buxo, e o loureiro. Quando o vento do céu revolve toda esta pacifica republica d'onde sái, e se pro-

paga até enormes distancias um murmurinho similhante ao do mar longinquo em dia de tormenta, é para encantar a infinita variedade de verdes, de claros, de escuros, de prateados, de dourados, de folhas, de flores, de fructos, de estaturas, de copas, de curvas, de interlaces, de ninhos, de passaros, de fragancias...

Se vos aventurais a gyrar, a perder-vos pelos seios d'esta solidão, imaginais que nenhum pé humano a devassou antes de vós; — que é um fragmento da natureza primitiva, que o diluvio respeitou, e de que o tempo se esqueceu: então subís e desceis, devaneando, ao sabor do terreno boleado, que se recobre de alcatifas de veludo vegetal verde ou amarello, nos declivios, ou se junca espessamente de folhas cahidas crespas e tostadas, nos reconcavos e valleiros. Prestigios vos cercam, de perto, de longe; revezam-se, transformam-se, e vos deteem de passo a passo. — Aqui, um portico ataviado de cortinas verdes bordadas abre para um santuario rustico; — um tronco informe e quebrado lá, no tôpo, arremeda brutescamente não sei que deidade montesinha: — adeante, é uma gruta de folhagem; arrulha nella uma pomba que se não vê, e vê-se correr uma fontinha que se não ouve: já uma arcaria, por onde a espaços vos espreita o horizonte azul: já uma caverna rôta nas faldas de um outeiro macisso de folhagem: — além, um como gigante de muitos braços arrimado a uma torre: — aqui, duas arvores de oppostas regiões pendidas uma para a outra a abraçarem-se: — esta, parece que parou indo a correr no alcance d'aquella: — tres, ainda juvenis, como que dançam de mãos travadas: das tres, uma enroupada com manto largo e roçagante de heras; outra cingida até aos pés com uma tunica alva e felpuda; a terceira, calçada de malvas em flor, e toucada, como as dryades, com festões pendentes e ondados de parasitas rosifloras. — Um lago verde e immovel... approximais-vos, é de musgo: — um vergel primoroso... quereis entral-o, é agreste; espinheiros vos repulsam.

Entretanto, se proseguis na excursão maravilhosa, reconheceis que a natureza permittiu tambem ao homem ser auctor, pintor e poeta juncto d'ella. Desencantais attonito ruas largas, desmedidas! Parais distrahido á escuta se não virão lá carruagens e cavalleiros, demandando o palacio estivo de algum famoso senhor ou principe, que se vos sonega na outra extremidade: mas extendeis os olhos, e o que enxergais, são apenas ermidinhas; as quaes, lirios e cecéns da penitencia, alvejam recatadas na sombra mystica das arvores de Salomão».

FLORILEGIO

Ave, imagem do terreo paraiso,
Fonte de inspirações e melodias!
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das infindas harmonias!

Immenso templo, majestoso, augusto,
Erguido pelas mãos do proprio Deus!
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos céus!

Francisco Gomes de Amorim.

Pede-me o auctor d'este livrinho que prefacie esta ultima parte da sua obra, a qual comprehende uma selecta collecção de poemas compostos em louvor do Bussaco. Manda quem póde, obedeço. Tem preceitos a amizade impreteriveis, e neste caso accresce ainda a honra de inscrever nestas paginas o meu obscurissimo nome.

Falar do Bussaco não é facil, nem o foi nunca. E aqui, entre a prosa elegante do nosso amigo e as inspirações de tão dignos poetas, augmentam as difficuldades. Vale-me apenas a consideração de que passarei desapercebido, e isto me basta. Serei tambem breve, e é o que sobre tudo mais me importa.

Depois de descriptos minuciosamente todos os sitios da famosa matta carmelitana, de modo que estas indicações sirvam de guia aos seus visitadores, precedendo o respectivo resumo da fundação d'este deserto, e acompanhando o texto numerosas noticias historicas que muito

o elucidam, deliberou o sr. Mendes de Castro rematar a sua obra com esta parte poetica, em que se compilam algumas poesias que andavam dispersas por outras collecções. Reunidas como vão, assumem um tom de homogeneidade que não tinham separadas, e formam um complemento apreciavel do livro, que muito o aformoseia. Junctam-se tambem outras, compostas expressamente para elle, e que mais realçam o seu merecimento.

A sombra dos cedros da matta sacro-sancta inspirou estes versos todos, despertando variadas sensações, que, tendo a mesma origem, divergem consoante as opiniões individuaes. E tambem eu conheço ha largos annos o ermo venerando, tão celebre nos fastos da vida monastica, assim como a cinta de povoações e logarejos que o circumdam e lhe matizam as faldas. Luso e Bussaco foram em tempos já remotos o centro das minhas digressões e o retiro de minhas ferias grandes.

Mas fazem differença as duas epochas; cinco a seis lustros de intervallo alteraram tudo radicalmente. Luso é hoje uma aldeia elegante, o Bussaco uma formosa matta modelo; e noutro tempo a primeira era uma pinha de cabanas toscas afogadas em viçosas searas, o segundo uma floresta espessa de sombras crepusculares. Os mesmos banhos tão afamados parecem outros; vemos um palacete em vez de uma choupana, tinas de marmore, para onde jorram as aguas por torneiras de porcellana, em vez de tanques de madeira, onde brotavam espontaneas as lymphas salutiferas.

Levanta-se tambem hoje um soberbo obelisco, commemorando as glorias do nosso exercito em 1810; mas o monumento que as recordava era dantes a capella das Almas, destelhada pelas explosões e esburacada pelas balas.

Quando me dirijo ao Bussaco pela via ferrea, ou em commoda carruagem pela estrada de macadam, em vez de me bifurcar na alimaria asinina que noutros tempos me conduzia por máos caminhos e ingremes ladeiras,

ainda assim, apezar das commodidades que goso, lembro-me com saudade dos incommodos preteritos, e quasi que prefiro a antiga rusticidade do povoado, a matta fechada e a capella-monumento.

E porque será assim?!... Será pelos perfumes da mocidade, que então me inebriavam a alma, pelas tintas mimosas que me coloriam o quadro da vida?... É por isso, é. E a montanha tambem era nova, assim como a aldeia. E parece que envelheceram ambas, e que as enfeitaram e arrebicaram para lhes disfarçarem as rugas senis!...

Quando sahimos da cidade para viver vida montezinha, parece-me contrasenso transportarmos comnosco os palacios e regalos urbanos; e, peior ainda, abatermos as arvores seculares para desbastar o caminho ás traquitanas de luxo. Uma casa nobre numa varzea de milho não é menos desproporcionada que uma casa de colmo em calçada sumptuosa; o desequilibrio é o mesmo. E derrubar as florestas e desfazer as sombras, entornar o sol no intimo recesso dos bosques é desacato capital que a razão reprova e o bom gosto condemna.

E fui-lhe falar em bom gosto... Não ha cousa mais avessa ás obras modernas do Bussaco... Crucificaram-n-o, coitado, depois de o terem arrastado pela via da amargura. A *Fonte Fria* foi o seu calvario.

Deixando porém digressões, que me levariam longe, apontarei em curtos esbocetos os poetas cujos carmes formam este *Florilegio*.

Amelia Janny

Accedeu a gentil poetisa do Mondego ao convite que lhe foi feito, offerecendo a primeira poesia d'esta collecção. A sua lyra, já famosa pelos hymnos ao Progresso e á Liberdade, impregnou-se de melodias suavissimas nas solidões do Bussaco. Tiveram os monges do deserto mais um canto; mais uma grinalda lhes adorna a humilde

jazida. Os seus perfumes são grato incenso queimado nas aras da religião.

Candido de Figueiredo

Ás flores esfolhadas sobre a sepultura dos anachoretas, ao echo saudoso do passado segue-se a aspiração do futuro. O romeiro fez-se menestrel, e dedilhou nas cordas do bandolim as impressões da jornada. Ascendeu com a aurora e rematou ao sol posto. A montanha sagrada serviu-lhe de pedestal para se levantar com o pensamento a extranhos mundos.

Borges de Figueiredo

O sr. Borges de Figueiredo, nascido em Coimbra e residente em Lisboa, teceu ao Bussaco uma *ode* elegantissima, dedicada ao auctor d'este livro pela cordeal amizade que liga estes dois patricios. Metrificação singela e naturalissima, elevação de pensamento consoante o seu objecto, recommendam esta poesia, modelada no gosto pela de Soares de Passos, e na fórma pela de Castilho.

Bingre

Foi-nos offerecida por um seu neto esta poesia do bem conhecido arcade, que julgamos inedita. E já que d'elle falamos, daremos noticia da etymologia do seu nome, que é pouco conhecida ou mal avaliada. Bingre é corrupção do nome allemão Hibinguer. O pae de Bingre casou com uma senhora d'este appellido, e na aldeia onde viveu com seu marido o povo lhe alterou este nome affeiçoando-o á indole da lingua, e o converteu para Bingre que o nosso poeta adoptou. Damos a este proposito

por extracto um soneto, por elle feito ao fallecimento de sua mãe [1]:

A filha de Gaspar Hibinguer forte,
Do destemido austriaco soldado [2],
Que no terrivel cêrco de Belgrado
Nome alcançou de impavido Mavorte,

Minha mãe infeliz, que viu na côrte
Da majestosa Austria alevantado
Rico arco triumphal ao pae honrado,
Máo destino a arrancou do patrio norte.

. . . .

Vienna de Austria o ser lhe deu germano,
Sepultou-se na aldeia de Canellas
Juncto ás margens do Vouga lusitano.

Duarte Ribeiro de Macedo

Do notavel e correctissimo livro d'este diplomata se extrahiu um *soneto*, que não é despiciendo. Prosador elegante mas espirito frio, a sua escripta pode todavia servir de espelho aos que desejam escrever a nossa lingua com primor. Nasceu em Lisboa em 1618 e falleceu em Castella em 1680.

Frei Antonio das Chagas

Este veneravel sacerdote, fundador do seminario do Varatojo, nascido na Vidigueira em 1631 e fallecido em 1682, é um dos nossos classicos mais distinctos, embora

(1) Bingre endereça assim o seu soneto: Á morte de minha adorada mãe, a sr.ª D. Maria Clara Hibinguer, natural de Vienna de Austria, e enterrada na freguezia de Canellas, bispado de Aveiro, em 1793.

(2) Gaspar Hibinguer, observa Bingre, meu avô materno, foi capitão de Hussars no reinado da imperatriz Maria Thereza, e muito estimado d'ella pelo seu grande valor.

pouco conhecido ainda, por aquelle capricho da sorte que conserva por vezes na penumbra os mestres das lettras. Espada e penna manejou-as primorosamente, soldado valente em duas milicias famosas. O soneto que inserimos neste *Florilegio* é argumento seguro do seu merecimento poetico.

Luiz Carlos

Pendurou nos ramos do cedro uma corôa de loiro. Os ossos dos bravos tiveram o seu carmen, monumento condigno do seu valor. Juncto do retiro da penitencia o gladio portuguez se abalisa,

«Quando em Bussaco as impias aguias pisa,
«Cobre o gallo cruel de sangue e morte!» (1)

Esta poesia foi composta no Bussaco, quasi na nossa presença, em agosto de 1861, inspirada pela vista do campo da batalha. Hoje infelizmente já o seu auctor, ainda no vigor dos annos, jaz na sepultura, tendo deixado no lar domestico a viuvez e a orfandade, apenas amparadas com a sombra do seu nome, ricas somente do exemplo de suas virtudes.

Antonio Feliciano de Castilho

Ao pedido feito para ser inserta neste livro a sua *Ode á Fonte Fria,* que anda nas *Excavações poeticas,* respondeu o sr. Visconde de Castilho com a carta seguinte:

Ex.mo sr. e caro confrade.— Chamar favores recebidos aos que se fazem é o non plus ultra *da cortezia e amabilidade. Beijo as mãos a v. ex.ª pela sua graciosa cartinha, e pela benevolencia que me ella prova.*

Nas boas horas passe das minhas Excavações *para o ameno* Bussaco *de v. ex.ª a* Fonte Fria. *São versos esses de outras eras, mas que ainda, talvez, e por isso mesmo,*

(1) José Pinto Rebello de Carvalho.

não desagradem á meia duzia dos crentes no passado, quando ainda tinham preço a natureza e as saudades. —*De v. ex.ª ad.^{or}, confrade e am.º m.^{to} obrig.^{do}*

Lisboa, 20 de março de 1875.—Castilho.

Não consentiu a morte que o eximio poeta chegasse a ver este livro. Trajam ainda pesado luto as letras portuguezas por tão infausta perda, embora adissem opima herança que as enriquecerá por seculos. Estas realezas não as absorve o tempo; a sua corôa, fundida com o oiro das constellações, é como ellas immortal.

Soares de Passos

Não podia ser esquecida num livro do Bussaco uma das mais formosas poesias que lhe é consagrada. Soares de Passos é um grande poeta, e esta ODE é por muitos reputada a sua melhor composição. Com a devida venia de sua Familia, alcançada por intermedio do sr. José Luciano Simões de Carvalho, condiscipulo do poeta nos bancos da Universidade, foi copiado do seu livro de poesias este excellente poema.

Ayres de Sá Pereira e Castro

Com permissão do Poeta desprendeu-se das paginas do antigo *Trovador* esta mimosa composição. O sr. dr. Luiz da Costa e Almeida foi quem venceu as relutancias da modestia do sr. Ayres de Sá, que porfiava em se eximir de maior publicidade.

Á maneira de muitas intelligencias peregrinas, que vivem recatadas como as violetas nos nossos valles, é este erudito cavalheiro, cujos dotes de espirito e coração são muito apreciados pelos que gosam de sua convivencia.

João de Lemos

Foi o sr. Francisco Gomes de Amorim que alcançou

do sr. João de Lemos a venia de honrar este livro com a sua poesia ao Bussaco, já conhecida pelo seu *Cancioneiro*. Citar este nome, o nome do poeta da *Lua de Londres* e do *Hosanna,* e cital-o em Coimbra, onde se publicou o *Trovador,* é bastante para elogio. Poucos nomes têm attingido tamanha popularidade, e raras popularidades foram tão justas. Alma de poeta, afinada pelo amor da patria, João de Lemos inoculou no coração do povo as suas canções, que só hão de morrer com a lingua portugueza.

Mendes Leal

Remata esta collecção com a esplendida poesia do sr. Mendes Leal á *Cruz Alta.* Por intervenção do digno par do reino, o sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, concedeu s. ex.ª esta inserção, que tanto ennobrece o *Guia historico do Bussaco.*

Têm sido muitos os poetas que cantaram este monte. Estancia aprazivel, onde a natureza ostenta todas as suas galas, foi sempre

> ... imagem do terreo paraiso,
> Fonte de inspirações e melodias,
> ... a patria da verdura eterna,
> O reino das infindas harmonias.

Celebram uns as naiadas das suas fontes, outros os seus cedros corpulentos; estes exaltam a religião que fez dos seus bosques asylo de cenobitas, aquelles resuscitam os echos da victoria que immortalisou as suas vertentes. A collecção de todos estes cantos fórma uma grinalda viridente, cujos aromas perfumam deliciosamente os campos da nossa litteratura.

É tempo porém de cerrar este artigo e dar logar ás poesias que compõem o nosso *Florilegio.* Penetremos no Bussaco, e á sombra da sua floresta, á borda das suas

fontes, ouvindo o ramalhar das arvores ou o murmurio das aguas, deliciemo'-nos na leitura de tão formosas canções.

A. A. da Fonseca Pinto

*

O distincto litterato, cujo nome firma o interessante prefacio que se acaba de ler, deixou de existir no dia 14 de outubro de 1893.

O seu fallecimento foi golpe dolorosissimo para nós, que por muitos annos fruímos a sua tão amavel convivencia, quasi quotidiana, e d'elle recebemos constantemente extremos de amizade dedicadissima.

Para a litteratura nacional, que cultivava com tanto esmero, a sua morte foi uma grande perda.

Os seus escriptos ficarão occupando distinctissimo logar entre as producções dos nossos auctores de melhor nota, e serão sempre lidos com prazer por todos que apreciam a vernaculidade e elegancia de um apurado estylista

Fallecido, como dissemos, em 1893, não assistiu Fonseca Pinto á 3.ª edição d'este nosso livro, e por isso não poude acompanhar com os seus succintos mas elegantes commentarios duas poesias que nella apparecem novamente: uma de Robert Southey e outra do sr. Ramos Coelho. Temos por isso nós de as preceder de duas palavras.

Robert Southey

Na circumstancia de ser ferida a batalha do Bussaco junto de um mosteiro de monges penitentes e meditabundos, achou este apreciavel poeta inglez assumpto interessante para a sua notavel composição, que intitulou *Inscription for the deserto de Busaco.*

Satyrisa e verbera a audacia de Massena, elogia e faz justiça ao patriotismo e valor dos portuguezes e á coragem e bravura dos inglezes, seus compatriotas.

É acompanhada esta poesia da sua traducção, peça primorosa, amavelmente feita a pedido nosso pelo laureado poeta e nosso presado amigo sr. Candido de Figueiredo.

Ramos Coelho

O poemeto do sr. Ramos Coelho *O Bussaco,* synthese brilhante e nitidissima dos primores e bellezas da encantadora floresta, é uma verdadeira chave de ouro com que se fecha esta collecção de poesias. Fora primitivamente publicado no *Instituto,* e, com permissão do seu auctor, o inserimos aqui. Intimo prazer sentimos vendo ennobrecido o nosso livro com esta notavel composição do eximio poeta dos *Lampejos,* do insigne interprete da *Gerusaleme Liberata* de Tasso e do *Cinque Maggio* de Manzoni.

BUSSACO

Bussaco! selva arrogante,
Vasto oceano de verdura!
A viração que murmura
No teu copado arvoredo
Tem modulações extranhas
Em que a alma absorta medita...
Linguagem nunca escripta,
— Só Deus lhe entende o segredo!

Serra enorme, alevantada
Do meio d'um val'ridente,
Ergues a fronte imponente,
Perdida no azul do espaço.
A Cruz alta, por diadema;
No seio, erguido o *Calvario;*
E o convento — o sanctuario,
Reclinado em teu regaço.

Alli, nas cellas estreitas,
Onde a luz mal penetrava,
Onde o silencio esmagava
A voz do pallido monge,
Quantas paixões, quantas luctas,
Que sonhos, quantas imagens,
Que seductoras miragens,
Surgindo de longe em longe!!

Que poemas de amargura
Tu, ó monte sacrosancto,
Ouviste no triste canto
Dos teus filhos scismadores,
Quando a sineta argentina
D'uma capella escondida
Chamava á prece sentida
D'aurora aos roseos alvores!

Eu, quando sigo os caminhos
Abertos nas tuas brenhas,
Encontro nas rudes penhas
O sancto vulto de Christo;

Nas ermidas que se banham
D'essa Luz d'eternos brilhos
Leio a historia de teus filhos
No panorama que avisto!

Nautas fugidos á sanha
Das tempestades do mundo,
Crenças fortes, pensar fundo,
Austeros, grandes, leaes,
Immersos na penitencia,
Apertados nos cilicios,
Sorriram aos sacrificios
E ás venturas immortaes.

Passaram!... agora o espelho
Das tuas fontes tão puras
Já não reflecte as figuras
D'esses martyres d'então;
Mas o poeta, — o vidente,
Que á tua sombra medita,
Sente-lhe a voz infinita
Nos hymnos da solidão!

Vê-os passar vagarosos,
Trajando o manto ligeiro
Que lhe empresta o nevoeiro
Quando por vezes te esconde;
E ouve-lhe os vagos lamentos,
Soltados na immensidade,
Quando a voz da tempestade
Aos seus gemidos responde!

....
....
....

Sempre verde, como a esp'rança
Que nos ampara e alenta,
Teu cume altivo se ostenta
Dominando terra e mar;
E a tua *Cruz* solitaria,
Dando-lhe a sombra bemdicta,
Aponta a patria infinita
Ao nosso sofrego olhar!

Luso, 18 de junho de 1875. AMELIA JANNY.

TRES ROMEIROS

AOS MEUS AMIGOS OS SRS.

Dr. A. Filippe Simões, e Augusto Mendes Simões de Castro

A aurora despontava alegremente,
sobredoirando os pincaros dos montes;
a luz rasgava os amplos horizontes,
e a alegria manava do oriente,
pintando o azul do céu nas claras fontes.

Parecia que Deus, — a grande Luz, —
extendera na terra adormecida
uma tunica alvissima, tecida
de fios de oiro.

O homem não traduz
em linguagem humana a voz immensa
que a natureza solta á luz da aurora,
obrigando ao silencio o ser que pensa,
e assombrando o animal que ri e chora!...

Mais diz o homem, quando pasma e scisma!

Deixemos pois o variegado prisma
em que a manhã estira as sete côres:
nem sequer perturbemos o socego
da cidade formosa que entre flores
dorme reclinada á beira do Mondego.
Ao campo! Vamos extender ao largo
os olhos tristes, de estudar cançados;
o campo é vida, os livros um lethargo:
ao campo, amigos! Vamos!

Levantados,
tomámos o bordão de peregrinos,
e andámos á ventura, descuidados,
bebendo as auras, e escutando os hymnos
que povoavam a amplidão dos prados.

Eramos tres: Filippe, Augusto e eu.
Todos pagãos, idólatras do bello,
que se curvavam ante o pedicello
da flor que a madrugada humedeceu.

E, no emtanto, Filippe é archeologo;
emquanto nos explica medicina,
vel-o-heis abysmar-se num monologo
e explorar do passado a escura mina;
da architectura as *ordens* examina,
— *corinthia, jonia, dórica* e *composta;*
consulta as tradições e não desgosta
de ler em pedra o que ninguem ensina.

Augusto passa as noites maldormidas
a volver pergaminhos bolorentos,
levantando do olvido os monumentos
que nos attestam gerações perdidas.

Eu... sou quem sou; e dizem as historias
que martyriso o *Codigo Penal;*
se não deixar de mim outras memorias,
chamem-me algoz na pedra sepulchral.

Que poesia haverá, que inflamme e abale
almas affeitas a tão frias prosas?
Não fugireis de nós, aves do valle?
não corareis de pejo, brancas rosas?

Não! pois ainda da escarpada rocha
o verde musgo no alcantil viceja;
cresce a hera, e o lilaz se desabrocha
entre as ruinas da arrazada egreja.

Tambem esta nossa alma, quasi fria
por tanto gelo que lhe cresta as flores,
estremece ao contacto dos amores
e curva-se nas aras da poesia.
Por taboleiros de florído trevo,

por extendais de niveos malmequeres,
seguiamos incerto itinerario,
tão mergulhados no mais sancto enlevo
como as tres piedosissimas mulheres
dos mysticos amores do Calvario.

E descançámos no sopé do monte.

A encosta, povoada de arvoredos,
meneiava-se lenta e majestosa,
como dorso de ingente mastodonte
que ali ficasse, á beira dos fraguedos,
estudando os reconditos segredos
da eternidade escura e pavorosa...

Era o *Bussaco*, a estancia mysteriosa,
donde a poesia espreita a furto as manchas
que o Mal imprime na creação formosa...;
monte que não conhece as avalanchas
que dos Alpes os córregos alagam,
nem os leões que pelo Atlas vagam...

Criei-me entre montanhas. A memoria
fala-me sempre da infantil historia
dos meus errores na montuosa Beira.
O templo augusto, em que o Eterno adoro,
é o monte, onde julgo que devoro
a longos tragos a atmosphera inteira!

Já subi o Marão, vi o Gerez,
cruzei ousado os serros dos Herminios,
e o peito dilatou-se ao montanhez,
como ás aguias se espraiam os dominios...

Ao Bussaco! do vertice sereno
parece enamorar-nos o infinito!
palpita a luz na relva e no granito!
troque-se o monte pelo valle ameno.

E fomos assentar-nos á *Cruz Alta*.

Embaixo estrepitava a cachoeira,
onde a espuma, que trémula resalta,
reproduzia a evolução ligeira
de um prisma cambiante, nunca visto;
e as veias murmurosas de agua pura
a transparencia tinham e a doçura
das lagrimas suavissimas do Christo.

Gemiam os abetos seculares
umas saudades tristes, infinitas,
e adejavam serenas pelos ares
umas canções que eu nunca vi escriptas.

Nas agrestes clareiras do nascente

via-se umas casinhas alvejar:
coloriam-se as nuvens do poente,
as virações sopravam docemente,
e suspirava, mais ao longe, o mar.

Oh natureza, oh musica perpetua!
nunca a mais debil gamma do teu hymno
passou debalde! nunca! eu interpreto-a,
com ella o pensamento se levanta
a extranhos mundos, e por ella afino
intima corda que soluça e canta!

Eu hei de adormecer, na hora extrema,
embalado em teu seio, oh Mãi sublime,
recitando as estrophes do poema
que tu escreves, e em que Deus se exprime!

Oh natureza, oh biblia sempiterna!
eu leio os teus versiculos sagrados,
na aresta das montanhas exarados,
insculpidos no céu, no mar, na terra!
Nas anfractuosidades da caverna,
nas gargantas inhospitas da serra,
ou nas vastas soidões do céu profundo
perde-se a voz dos homens co'a do vento;
mas, livre, eterna, a voz do firmamento
vai-se repercutir de mundo em mundo!
....

Quando a tarde involvia brandamente
do bosque a sussurrante melania,
ajoelhámos á luz do sol poente
e deixámos a offrenda de uma lagrima
nas aras da poesia...

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

O BUSSACO

AO MEU AMIGO

Augusto Mendes Simões de Castro

I

Salve, Bussaco! asylo doce e placido
Ao coração magoado;
Salve, mansão da paz e do silencio,
Salve, Bussaco, salve!

Bosque sagrado, lusitano Libano,
Á sombra dos teus cedros,
Não sei que incanto mysterioso, mystico,
Se apossa da minh'alma!

Sinto de goso o coração encher-se-me,
Dilata-se-me o peito,
Aspirando estas auras aromaticas
Entre os vírides louros.

O brando murmurio d'estas aguas,
Sempre limpidas, frescas,
Tem suave harmonia; delicia-me
O crystal d'estas fontes.

Eu gosto de entranhar-me bem no amago
Da frondifera selva,
Percorrer as veredas solitarias,
Ornadas de mil plantas.

Quer doure o astro-deus do abeto as laminas,
Quer as prateie a lua,
Erga-se o sol ou para o oceano incline-se
Co'a fronte desmaiada,

Eu gósto de subir 'té ao *Calvario*,
  Á ermida do *Sepulchro*,
E d'ahi alongar os olhos avidos
  Pela verde alcatifa...

Clareie o dia os teus retiros intimos,
  Penetre em tuas grutas;
Involvam-te da noite as sombras tetricas,
  Tua soidão redobre;

Galas te vista a primavera esplendida,
  Roube-te o inverno o viço
Ao cedro gigantesco, ao buxo rigido, —
  És sempre bello, sempre,

Ó bosque, aonde a hera abraça as arvores
  E em longos festões pende,
E o musgo os troncos veste e veste os marmores
  Qual pénula de arminhos.

II

Oh! salve, altar grandioso, altar magnifico,
  Onde o homem sacrifica
Ao Deus que lhe revela a consciencia,
  Pae da luz e da vida!

Sagrou-te o celta, as mãos erguendo supplices
  Ao Deus da tempestade;
Sagrou-te o monge, em seu viver ascetico
  Com a cruz abraçado...

E gerações passaram; succederam-se
  Leis, costumes e povos;
E tu erguendo sempre os altos pincaros
  Das arvores enormes!

De torvas luctas o infernal estrepito
  Impavido escutaste;
A voz medonha do canhão mortifero
  Não te causou abalo:

Sereno ouviste os brados da victoria,
Da derrota os clamores... —
Dos homens a vaidade, a insania turbida
Tranquillo presenceias.

III

Adeus, ó bosque! Dominando as varzeas
Que desde as tuas faldas
Extendendo-se vão até o Atlantico
Lá ao longe inquieto,

Quasi tocando com teu cimo o empyreo,
Altivo sem suberba,
Verás passar as gerações e os seculos,
Sempre bello, grandioso.

Adeus, adeus!... E possa uma vez unica,
Ao menos, eu rever-te,
Ó bosque onde passei a minha infancia
Serena e descuidada.

Oh! se eu podesse os meus momentos ultimos
Passar em teu retiro,
Podesse despedir-me da existencia
Dos cedros teus á sombra!...

Adeus! Adeus!... Feliz, se no teu seio
Podesse ter meu tumulo,
Ó Libano formoso do occidente,
Ó lusitano Libano!

Bussaco, 25 de junho de 1877.

Borges de Figueiredo.

SONETO

MOTE

Nos braços de Jesus Crucificado

GLOSA

Montanha divinal, sancto deserto,
Asylo de virtude penitente,
Onde da contrição o fogo ardente
Acha consolação, abrigo certo!

A sagrada Sião d'aqui é perto,
D'aqui já se divisa o sol ridente!
Ah! ditoso o mortal, feliz o ente
Que abre os olhos aqui, ao bem desperto!

Amavel solidão, prazer jucundo,
Têm teus monges aqui logar sagrado,
Livres da corrupção do lodo immundo.

Ah! quem podera aqui desenganado
Pousar, fugindo ás tramas vis do mundo,
Nos braços de Jesus crucificado.

BINGRE.

AO DESERTO DO BUSSACO

Este é Bussaco, ó Fabio, mysteriosa
Copia lá do Carmelo deduzida,
Onde assiste a virtude recolhida,
Onde habita a piedade affectuosa.

Alli verás, naquella selva umbrosa,
  O estado melhor da humana vida;
  Alli a contemplação vive escondida,
  Alli mora a esperança venturosa.

Ditoso quem, já livre de cuidado,
  Pretendente do Céo, passa contente
  Neste retiro alegre a vida humana!

Porque aqui neste monte levantado
  Ensaia o Céo na vida penitente
  Cortezãos da Cidade soberana.

Duarte Ribeiro de Macedo.

O BUSSACO PENITENTE

Neste occulto deserto levantado,
  Ditosa habitação de sancta gente,
  O mesmo Monte as asperezas sente,
  De tanto espinho duramente ornado.

De folhas veste, para que enlaçado
  Com as cadeas de hera penitente,
  E entre arvores agrestes abstinente,
  Seja sempre dos ventos açoutado.

A profundo silencio se retira,
  E desde e solidão adonde mora,
  Elevado chegar ao Céo aspira:

Pois remontado ao bem que humilde adora,
  Vozes os ventos são com que suspira,
  Olhos as fontes são por donde chora.

Frei Antonio das Chagas.

NO BUSSACO

(Improviso)

Foi aqui, foi aqui que o povo lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrepito da luta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão!

Meus olhos cuidam ver o aspecto majestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
É hymno de triumpho e nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquillos repousae da ingente heroicidade:
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

1862. LUIZ CARLOS.

Á FONTE FRIA DO BUSSACO

Ode

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
Sahe, de relance ao menos,
Ó alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte!

¡ Quão bella deves ser, se a natureza,
Ó nayade escondida,
A urna argentea em tuas mãos confia
De tão formosas aguas!

Ou pela aberta rocha ao menos lança,
A furto, os negros olhos;
E por entre o molhado e verde musgo
Transluza o niveo rosto.

Vê com que esmêro e pompa a natureza
Adorna o teu retiro:
Olha estas grandes arvores, que apenas
Sentem do vento os sopros.

Olha a mansa bacia, onde se espraia
Tua agua transparente:
Farto musgo a atavia, e musgo emtorno
Gratos assentos fórma.

Olha; vê que nem Euros te perturbam
O teu crystal sereno,
Nem gado, nem pastor, nem ave ou fera,
Nem folha desprendida.

Com que rumor as aguas, em sahindo
De seu não fundo tanque,
Descem, saltando em fugitivo arroio,
Pelo teu monte abaixo.

Castas sombras, pacifico retiro
Tão velho como os montes,
¿ Sabeis que existe um deus com azas d'ouro
Que os corações inflamma?

Não: jámais entre vós ternos suspiros
Que amor arranca aos peitos,
Nunca maviosas queixas se escutaram
De corações escravos.

Aqui só reina a paz; vivem com ella
As austeras virtudes:
É d'estes cumes solitarios, tristes,
Que o mundo se despreza.

Jámais humana dextra em vossos troncos
Gravou terna legenda:
¡ Oh! ¿ quem goza do pranto matutino
Da aurora, em taes logares?

¿ Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla

*

O córado horizonte?
¿ Para quem sólta o rouxinol em maio
Seus nocturnos gorgeios?

¿ Quem se aproveita do luar, que deve
As horrorosas sombras
Romper aqui e alli nas tardas horas
Da noite socegada?...

Ninguem: — ¿ Porque junctaste estes incantos,
Pródiga natureza?
Aqui não vêm Glicera, ou Chloe, ou Daphne
Toucar-se juncto á fonte.

Nunca as graças gentis aqui vagaram;
Nunca talvez um vate
Se aproveitou dos magicos delirios
Que geram taes logares.

Tu vives pois, quieta em teu retiro,
Rara vez procurada,
Ó alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte.

Tenhas sempre, nas humidas cavernas,
De aguas alma abundancia:
O ardente junho, o turbido janeiro
Egual te vejam sempre.

E quando, gasta a rigida cadeia
D'onde o universo pende,
Já sem ordem, sem leis o velho mundo
Cahir solto em pedaços,

Então, antes que o cahos as dispersas
Reliquias ingolfado
No horror medonho da segunda noite
Houver; salva-te, ó nympha,

Com teus vassallos, invisiveis genios;
Transporta num momento,
Inteiro, este logar sobre algum monte
Do aventurado elysio.

Por ora dorme em paz, meia incostada
Sobre a urna argentina:

Aqui ninguem teu somno descançado
    Virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, já quando
    Alto silencio impera,
Accordarás ao baque de algum tronco
    Dos annos carcomido,

Que farto de ver seculos, e curvo,
    Já por mil tempestades,
Desarraigado emfim cahir no meio
    Da matta, que te cérca.

Antonio Feliciano de Castilho.

O BUSSACO

Oh! salve, irmão do Libano,
Qne altivo ergues a fronte,
Monarcha d'estas serras,
Senhor da solidão!
Salve, gigante cupula,
Que ostentas no horizonte,
Erguida sobre as terras,
A cruz da redempção!

Em teus agrestes pincaros
O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo,
Mais proximo dos céus:
Por isso, nos seus extasis,
O monge penitente,
Aqui meditabundo,
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cantico
Do pobre cenobita
Soou na ermida rude
Da tua solidão:

Hoje o silencio lugubre
Sómente n'ella habita,
Silencio d'ataúde
Em funebre mansão.

Porém se os coros mysticos
Findaram sua reza,
Se a voz do sancto hosanna
Em ti já feneceu;
Tu vives, e ainda incolume
Ao Deos da natureza,
Calada a voz humana,
Descantas o hymno teu.

Oh! como és bello erguendo-te
Á luz do novo dia,
Que os mantos de verdura
Te banha de fulgor!
Quando o gemer dos zephyros,
Das aves a harmonia,
Accordam na espessura
Louvando o Creador!

Mas quanto mais esplendido
Serás, quando a tormenta,
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cái!
Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta
Coroado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrido fragor!
Depois, em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor!

Tu és grandioso; o animo
Qne a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De sancta inspiração.
Oh! porque veiu turbida

A guerra atroz, maldicta,
Soltar nestas paragens
As vozes do canhão?

D'um lado eram as bellicas
Hostes de Bonaparte;
Do outro heroico e ufano
O povo portuguez:
A liberdade e a patria
Ergueu seu estandarte,
E a historia do tyranno
Contou mais um revez.

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores:
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:
Só tu, sorrindo impavido
Do tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido
Renasce o novo dia,
De nova luz te banhas
Despindo os negros véus;
E dizes, em teu jubilo,
Ao sol que te alumia:
— O rei d'estas montanhas
Saúda o rei dos céos.

Depois, ao vel-o pallido
Nas vagas do horizonte,
Pareces ao mar vasto
Dizer com altivez:
— Em teu regaço, ó pelago,
Tu lhe sumiste a fronte:
Avança, que de rasto
Virás beijar-me os pés!

Soares de Passos.

LUSO, 17 de julho de 184...

Visito ainda outra vez as tuas cimas,
Ó Libano de Lysia, alto Bussaco:
E venho sob os teus copados cedros
 Passear meditando.
Oh! quanto és majestoso: e como é grata
A tua solidão: como são puras
As tuas fontes de geladas aguas!
Ou do mais alto cume olhos se espraiem
Por serras, que a teus pés lisas parecem,
Até á ourella das areias louras,
E ao mar que representa um vasto lago,
Aonde pouco a pouco o sol mergulha,
Tomando varias fórmas, qual o vimos,
Já urna d'oiro, já batel de fogo,
Que se submerge emfim...; — ou, se descidos
Por entre as tuas brenhas escondidas,
Caladas e sombrias, penetramos,
Aonde o coração possa carpir-se,
Suspirar e gemer bem livremente....
Tu sempre és bello, encantador, sublime,
 Ó monte sacrosancto!
....
....
Fonte do Castanheiro, não me esqueces,
Que sósinha entre serras e penedos
Gemes tão meiga, como a rola triste;
Nem me esqueces tambem, passeio lindo,
 Silencioso, da noite;
Nem as que alli senti sensações vivas,
Puras, como o reflexo da alva lua,
Que por entre pinhaes se divisava
Manso e manso subir, e como a furto;
Tristes, como a soidão dos arredores,
Ou como o echo, que no monte opposto
Respondia queixoso ás nossas mágoas;
Doces, como o sussurro mal ouvido
Da agua que foge e desce ao valle fundo.
Oh! que não possam acompanhar-nos sempre
Estes pedaços da existencia nossa!...
Apegae-vos aqui, meus pensamentos;

Transferi-vos aqui, doces lembranças,
O curto quadro de tão bons momentos
Quero rever alguma vez, e quero
Males presentes adormentar com elles.
É forçoso partir... Adeus, ó fonte,
Adeus, ingreme serra; eu te saúdo,
Ó Libano de Lysia, alto Bussaco.

Ayres de Sá Pereira e Castro.

O BUSSACO

I

A que vens, caminhante, á erguida penha,
Solitaria, saudosa, melancholica,
Socia amiga de peitos lacerados,
D'antiga penitencia sacro asylo,
Onde, ainda, ao descair da tarde,
Cuidarás na floresta ouvir plangente
A voz do foragido cenobita
Em soluçada prece misturar-se
C'o murmurio da rapida torrente,
E c'o som compassado e gemebundo
Dos longes campanarios?!... Que procuras
No deserto mosteiro, entre estas sombras
De cedros seculares, fartas pregas
Do aveludado manto verde-negro,
Com que a serra se veste, a luz coando
Temp'rada e scismadora para tristes?!

II

A que vens, caminhante? Aqui não tragas
Do mundo os pensamentos. Deixa á porta,
Ao pé d'aquella Cruz e da caveira,

A terrena illusão, os vãos desejos
De mentidos prazeres, as memorias
Da existencia fallaz, das breves flores,
Que exornam, como escarneo, para o tumulo
A orgulhosa victima da morte.
Olha... bem vês o monte alçar os braços,
Co'as mãos de pedra separar a coma,
Por entre as nuvens extender o collo,
E ao céu voltar o rosto de granito!
É o austero Bussaco! Acostumou-se,
No tracto penitente de seus monges,
Á saudade de Deus e ao desengano
Do que vai pela terra. Não, não peças
Ao filho da soidão d'essas idêas,
Que se criam distantes, lá embaixo,
No enxamear dos homens. Vem, mas traze
Comtigo o coração, chagado embora,
Movido á paz suave, e o fogo d'alma
Encaminhado ao menos ás alturas,
Donde baixara a accender-te a vida.
Vem, se vens já co'a mente apparelhada
Ao rispido voar das aguias do ermo;
Se na meditação repouso buscas
Ao cogitar confuso, ás luctas intimas
De candentes paixões; se já soubeste,
Por espinhos da dor contando as horas,
Anciar no retiro um marco apenas,
Donde em pé, como nauta apercebido
Que pairou a tormenta sobre a amarra,
Visses as vagas serenar, e a escuma,
Dispersa em rolos trémulos, sumir-se
Pelas longinquas orlas do horizonte!

III

Não vens assim?... Suspende o passo ousado;
Deixa que, livres de importunas vindas,
As tortuosas sendas se emmaranhem,
Chorando, ao romper d'alva, em crystaes puros,
Gemendo, ao pôr do sol, em soltas folhas,
Pelos passados tempos, co'a saudade
Do roçar do burel e das sandalias
Do pobre Carmelita.—Não olhaste

D'alem, de noroeste, inda esta serra?
Não viste que semelha immenso tumulo,
Como de industria posto, a dar aviso
Aos felizes, aos fortes, que não venham?
Elles que sabem, prodigos da vida,
Com mortos conversar? Que diz a pedra
D'apagada inscripção e a Cruz musgosa,
Que ociosos errantes comprehendam?
Elles que podem ver, elles que podem
Ouvir na solidão?... Que dizem fontes
No sussurro monotono das aguas,
Na poeira de prata, sacudida
Da aza da viração, que esmalta a relva?
Que diz a verde balsa em labyrinthos
De phantasticas grutas, e nas doces
Queixas de suas aves magoadas?
Que diz o cedro a prumo, topetando
Co'as estrellas do céu, cingido d'hera,
Que em lustrosa espiral sobe constante,
A segredar-lhe amores com que esqueça
Aqui seu patrio Libano? Que dizem,
Á sombra d'elle, os echos memorando
O monge que o cá trouxe, e que passara,
Homem e talvez sancto, mais sem rasto,
Mais depressa, mais fragil, do que a prole
Da tenue sementinha transportada
Dentro da parda manga? Que diz nunca
A gelados ouvidos a harmonia
Dos indistinctos sons mysteriosos,
Que suspiram na selva e nos penhascos,
Na planicie e no monte, ás horas languidas
De indeciso crepusculo? Qual d'elles
Sabe a lingua que fallam as correntes
Na esmeralda do valle, argenteas cordas
Por invisivel mão tangidas na harpa
Sonorosa da terra? Qual sentira
Arrobar-se-lhe a alma nas tristezas
D'esse ermo azul dos afastados mares,
Quando vem sem temor a casta lua
Preguiçosa banhar-se, e, embalada,
Parece adormecer nas fôfas ondas?
Longe passem, vão longe, esses; não podem
Por aqui deleitar-se, que o Bussaco,
Filho rude de inculta natureza,
E cuidado de mãos que só sabiam
Vaidades açoutar, não tem, coitado,

Com que agrade aos do mundo ambicioso;
Como eu não tenho, trovador humilde,
Canções que lhes contentem. Fujam, fujam;
Não tem nenhum de nós com que regale
Curiosidades vans; ávante, passem!...

IV

Mas bem vindo, bem vindo se és d'aquelles,
Do sepulchro attrahidos; se em ti sentes
Fundas crenças, ou fundas amarguras.
Vem então, vem comigo, iremos junctos
Pascer o coração d'essas lembranças
De mais piedosos dias, e ao mosteiro
Pedir c'os olhos humidos as vozes
De seu povo proscripto, o sancto exemplo,
O conforto, o conselho, a luz perenne,
Que fulgurava aqui; pedir ao côro
Os seus filhos, em renques, cabisbaixos
A orar pelos homens; ás paredes,
De cortiça forradas, os segredos
Das sanguentas asp'rezas contra a carne;
A cella, á dura lage, ao Crucifixo,
O longo pranto, d'olhos encovados
Pela assidua vigilia penitente;
Recordar no calado dormitorio
Do macerado monge os tardos passos,
Das chaves o tinir na mão, convulsa
Da abstinencia e dos annos; lá na entrada,
Apprender no fervor do vulto grave,
Animado na tela, os pensamentos
Do velho frade á Cruz cozendo o peito;
E na pendente lettra, esteril hoje,
O preceito que dava ao recem-vindo,
Como logar de *bus*, logar de *saco*.
Vem, vem, iremos ambos ajoelhar-nos
No chão da muda Egreja, e, presa a vista
Na face linda, angelica, mas triste,
Da terna Magdalena, saberemos
Como nas chagas d'alma aqui devia
Cahir suave e animador o balsamo
Das lagrimas sinceras, quaes lhe manam,
A baga e baga, tumidas rolando

De seus formosas olhos em diamantes
Sobre as rosas purpureas, assombradas
De loura, solta trança; vem no claustro;
No viuvo jardim, unico luxo,
Ao monge permittido, antes remedio
Ás poucas horas d'ocio; nos alfobres
D'abandonadas hortas, que recata
O gigante arvoredo; ao pé do tanque,
Onde a agua fervendo espadanava
Frescuras, pela tarde, ao solitario;
Lá na *Porta de Sula*, alegre termo,
Inesp'rado descanço á dura trilha
Da tortuosa ingreme vereda;
Na saudosa e amena *Rua do Horto,*
Por entre as avelleiras prateadas,
Com alamos e platanos toldando
A alcatifa de musgos, mais macia
Que um tapete oriental; na curva lapa,
D'onde em cachão a *Fonte Fria* rompe,
E vai de quéda em quéda despenhar-se
Alem no fundo val'; juncto ao *Pretorio;*
Em toda a *Via Sacra;* no *Calvario;*
E mais alto, mais ainda, na *Cruz Alta,*
D'horizontes sem fim, que descortina
Um immenso estendal d'outeiros, campos,
Vinhas, prados, arneiros, rios, valles,
Cidades, villas, povoações diversas
De sete episcopados; vem commigo
Piedoso gemer, chamar, em tudo,
O monge que aqui falta, os echos mortos,
A penitencia expulsa, aquellas horas
De virtuoso viver, o som do bronze
Na torre á meia noite, e o das sinetas,
Respondendo da matta, veladoras,
Por mão do eremita, inda abrigado
Em mais austeridade nas capellas,
Aqui, alem sumidas pelo bosque,
Como violetas timidas, brotadas
Da devoção sublime, como affectos,
Que inda se aninham mais no intimo seio,
A rescender perfumes, dos que os anjos
Invejam para Deus talvez aos homens!

V

Ó loucura d'um seculo descrido!
Porque em paz não deixaste a crença ardente,
Que vivia de lagrimas e dores,
Consagradas ao céu? Que crime havia
Em trazer pelas fragas os joelhos,
Nos espinhos do chão poisar a fronte,
E dia e noite, na oração gemida,
Applacar, contra ti incendiadas,
As iras do Senhor? Aos teus prazeres
Que fazia o cilicio ensaguentado
Debaixo do burel? Á tua sêde
De goso mat'rial que lhe faltava,
Lá fóra em tanta terra? Inda era estreita,
Sem esses poucos palmos, onde abria,
Por suas mãos, um frade a sepultura?
Que mal fazia ao mundo quem do mundo
Tão pouco o contentava? O mundo!... Cego!
Que outro braço rasgou mais terras bravas,
Mais ondas devassou, domou mais gentes,
Fundou mais povoações, junctou assiduo
Maior thesouro de sciencia e letras?
Que outro braço lidou mais victorioso,
Servindo a Fé, servindo a humanidade,
E das conquistas dando as ricas pareas
Todas a Deus e á patria? Cincinnatos
De novo e mais subido desint'resse,
Como os homens, ingratos, vos pagaram!
Talvez que mesmo aqui do frade a capa
Homiziasse, um dia, alguns, que sofregos,
Depois sobre ella sortes lhe lançaram,
Ao tomarem a rol os vasos sanctos,
Que, do altar despojado, iam levados
De Balthazar á festa!... Loucos! Loucos!
A vossa obra foi má. Se sois sinceros,
Crêde sincera a voz, que, nas ruinas,
Deplora o fatal erro, isenta d'odios.
Que importam arraiaes, bandeiras, pugnas
De encontradas paixões? Ao cabo, a todos
Um arraial sómente e uma bandeira,
O cemiterio e a Cruz!

VI

Como se extingue
Alli todo o zumbir do fraco verme,
Que se diz, e se crê, e em si se sente
O rei da creação! Como é de canna
O seu sceptro pod'roso! Qual lhe passa
Ante os olhos o insecto d'um só dia,
Assim elle ante Deus! E tanto afinco
Ao quebradiço barro, tantas luctas,
Tanto lidar insano! Ao menos, tenha
N'esse campo commum suave somno,
Que só dá travesseiro de virtude!
Quantos o dormem tal? Não sei; mas d'esses
Muitos iam do claustro. Atravessavam,
Ignorados heroes, a vida inteira
Em peleja cruel comsigo mesmos;
O homem contra o homem que ha cá dentro,
Dos inimigos seus o mais terrivel!
E triumphavam d'elle, sem que a gloria
Nem o nome sequer, de illustre exemplo,
Lhe soubesse ninguem, ninguem guardasse
Na memoria!... Soldados valorosos,
Que morrestes na brecha, não se fala
No exercito de vós! Embora! embora!
Hei de em meu canto, ao menos, memorar-vos!

VII

Riam, se querem, levianos d'hoje,
Riam do bardo crente, que inda frades
Se atreve a recordar, que inda não soube
Apprender da calumnia, e vem ousado
Modular-lhes canções!... Alguns ouvidos
Haverá que me escutem; d'alguns olhos
Verei lagrimas puras; porque o vento
De torpe corrupção não queimou tudo!
D'aqui, d'estas alturas do Bussaco,
Chamo na voz saudosa os frades idos,
E pelo reino todo escuto, ao longe,

Tambem saudosos echos a chamal-os!
Hão de vir, hão de vir. A liberdade
Do Calvario é que traz sua corrente;
Aquelle que a lá deu na Cruz ao mundo,
Seu sangue derramou, não o dos outros:
Doutrinou, não fez força ás consciencias;
Expulsou vendilhões, não os levitas;
E ensinou a deixar, para seguil-o,
Tudo o que prende á terra! Oh! Não, não póde
Ficar assim proscripto agora o monge,
Porque o Mestre seguiu; porque só tinha
Por bens as preces, por familia os pobres,
Dando-lhes pão do corpo e pão da alma;
Porque andava comido dos cilicios,
Ou d'homens pescador, co'a Cruz ás costas,
A resgatar-se e regastar os povos,
Sem mais sangue verter do que o seu proprio!
Oh! Não, não póde ser que o frade fique
Para sempre punido, errante, oppresso,
Em terra de christãos ercarnecido,
Por este crime só — porque sabia
Fazer bem, e morrer sem epitaphio!
Os frades hão de vir. Como que o dizem
Aqui as mesmas pedras! Possa eu vel-os!
Mas os que os virem, ver-lhes-hão alçadas
As mãos ambas ao céu, dando só bençãos,
E sincero perdão aos que lhes deram
Do seu longo desterro as fundas dores!

João de Lemos.

Na Cruz Alta

Sidera nubiferum fulcit caput.
Silio Ital.

I

Ao cimo, vinde, ao cimo. O dedalo investamos
Da ladeira torcida entre as moitas e os ramos.

Vêde esses dois padrões, venerandos os dois,
O *Calvario* primeiro, o *Sepulchro* depois:
D'um e d'outro saudais a perspectiva immensa,
Onde o monte se empina e a matta se condensa,
Lançando-vos aos pés a alcatifa sem fim
Do arvoredo que imita a relva d'um jardim.

Ávante! Ao extremo; ao viso; ao ponto summo; ávante!
Eil-a agora; eil-a surge. Eil-a, a cruz vigilante,
A cruz erma, a cruz sancta, a sublimada cruz,
Banhada do poente, immersa em aurea luz!

Horizontal reflexo á devota memoria
Uma aurora refaz, e refaz uma gloria.

Que assombro! que amplidão! que alteza! que esplendor!
No occaso o rosicler de cambiante vapor!
Nas horas do mysterio o enlevo da saudade!
No firmamento a paz! no espaço a majestade!...

Os olhos abaixae. No relance veloz
Não cuidais ver galgando, umas d'outras após,
Em audaz porfiar de gigantêas façanhas,
Á escalada do ceu um tropel de montanhas?
Tal da antiga Thessalia a antiga tradição,

Quando o emblema era á historia o que hoje as lendas são,
Fabulou, contemplando a fraga em arremessos,
A furia dos Titães no arrojo dos cabeços!

Mas attentae melhor: o aspecto mudará.
Mudou. Silencio é tudo; immovel tudo está,
O dorso arripiado, as cupulas redondas
Da curva serrania, o fundo valle em ondas,
Não vos parecem já, sob outras impressões,
Do pégo embravecido os tumidos cachões,
E a lufada a ferver no rolo encapellado,
Que Deus mandou parar n'um mar petrificado?
A' grande voz do Eterno a tormenta (direis)
Instantanea ficou-se, invertidas as leis
Communs da natureza. Inda a vista se illude
Ante o revolto sólo, e a convulsa attitude
Com que ameaçam tombar, inclinada a cerviz,
Nos largos barrocaes os crespos alcantis.
Quasi pensais mirar, entre abysmos pendente,
O arqueado vagalhão suspenso de repente;
Quasi temeis que volte o accesso furial,
E o começado horror acabe o vendaval!

Pouco a pouco, porém, toma fórma a paizagem.
Já cada cór se extrema, e avulta cada imagem.
Por outeiros, por chans, variando ao quadro os tons,
A vide alterna o viço, alterna a seara os dons.
Tudo esta penha observa, e tudo aqui domina.
A alpestre região dilata-se em campina,
Mas campina que vai, como através d'um véu,
Confundir-se co'o oceano e mesclar-se co'o céu.

Quem, quem ha de abranger o vasto panorama,
Que se espraia, e desdobra, e ao longe se derrama
No seio do infinito?

Além, de norte a sul,
D'éste a oéste, embebendo em si o ethereo azul,
Desce o fluido crystal, que verte a agreste falda,
A entalhar de saphíra as varzeas de esmeralda:
Vêde-o, o campo alegrou; vêde-o, esmalta o pomar;
Se no juncal dormiu, foi no arroio accordar!

Além, a brenha hirsuta, a pino sobre os combros,
Destrança e ao vento sólta, esparsa em rócheos hombros,
A cóma virginal de soutos e pinhaes!

Além, o prado, o arneiro, os povos, os casaes,
A villa entre vergeis, o colmo entre sobreiras,
E o choupo orlando a veiga em alas nas ribeiras,
E a estrada a collear das portellas nos vãos!

Além, Vouga e Mondego, os dois rios irmãos,
Irmãos, porque ambos vêm, rompendo as asperezas,
De portugueza fonte a praias portuguezas.

Mais além, ao nascente — os olhos alongae —
Onde a linha se esfuma, e já quasi se esvai,
(Moldura ao gran' painel em que a vista se gosa)
O altivo Caramulo, a Estrella majestosa,
A's nuvens remontando os feros cumes seus!...

Eis a scena. E por cima o crepusculo e Deus!

II

Gloria a Deus nas alturas!
O universo prostrado acclama: gloria!
Gloria vão sussurrando as auras puras,
Sem mais voz, que essa voz gratulatoria!...
Do mundo, que delira,
Vem o insano clamor, confuso e incerto,
Expirar á raiz d'este deserto,
Como ao longe na areia a vaga expira.

Grande só Deus! A alfaia
De verdores, que a penha nos circumda;
O sol, que em leito d'oiro se desmaia;
A cruz; o ceu visinho; a paz profunda;
A sombra, que se expande
Nas gargantas, e sóbe lenta aos cimos;
Tudo o que vemos; tudo o que sentimos;
Tudo, tudo nos diz: só Elle é grande!

Quem d'aqui descortina
O que faz lá por baixo tanto vulto?
A ambição, insaciada Messalina?
A inepcia apparatosa? o vicio estulto?...
Humanas, vans chimeras,
Fumos d'um dia, sonhos d'um momento,

São visiveis acaso ao pensamento
Que se engolpha nas placidas espheras?

Revôa o negro enxame
Sobre infecto paul, e em si disputa
A qual sôrva mais fel, mais sangue inflamme,
No torpe ardor da cubiçosa lucta.
Não chega aqui zumbido,
Nem chega exhalação. A pestilencia,
Sem turbar a serena transparencia,
Vive e morre no ambiente corrompido.

Hymno grave da tarde,
Hymno de paz e amor, que docemente
Me resôas cá dentro, e sem alarde
Me enlevas, me arrebatas peito e mente
Quando o espaço contemplo
E recolhido escuto,—és com certeza
A prece angelical da natureza,
O cantico melhor do maior templo.

Essa augusta harmonia
Que bem se acorda á selva e casa ao ermo!
Socia das dores como á dor se allia,
Psalmo sem fim da solidão sem termo!
Como as almas invade!
Como, avivando a chamma semi-morta,
Olhos e corações, que aos ceus transporta,
Da terra affasta, eleva á eternidade!

Teu influxo me agita,
Harpa dos montes. Ouço no passado
O cenobio gemer, orar o ermita.
Co'o abysmo aos pés, no abysmo debruçado,
Sem ver encaro o abysmo.
De anciosa aspiração a ignota chamma
Desponta aurora, e o espirito me inflamma.
Scismo e penso... Em que penso? Porque scismo?

III

Phantasticas visões d'occulto mundo,
Torvos espectros, sombras entre sombras,
Hospedes tristes do espessor profundo,

Quem sois vós, que nas rusticas alfombras
Pégada não deixais, nem deixais rasto?
D'onde vindes? Que sestro vagabundo
Ullulantes vos traz no escuro e basto
Espinhal da ramada? O gesto e o rosto
Porque tendes tão vario e tão opposto?

N'uns o pallor, os extases do asceta!
N'outros o ardente olhar e o marcio porte!
Paz este implora; aquelle a paz inquieta;
Bem que em todos se estampe a mão da morte!
Uns vão, olhos no céu, de brenha em brenha,
Vestidos de burel e de estamenha,
Monasticas mortalhas!
Passam outros em rapidas manobras,
Cingindo ao roto peito as rotas dobras
Do estandarte, sudario das batalhas!

D'onde a feição diversa, o affan contrario?
Nas campas não podeis dormir-vos quedos
Por emulos? e andais n'esse fadario!
Mas então que terrificos segredos
Entre vós suspirais nos arvoredos?

Que! Da patria fallais? E orais por ella?
E por ella tremeis?—Espiritos idiotas,
Que um nada absorve, um panico desvela,
Procedeis, bem se vê, d'eras remotas!
Tomais o caso a serio, sem cautela,
N'este seculo esperto e positivo,
De troça, de bamburrio, e de chacotas,
De universal cancan, e d'olho vivo!
Pois ignorais que rigido compasso
Hoje as grandes paixões mede avarento?
Isso, que o vulgo prende a ingenuo laço,
Reputa-o quem não dá pennas ao vento,
Calculando o que tira em beneficio,
Não culto, mas officio.

Esse affecto boçal, que nem sabia
Pôr taboleta de rendosa empresa,
Que amava com solicita energia
O berço e o lar, conforme a natureza,
Por gasto, por caduco e sem valia,
Precisava devéras reformado.
Reformou-se; chrismou-se, como urgia;
E a chamar-lhe passaram (bem chamado

Para que tudo o titulo exprimisse)
Com maior correcção: patriotice!

Não vêdes como os genios tutelares
Previram tudo, e tudo têm seguro,
Deshonrando o presente, e no futuro
Dispondo o germe de mortaes dezares?
Dictando a assoldadados libellistas
A aleivosia torpe, o ardil grosseiro,
A comprada lisonja, armas previstas,
Que prepara a traição, forja o dinheiro?
Propagando sem fé, sem lei, sem prova,
A affronta, a injuria, o insulto, o vituperio;
E a discordia, que abate o mór imperio;
E a descrença, que sempre o mal renova?
Movendo emfim, por mãos que a insania instiga,
A eterna confusão co'a eterna intriga?

Não vêdes o que tece, e mina, e faz
Na terra venturosa, onde se ageita,
Uma eschola sem norma, eschola ou seita,
Fallaz, mordaz, voraz, e pertinaz,
Que préga economia sem refegos,
Quer tudo reduzido, e pede empregos?

Não vêdes mais a sã demagogia,
Tão sã como sincera,
Que, em nome da republica, porfia
Cada vez por mais titulos; e espera
Dotar da fé que a abraza,—crença austera
Pela qual só responde,—
Um povo todo egual, porém visconde?

Não vêdes como esforço, *engenho e arte,*
Do melhor da nação vital conjuncto,
Influxo exercem? Como se reparte
A actividade e a luz por toda a parte?
Como o bom senso impera em cada assumpto?
Como o risco imminente da ruina
Os vinculos estreita na irmandade?
E o egoismo cessa? e a abnegação domina?
Como o justo criterio persuade
A inteireza, que illustra a liberdade?
Como ao paiz nenhuma astucia illude?
E em grandes, em plebeus, ninguem, desmente
O amor do bem, que louva unicamente
A razão, a virtude?

Duvidais, repetindo os velhos termos:
«Honra e brio, lisura e consciencia!...»

Mudou-se a vida aqui na vossa ausencia,
E a pezar vosso, espiritos enfermos,
Outras modas ha hoje, outra sciencia.
Repoisa a sociedade em novas bases:
Modernisou-lh'as, com subtil estudo,
A moral dos ladinos e sagazes.
É tudo innovação; progresso é tudo.

Innovou-se a fé publica, ampliando
Machiavel, de seus erros absolvido;
Progredimos, repondo no sentido
As protervas ficções, que infringe o mando,
Negaças vãs d'oraculo fallido.

Dizeis que em vosso tempo d'outra sorte
Se firmava a isenção, e no tremendo
Horror do jugo a tinheis só por norte,
Lidando e unindo, orando e combatendo?

Palavras! palavrões! em que evapora
A estolida effusão que assim murmura!
Quem vos escuta ou vos attende agora?
Quem direito vos deu para a censura?

Se audaz cynismo, porque á turba agrade,
Ri de si, ri do mundo, o mundo gloza,
Vociferando os chascos da ebriedade
Á beira da voragem pavorosa;
Se busca revolver paixões extremas,
E apertar sobre a gente desvairada
A malha d'infernaes estratagemas,
Armando a insidia, que faz mais que a espada
Para atar as nações em vis algemas;
Se fataes dissensões promove a astucia,
E da perfidia a voz, jámais remissa,
Tolda o sol da justiça
Co'a intensa nevoa de impudente argucia,
Em proveito do crime e da cubiça;
Quem vos diz que não seja esta maneira
(Se não muito afamada assás matreira)
A melhor de calmar, co'os derivantes
D'um methodo que emfim não é já novo,
O estimulo dos sustos incessantes,
Sangrando o Estado e enfraquecendo o povo?

Se o morbido torpor nem por si vela,
E, insensivel, contempla sem cuidado
A assoladora furia da procella,
Que leva, co'o tufão desenfreado,
A abrir na rocha, ou soverter nos lodos,
O arrazado baixel... em que vão todos;
Se os cegos, que são cegos por decencia,
Mofam de augures, zombam do presagio,
Contando cada qual (triste demencia!)
Sair-se illeso no geral naufragio;
Se o funesto, o continuo tresvario
Que vem da enervação febril e inerte,
Se o vão sophisma, andaço doentio
Que nos costumes entra e que os perverte,
Dizem, desdizem, mudam d'improviso,
Abolindo egualmente o pejo e o sizo;
Se o proprio mestre em leis, como atilado.
No fito do seu lucro pondo a mira,
Prudente ensaia um duvidoso enfado,
Dentro, porém, secretamente admira,
Não quem tenta cumprir (nescio provado)
O dever como austero sacerdocio,
Mas quem sabe fazer o seu negocio;
Conclue-se por ventura
Não ser esta, que tanto a salvo guia
Fortuna rapida em nebrina escura,
Hoje a mais salutar philosophia?

Perceber não podeis? Em ar solemne,
Abrindo os vossos funebres sudarios
Onde o holocausto se gravou perenne,
Insistis:
— «Os brazões hereditarios
«Não manchámos nos dias tormentosos!»

Lembrais depois, com olhos lagrimosos:
— «Que á salvação commum votando os peitos,
«Sem recusar por calculos suspeitos
«Nem fazenda nem sangue, generosos
«Defendíeis a patria, a patria honraveis!...»

Quem sois? quem sois, phantasmas implacaveis?

IV

Diz-me quem sois, d'um lado, o colmo agreste
Do recatado hospicio,
Que os despojos da matta humilde veste,
Quasi como um cilicio.

D'outro lado m'o diz, se volto os passos,
A ermida da vertente,
Mostrando a aberta fronte em negros traços
Escripta a luta ingente!...

Monges! Soldades! Vós, servos das aras
Onde impera a clemencia;
Vós, guerreiros, que as distincções preclaras
Conquistais na violencia;

Vós, cujo fado tanto se defronta,
Mas a quem, todavia,
A mesma indignação, a mesma affronta
Dava a mesma energia;

Sombras, eu vos saúdo! Heroes, modelos
De esforço ou de piedade!
Valentes corações! sinceros zelos!
Sincera caridade!

Saúdo em vós os candidos fervores,
Que, magoados do mundo,
Vão, pudicos, sumir o pranto e as dores
Das thebaidas no fundo!

Em vós saúdo o honrado sentimento,
Que o seu sangue em tributo
A patria dá sem vacillar momento,
E mantém, resoluto,

Livre o lar, livre o ferro, em solo intacto
D'ultrajante dominio...
Como os rudes zagaes de Viriato
Sobre as fragas do Herminio!

V

Nos ermos teus revejo-te,
Austero anachoreta,
Lento passando e tacito
Aos raios do planeta,
Que alastra as copas tremulas
Em sombra pelo chão;
    Revejo-te nas gelidas
    Entranhas d'uma gruta,
    Aos céus erguendo o espirito
    Onde a memoria luta,
    Banhada a face em lagrimas
    Que vêm do coração;

Distingo o melancólico
Tanger de longe a longe, (1)
Voz dolorosa e unica
Da escuridão, que ao monge
Adverte, e diz: «escuta-me,
«Nuncia da morte eu sou:
    «Sou te, mortal, o oráculo
    «Da angelica esperança;
    «E a eternidade,—o vórtice
    «Que d'hora em hora avança—
    «No meu gemer prophetico
    «Ao seio te chamou!»

Revejo a fronte pallida,
E o rosto macerado,
Do que homem fôra, e, victima,
Sem mais soltar um brado,
Ao prematuro tumulo
Em vida quiz descer:
    É-lhe ás angustias balsamo
    O rigido asceterio;
    Mas nos transportes intimos,
    Baldado o refrigerio,

(1) Era uso no Bussaco tanger de noite de espaço a espaço o sino do mosteiro. Ao toque do mosteiro correspondiam nas ermidas, ou capellas, da matta, os que a ellas se acolhiam em penitencia.

A imagem das catastrophes
Lhe aviva o padecer.

Que dor, de dores cumulo!
Que duro tracto infando!
Ir, na vereda asperrima,
Aos proprios pés calcando
As esfolhadas petalas
Das mortas illusões!
Onde a constancia, o animo,
O esforço em tal supplicio,
Se não prostrado ao Golgotha
Do eterno sacrificio?
E nas perennes supplicas?
Nas immortaes visões?

Salve, deserto, próvido
Refugio ao desengano!
Fadou-te um Deus benefico
Para acolher o humano,
Que, já da terra prófugo,
A terra vê qual é.
Contra as desditas maximas,
O maximo tormento,
Aos crentes dás, — aos martyres
Do recto pensamento, —
Nos teus sarçaes reconditos
Inda um conforto — a fé!

Fitando a etherea cupula,
E o immenso lampadario
Acceso em astros fulgidos,
Que importa ao solitario
Das más paixões freneticas
O torpe e vão furor?
Que importa a inveja estolida?
A fraude triumphante?
E o cavilloso sceptico?
E o enganador semblante?
E da impudencia o halito
Que mancha a crença em flor?

Se n'alma acaso ao misero,
Estoico, mas sensivel,
Ficou do mal preterito
O ardor inextinguivel,

Fatalidade tragica
D'um tragico penar,
    Aqui, fortalecendo-se,
    Na provação exulta,
    E, sem mover-lhe um musculo
    A dor da chamma occulta,
    Protesta, novo Scevola,
    Deixando-se queimar!

Tragou seu calix ultimo,
Que o mais acerbo encerra,
O incendio purifica-lhe
Na terra o que é da terra:
Soprando as cinzas tépidas
Extráe da cinza a luz.
    Ruja o tufão,—magnanimo
    Não soffrerá desmaio!
    Dobre a procella os impetos,
    Firme affrontando o raio,
    No meio dos relampagos
    Surge abraçado á cruz!

Bussaco—junho, 1870. MENDES LEAL.

INSCRIPTION FOR THE DESERTO DE BUSACO

Reader! thou standest upon holy ground,
Which Penitence hath chosen for itself,
And war, disturbing the deep solitude,
Hath left it doubly sacred. On these heights
The host of Portugal and England stood,
Arrayed against Massena, when the chief,
Proud of Rodrigo and Almeida won,
Pressed forward, thinking the devoted realm
Full sure should fall a prey. He in his pride
Scorned the poor numbers of the English foe,
And thought the children of the land would fly
From his advance, like sheep before the wolf,
Scattering, and lost in terror. Ill he knew
The Lusitanian spirit! Ill he knew

The arm, the heart, of England! Ill he knew
Her Wellington! He learnt to know them here,
That spirit and that arm, that heart, that mind,
Here on Busaco gloriously displayed,
When, hence repulsed, the beaten boaster wound
Below his course circuitous, and left
His thousands for the beasts and ravenous fowl.
The Carmelite who in his cell recluse
Was wont to sit, and from a skull receive
Death's silent lesson, wheresoe'er he walk,
Henceforth may find his teachers. He shall find
The Frenchmen's bones in glen and grove, on rock
And height, where'er the wolves and carrion birds
Have strewn them, washed in torrents, bare and bleached
By sun and rain, and by the winds of heaven.

Robert Southey.

INSCRIPÇÃO PARA O DESERTO DO BUSSACO

(Traducção do inglez de Rob. Southey)

Leitor! Estás numa sagrada estancia,
que a penitencia para si tomára,
e que, turbada por clarins de guerra
nos recessos da sua paz profunda,
se exhibe duplamente consagrada.

A postos e na frente de Massena,
o exercito anglo-luso
nestas alturas demorava, quando
aquelle chefe, envaidecido ainda
pelas victorias de Rodrigo e Almeida,
arremetteu audaz, imaginando
que o desditoso reino
ia sem duvida ser prêsa sua.

Num movimento de orgulhoso escarneo
surriu do escasso numero
das forças inimigas
e acreditou que os filhos desta terra

debandariam ante o seu ataque,
tranzidos de pavôr, á similhança
da ovelha que trepída
perante o assalto de sanhudo lobo.
Oh! Conhecia mal o esforço lusitano!
mal conhecia o animo e a coragem
da Inglaterra e do seu sagaz Wellington!

Foi aqui que aprendeu a conhece-los,
— aquelle esforço e aquella intelligencia,
que se patentearam
gloriosamente aqui, sobre o Bussaco,
quando d'aqui o fanfarrão batido
se retirou, seguindo
o atalho mais esconso,
e deixando milhares dos seus homens
para pasto das feras
e de aves carniceiras

E o carmelita, que na sua cella
Ocioso recebia das caveiras
muda lição da morte,
passeia livre agora
e já póde encontrar-se com os mestres.
Na matta e pela encosta,
nas rochas e cumieiras,
por onde quer que as aves
e os lobos os deixaram espalhados,
achará muitos ossos de francezes,
levados na enxurrada
e branqueados pelo sol ardente
e pela chuva e pelas ventanias.

5-VII-95. *Trad. de* — Candido de Figueiredo.

O BUSSACO

I

Eil-a a grande montanha, o templo augusto,
    Vezes três consagrado:
Á natureza, á fé, da patria á gloria;
    Não pelo homem formado;
Mas pela eterna mão do Omnipotente,
Durante o sobrepôr de mil edades,
Á luz do sol, ao faiscar do raio,
Ao abraço das soltas tempestades.

Como ao longe campeias sobranceiro,
    Alçando a antiga fronte,
Senhor de terra e mar, de quanto abrange
    O teu amplo horizonte,
Envolto pelas nevoas da distancia,
Quasi da mesma côr do azul aereo,
Irmão do céo, unido ao céo, como elle,
Cheio de sanctidade e de mysterio!

Mas, á medida que se encurta o espaço,
    E de nós te aproximas,
O manto rarefaz-se; avultas; formas-te;
    Rasgam-se tuas cimas;
Relevam-se; contornam-se teus membros;
Surges filho da terra; mas gigante,
A devassar, a interrogar o empyreo,
A offerecer-lhe os hombros, novo Atlante.

Então um mundo inteiro tu franqueias,
    Como que por magia,
Um mundo de verdura, de grandeza,
    De luz, de poesia;
E a alma se contrae, suspensa, timida,
Vendo-te apparecer já tão de perto,
Qual se temesse penetrar o encanto,
Que móra nos teus bosques encoberto.

Vae subindo o caminho; e, a cada volta
Que elle dá, novas scenas
Se abrem perante os olhos admirados;
As sensações terrenas
Fogem, ao passo que nos foge o mundo,
E avizinhar-se mais o céo parece;
Até que a mente, arrebatada em extase,
E embebida no céo, o mundo esquece.

Ah! como aqui devia, em outras eras,
No rude sanctuario,
Juncto do cimo teu, viver tranquillo
O monge solitario,
O que houvesse despido lá em baixo
Das humanas paixões o vil cortejo,
E, abrazado na fé, em Deus o espirito,
Em Deus tivesse apenas o desejo!

Se 'inda agora este ar é puro e sancto,
E a alma nos eleva,
Agora que no monte consagrado
Calou do mundo a treva,
O que seria então, quando, no seio
De tanta solidão, tanta grandeza,
Só se ouvisse o eremita a Deus falando,
E o concerto da agreste natureza?

II

Porêm aberto o ádito
Do bosque me convida.
Já entro. Que silencio!
Que paz na humana lida!
Que sombras! que murmúrios!
Que nunca vista luz!
Incerta, meiga, pallida,
Por entre os ramos côa
De innumeraveis arvores,
E a idéa me povôa
Não sei de que mysterio,
Que a cogitar induz.

Sob os meus pés afôfa-se,
E aos passos meus responde
O solo — cemiterio,
Que em si o resto esconde
De tanto tronco válido,
De tanta folha e flor:
Restos, que a selva em lagrimas
Orvalha gemedora,
Durante a noite placida,
Até brilhar a aurora,
Bem como mãe sollicita,
Para lhes dar frescor.

Abobadas e abobadas
Virentes se entretecem
Por sobre mim; arqueando-se
Ora aos abysmos decem;
Ora do monte o pincaro
Vingam, buscando os céos.
Columnas mil grossissimas,
Da natureza filhas,
Sustem-as, quaes a India,
Farta de maravilhas,
Não tem nos subterraneos,
Enormes templos seus;

Ás vezes a distancias
Eguaes, enfileiradas,
Ás vezes dessimetricas,
Sem ordem, espalhadas,
Erectas, inclinando-se,
Sobre outras a tombar.
Aqui do raio igneo
No chão lascadas jazem;
Alem como que em circulo
Ao sol entrada fazem;
E algumas solitarias
Parecem meditar.

Ah! quantos troncos varios
N'um solo! O corpulento
Cedro, que vae, pyramide,
Sorrir ao firmamento,
O abeto, o aderno, a tilia,
O roble colossal,
O choupo esguio e humido,

O sempre verde loiro,
Os espalmados platanos
(Dos bosques o thesoiro),
E a pela flor lindissima
Catalpa sem rival,

E o cinnamomo, e o álamo,
E a florescente olaia,
E da nogueira umbrifera
A copa, e a leve faia,
E o companheiro, o symbolo
Da morte, e troncos mil,
Cantando em suas citharas,
Já tristes, já suaves,
Juncto ao correr das aguas,
Juncto ao trinar das aves,
Da natureza próvida
O canto senhoril.

III

Em tamanhas bellezas enlevado
O pensamento e a vista,
Pelo extenso caminho fui andando
Até do monte á crista,

Por baixo sempre da cerrada abobada,
Á luz mysteriosa,
Que de fundo, poetico respeito
Povôa a selva annosa.

Mas, á medida que meus passos galgam
A soberba montanha,
Mais viva claridade a natureza
De mim emtorno banha.

Emfim ao alto chego, e a luz em jorros
Inunda o céo e a terra,
E a vista livre n'um relance abarca
O mar, o plaino, a serra.

Que espectaculo! Oh! não, nunca meus olhos
Egual scena fitaram,

Nunca em tão largo ambito á vontade
    D'est'arte se espraiaram.

Como é bello aqui estar, juncto do emblema
    Da redempção humana,
Da rude cruz, a contemplar as obras
    Da mente soberana!

Como tudo isto é grande! Ao longe e ao largo,
    Desde o cume do monte,
Pasmado, absorto, o olhar incerto corre
    De um a outro horizonte!

Ora se afunda na planicie ou valle
    Que em doce paz se extende,
E que rio, ou ribeira fecundante,
    Liquida prata, fende;

Ora sobe ao oiteiro atapetado
    De esmeraldina relva;
Ora desliza pelo dorso escuro
    De emmaranhada selva.

Uma vez segue a costa que o mar banha,
    E o mar sempre inquieto;
Outras repoisa sobre o tenue fumo,
    Que sáe de humilde tecto.

Quantas povoações pela verdura
    Aqui, alli alvejam,
Perdidas entre a grande natureza!
    Que de aves avoejam

Pelo espaço infinito! E o soberano
    Da creação, o homem,
Que tantas ambições, tamanhas lidas
    Aguilhoam, consomem,

Nem sequer se descobre como um ponto
    D'esta elevada altura,
Elle que ser blazona d'entre todas
    A maior creatura!

Aqui, longe da van sociedade,
    Absorto n'estas scenas,
Quem me dera morar por algum tempo,
    E das paixões terrenas

*

Sentir quebrar-se aos pés a vil cadeia,
E descansar minh'alma,
Das mundanas procellas fatigada,
N'esta grandeza e calma!

Quem tedio sente de viver entre homens
Venha viver tranquillo
Perto da natureza, e longe d'elles
Em tão quieto asylo.

Se tem fé, juncto á cruz, n'este augustissimo
Templo, de Deus só obra,
Reforçará o espirito que a onda
Do mundo não sossobra.

Se a não tem, sentil-o-ha, como aguia nova,
Que o enthusiasmo impluma,
Erguer-se, arremessar-se no infinito
Buscando a causa summa;

Meditará no que é: um grão, um nada;
No que é quanto descobre:
Algumas lettras do universo apenas;
E ao céo azul que o cobre

Alçará, sem querer, o olhar em busca
De um ser omnipotente,
Principio, origem, fim de quanto existe,
De quanto vê e sente.

IV

Como deve ser outro este quadro,
Quando, á solta os fataes elementos,
Responder ao bramido dos ventos
O ribombo do rouco trovão;
Quando apenas a luz dos relampagos,
Em logar d'este sol esplendente,
Allumiar esse espaço virente
Co'o veloz, desmaiado clarão!

Negro o céo, ora limpido e bello,
Reflectindo a negrura celeste;
Plumbea a terra; o ar turvo e agreste ;

Em correntes a chuva a cahir;
E por cima de nós, galopando
Ver as nuvens—um cahos medonho;
E por baixo de nós, como em sonho
Ver as nuvens, e o raio a luzir.

Então grande, soberba, terrivel,
Embuçada no véo da tormenta,
A montanha nas trevas ostenta
Seu aspecto sombrio e feroz.
Inconcussa na base dos tempos,
Brama, ruge, com ella peleja;
Ri-se ao igneo clarão que lampeja;
E ao rolar do trovão juncta a voz.

Muito embora tufões estrondosos
A alta grenha sem tregua lhe açoitem,
Negras sombras a face lhe ennoitem
De caligem cerrada, infernal,
Sem que ao menos do empyreo lhe venha
Com um raio uma luz de esperança
De á procella seguir-se a bonança,
E ás trevas do sol o fanal;

Muito embora, tombando por terra
Veja os filhos, mil troncos gigantes,
E as torrentes da altura espumantes,
Em tropel pela encosta a correr,
Lhe profundem rasgadas feridas,
E os penedos dos pincaros caiam,
Nunca, nunca seus brios desmaiam:
Tudo soffre sem nunca tremer.

E tambem quão diverso este quadro,
Do que é hoje, não foi n'esse dia
De vergonha e derrota á ousadia
Do potente inimigo francez,
Quando o Filho tão caro á Victoria
Viu murchados os loiros primeiros
Pelo fogo dos nossos guerreiros,
Pelo fogo do exercito inglez!

Ó Bussaco, o teu nome famoso
Desde então mais famoso ha ficado;
Eras já pela fé consagrado;
Fez-te grande a natura tambem;

Mas depois d'esse dia terrivel,
Para nós de tão grata memoria,
Brilharás, qual já brilhas, da historia
Nos annaes, pelos tempos alem.

Foi bem proximo á tua floresta
Que entre as hostes rompeu o combate;
Julgo ouvir-lhes a marcha, o embate,
E dos bronzeos canhões o troar;
Julgo ver reluzindo as bayonetas
Em columnas, de fumo e poeira
Bastas nuvens, e a nossa bandeira
Vencedora no campo ondear.

Desde então todos nós portuguezes,
Ao chegar a teu solo, provamos
Nobre orgulho, e com medo o pisamos,
Pois tem sangue de nossos irmãos,
Sangue fertil, que a alma alimenta
Para todos gastarmos a vida
Em defesa da patria querida
Emquanto haja uma espada e haja mãos.

V

Porêm o sol esplendido
Já tomba no horizonte.
Já o seu brilho timido
Ao cume do alto monte
Co'a despedida ultima
Envia a extrema luz;
E ao passo que a planicie
Em baixo, e as mais alturas
Das sombras do crepusculo
Se vão cobrindo escuras,
Inda illumina um raio
D'esta eminencia a cruz.

Adeus, celeste lampada;
Em breve com seu manto
A noite triste e humida
Todo este monte sancto,

E a terra, e o campo ethereo
De trevas cobrirá;
  E em trevas e silencio
Elle será quieto,
Sob as estrellas tremulas,
Sob o seu verde tecto,
Emquanto a outro hemispherio
Tua face brilhará.

  Mas ámanhã, sollicito,
Apenas rompa a aurora,
Ha de soar de canticos
Á luz que o espaço córa,
Ha de ser todo jubilo,
E todo festa e amor,
  Para esperar-te, ó fulgido,
Eterno soberano,
Obra das obras maxima,
Da natureza arcano;
Para seu canto mystico
Erguer ao Creador.

Lisboa. RAMOS-COELHO.

ITINERARIO DO BUSSACO

Ao individuo que deseje percorrer a pé as principaes paragens do Bussaco e ver o que ali ha de mais notavel, aconselhamos siga este itinerario ajudando-se da planta annexa ao nosso livro.

A planta está dividida em 40 quadriculas, cada uma das quaes tem seu numero de ordem.

Os numeros que n'este itinerario vão entre parenthesis referem-se ás quadriculas onde se encontram notados os logares ou edificios que n'elle se apontam; os numeros que não vão entre parenthesis referem-se ás paginas do livro onde se tracta d'esses logares ou edificios.

— Sahindo de Luso, passando pelo *Chalet Navarro* (**21**), siga pela nova estrada de Penacova (**21**); e, deixando a *Porta de Luso* (**21**) 12, e a *Porta das Ameias* (32) 13, entre pela *Porta das Lapas* (**33**) 14.

— Siga pela *Rua dos Fetos* (**23, 24, 14, 15**) 15 passando junto do grande lago (**24**) 15 e do lago menor (**15**), que está ao fundo da *Fonte Fria.*

— Suba as escadas da *Fonte Fria* (**15**) 104, e, quando chegar ao ante-penultimo patamar, tome á esquerda pela *Rua do Horto* (**15**) para vêr um dos maiores cedros da matta 81, que encontrará ao lado esquerdo depois de poucos passos de subida.

— Retroceda ao ante-penultimo patamar da *Fonte Fria*, siga pela rua que o atravessa e encontrará pela primeira vez uma das capellas dos Passos: é a 3.ª capella, a do *Passo da Ponte do Cedron* (**25**) 86.

— Continue por esta rua passando sob a *Porta de Siloé* (**25**) 86, e, depois de alguma subida, encontrará a 4.ª capella, a do *Passo de Annaz* (**25**) 86.

— Prosiga para o poente pela rua que sobe d'aqui em linha recta e que, passando junto das ruinas da *Ermida do Sacramento* (**25**) 86, 74, o leva á *Capella de Caiphás* (**34**) 86.

— Da *Capella de Caiphás*, em vez de proseguir na *Via Sacra*, que d'aqui segue quasi horizontalmente, tome por uma rua mais estreita e ladeirenta, quasi encostada ao muro, a qual o levará ao terreiro interior da *Portaria da Matta* ou *Portas de Coimbra* (**35**). Sáhia ao terreiro exterior para contemplar o grandioso panorama que d'ahi se descobre (**35**) 18.



LUSO—Chalet do Sr. Conselheiro Emygdio Navarro

— Torne a entrar para a floresta e prosiga pela grande *Avenida do Mosteiro* (35, 26) 37, na qual encontrará quatro capellas: a de *S. João da Cruz* (35) 38, a da *Fonte da Samaritana* (26) 39, a de *S. Pedro* (26) e a da *Magdalena* (26). A poucos passos d'esta encontrará o *Mosteiro* (16) 40.

— Visite o *Mosteiro* entrando por um dos tres arcos da sua humilde fachada (16) 41, 42, veja o claustro 43, 47, as cellas, a egreja 51 e os *Annexos do Convento* 58. Do terraço superior do hotel gosará uma vista formosissima sobre a matta e ao longe.

— Torneie o *restaurant* pela parte inferior, seguindo a rua de Santa Thereza (16). Vá á *Fonte de Santa Thereza* (17) 108. Passe em frente do chalet que occupa o logar da *Ermida de Santa Thereza* (17) 66 e entre na *Rua da Rainha* (17).

— Veja a *Cascata* (17) 63.

— Em frente da *Cascata* atravesse a *Rua da Rainha* e desça ao *Valle dos Abetos* (9) 64.

— Poucos passos andados, tome á esquerda para vêr a capella do *Passo do Horto* (9) 85, onde começa a *Via Sacra.*

— Do *Passo do Horto* volte á frente da *Cascata* (17), que torneará pelo nascente, subindo á *Rua* e *Fonte de S. Silvestre* (17) 109.

— Quasi no topo da *Rua de S. Silvestre* (17) tome por uns degraus junto da fonte, e, subidos, siga á esquerda por uma rua de formosos cedros e vá andando até encontrar a grande estrada nova da Cruz Alta (17). Atravessando esta estrada, encontrará a *Ermida de N.ª S.ª da Conceição* (17) 68. Ao cimo da rua de cedros que d'ella começa e sobe em linha recta, encontrará a *Ermida de S. Miguel* (28) 69.

— Volte á *Ermida de N.ª S.ª da Conceição* (17), tome para a esquerda (poente) (27), e pela primeira vereda que encontrar á direita (27) desça para a *Fonte do Carregal* (27) 109.

— Da *Fonte do Carregal,* subindo por uns degraus que lhe ficam ao lado, siga para a *Via Sacra* (27) e *desça* por ella, passando pela capella do *Passo do Cyrineu* (27) 90, pela do *Encontro com a Virgem* (27) 89, e continue descendo até á capella do *Passo da Primeira Queda* (26) 89.

— Suba á esquerda por uma rua que começa junto d'esta capella, e, percorrida alguma distancia, encontrará do lado esquerdo uma vereda (36), que o levará, por terreno muito ladeirento, ao formoso ponto da *Capella de Santo Antão* (35) 71.

— Retroceda á rua onde começou a vereda (36) e continue por ella até o *Passo de Herodes* (35).

— Proseguindo para baixo pela rua que toca no muro (35), em vez de descer á *Avenida do Mosteiro*, já nossa conhecida (35), tome á direita pela rua que lhe é superiormente parallela (35 e 36), vá á *Ermida de S. José* (26) 69 e contemple os collossaes cedros

que a assombram, os primeiros que em Portugal se plantaram 77, 81.

— Veja o *Pretorio* ou casa de Pilatos (26) 88.

— Siga para cima pela *Via Sacra* passando pela septima capella (26) 89, oitava (*Passo da Cruz ás Costas*) (26) 89, nona (*Passo da Primeira Queda*) (26) 89, decima (*Passo do Encontro com a Virgem*) (27) 89 e undecima (*Passo do Cyrineu*) (27) 90.

— D'esta capella suba immediatamente á direita, proseguindo pela *Via Sacra* e passando por varias capellas de Passos até á *Ermida do Calvario* (37) 91.

— Do terreiro da *Ermida do Calvario* sobem-se uns degraus, a que se segue uma estreita vereda que conduz á *Capella do Sepulchro* (37) 90 e á *Ermida do Sepulchro* (37) 71.

— Sahindo pela porta posterior d'esta ermida, e descidos alguns degraus, encontra-se a *Gruta* ou *Cova do Negro* (37) 96.

— Retrocedendo á estrada que em *ziguezague* (37 e 38) segue da *Ermida do Sepulchro* para o alto da montanha, quando encontrar um espaço quasi circular, cujo centro é occupado por um cedro, deixe esta estrada, e, tomando á esquerda por um carreirinho quasi horizontal (38), vá visitar a *Ermida de S. João* (38) 73.

— Retroceda á estrada de *ziguezague* (37) e siga por ella até á *Cruz Alta* (38) 101.

— Da *Cruz Alta* continue subindo pela estrada que passa no planalto da montanha (39), e se n'este ponto quizer sahir para fóra da matta e ir até á *Pyramide geodesica* 16, póde sahir pela *Porta da Cruz Alta* (39). Voltando á matta por esta porta, continue pela grande estrada (40, 30, 19, 11) até encontrar um ramal, á direita (10), que o levará á *Porta de Sulla* (10) 16.

— Sáhia por esta porta, passe pelo *Quartel* (3) e vá ao *Monumento da Batalha* (3) 148, 149.

— D'aqui continue descendo e vá visitar a *Capella do Encarnadouro* (2) 147, 150.

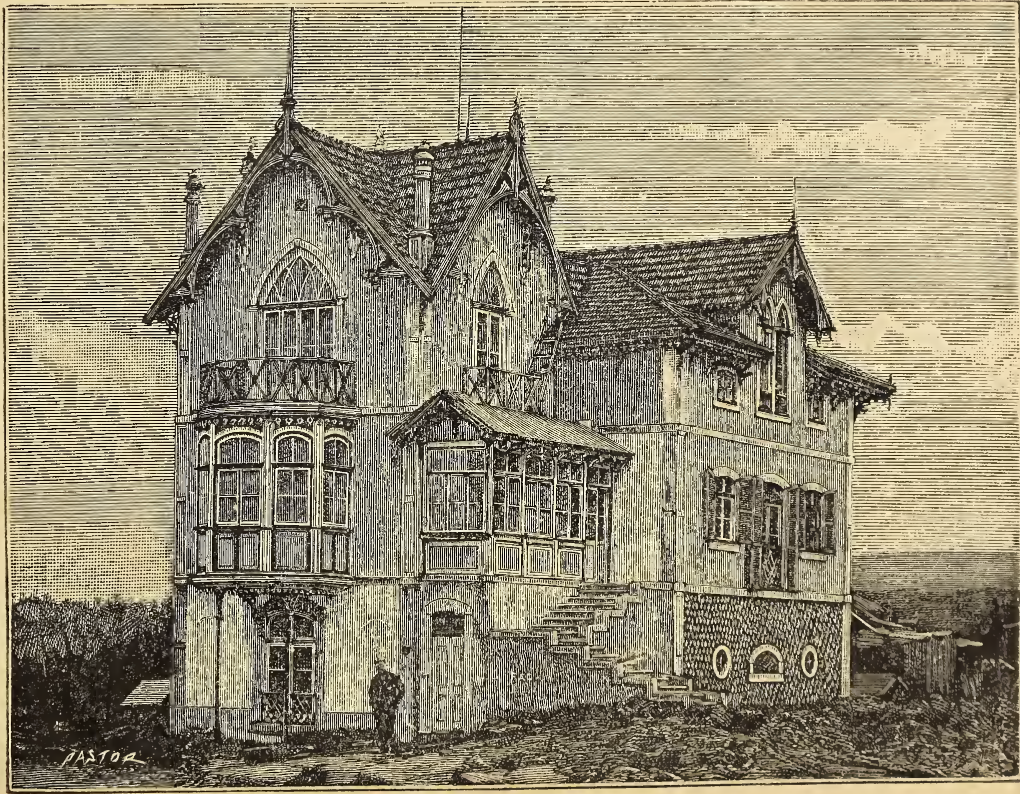
— No centro do terreno que medeia entre esta capella e a *Porta da Rainha* ha uma fonte de excellente agua ferrea (2).

— Regresse á matta pela *Porta da Rainha* (2) 17.

— Siga pela *Rua da Rainha* (9, 17, 16), na qual encontrará á esquerda a *Fonte de Santo Elias* (9) 109.

— Pela *Rua da Rainha* volte ao *Mosteiro* (16), e d'ahi, descendo pela grande estrada (16), vá ao *local onde existiu a ermida da Expectação* (25, 26) 73 para ver um cedro, notavel pela grossura do seu tronco.

— Retrocedendo á *grande estrada macadamisada* (16), desça por ella (16, 8, 7, 15, 14, 13, 23) retirando-se para Luso pela *Porta do Serpa* (13).



Chalet do Sr. Ayres de Campos na serra do Bussaco

INDICE

DOS

LOGARES E EDIFICIOS DO BUSSACO NOTADOS NA PLANTA

(Os numeros indicam as quadriculas da planta)

Nota relativa á *Porta do Serpa*

Á *Porta do Serpa,* que no texto do livro, pag. 17, designámos por *Porta do Ayres de Campos,* soubemos posteriormente que pela Administração da Matta fôra posto aquelle nome em commemoração dos serviços que ao Bussaco prestára o Dr. Manuel de Serpa Machado, antigo lente da Universidade de Coimbra. Na planta apparece já indicada com nome *Porta do Serpa.*

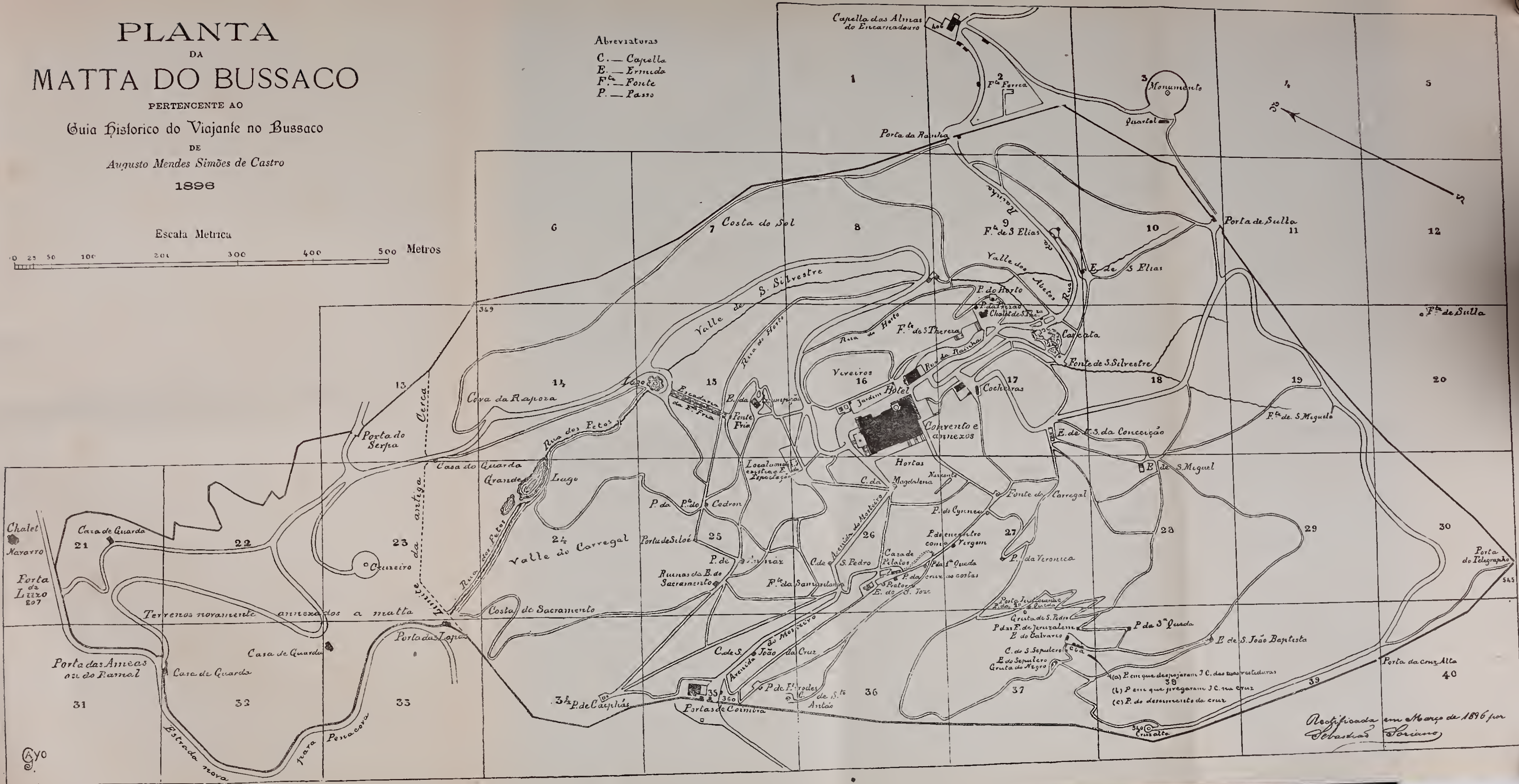
INDICE

Neste indice, alem dos numeros que se referem ás paginas do livro, indicam-se por outros numeros entre parenthesis *as quadriculas da planta annexa onde estão notados os logares ou edificios de que se trata.*

ERROS PRINCIPAES

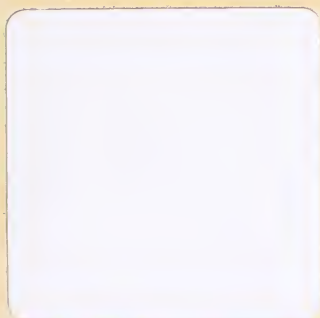
Pag.	*Linha*	*Erro*	*Emenda*
23	19	estaipado	entaipado
45	10	1875	1883
»	21	silicios	cilicios
73	1	visconde	conde

FIM



PLANTA
DA
MATTA DO BUSSACO
PERTENCENTE AO
Guia Historico do Viajante no Bussaco
DE
Augusto Mendes Simões de Castro
1896
Escala Metrica
0 25 50 100 200 300 400 500 Metros
Abreviaturas
C. — Capella
E. — Ermida
F.ta — Fonte
P. — Passo
Capella das Almas do Encarnadouro
Fte Ferrea
Monumento
Quartel
Porta da Rainha
Porta de Sulla
Costa do Sol
F.te de S. Elias
Valle dos Aleitos
E. de S. Elias
Valle de S. Silvestre
P. do Horto
Chalet de S. Thereza
F.te de S. Thereza
Rua do Horto
Rua da Rainha
Cascata
Fonte de S. Silvestre
F.te de Sulla
Veveiros
Jardim
Hotel
Cocheiras
Convento e annexos
Lago
Escadaria da F.te Fria
Fonte Fria
Cova da Raposa
Rua dos Fetos
Porta do Serpa
Cerca
Casa do Guarda
Grande Lago
E. de N. S. da Conceição
F.ta de S. Miguel
E. de S. Miguel
Hortas
C. da Magdalena
Fonte do Carregal
P. do Cedron
P. do Cyrineu
Chalet Navarro
Casa de Guarda
Cruzeiro
Porta de Luzo 207
Valle do Carregal
Porta de Siloé
P. de Annáz
C. de S. Pedro
Casa de Pilatos
P. do encontro com a Vergem
P. da Veronica
Ruinas da B. do Sacramento
F.te da Samaritana
Pretorio
E. de S. José
Costa do Sacramento
Terrenos novamente annexados a matta
Limite da antiga Cerca
Rua dos Fetos
Porta das Lapas
Casa de Guarda
Gruta de S. Pedro
P. da 3.a Queda
E. de S. João Baptista
E. do Calvario
C. do S. Sepulcro
E. do Sepulcro
Gruta do Negro
Porta da Cruz Alta
Porta do Telegrapho
Porta das Ameas ou do Ramal
Casa de Guarda
Avenida do Mosteiro
C. de S. João da Cruz
P. de Herodes
C. de S.to Antão
P. de Caiphás
Portas de Coimbra
Estrada nova para Penacova
(a) P. em que despojaram J. C. das suas vestiduras
(b) P. em que pregaram J. C. na Cruz
(c) P. do descimento da cruz
Cruz alta
Rectificada em Março de 1896 por Sebastião Soriano
Cayo

F L1309




GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00019 1946

